



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO  
TRÓPICO ÚMIDO  
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO

**MARIA STELLA FACIOLA PESSÔA GUIMARÃES**

**UM OLHAR ATRÁS DA ESCRITA:**  
o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia

Belém  
2012

**MARIA STELLA FACIOLA PESSÔA GUIMARÃES**

**UM OLHAR ATRÁS DA ESCRITA:**  
o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre em Planejamento do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edna Maria Ramos de Castro

Belém  
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do NAEA/UFPA

---

Guimarães, Maria Stella Faciola Pessôa

Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia / Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães; orientadora, Edna Maria Ramos de Castro. – 2012.

232 f.: il.; 29 cm

Inclui bibliografias

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2012.

1. Nunes, Benedito, 1929-2011. 2. Intelectuais – Amazônia. 3. Filosofia – Amazônia. 4. Literatura – Amazônia – História e crítica. I. Castro, Edna Maria Ramos de, orientadora. II. Título.

CDD. 22. ed. 305.552

---

**MARIA STELLA FACIOLA PESSÔA GUIMARÃES**

**UM OLHAR ATRÁS DA ESCRITA:**  
o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre em Planejamento do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

**Aprovada em:** 22/05/2012

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Ramos de Castro  
Orientadora – NAEA/UFPA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nírvia Ravena de Souza  
Examinadora – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo  
Examinador externo – PPHIST/UFPA

Prof. Dr. Stefan Wilhelm Bolle  
Examinador externo – FFLCH/USP

**Resultado:** Aprovada



Ao meu pai Hermínio Pessôa (*in memoriam*),  
no ano do centenário de seu nascimento.

## AGRADECIMENTOS

Frequentar as aulas do professor Benedito Nunes a começar de 2006 foi nascer outra vez. E ainda conheci a Maria Sylvia... Quanta luz na casa da Estrella! “Em algumas pessoas [...] há por vezes um encanto invisível, uma graça natural indefinida que somos forçados a designar com a expressão *um não sei quê*” (MONTESQUIEU, 2005, p. 51).

“E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida” (LISPECTOR, 1994, p. 89). Se penso assim e as perguntas me movimentam, o que fiz de bom para merecer encontrar Edna Maria Ramos de Castro? Em seu nome, saúdo os professores, servidores e colegas do NAEA.

Carlos Drummond de Andrade (1996), com sua poesia, disse que gratidão é palavra-tudo. Entrego minha palavra-tudo a Alba Regina de Souza Magno Duarte, Aldrin Moura de Figueiredo, Andréa Sanjad, Armando Dias Mendes, Ernani Pinheiro Chaves, Fabrizio Meroni, Geraldo Mártires Coelho, Haroldo Baleixe, João de Jesus Paes Loureiro, José Maria Filardo Bassalo, Jucimara Tarricone, Lilia Silvestre Chaves, Maria Isabela Faciola Pessôa, Maria Regina Maneschy Faria Sampaio, Nelson Sanjad, Nírvia Ravena de Souza, Pedro Demo, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Rosa Maria Alves da Costa, Ruth Barros Campos, Ruth Burlamaqui de Moraes, Victor Sales Pinheiro e Willi Bolle.

Para trilhar o caminho deste mestrado, tive a mão amiga de Therezinha Moraes Gueiros.

Mas que graça teriam as veredas sem o amor dos meus filhos Getulio, Maria Elizabeth e Maria Belisa? Eles vão “levando destinos / tão iluminados de sim / passam por mim / e embaraçam as linhas / da minha mão” (HOLLANDA, 2006, p. 379).

O espírito científico e a poesia não são incompatíveis. Recorri a Fernando Pessoa para escolher as epígrafes. Não estão espalhadas como enfeites estranhos à dissertação, mas pretendem dizer, com poucos versos, qual é a essência deste trabalho, no todo e nas partes. Meus agradecimentos e homenagem *in memoriam* ao escritor português que foi estudado por Benedito Nunes.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...

(PESSOA, 1980, p. 43).

## RESUMO

Os trabalhos sobre os intelectuais brasileiros com atividades na Amazônia têm número reduzido e geralmente contêm lacunas, principalmente quando são analisados fora do contexto social, o que contribui para o desconhecimento das ideias desses pensadores. Assim, esta dissertação opta por metodologia de análise do pensamento de Benedito Nunes, com base em seus textos referentes à região amazônica, relacionando-os aos respectivos contextos de criação. Benedito nasceu e sempre morou em Belém. Tem produção intelectual expressiva. Notabilizou-se, no Brasil e no exterior, atuando nas áreas de filosofia e de crítica literária. Desenvolveu trabalhos seminais sobre Heidegger, Nietzsche, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Mas o pensador paraense também elaborou ensaios, concedeu entrevistas, escreveu prefácios, participou de debates e apresentou palestras com reflexões sobre história, sociedade e culturas da Amazônia, do Pará e de Belém. Nessa linha, portanto, reflete a respeito da sua própria região, aspecto que permite identificá-lo com o campo de estudos do pensamento social brasileiro. Este documento analisa onze textos do autor em pauta, devidamente contextualizados, com o objetivo de apresentar uma possibilidade nova de leitura da obra do professor Benedito: como intérprete da Amazônia que usa, para entender a região, o patrimônio do pensamento universal que apreendeu com sua esmerada formação. Assim, a dissertação inaugura a inclusão, como objeto de pesquisa das ciências sociais, dessa parte menos revelada do acervo interdisciplinar de Benedito, constituído durante trajetória intelectual singular.

**Palavras-chave:** Benedito Nunes. Intelectuais brasileiros. Trajetória de intelectual. Pensamento social brasileiro. Amazônia. Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

The works about Brazilian intellectuals with activities in Amazon are small numbered and usually have gap, mainly when they are analysed out of social context, which makes it harder to know the ideas of those thinkers. In this sense, this dissertation chooses an analysis methodology of Benedito Nunes' thinking based on his texts concerning the Amazon region and relating them with its respective creation contexts. Benedito Nunes was born and always lived in Belém. He has an expressive intellectual production. He won admiration, in Brazil and abroad, for his engagement in the field of philosophy and literary criticism. He wrote seminal papers about Heidegger, Nietzsche, Guimarães Rosa and Clarice Lispector. But the thinker from Pará also wrote essays, granted interviews, wrote forewords, took part in debates and delivered lectures on reflections on history, society and culture from the Amazon, Pará and Belém. In this sense, therefore, he reflects about his own region, and this aspect allows relate him to the study field of Brazilian social thinking. This document analyzes 11 texts by the author in question, duly contextualized, aiming to present a new possibility of reading the works of professor Benedito: as Amazon interpreter that uses, in order to understand the region, the heritage of universal thought that he learned during his accomplished studies. Thus, this dissertation champions the inclusion, as research object of social sciences, of this less revealed part of Benedito's interdisciplinary collection, built during singular intellectual trajectory.

**Keywords:** Benedito Nunes. Brazilian intellectuals. Intellectual trajectory. Brazilian social thinking. Amazon. Interdisciplinarity.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 –	Primeira premiação de Benedito Nunes	18
Fotografia 2 –	Encontros no CCFC	19
Fotografia 3 –	Benedito ministra aula no CCFC	20
Fotografia 4 –	Imagens de algumas capas e páginas com textos de Benedito	33
Fotografia 5 –	Benedito e Maria Sylvia	58
Fotografia 6 –	Originais de <i>Considerações sobre a redução sociológica</i>	64
Fotografia 7 –	Originais de <i>Considerações sobre a redução sociológica</i>	65
Fotografia 8 –	Publicação de Guerreiro Ramos no México em 1959	67
Fotografia 9 –	Segunda edição brasileira de <i>A redução sociológica</i> em 1965	68
Fotografia 10 –	Imagens de Foucault em Belém	73
Fotografia 11 –	Onze imagens de livros, revistas e jornal	80
Fotografia 12 –	Convite para conferência e lançamento de livro	91
Fotografia 13 –	Imagens da explanação de Benedito sobre Eliot em 2009	92
Fotografia 14 –	Imagens inseridas no ensaio editado pela FIOCRUZ	97
Fotografia 15 –	Benedito e Maria Sylvia Nunes com animal de estimação	102
Fotografia 16 –	Revistas e livro que editaram a conferência de Benedito	104
Fotografia 17 –	Convite para cerimônia da USP	106
Fotografia 18 –	Conferência de Benedito Nunes na USP	107
Fotografia 19 –	Capas dos livros e revistas com <i>Meu caminho na crítica</i>	107
Fotografia 20 –	Páginas do suplemento do jornal <i>Folha do Norte</i>	110
Fotografia 21 –	Imagem do IV Congresso Nacional de Escritores	111
Fotografia 22 –	Crônica de duas cidades: Belém e Manaus	115
Fotografia 23 –	Livros editados pela SECULT	115
Fotografia 24 –	Cartão de Milton Hatoum para Benedito Nunes	117
Fotografia 25 –	Folhas da revista com <i>Belém é bíblica?</i> de Milton Hatoum	118
Fotografia 26 –	Livro <i>A cidade ilhada</i> com dedicatória de Milton a Benedito	118
Fotografia 27 –	Benedito Nunes por Luiz Braga	119
Fotografia 28 –	Folha da tese de Aldrin, com a assinatura de Benedito	120
Fotografia 29 –	Imagens inseridas em <i>Pará capital Belém</i>	124
Fotografia 30 –	Benedito Nunes por Elza Lima	125
Fotografia 31 –	Recorte da carta de Mário Faustino para Benedito Nunes	134
Fotografia 32 –	Carta de Mário Faustino para Benedito Nunes	135
Fotografia 33 –	Recorte da carta de Mário Faustino para Benedito Nunes	136
Fotografia 34 –	Theatro da Paz por Luiz Braga	143
Fotografia 35 –	Presença de Benedito Nunes no CCFC	151
Fotografia 36 –	Reunião de grupo de intelectuais	154
Fotografia 37 –	Pintura de Emmanuel Nassar	160
Fotografia 38 –	Trabalho de Gratuliano Bibas	160

Fotografia 39 –	Benedito e Jorge Coli na programação <i>Obra revelada</i>	161
Fotografia 40 –	Alguns trabalhos expostos no II FOTONORTE	163
Fotografia 41 –	Benedito apresenta a palestra <i>Imagem e Fenomenologia</i>	164
Fotografia 42 –	<i>A privatização do erário</i> , publicação em <i>O Liberal</i>	170
Fotografia 43 –	Página do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	172
Fotografia 44 –	Cópias dos originais da <i>Nota crítica</i>	173
Fotografia 45 –	Benedito Nunes e Eduardo Lourenço em 2010	198

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 –	Diagrama para análise do pensamento – textos e contextos	35
Figura 2 –	Distribuição do <i>corpus</i> da pesquisa	83
Figura 3 –	Acepções de cultura em Eliot comentadas por Benedito	90
Figura 4 –	Seções de <i>Pará capital Belém</i>	126
Figura 5 –	Estrutura de <i>Ideias para uma concepção geográfica da vida</i>	175
Figura 6 –	Agrupamento de alguns estudos de Eidorfe Moreira	177
Quadro 1 –	Pensamento de Benedito Nunes: textos e contextos	84
Quadro 2 –	Nomes referidos nos três primeiros textos do <i>corpus</i>	87
Quadro 3 –	Nomes referidos no texto <i>Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)</i>	144



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ALAS	Associação Latino-Americana de Sociologia
ALUNORTE	Alumina do Norte do Brasil S. A.
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais
ANPUH	Associação Nacional de História
APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte
APL	Academia Paraense de Letras
BASA	Banco da Amazônia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCFC	Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CIELLA	Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
EMILE	Encontro Municipal de Literatura, Informática e Educação
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
GT	Grupo de Trabalho
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDESP	Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará
IESP	Instituto de Estudos Sociais e Políticos
INL	Instituto Nacional do Livro
INPA	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
IUL	Instituto Universitário de Lisboa
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
LAU	Laboratório de Antropologia Urbana
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
PLADES	Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento
PPHIST	Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SBS	Sociedade Brasileira de Sociologia
SECDET	Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Pará
SECULT	Secretaria de Cultura do Pará
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação de Belém
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia
TCE	Tribunal de Contas do Estado do Pará
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNAMA	Universidade da Amazônia
UNAMAZ	Associação de Universidades Amazônicas
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: PRIMEIROS PASSOS DO PROJETO</b> .....	16
1.1	O TEMA, SUA IMPORTÂNCIA E MEU INTERESSE .....	16
1.2	O PROBLEMA: BENEDITO NUNES É INTÉRPRETE DA AMAZÔNIA? .....	20
1.3	OBJETIVO E HIPÓTESE .....	29
1.4	METODOLOGIA .....	30
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	37
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	38
2.1	IMPORTÂNCIA E ABRANGÊNCIA DA ÁREA DE ESTUDOS .....	38
2.2	PENSAMENTO SOCIAL: TEXTOS E CONTEXTOS .....	51
2.3	CAMPO INTELECTUAL SEGUNDO PIERRE BOURDIEU .....	53
2.4	O DISCURSO NA INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR .....	55
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2: BENEDITO NUNES: VIDA E OBRA</b> .....	58
3.1	REGISTROS IMPORTANTES .....	58
3.2	CONTRIBUIÇÕES À SOCIOLOGIA .....	63
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3: O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA: INVENTÁRIO E ANÁLISE</b> .....	79
4.1	<i>UM CONCEITO DE CULTURA</i> .....	85
4.2	<i>O ANIMAL E O PRIMITIVO: OS OUTROS DE NOSSA CULTURA</i> .....	95
4.3	<i>MEU CAMINHO NA CRÍTICA</i> .....	104
4.4	<i>PARÁ CAPITAL BELÉM</i> .....	114
4.5	<i>DO MARAJÓ AO ARQUIVO: BREVE PANORAMA DA CULTURA DO PARÁ (COM OMISSÕES PERDOÁVEIS E IMPERDOÁVEIS)</i> .....	142
4.6	<i>UNIVERSIDADE E REGIONALISMO</i> .....	151
4.7	<i>AMAZÔNIA REINVENTADA</i> .....	158
4.8	<i>À MARGEM DO LIVRO</i> .....	165

4.9	<i>CAMINHOS PARA LER EIDORFE MOREIRA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DE BENEDITO NUNES</i> .....	171
4.10	<i>LUZES E SOMBRAS DO ILUMINISMO PARAENSE</i> .....	192
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4: UMA CONSTRUÇÃO SOBRE BENEDITO NUNES ...</b>	<b>199</b>
5.1	SÍNTESE E ARGUMENTOS: O PENSAMENTO DE BENEDITO NUNES .....	200
5.2	SINALIZAÇÃO DE NOVAS PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES .....	208
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>212</b>
	<b>ANEXO</b> .....	<b>232</b>

## 1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS PASSOS DO PROJETO

O meu olhar é nítido como um girassol.  
 Tenho o costume de andar pelas estradas  
 Olhando para a direita e para a esquerda,  
 E de vez em quando olhando para trás...  
 E o que vejo a cada momento  
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
 Eu sei dar por isso muito bem...  
 Sei ter o pasmo essencial  
 Que tem uma criança se, ao nascer,  
 Reparasse que nascera deveras...  
 Sinto-me nascido a cada momento  
 Para a eterna novidade do Mundo...

(PESSOA, 1980, p. 35).

### 1.1 O TEMA, SUA IMPORTÂNCIA E MEU INTERESSE

A importância deste projeto denominado *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* está vinculada ao propósito de penetrar na obra de Benedito Nunes, intelectual que se dedicou a várias áreas de estudo, com trajetória ímpar, fazendo conviver, em suas reflexões, campos disciplinares diferentes, que hoje muitos insistem em separar de forma redutora.

Meu interesse nesta pesquisa tem a ver com essa razão essencial de busca permanente do conhecimento, de variadas origens, para identificar relações, fazer reconstrução crítica, contribuindo assim para gerar novos conhecimentos.

Sou engenheira civil porque gosto dos números, das fórmulas, das deduções, da lógica, dos projetos... Especializei-me em informática, como uma exigência da engenharia e do mundo contemporâneo. De todas as aplicações do computador, a que mais atraiu minha atenção foi a possibilidade de usá-lo na educação, sobretudo na aprendizagem das crianças. Os números e os *bits* não me afastaram da pena, das leituras, dos dicionários, das letras: escrevi ficção, ganhei prêmios, publiquei livros. No serviço público, dirigi instituições. De maneira formal, não atuei no magistério. Por razões que não sei explicar, depois da graduação demorei a voltar aos bancos da universidade para novos cursos, ainda que ela tenha expedido meu diploma acompanhado do honroso registro do primeiro lugar da turma de graduação. Mas não abandonei determinados hábitos universitários: estudar, ler, escrever, pesquisar. De forma prazerosa, espontânea, natural. Mesmo informalmente, mesmo na roda-viva da vida.

Sempre tive o ensimesmamento como traço. É o que pode explicar o longo período que passei sem me aproximar do professor Benedito Nunes. Eu o admirava de longe. Na correria da vida, querendo deter o tempo que intentava escapar entre os meus dedos, lia alguns textos escritos por ele, especialmente sobre Clarice Lispector (GUIMARÃES, 2009, p. 113).

Alguns capítulos seguintes dessa história que ainda não acabou – mas me trouxe ao mestrado–, eu já escrevi antes, no ensaio *Os prazeres e os dias – de 2006 a 2011*, do qual reproduzo agora alguns trechos:

Na manhã de um domingo de 2006, eu me dirigi pela primeira vez ao professor Benedito. Na ocasião, era sua aluna nos cursos livres e gratuitos do Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém (CCFC) instalado em Ananindeua. Naquele dia, venci a timidez e me aproximei do mestre no interlúdio da suas exposições sobre filosofia:

– Meu nome é Stella. O senhor não me conhece... Mas conheceu meu pai, o médico Hermínio Pessôa, que foi seu vizinho no bairro do Marco e, como o senhor, lecionou na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Benedito Nunes mostrou satisfação ao ouvir a referência. Em segundos, com leve riso nos lábios, parecia fazer um passeio pela vasta memória e, com os pés de volta ao chão, me disse:

– Ah! O Hermínio...

A nossa conversa fluiu bem... Tanto que, no dia seguinte, recebo um *e-mail* da Lilia Silvestre Chaves – ela era também aluna do curso – anexando uma fotografia antiga que o professor Benedito me enviava. No retrato de 1947, meu pai – ainda celibatário – aparecia no meio de um grupo voltando Benedito – ainda rapazola – que, como representante do Colégio Moderno, recebia seu primeiro prêmio, por meio do concurso promovido pela *Folha do Norte*. A própria Lilia comenta: ‘O meio para obtenção do prêmio era a votação, e os votos a preencher saíam todos os dias na *Folha do Norte*, no canto direito da segunda página do jornal. Os candidatos deviam fazer a sua propaganda, e os alunos recortavam os votos para depositá-los na urna do seu colégio’.

Se, para a biografia de Benedito Nunes, aquela premiação balizava o início de uma brilhante trajetória intelectual, para mim, os seus cursos de sábado e domingo no CCFC delinearão meu novo rumo de vida. Com eles, voltei a sentir o prazer de sentar rotineiramente em bancos escolares e, tirando proveito da engenharia que me formou, risquei então essas linhas para o futuro, com quatro traços essenciais à mão livre: estudar, pesquisar, ler e escrever. Na minha relação com o CCFC, cabe aqui observar dois detalhes especiais da jornada, seus prazeres e dias. Primeiro, quando Victor Pinheiro – coordenador das atividades e colega do Centro – foi fazer pós-graduação no Rio de Janeiro, eu passei a ser motorista do professor Benedito: eram gratificantes as conversas de carro no caminho de ida e volta entre a Estrela<sup>1</sup> e Ananindeua. Segundo, nos intervalos das aulas, o deleite era o ‘café do padre’ em torno do professor, quase sempre com a fala agradável do anfitrião Fabrizio Meroni<sup>2</sup> e a presença de colegas do curso movidos pela admiração e por apelos do intelecto. [...]

<sup>1</sup> Nome da rua onde está a casa de Benedito.

<sup>2</sup> Na ocasião, o padre Fabrizio dirigia o CCFC.

Então voltei à UFPA e estou cursando mestrado no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), sob a orientação de Edna Maria Ramos de Castro (GUIMARÃES, 2011a, p. 121).

Mostro a fotografia em questão (Fotografia 1) e algumas lembranças (Fotografias 2 e 3) das manhãs no CCFC.

**Fotografia 1** – Primeira premiação de Benedito Nunes<sup>3</sup>.



Durante o mestrado no NAEA, passei a concentrar meu interesse nos estudos da criação intelectual de Benedito referente à sua própria região. O livro *A clave do poético*, premiado com o *Jabuti* em 2010, consegue exemplificar esse olhar paraense de Benedito, especialmente com a seção *Conterrâneos*, mas também com outros símbolos que ligam o intelectual ao Pará, conforme resenha<sup>4</sup> veiculada na revista *Novos Cadernos NAEA*, que pode ser lida com um prolongamento no título: *A clave do poético na pauta da Amazônia*.

Luciano Marchiori é o artífice do índice remissivo do livro que, nas suas últimas dezesseis páginas com colunas duplas, alude a obras e autores com os quais Benedito dialoga, o que evidencia sua erudição. Lá figuram Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Charles Baudelaire, William

<sup>3</sup> “No aeroporto de Val-de-Cães. Da esquerda para a direita: Benedito Pádua Costa, Hermínio Pessôa, Elna Andersen, Epílogo de Campos, Milton Trindade, Marianinha Campos, Joana Vianna, Willy Andersen, Eva Andersen, Aarão Benchimol, Dulce Serra, Benedito Nunes, De Lourdes Vianna, Oswaldo Serra” (CHAVES, 2011b, p. 27, grifos meus). Observo que, como deputado federal, Epílogo de Campos, irmão de Hermínio Pessôa, foi autor do projeto de lei para criação da UFPA (MOREIRA, 1977).

<sup>4</sup> Ao escrever sobre Benedito – texto *O filósofo no seu jardim*–, o pesquisador Vicente Salles (2011), Doutor *Honoris causa* pela UFPA, faz menção à resenha publicada na revista do NAEA (GUIMARÃES, 2010b).

Shakespeare e Cervantes – para citar alguns exemplos – e não faltam referências a nomes com sinal na Amazônia: Márcio Souza, Milton Hatoum, Inglês de Sousa, Bruno de Menezes, Francisco Paulo Mendes, Ruy Barata, Angelita Silva, João de Jesus Paes Loureiro, Benedito Monteiro, Age de Carvalho, Alonso Rocha e Haroldo Maranhão, entre muitos outros.

Ao olhar especial da Amazônia sobre *A clave do poético* se apresentam mais três detalhes preciosos, com brilho paraense. O primeiro diz respeito ao organizador do volume: Victor Sales Pinheiro, [...] [que] nasceu em Belém, [...] faz a apresentação do livro e naquele prenúncio já garante aos leitores que as folhas da edição [...], na seção *Conterrâneos*, estampam “ensaios que registram a atenção de Benedito Nunes aos literatos que nasceram ou viveram na sua região”. A segunda particularidade que não passa despercebida e mexe com a estesia de cada leitor é a fotografia que ilustra a orelha do tomo: a arte consagrada do paraense Luiz Braga salta à vista. O terceiro detalhe é o trabalho sempre primoroso do capista João Baptista da Costa Aguiar – ele havia feito antes a capa do livro de poesias *E todas as orquestras acenderam a lua*, de Lilia Silvestre Chaves, editado no Pará com prefácio de Benedito Nunes (GUIMARÃES, 2010b, p. 259-260).

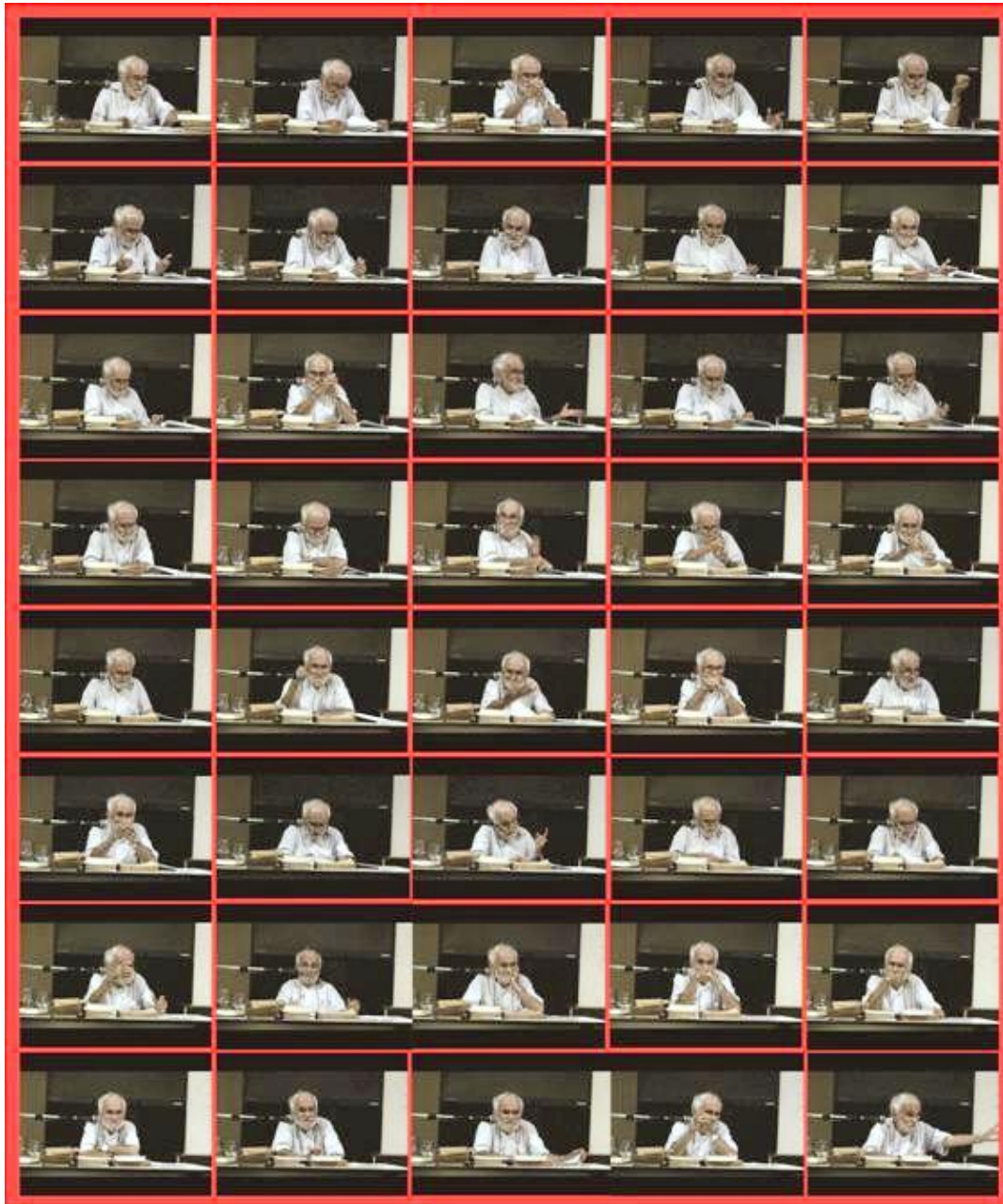
**Fotografia 2** – Encontros no CCFC<sup>5</sup>.



<sup>5</sup> Encontros nos intervalos das aulas, onde Benedito aparece acompanhado de alguns alunos: eu, Victor Pinheiro, Otávio Pires e Alberto Marinho.



**Fotografia 3** – Benedito ministra aula no CCFC<sup>6</sup>.



## 1.2 O PROBLEMA: BENEDITO NUNES É INTÉRPRETE DA AMAZÔNIA?

Na concepção de Bachelard – autor que possui adesão significativa de estudiosos como caminho para desenvolver projetos de pesquisa no meio acadêmico – é em termos de “obstáculos” que deve ser apresentado um “problema de conhecimento científico”. O estudioso francês escreveu sobre a formação do espírito científico, entendendo que a história das ideias é feita por rupturas ou cortes epistemológicos: se o conhecimento é “luz”, não deixa

---

<sup>6</sup> Imagens obtidas a partir de vídeo.

de projetar “sombrias”, pois “o ato de conhecer dá-se ‘contra’ um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização” (BACHELARD, 1996, p. 17). Bachelard notabilizou-se na ciência e na filosofia, mas também experimentou a poesia. Benedito (2005b) costumava relacioná-lo, nesse aspecto, ao lado de Sartre, Heidegger, Foucault e Ricoeur, por exemplo – todos eles foram (no sentido de percurso ou caminho) da filosofia à poética. Na poesia, Fernando Pessoa, como “argonauta”, parece não estar em desacordo com Bachelard. Eis que o poeta português ‘viaja’ para versejar a mensagem: “E o que vejo a cada momento / É aquilo que nunca antes eu tinha visto”. Ou ainda: “Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo” (PESSOA, 1980, p. 35). Novidade!? Diferente do que se conhecia antes!?

Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse ‘sentido do problema’ que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído (BACHELARD, 1996, p. 18, grifo meu).

Por meio da filosofia e da crítica literária, Benedito incessantemente buscou o conhecimento – sua inquietação maior, seu tema permanente ao longo da vida. O que se ligava à possibilidade do conhecimento e ao seu valimento estava na pauta de Benedito, pois esses tópicos marcam a filosofia de ontem e de hoje, com interesse a cada instante renovado nas indagações e suas posteriores descobertas que logo engendram novos questionamentos. Com frequência, recorrendo à epistemologia, o professor paraense refletia sobre os limites do conhecimento humano. Assim, a filosofia de Bachelard foi inclusive tema escolhido por Benedito no ano de 1989 em curso de pós-graduação da UFPA e sempre esteve entre suas referências (TARRICONE, 2011).

Outro ponto quente do pensamento filosófico contemporâneo é a crítica da *Teoria do Conhecimento*, derivada da relação modelar entre sujeito e objeto. A *Teoria do Conhecimento*, conforme deixa prever a obra de Bachelard, será uma teorização de práticas científicas não-cartesianas (NUNES, 2004b, p. 22).

É sabido que, nessa busca do conhecimento, Benedito Nunes, com formação universalista, destacou-se em filosofia e crítica literária. Foram essas duas grandes temáticas –

em sua obra, geralmente associadas – que o tornaram tão respeitado intelectualmente, na Amazônia e longe dela, no Brasil e fora do país. Seu pensamento é objeto de pesquisa em programas universitários, constantemente influenciando o estudo da filosofia, bem como a crítica e a história da literatura.

A Academia Brasileira de Letra (ABL) realizou em 2005 um ciclo de conferências denominado *Caminhos do crítico*. Convidado, Benedito participou desse evento no Rio de Janeiro. Bem no início do discurso, Benedito recordou um encontro seu com Clarice Lispector quando a escritora lhe afirmara: “Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é” (NUNES, 2005b, p. 289). Clarice questionou Benedito Nunes, como se lhe lançasse pergunta aos moldes de Bachelard. Impelido no passado pela ficcionista, que o perturbava, Benedito refletiu, procurou interpretar a si próprio e então reconheceu que a “interpretação da cultura” e a “interpretação da Natureza” são elementos componentes da sua obra (NUNES, 2005b, p. 289).

Se a produção intelectual de Benedito grafou seu nome no painel de grandes autoridades da filosofia e da crítica literária, poderá também inscrever o professor paraense como um intérprete da cultura da Amazônia? Algumas partes constitutivas dessa obra não deixam de combinar história, antropologia, sociologia, geografia, filosofia, crítica da literatura e das artes em geral, muitas vezes no contexto amazônico. Em certa medida, tais trabalhos, quando estudados mais profundamente, poderão despontar então como crítica das culturas e exame das sociedades na Amazônia? Em que medida? Têm *ethos*, como diriam os gregos? Têm marca própria? Eles formam uma unidade de pensamento? Que articulações podem permitir? Qual a importância dessas criações de Benedito que, além de lançarem mão da literatura e da filosofia, constroem explicitamente reflexões sobre Belém? Por que não há recepção ou fortuna crítica desses textos de Benedito pontuados de alusões à nossa região? Eles não foram construídos com o mesmo rigor intelectual e igual erudição que pontilham as aulas, os livros, os ensaios e as conferências que Benedito fez sobre Heidegger, Nietzsche, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, e que tanto repercutiram além do Pará? Quais os obstáculos a superar para que Benedito seja visto e entendido como um intérprete da sua região? Teriam sido os textos, sobre a nossa região, mais espargidos e, assim, menos difundidos ao longo do tempo, talvez criações esparsas e espremidas pela recepção calorosa de Benedito, fora da Amazônia, como filósofo e crítico literário? O hermeneuta de Heidegger, que nasceu e sempre morou em Belém, não é hermeneuta da sua própria região? Emerge da obra de Benedito uma compreensão da Amazônia? Esse pensamento pode ser útil na definição de programas de políticas para a Amazônia, à altura da complexidade da região? Ou no

mundo contemporâneo há lugar apenas para especializações e segmentações? Essas perguntas têm o sentido de despertar inquietações e de abrir novas possibilidades de leitura da obra de Benedito.

No ano de 1991, durante uma longa entrevista concedida a Lúcio Flávio Pinto – depois reproduzida em 2011–, Benedito foi perguntado a respeito dos livros sobre a Amazônia que devem constar de uma boa biblioteca. O entrevistado preparou sua lista, revelando conhecimento da literatura relativa à região:

Alexandre Rodrigues Ferreira, *A Viagem Filosófica*; Bates, *Um Naturalista no Rio Amazonas*; Gastão Cruis, *A Hileia Amazônica*; todos os que Eidorfe Moreira escreveu sobre o assunto; Curt Nimuendaju, *Os Apinayé*; Edson Soares Diniz, *Os índios Macuxi de Roraima*; Frederico Barata, *Análise estilística da cerâmica de Santarém*; Armando Mendes, *Viabilidade Econômica da Amazônia e O Mato e o Mito*; Lúcio Flávio Pinto, *Carajás, Ataque ao coração da Amazônia e Jari* (as relações entre o Estado e as multinacionais na Amazônia); Vicente Salles, *O Negro no Pará. Ainda: O Coronel sangrado*, de Inglês de Sousa; *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade; *Moronguetá*, de Nunes Pereira; Antônio Brandão de Amorim, *Lendas em Nheengatu em português*; o ciclo ficcional de Dalcídio Jurandir, começando por *Chove nos campos de Cachoeira*; *Batuque*, de Bruno de Menezes. E mais: a poesia de Ruy Barata (*Anjo dos Abismos, A Linha Imaginária*); a obra poética de Paulo Plínio Abreu; *O Homem e sua hora*, de Mário Faustino; *Verde vago mundo*, de Benedito Monteiro; *Galvez, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza; *Cabelos no Coração*, de Haroldo Maranhão; *60/38*, de Max Martins. Lembramos também Luis Bacellar, *Sol de feira*; Elcio Farias, *Romanceiro*; Jorge Tufic, *Poesia reunida*; Jesus Paes Loureiro, *Cantares Amazônicos*; Age de Carvalho, *Ror*; Sérgio Wax, *Trinta e três experimentos e uma Suíte*; Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (NUNES, 2011a, p. 4).

De outra feita, na entrevista que concedeu à TV Globo em 2006, Benedito declarou: “Não sei se eu interiorizei a Amazônia. Belém, certamente, eu interiorizei”. Interiorizar significa interpretar? Ele realmente interpretou a metrópole onde reside? Na mesma ocasião, o filósofo comentou o fato de sempre ter morado em Belém, embora tenha passado temporadas de estudo no exterior, mas vai e volta: “A margem sempre me dá um distanciamento. Eu sempre fui um marginal” – completa com um sorriso (NUNES, 2006b).

O poeta e professor paraense João de Jesus Paes Loureiro sugere que seja observado, na obra de Benedito, como o filósofo combinou pertencimento (ou sentimento de pertença) e distanciamento. Loureiro entende que se deve questionar o seguinte: até que ponto a pertença e a emoção que ela desperta no autor estão presentes na produção de Benedito? Ernani Pinheiro Chaves – professor de filosofia da UFPA que também não admite a possibilidade de morar fora de Belém – diz ter uma explicação à moda de Foucault para permanecer nesta

cidade: “forma de resistência contra o monopólio dos grandes centros”. Para Rosa Elizabeth Acevedo Marin, é necessário entender como se constrói um intelectual na chamada “periferia”. Segundo a professora do NAEA, se Benedito ficou morando aqui e construiu obra tão vasta e profunda, não faz sentido ter excluído a Amazônia de suas reflexões. Então, por que elas não são visíveis para quem acompanha, na trajetória de Benedito, apenas o grande e precursor aplauso que a filosofia e a crítica literária em termos universais lhe concederam? Armando Dias Mendes insiste: é preciso descobrir “o grau de ‘amazonidade’ que a reflexão filosófica de Benedito se mostrou capaz de absorver, incorporar, metabolizar” (informação verbal).<sup>7</sup>

Loureiro (UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA, 2010, não paginada), na exposição sobre estética amazônica durante a conferência *Amazônias: paisagens, narrativas, sentidos, observa* que é necessário um determinado movimento para concretização do processo artístico, havendo o “caráter imprescindível de que o produzido seja recebido”. Defende o poeta e professor que é preciso um “certo curto-circuito entre o produzir e o receber, no âmbito de uma cultura que faça o diálogo”. Ele exemplifica: por desconhecimento da cultura amazônica, a obra de Dalcídio Jurandir teve recepção tardia, enquanto a literatura de Guimarães Rosa – aparentemente “mais hermética” – foi difundida com rapidez e amplitude. “A gente, às vezes, acaba dialogando mais com obras de outras culturas do que com a nossa”. É a força das culturas dominantes? Ora, *mutatis mutandis*, por enquanto, a parte da produção de Benedito Nunes, que tem foco na Amazônia, no Pará e em Belém, não provocou esse “curto-circuito”, não houve recepção crítica. Por quê? O reconhecimento do valor de Benedito – que começou ‘de fora pra dentro’ – apenas a partir da recepção significativa e pioneira de temas mais universais ligados à filosofia e à literatura está explicado pela difusão menor da cultura amazônica? Na medida em que esse acervo ‘encoberto’ for então descortinado, revelado e perquirido, será possível encontrar respostas às perguntas: Benedito refletiu ou não refletiu sobre a região, é ou não é um dos seus intérpretes?

A respeito da recepção no país de autores do Pará, tive oportunidade de entrevistar Willi Bolle, professor da Universidade de São Paulo (USP). Embora fazendo menção explícita, em minha pergunta, a Dalcídio Jurandir – autor estudado por Willi – e até

---

<sup>7</sup> Notas das entrevistas que me foram concedidas em Belém pelos professores Armando Dias Mendes, Ernani Pinheiro Chaves, Rosa Elizabeth Acevedo Marin e João de Jesus Paes Loureiro, respectivamente nas datas 08/02, 22/02, 23/02 e 03/03, em 2011.

aproveitando gancho da exposição *Estética amazônica*<sup>8</sup> feita por Loureiro, a intenção maior, ao desferir minha questão, foi obter do entrevistado elementos para entender a falta de recepção crítica da produção intelectual de Benedito voltada à sua região:

Minha pergunta: A recepção da obra de Dalcídio Jurandir é tardia no Pará e muito pequena no resto do país. Entretanto *Grande Sertão: Veredas*, que é considerado por muitos como um livro difícil ou hermético, teve recepção ampla no país logo depois de lançado. Qual a sua opinião sobre isso? Tem sentido a explicação de que os livros de Dalcídio não têm recepção crítica porque há pouca divulgação das culturas da Amazônia?

Resposta de Willi Bolle: A Amazônia é pouco conhecida no resto do Brasil, até hoje, início do século XXI. Eu ouvi, em reuniões da SBPC, que foram realizados na primeira década do século XXI, colegas tanto de Belém quanto de Manaus falarem. Mas o resto do Brasil não conhece a Amazônia. E nós próprios ainda precisamos conhecer melhor a Amazônia. Esta é uma situação de fato. Agora, com relação à obra de Dalcídio Jurandir, um dado contextual é que, geograficamente falando, mas também mentalmente falando, o Brasil do sertão fica mais próximo dos centros – Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília – do que a Amazônia. O que é de se notar: Dalcídio não faz parte até hoje do cânone da literatura brasileira. Talvez três autores da Amazônia tenham conseguido isso: Inglês de Sousa, romancista, como Dalcídio; um crítico, José Veríssimo; os dois mais recentes são Márcio Souza e Milton Hatoum. Dalcídio, não. Há vários fatores que podem ser lembrados pra tentar explicar esta ausência de Dalcídio do cânone da literatura brasileira: a falta de edição de boa parte de sua obra. [...] Mas acho que agora está havendo no Pará, como você aponta, pelo menos, uma redescoberta do Dalcídio. Toda a primeira década do século XXI é marcada por novas pesquisas sobre Dalcídio e eu acho que esse esforço conjunto pode abrir melhor o campo. [...] Com Guimarães Rosa aconteceu o que não aconteceu com outros escritores do restante do Brasil: ele teve uma projeção internacional, dada a vários fatores. O romance *Grande Sertão: Veredas* é um fenômeno não só na literatura brasileira. É o maior romance brasileiro do século XX. É um fenômeno também na literatura universal, apesar da obra ser hermética, ser deliberadamente difícil, por causa justamente dessa ousadia de Guimarães Rosa em investir na utopia de uma reinvenção da língua brasileira. Essa ousadia foi premiada por uma recepção internacional que, por sinal, nos Estados Unidos não ocorreu como ocorreu na Europa. [...] Eu creio que, com esse esforço mais recente da crítica, a situação de Dalcídio Jurandir no panorama nacional e internacional vai melhorar (grifos meus)<sup>9</sup>.

As explicações de Willi podem ser usadas também para entender as razões do baixo conhecimento da obra de Benedito sobre a Amazônia? Aliás, o próprio Willi teve

<sup>8</sup> Exposição do encontro realizado na UNAMA (UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA, 2010), que contou também com apresentações de Márcio Souza, Amarílis Tupiassú, Rosa Acevedo, Jerusa Pires Ferreira e Willi Bolle, entre outros.

<sup>9</sup> Entrevista que me foi concedida por Willi Bolle em 31/03/2011 e gravada em vídeo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011a).

oportunidade de observar que os trabalhos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia são os menos conhecidos:

Os escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, [...] constituem, na avaliação de um dos principais estudiosos de Euclides, "o aspecto menos conhecido" de sua obra (VENTURA, 2003, p. 236). Esse relativo desconhecimento se explica sobretudo por três motivos: 1) a obra-prima do autor, *Os Sertões*, consagrada como peça integrante da literatura universal, tem ofuscado todo o restante de sua produção; 2) o caráter fragmentário, esparso e inacabado daqueles ensaios os deixa numa posição de desvantagem em relação a uma obra concluída; 3) a própria temática amazônica continua ocupando um lugar apenas marginal na consciência geral da grande maioria da população brasileira, inclusive dos intelectuais. (VENTURA<sup>10</sup>, 2003, p. 236 apud BOLLE, 2005, p. 141, grifos meus).

Promovendo a devida alteração dos pormenores, esse lugar marginal ocupado pelos temas da Amazônia pode explicar diferenças de recepção entre os textos de Benedito relativos a Heidegger, por exemplo, e os que apresentam reflexões sobre a região amazônica, sua história e suas culturas?

Após o falecimento de Benedito, sua produção intelectual é comentada, de outra forma, pelo professor Renan Freitas Pinto, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM): “sua obra, construída com rigor crítico, sem nunca abrir mão da clareza de sua escrita, ainda permanece relativamente desconhecida em sua terra, a Amazônia, necessitando ser devidamente incorporada por nossa inteligência” (PINTO, 2011, não paginada). Portanto, na declaração, a tônica está no desconhecimento a respeito de Benedito dentro da própria região.

As questões referentes à Amazônia demandam faina interdisciplinar. Se o Brasil não é para principiantes, como pugnava o crítico Tom Jobim (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009, p. 16), o que dizer da Amazônia, da sua complexidade, das suas desigualdades internas? Talvez outro grande artista da música popular brasileira tenha traduzido isso bem: Chico Buarque de Hollanda, em *Bye bye, Brasil*. “Tomei a costeira em Belém do Pará / Puseram uma usina no mar” e “Peguei uma doença em Belém” (HOLLANDA, 2006, p. 284-285). Teria Chico – filho de Sérgio Buarque de Holanda, um reconhecido intérprete do Brasil – feito referência na letra de 1979 (ano dessa canção composta para o filme de Cacá Diegues) à região complexa onde conviviam discrepâncias e contradições, como a exuberância exposta pelo Projeto Jari e sua usina enquanto a insalubridade grassava pela capital do Pará? Complexo é o Brasil e complexa é a Amazônia! Como sabem também os artistas... Como sabia Clarice Lispector ao

---

<sup>10</sup>VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. Organização de Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

observar a produção de Benedito. Complexidade é para principiantes? A complexidade da Amazônia é tema do NAEA em seus programas de pós-graduação.

O NAEA se iniciou na Amazônia com os programas de pós-graduação em Planejamento e Desenvolvimento, a princípio especialização, em seguida mestrado e, mais tarde, doutorado. Como primeira iniciativa no norte brasileiro, desde seu início se propôs a discutir o desenvolvimento dessa região com base em paradigmas de sustentabilidade social e ambiental, de forma interdisciplinar, influenciando e irradiando as confluências de ideias no cenário regional, mas alargando-a na perspectiva pan-amazônica (BASTOS; CASTRO; RAVENA, 2011, p. 647-648).

A criação do Núcleo foi movida pela premência de projetos interdisciplinares para a UFPA, que discutia, por exemplo em 1980, o tema *Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas*. Discutir a complexidade de um modelo interdisciplinar demandou a presença, no NAEA, da filosofia e de Benedito Nunes. Na ocasião, Jean Hébette supervisionava o Setor de Pesquisa e colocava em pauta as reflexões sobre interdisciplinaridade expostas inicialmente por Carlos Cardoso Coimbra<sup>11</sup>. Ao recorrer à filosofia para esse debate, a convite do NAEA, Benedito refletiu sobre a Amazônia?

Um trabalho excessivamente rico este documento provisório sobre o problema da interdisciplinaridade. A superabundância de suas questões já teve o condão de levantar um debate frutífero no círculo do grupo de Filosofia [...]. Generoso quanto à informação, bibliograficamente pródigo, os efeitos benéficos da confrontação intelectual que pode e deverá gerar, neste outro círculo, estão na razão direta da amplitude dos horizontes críticos que abre, ao sopro de uma filosofia inquieta, afirmada como atitude reflexiva, gerando um espaço de permanente diálogo entre especialistas cômicos dos limites de suas especialidades.

São três os tópicos do documento: a) a interdisciplinaridade nas Ciências Humanas; b) a Filosofia considerada nos marcos da interdisciplinaridade; c) o reconhecimento de uma direção filosófica reguladora da convergência entre as Ciências Humanas (a Antropologia Filosófica) (NUNES, 1980, p. 44).

As relações entre filosofia e cultura constituíram pergunta feita a Benedito Nunes por Nobre e Rego: “Seria possível falar de uma filosofia brasileira? Como o senhor vê as relações entre a filosofia e a cultura brasileira?”. A resposta de Benedito alcança a abrangência do pensamento social na história e na política:

---

<sup>11</sup> A apresentação de Carlos Cardoso Coimbra no NAEA foi seguida das exposições sobre interdisciplinaridade de Benedito Nunes, Samuel Sá, Mário Nazareno Noronha Faria e Souza e Armando Dias Mendes.



Se pensarmos em uma filosofia com características brasileiras, como uma concepção de mundo que só o Brasil proporciona por ser o Brasil, a minha resposta é não. A menos que visemos filosofia no sentido lato: pensamento social, histórico e político. Nesse sentido, Oliveira Viana e seu livro “A evolução do povo brasileiro” têm filosofia. “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, também. Adito o termo ‘filosofia brasileira’ como filosofia feita no Brasil, mas a partir de uma reapropriação da tradição filosófica, da história da filosofia e das obras-fonte. Ou continuamos o diálogo com Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel, ou não há filosofia (NUNES, 2000c, p. 79, grifo meu).

Os mesmos entrevistadores, conduzindo uma série de *Conversas com filósofos brasileiros*, ouviram Miguel Reale – outro intelectual, nascido em 2010 – responder à questão sobre as relações entre filosofia e cultura:

O fato de a filosofia tratar dos problemas universais não quer dizer que o filósofo não seja condicionado pelo seu modo de ser social e histórico, e, sobretudo pela sua língua, que é o solo da cultura, que é o ponto de intersecção entre a natureza e a cultura. [...] Somos uma continuação do patrimônio do pensamento ocidental (REALE, 2000, p. 21, grifos meus).

Benedito e Reale reconhecem portanto a pertinência do debate entre filosofia, cultura e pensamento social – encontrada em grandes intérpretes do Brasil como Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, autores citados pelo professor paraense – e fazem leituras sobre a vinculação do local ao universal (ou mais especificamente ao universo do mundo ocidental).

Em outra entrevista, programada pela Faculdade Cásper Libero, Benedito discorreu mais sobre a importância da filosofia:

A filosofia tem uma aplicação mais ampla que as outras disciplinas [...] que têm alguma utilidade por assim dizer, direta, prática. Ela serve para instigar o pensamento, ou seja, como uma curiosidade para desenvolver o que interessa à mente humana. Quem estuda a filosofia procura uma razão de ser e se questiona a respeito das causas e implicações de tudo a seu redor. Assim, encontra respostas e razões mais profundas para diversos acontecimentos históricos e comportamentos humanos, por exemplo (NUNES, 2007b, grifos meus, não paginada).

Assim, os programas de desenvolvimento da Amazônia e as orientações do NAEA podem dispensar a reflexão filosófica?

Constatam-se muitas referências à proximidade entre Benedito e seus pares intelectuais ligados à Amazônia, aproximações muitas vezes chanceladas em prefácios de livros. Sabe-se, também, que Benedito é respeitado fora do Pará por profissionais, da esfera universitária e do mundo livresco, que vieram a Belém para diálogos com nosso filósofo, em

diferentes ocasiões. Esse magnetismo de Benedito, que atraiu pessoas de Belém e de fora de Belém, não evidencia o filósofo como pensador da região?

Há outro aspecto a ser incluído nos questionamentos deste trabalho: existem semelhanças entre Benedito e Sérgio Buarque de Holanda, entre Benedito e Antonio Candido. Por exemplo, tanto Holanda como Candido inserem fortemente a crítica literária em suas trajetórias. Holanda e Candido são insofismáveis intérpretes do Brasil e, assim, muito estudados na área de pensamento social. Por que Benedito não é visto pelos meios acadêmicos no papel de intérprete da Amazônia e do Brasil? Por que ainda não marca presença nas ciências sociais entre os que se dedicam às pesquisas sobre pensamento social brasileiro? Seria esse gênero de dissensão explicado pelas culturas próprias que tornam São Paulo e o Pará tão diferentes?

Na recente reedição de *O dorso do tigre*, livro que teve primeira publicação em 1969, Benedito reflete a respeito desse título clássico:

Talvez não devesse chamá-lo assim; caso atentasse para o enraizamento regional que me liga, por direito de nascimento e convivência, a Belém do Pará, onde nasci e tenho domicílio, a denominação deveria ser, conforme amigável e jocosamente me sugeriu o inventivo Alexandre Eulálio, ‘O lombo da onça’ (NUNES, 2009h, p. 9, grifo meu).

Bachelard, na epistemologia, reivindica uma “razão operante [...] que se constrói com a experiência, construindo o seu objeto” (NUNES, 2004b, p. 22). Conforme esse “novo” espírito científico despertado pelas inquietações de Bachelard, o problema desta pesquisa sobre Benedito engloba várias indagações aqui listadas e que podem ser sintetizadas em uma grande pergunta aglutinadora: qual é a interpretação, a importância e o estatuto da criação intelectual de Benedito sobre a Amazônia presentes na obra desse pensador brasileiro que sempre morou em Belém? Eis a questão para que este projeto de mestrado, em sua movimentação, construa conhecimento sobre a obra de Benedito Nunes.

### 1.3 OBJETIVO E HIPÓTESE

O objetivo geral de *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* é interpretar a obra do paraense Benedito Nunes sobre sua região – a Amazônia, o Pará e Belém–, como projeto na área de pensamento social, com base em levantamento da produção intelectual do professor, fazendo uso de técnicas e métodos para entender os textos escolhidos em seus contextos de produção e recepção. Assim, pretende inaugurar uma nova

abordagem do pensamento de Benedito, anteriormente mais irradiado e estudado nas áreas de filosofia e literatura. Os conceitos principais a trabalhar são história e cultura da Amazônia.

Estudar e ler intelectuais que procuram, de forma crítica, interpretar seu país e sua região é estudar e ler sobre a história e as culturas deste país e desta região. Daí a relevância do estudo do pensamento social como tema. A área de pensamento social, onde se situa este projeto, vem progressivamente ganhando espaço em meios acadêmicos brasileiros<sup>12</sup>.

A hipótese do projeto *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* é a seguinte: Benedito é intérprete da Amazônia e interrogador da realidade amazônica – papel que desempenha com sentimento de pertença e com a desenvoltura de quem conhece filosofia e literatura, áreas do conhecimento nas quais é autoridade respeitada. Assim, a interpretação reflexiva do humanista Benedito, que retrata a Amazônia, é importante para a história das ideias, de acordo com o entendimento: aspectos culturais, filosóficos e históricos devem estar presentes nas representações da região, nos seus projetos de desenvolvimento e na avaliação crítica dos processos sociais.

O contínuo esquadramento da nossa vida intelectual, persistência marcante no Brasil, acentuada no último quarto do século XX, confirma uma atitude tão recorrente que se firmou como qualidade singular de nossa reflexão (ARRUDA, 2004, p. 107).

#### 1.4 METODOLOGIA

A preocupação metodológica inicial do projeto concentrou-se em definir e delinear o problema de pesquisa exposto no item 1.2 – uma vez que não deixou de causar alguma estranheza no meio acadêmico, bem como em outros círculos sociais, a possibilidade (vestida de ineditismo) de estudar Benedito Nunes como um intérprete da Amazônia, sobretudo porque sua obra mais difundida está vinculada à filosofia e à literatura – o que justificaria projetos de pós-graduação exclusivamente nessas áreas.

Assim, antes da qualificação do projeto de dissertação ocorrida em 18/03/2011, foram concretizadas por mim em Belém as primeiras entrevistas exploratórias do tema, por orientação metodológica de Edna Castro, como diálogos abertos com pessoas que têm trajetória na UFPA em áreas variadas do conhecimento e que, sob diferentes históricos e ângulos, conhecem aspectos relevantes de Benedito e sua obra: Armando Dias Mendes, Ernani Pinheiro Chaves, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, João de Jesus Paes Loureiro e

---

<sup>12</sup> Uma revisão bibliográfica é apresentada no Capítulo 1 deste trabalho.

Aldrin Moura de Figueiredo (informação verbal)<sup>13</sup>. Portanto, as inúmeras discussões com minha orientadora e as palavras dos cinco professores entrevistados, com seus olhares abalizados, forneceram subsídios para a problematização da pesquisa e circunscrição de seu objeto. Tive o cuidado de gravar (áudio digital) essas sessões esclarecedoras e transcrevê-las como textos. Em grande parte, elas foram úteis neste trabalho, mas alguns relatos documentados provavelmente serão também importantes em futuros projetos relativos a Benedito Nunes.

Naquelas entrevistas e nas seguintes, lancei mão das orientações de Yin (2001) que dizem respeito a um conjunto de habilidades desejadas para a condução desses diálogos: ter capacidade de fazer boas perguntas e interpretar as respostas, ser excelente ouvinte, procurar usar novidades como oportunidades e não como ameaças, demonstrar noção das questões estudadas, evitar vieses decorrentes de posições preconcebidas etc.

Volto um pouco atrás no tempo para observar que, ao submeter meu projeto ao NAEA durante o processo seletivo do Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES) no segundo semestre de 2009, especifiquei que o desenvolvimento do tema contaria com a realização de entrevistas com o próprio Benedito. Seleccionada para o mestrado, tive oportunidade de cursar as disciplinas ao longo de 2010, em busca de contribuições para o trabalho, ao mesmo tempo em que realizava sucessivas leituras da obra de Benedito, procurando traçar contornos mais precisos para a pesquisa. Todavia, o professor faleceu logo no início do ano seguinte – 2011 – e, embora tivéssemos sempre contatos anteriores em função dos cursos do CCFC, usufruí poucas oportunidades de entrevistá-lo, de forma mais estruturada, sobre o projeto no NAEA. Ressalto, no entanto, três entrevistas longas em sua casa nas seguintes datas: 08/10/2010, 12/01/2011 e 09/02/2011 – todas com o uso de anotações, sendo a última também gravada (áudio digital). Os principais assuntos abordados versaram sobre: a escolha do possível *corpus* da pesquisa no NAEA, as principais fontes bibliográficas usadas pelo professor nos textos desse *corpus* – tive acesso a livros de sua biblioteca particular–, as atividades na UFPA e na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), a obra de Eidorfe Moreira, o meio intelectual em que Benedito viveu e seus principais pares. Com a perda de Benedito, não pude concretizar todas as entrevistas inicialmente pensadas.

---

<sup>13</sup> A entrevista que me foi concedida por Aldrin ocorreu em 11/03/2011. As demais foram referenciadas no item 1.2.

Emprego a denominação *corpus*, no original em latim, para fazer alusão ao conjunto finito de textos de Benedito significativa para esta pesquisa e constituído com vistas à análise de seu pensamento sobre a Amazônia (FERREIRA et al., 1999).

Feitos esses esclarecimentos prévios, passo a pontuar alguns aspectos para o entendimento da metodologia do projeto:

- a) A pesquisa sobre a obra de Benedito visa a construir informação qualitativa, que precisa de credibilidade científica.
- b) Logo, vejo a metodologia como um recurso a serviço da pesquisa. É um “estudo dos caminhos e dos instrumentos usados para se fazer ciência” (DEMO, 1989, p. 11, grifo meu).
- c) Visualizo esta pesquisa como “diálogo crítico com a realidade” – no caso, a obra de Benedito sobre a Amazônia–, mesmo entendendo que o sujeito não dá conta de toda a realidade “e que o objeto é sempre também um objeto-sujeito” (DEMO, 2009, p. 10).
- d) Cabe à pesquisa planejada, mergulhar na obra de Benedito, coletar dados (de acordo com técnicas de investigação), estabelecer um recorte (onde história e culturas da região sejam categorias presentes nos textos), promover sua organização e sistematização, analisá-lo com vistas à descrição da realidade (conforme método de interpretação e análise) – no caso, o pensamento do autor sobre a Amazônia.

Com relação à coleta de dados e fontes, essa tarefa inicial significou empreender uma busca seletiva na ampla e variada obra de Benedito – a Fotografia 4 procura dar alguma ideia do volume da obra, por meio de imagens de algumas capas e páginas–, visando a separar os textos que se reportam à região. Esse material para exame foi obtido em bibliotecas, livrarias e a partir de pesquisas por meio da *internet*.

Além dos trabalhos assinados por Benedito, a colheita incluiu também obras de outros autores que escreveram sobre a criação intelectual do professor.

Considero ainda, como procedimentos de investigação, as entrevistas que realizei com dois professores da UFPA (José Maria Filardo Bassalo<sup>14</sup> e Geraldo Mártires Coelho<sup>15</sup>) e um professor – Willi Bolle<sup>16</sup> – da Universidade de São Paulo (USP).

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida em 18/08/2011 e gravada em vídeo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011b).

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 14/11/2011 por meio de troca de *e-mails* (COELHO, 2011).

Mesmo a partir dessa seleção inicial, o resultado obtido representou volume incompatível para análise no tempo exíguo do desenvolvimento de um mestrado.

**Fotografia 4** – Imagens de algumas capas e páginas com textos de Benedito.



<sup>16</sup> Entrevista concedida em 30/04/2011 e gravada em vídeo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011a).

Fiz em seguida uma espécie de nova seleção dentro do extrato da primeira seleção – lamentando deixar de lado, novamente por imposição do tempo, trabalhos de crítica literária de autores locais por entender que exigiriam ferramentas especiais de análise; muitos artigos publicados em jornais e revistas; bem como vários prefácios<sup>17</sup> escritos para livros de escritores ligados ao Pará–, chegando, com tais eliminações, à escolha final de 11 trabalhos que compõem o *corpus* da pesquisa, cuja interpretação está expressa no Capítulo 3.

Vistos os procedimentos que usei para coletar dados e definir o *corpus*, passo a expor, em linhas gerais, o método de interpretação do material reunido.

Uma vez que o projeto tem âncora na área de pensamento social, recorri à bibliografia sobre o assunto para esboçar um modelo analítico, em harmonia com o perfil do *corpus* escolhido e oferecendo condições para responder às questões formuladas na problematização da pesquisa:

Como utilizar as ferramentas das ciências sociais para analisar obras e autores tidos como clássicos da vida intelectual nacional? No caso deste GT de Pensamento Social, é conhecida a tensão existente entre abordagens sociológicas mais fortes, usualmente conhecidas como externalistas, e estratégias analíticas voltadas para a decifração dos nexos de sentido dos próprios textos.

Embora se possa – e se deva – questionar a existência de polos tão duros e delimitados de interpretação, é fato que essa tensão analítica constitui um dos eixos principais da discussão do grupo, para não dizer do próprio campo da sociologia da cultura (SCHWARCZ; BOTELHO<sup>18</sup>, 2011a apud MAIA, 2011, p. 2).

O esquema analítico joeirado procura combinar texto e contexto, valendo-se da revisão da literatura pertinente que é desenvolvida no Capítulo 1. O suporte teórico é centrado especialmente em Pierre Bourdieu (quanto aos conceitos gerais de campo intelectual e de *habitus*) e Paul Ricoeur (quanto à interpretação ou à análise do discurso).

Quando analisamos qualquer realidade, o fazemos pelo olhar de dentro e contextualizado, cuja posição e contexto condicionam intrinsecamente o processo de captação. Não só por razões hermenêuticas – todo sentido só pode ser compreendido a partir do contexto–, mas igualmente por razões evolucionárias naturais, não compreendemos como bem queremos, mas como o processo evolucionário nos permite (DEMO, 2009, p. 10-11).

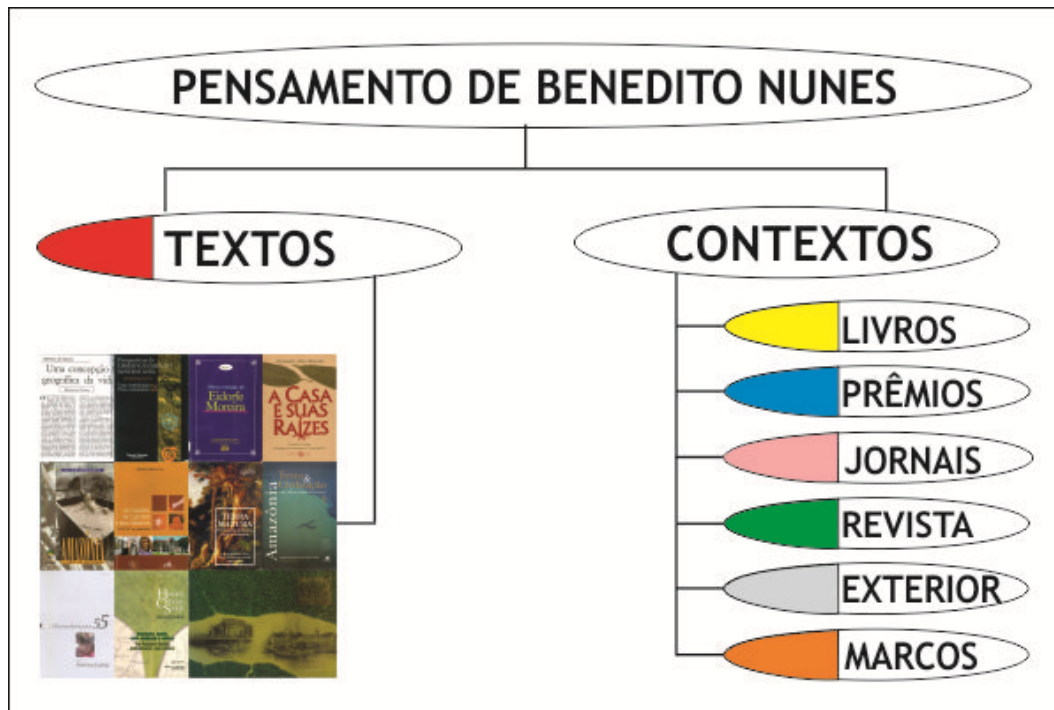
<sup>17</sup> Exemplos são os livros de Ruy Barata, Max Martins, José Carlos Castro, João de Jesus Paes Loureiro, Age de Carvalho, Lilia Silvestre Chaves, Raymundo Heraldo Maués, Ernani Chaves etc.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 11-16, 2011a.



A Figura 1<sup>19</sup> apresenta um diagrama no qual vinculo a análise do pensamento de Benedito sobre a Amazônia aos onze textos do *corpus* e a um levantamento, em seis níveis, do contexto em que essas formas simbólicas foram produzidas. Os níveis são: livros que Benedito publicou, prêmios recebidos, participação escrita em jornais, participação escrita em revista, grande presença de Benedito no exterior, outros marcos significativos – vistos tanto sob o ângulo sócio-histórico e também como sinais mais pessoais do professor. Apesar da dificuldade de representação gráfica<sup>20</sup>, faz parte do contexto visualizar Benedito no campo intelectual em que está situado e relacioná-lo a seus pares.

**Figura 1** – Diagrama para análise do pensamento considerando textos e contextos.



O esforço de construir modelo analítico atento aos textos contextualizados teve, como ponto de partida, a apropriação das orientações expressas no trabalho *Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teóricas*, de Enno Dagoberto Liedke Filho (2003), professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele explica que a sociologia do conhecimento procura relacionar as expressões documentadas – no caso, os onze textos – aos respectivos contextos (ou ambientes) sócio-históricos de produção, circulação e recepção. Passo a resumir o que autor recomenda como três passos

<sup>19</sup> No Capítulo 3 deste trabalho, textos e contextos são distribuídos no tempo.

<sup>20</sup> O Capítulo 3 apresenta essa representação gráfica (Quadro 1).



metodológicos direcionados à construção do conhecimento (MANNHEIM<sup>21</sup>, 1974 apud LIEDKE FILHO, 2003):

- a) 1º passo – Texto é analisado isoladamente, para que se desvende seu sentido inerente.
- b) 2º passo – Contexto em que a expressão ou forma simbólica é concebida passa por análise.
- c) 3º passo – Conteúdo do texto é retomado para ser lido já com a possível influência do contexto, o que portanto é uma nova leitura que leva à interpretação mais válida ou completa.

Usei, em linhas gerais, esse percurso intelectual, em sucessivos círculos hermenêuticos ou de interpretação, com os passos aqui enumerados, para construir conhecimento sobre a obra de Benedito. Desconstruí os textos para depois reconstruí-los criticamente. Nessa desconstrução seguida de reconstrução, estive atenta a detalhes como: relações entre textos e contextos, relações entre textos, textos publicados mais de uma vez, intenções dos textos e suas conclusões, estrutura e ordenamento dos textos, dinâmica interna dos textos, trechos e frases mais marcantes tendo em vista o objetivo desta pesquisa, referências bibliográficas principais, vínculos estabelecidos com pares intelectuais, formas de argumentar, modos de manifestação da refinada sensibilidade do autor, inclusive quanto ao seu pertencimento à região amazônica, etc. Esse modelo próprio de análise me permitiu uma interpretação (expressa na redação dos Capítulos 3 e 4 desta dissertação) da obra de Benedito, com apoio teórico em Ricoeur e Bourdieu (Capítulo 1), acreditando que a adoção de tal metodologia serviu para responder aos questionamentos que impulsionaram o trabalho.

Por fim, observo que procurei manter a realidade acima dos métodos, já que eles foram feitos para interpretar a realidade. Com vistas a elucidar esse propósito, faço uso da literatura ficcional de Machado de Assis: quando Brás Cubas, nas suas memórias póstumas, procura palavras para recuar no tempo e voltar ao dia do seu nascimento, reconhece que precisa de um método para realizar essa proeza e prosseguir a criação do livro. Quer “as vantagens do método, sem a rigidez do método”. Não quer uma arte “tesa, engomada e chocha”. “Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor do quarteirão” (ASSIS, 2001, p. 29). Ao participar de *Eros*,

---

<sup>21</sup> MANNHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. São Paulo: EDUSP; Perspectiva, 1974.

*tecelão de mitos* – livro de Joaquim Brasil Fontes – Benedito lança mão desse recurso do *Bruxo* e nomeia o seu ensaio de *Que isto de método...* Usa a figura benjaminiana do *flâneur* “coleccionador de signos, hermeneuta à busca do sentido, sem parecer estar nisso empenhado”. O estilo de interpretação é aproximativo, “parecendo zombar dos métodos” como Brás Cubas, para chegar assim ao “sentido essencial, [...] produzindo-lhe a compreensão”<sup>22</sup> (NUNES, 2009j, p. 409-410).

### 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está disposta em cinco partes. Esta primeira parte, como Introdução, é voltada a registrar os passos iniciais do projeto de mestrado: interesse pelo tema; construção do problema de pesquisa; objetivos, hipótese e metodologia; além desta explicação sobre a estrutura do documento final. Depois, quatro capítulos. O primeiro, que começa situando a área do pensamento social brasileiro – onde o trabalho está inserido–, expõe os resultados da revisão bibliográfica interprendida, como base teórica da pesquisa qualitativa, com a intenção explícita de iluminar minha leitura sobre o autor, mais especificamente a respeito do *corpus*. O segundo capítulo coleciona importantes registros sobre a vida e a obra de Benedito, concedendo foco privilegiado para contribuições do autor à sociologia, uma vez que estudos identificados com o pensamento social têm caráter interdisciplinar e estão se desenvolvendo progressivamente nessa área acadêmica das ciências sociais. O terceiro, mais extenso e detalhado, aponta para os resultados do inventário e da análise individualizada dos onze textos de Benedito que compõem o *corpus* do projeto. No quarto capítulo, como uma espécie de fecho ou de conclusão, está resumida uma construção própria de conhecimento sobre o pensamento do professor como intérprete da Amazônia, aglutinando as ideias mais fortes vislumbradas e detalhadas no capítulo anterior. Depois, as referências completam esta dissertação. Como anexo, há ainda um CD contendo a iconografia do projeto *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*.

---

<sup>22</sup> Essa espécie de alegoria que Benedito usa no livro de Joaquim Brasil Fontes é reelaborada por Lilia Silvestre Chaves (informação verbal) e João de Jesus Paes Loureiro (2001), em suas respectivas teses.

## 2 CAPÍTULO 1: PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Bendito seja eu por tudo quanto sei.  
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

(PESSOA, 1980, p. 36).

Este capítulo traz a lume a revisão bibliográfica que realizei para servir de apoio à leitura do *corpus* da pesquisa – que é um conjunto selecionado de textos escritos por Benedito Nunes. Destarte, a revisão em pauta colige textos importantes para analisar outros textos.

Entender a importância e a circunscrição da área de estudos do pensamento social brasileiro, bem como seus principais autores, estado da arte, preceitos teóricos, relações entre textos e contextos, tem o propósito de usar esses conhecimentos, resumidos no Capítulo 1 – oriundos do processo de exame bibliográfico–, como um farol, em sentido figurado, na construção de uma leitura a respeito do pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia.

Assim, a interpretação que faço do *corpus* – expressa detalhadamente no Capítulo 3 e enfatizada, de forma resumida, à guisa de conclusão, no Capítulo 4 – é iluminada por elementos teóricos decorrentes de alguns fundamentos de Pierre Bourdieu (no segmento que diz respeito aos conceitos de campo intelectual e de *habitus*) e de modelos de análise de Paul Ricoeur (no que concerne ao exame do discurso).

### 2.1 IMPORTÂNCIA E ABRANGÊNCIA DA ÁREA DE ESTUDOS

A vida própria da sociedade – ou dos grupos sociais que a constituem e de suas relações – é objeto permanente de interesse e estudo das ciências sociais, como a sociologia, a antropologia, a ciência política e a geografia humana, entre outras. Falar sobre vida social significa fazer referência tanto a recursos e estruturas materiais como a elementos imateriais – aí contemplados os impalpáveis, que não têm portanto a natureza da matéria: a cultura, as ideias, os símbolos<sup>23</sup> e os componentes políticos, por exemplo. No presente e no passado das sociedades, há e sempre houve a interação de partes materiais e imateriais. Como ocorre essa ação mútua? Como os subsistemas materiais e imateriais, constitutivos e condicionantes da vida social, coexistem ou se combinam? Como tecem nexos? Sobre essa relação, o que é conhecido hoje? Qual é o ‘estado da arte’? Ou, dizendo de outra forma, o que está presente

---

<sup>23</sup> Referências aos esquemas intelectuais que são incorporados através das representações. Podem evocar ausências ou presenças (CHARTIER, 1990).

nos estudos acadêmicos, nos domínios ou no âmbito da ciência, nas atuais discussões e indagações filosóficas? A Amazônia está inserida nesse painel?

Da nossa perspectiva, a sociedade não se realiza desacompanhada das interpretações de que é objeto e, mais do que isso, as interpretações proporcionam significado à vida social, pesadas inclusive suas veleidades, possibilidades e limites efetivos. Por isso faz-se necessário voltar, principalmente no caso brasileiro, às (não por acaso assim chamadas) ‘interpretações do Brasil’, uma vez que elas também operam na orientação das condutas dos atores sociais, na organização da vida social, nos processos de mudança e nas relações de poder que isso sempre implica (BASTOS; BOTELHO, 2010, p. 914, grifo meu).

Lilia Moritz Schwarcz – docente do Departamento de Antropologia da USP – e André Botelho – docente do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)–, ao sinetarem *Pensamento social brasileiro: um campo vasto ganhando forma*, texto ainda verdejante, asseveram que é preciso “avançar no conhecimento” de como as estruturas imateriais interagem com as materiais, é importante saber ainda se essas ‘teias impalpáveis’, no sentido figurado, “podem ou não influenciar a ordem social de que fazem parte e também serem elementos relevantes para as possibilidades de ação coletiva e de mudança social” (SCHWARCZ; BOTELHO, 2011a, p. 13).

Tal necessidade de busca de conhecimento parece demandar o interesse científico pela história das ideias e das tradições intelectuais no Brasil, a partir da seguinte percepção: questões atuais e contemporâneas conseguem ser iluminadas com o descortino, a averiguação e o juízo de situações observadas no passado. A propósito dessa importância da história<sup>24</sup> ou de contextos históricos, Oliveira (2010) recorda os anos 80, quando era comemorado o cinquentenário da Revolução de 30 – com farto material de documentação e pesquisa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)<sup>25</sup> – e a discussão girava em torno do autoritarismo, justamente porque já vivíamos no país outra prolongada ditadura: a militar, deflagrada em 1964. Assim, a visita ao passado dos anos 30 era possibilitada por uma espécie de ‘viagem intelectual’ que conduzia a esse pretérito as perguntas do então presente da década de 80 que Lucia Lippi de Oliveira trouxe à baila nos

<sup>24</sup> Para Botelho (2011, p. 16), o “sentido particular” de um “campo problemático historicamente bem situado” pode permitir os “desdobramentos que o nosso próprio tempo torna necessários”.

<sup>25</sup> O CPDOC é a Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro (grifos meus). Mantém, desde 1988, a publicação semestral ininterrupta da revista *Estudos Históricos*, com perfil multidisciplinar, enfeixando trabalhos de pesquisadores da comunidade acadêmica nacional e internacional (BASTOS, 2003; CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 2011).

debates que tiveram palco na Fundação Getúlio Vargas (FGV) – instituição que tem meritória inserção nos debates sobre análise social (BASTOS, 2003).

Antes, em 1967, Antonio Candido – então com 49 anos – escreveu o prefácio da quarta edição do clássico *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, destacando três grandes intérpretes do Brasil da geração de 30<sup>26</sup> – intelectuais que continuam sendo estudados, lidos e relidos sob diferentes ângulos, no meio universitário, atraindo portanto expressiva fortuna crítica. Para Arruda (2004, p. 107), com esse prólogo e suas apreciações das ideias da tríade, Candido “assentou o significado dos chamados intérpretes do Brasil”. Os três autores, com seus pensamentos, “a despeito da diversidade que os individualiza”, demarcam a cultura brasileira.

Os homens que estão hoje um pouco para cá ou um pouco para lá dos 50 anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior. São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo (CANDIDO, 1995, p. 9, grifos meus).

Os três livros (FREYRE, 2006; HOLANDA, 2006; PRADO JÚNIOR, 2011) são chaves para a análise social. Continuam sendo interpretados, reinterpretados e discutidos. Essas obras e suas múltiplas leituras lançam luzes sobre o presente e as possibilidades de construção do futuro. Isso parece sugerir que é fundamental, para entender o país, o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a formação da sociedade brasileira – o que inclui o deslinde dos conjuntos de pensamentos, bem como dos processos sociais de construção e de circulação desse conhecimento humano. “Comumente visitar ideias, sobretudo aquelas repetitivas ao ponto da trivialidade, pode ser bom princípio para compreender problemas cruciais de uma cultura” (ARRUDA, 2004, p. 107). Tais ideias, ao longo da história, constituem o que é conhecido hoje como *pensamento social brasileiro* ou *pensamento social no Brasil* – área de estudos e pesquisas interdisciplinares, com papel preponderante em nossa cultura intelectual, ligando passado / presente / futuro. Segundo

---

<sup>26</sup> As primeiras edições de *Casa-Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo* foram publicadas em 1933, 1936 e 1942, respectivamente (CANDIDO, 1995).

Botelho (2011, p. 18), “a comunicação entre passado, presente e futuro [...] poderá nos dar uma visão mais integrada e consistente do processo histórico que o nosso presente oculta”.

Nos últimos trinta anos, pesquisas sobre as tradições intelectual, cultural e política brasileiras, ao se identificarem e serem identificadas como *pensamento social brasileiro*, contribuíram para dar forma a esta área de pesquisa que, hoje, tem apresentado uma dinâmica muito particular e amplas condições de afirmação no âmbito das ciências sociais praticadas no Brasil.[...]

Observa-se, assim, o próprio alargamento da noção de *pensamento social*, operado, em parte, pelo caráter multidisciplinar da área de pesquisa, que compreende não apenas as três disciplinas básicas das ciências sociais – a antropologia, a ciência política e a sociologia –, como ainda a história, a teoria literária e a filosofia política, entre outras disciplinas (SCHWARCZ; BOTELHO, 2011a, p. 11, grifo meu).

Gilberto Velho também depreende que as ciências sociais no país alargam seus círculos de interesse com a recepção das obras *Casa-Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo*, pois seus autores, “nos termos de hoje”, são “eminente multi e interdisciplinares”, o que faz os três livros e suas leituras despertarem a atenção de “historiadores, antropólogos, sociólogos, economistas, cientistas políticos etc” (VELHO, 2003, p. 16). Destarte, se a área do pensamento social no Brasil procura conhecer as ideias como componentes da vida social relacionadas às bases materiais, pode enxergar muitas possibilidades decorrentes de associações de vários espaços e domínios disciplinares. Logo, quando a temática é pensamento brasileiro, urge combater as causas das questões que muitas vezes provocam o afastamento entre as áreas acadêmicas. Como o foco obrigatório das pesquisas sobre pensamento social é a unidade do conhecimento, esse isolamento, quebra ou separação é prejudicial e daninho, tendendo a gerar projetos irrelevantes, lacunosos e, por conseguinte, incompletos. Não é objetivo deste trabalho especificar definições ou conceitos sobre o que é multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, nem salientar suas possíveis distinções. Todavia, o que precisa ficar evidente é que os estudos das ideias exigem livre circulação entre as disciplinas, em curso contínuo, mesmo porque “as ciências são configurações móveis; suas fronteiras são instáveis” (LEBRUN, 2006, p. 130).

A convivência profícua entre campos disciplinares não tem sido comum no meio acadêmico brasileiro nos dias que correm. [...]

A migração do modelo das ciências experimentais para o domínio das disciplinas humanas e sociais, especialmente para aqueles setores caracteristicamente intelectuais, tem, comumente, embotado a criatividade e domesticado o vigor das inteligências. Não parece casual que a tão decantada morte dos intelectuais seja vista como fruto e desdobramento da

dominância do estilo acadêmico ajustado a esse perfil prevalecente (ARRUDA, 2007, p. 198-200).

Tal depoimento crítico de Maria Arminda do Nascimento Arruda – professora de sociologia–, que reflete inquietações das ciências sociais, é preâmbulo para sua análise do livro *Bilac, o jornalista* de Antonio Dimas – professor de literatura. Para Arruda, Dimas – ambos são da USP – não se enquadra no modelo preponderante de blindagem das disciplinas e de primazia exagerada das especialidades, uma vez que o autor por ela comentado reflete sobre a obra literária do poeta parnasiano e jornalista Olavo Bilac com “inequívoca vocação de historiador e de analista da sociedade brasileira daquele tempo” para fruição dos que têm interesse pela cultura no país, em especial durante o período da *belle époque* no Rio de Janeiro (DIMAS, 2006; ARRUDA, 2007, p. 200).

Em artigo recente, é justamente Arruda (2010) quem evidencia um aspecto marcante das obras seminais de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior: essas imagens do Brasil foram construídas através do ensaísmo crítico que amoldou as particularidades do país. O perfil modernista<sup>27</sup> dos escritores brasileiros fica evidente nas suas concepções, onde convivem sensibilidade e razão, em “época de tradições fatigadas”. Começa com eles – e através do ensaio – a reflexão crítica e moderna das ciências sociais. “Foi no bojo de tais transformações que se criou a USP, em 1934, e, com ela, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que abrigou o curso de ciências sociais” (ARRUDA, 2010, p. 10-11). Na década de 30, “a universidade começa a ganhar importância e, com ela, muda o padrão de reflexão sobre o país” (RICUPERO, 2011, p. 22).

O pressuposto fundamental da crítica situa-se de certo modo no âmago da própria cultura ocidental: trata-se nada menos que da invenção do espírito crítico inerente ao nosso mundo, em decorrência do surgimento da filosofia e do espírito científico de modo geral – isso de perscrutar racionalmente os processos reais e os cometimentos humanos (BORNHEIM, 2000, p. 34, grifos meus).

Os ensaístas criticam, ampliam horizontes, formulam questões, propõem respostas, argumentam, põem à prova os pensamentos, perturbam, interrogam, exortam a curiosidade,

---

<sup>27</sup> Maria Arminda concorda com os preceitos de Candido (1975): o movimento modernista brasileiro se completa quando realiza seu engajamento – uma espécie de compromisso com o “país moderno – quer no plano social, quer no plano da cultura”. Assim, ela entende que, na década de 30, o pensamento brasileiro que se forma no século passado coincide “com a constituição de uma intelectualidade de corte modernista, identificada com as questões do país e dedicada à construção da sociedade moderna” (ARRUDA, 2004, p. 111, grifo meu).

fazem pensar. E, nessa dinâmica, se aproximam dos leitores que são incitados a refletir sobre o que leem e assim triunfam sobre a estabilidade. Diante disso, é certo que os ensaios de interpretação do Brasil são forças sociais e não “meras descrições externas da sociedade”, pois além disso agem “reflexivamente, desde dentro, como um tipo de metalinguagem<sup>28</sup> da própria sociedade brasileira” (BOTELHO, 2010, p. 61, grifo meu). Assim, na dinâmica da vida social, com a reflexão e a circulação das ideias, esses seus componentes imateriais interagem com os materiais. Para Botelho e Schwarcz (2009, p. 13), as interpretações do Brasil constituem “matrizes” das formas de “sentir e pensar o país e de nele atuar”, agindo através da aquisição do conhecimento e também estabelecendo assim “forças sociais” que são importantes para “delimitar posições e conferir-lhes inteligibilidade em diferentes disputas de poder travadas na sociedade”.

[É preciso] descrever o impacto das ideias sociais sobre a sociedade, especialmente aquelas que parecem estar na origem de autocompreensão da atmosfera de mudança e/ou de continuidade da organização e do desenvolvimento de processos sociais que as configuram (FREITAS, 2007, p. 29).

A escrita em forma de ensaio tem origem histórica no pensador Michel de Montaigne<sup>29</sup> – viveu no século XVI. *Essai*, em francês, vem do latim *exagium*, que significa peso ou arte de pesar. Na França, *essai* tem até hoje o sentido translato de tentativa como exercício da escrita (COELHO, 2001).

O ensaio é, por excelência, a forma do tateio, da sondagem e da busca, o lugar dos questionamentos, em que as verdades não se encontram prontas e acabadas. É um discurso “ao mesmo tempo analítico, intelectual e sensível” que “visa a agir diretamente sobre a sensibilidade do leitor” (LEENHARDT<sup>30</sup>, 1993, p. 256 apud VASCONCELOS, 2000, p. 14).

[...] o ensaio não expõe na sua narrativa fragmentada um conteúdo pronto de antemão, mas, numa constante tensão entre a exposição e o exposto, repõe uma ideia fundamental, como um fragmento que busca vislumbrar o todo de que é parte. Nesse movimento, esboça-se o traço distintivo do ensaio como forma em geral: a tentativa de recomposição da relação sujeito / objeto do

<sup>28</sup> Entendo aqui metalinguagem como aquela “utilizada para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação” (FERREIRA et al., 1999).

<sup>29</sup> *Dos canibais* figura entre os ensaios de Montaigne, ligando o pensador francês ao Brasil. Esse texto está na origem do mito do *bom selvagem* – uma imagem do país – com ampla e duradoura repercussão no mundo ocidental (MONTAIGNE, 2002).

<sup>30</sup> LEENHARDT, Jacques. Ángel Rama, uma figura-chave da crítica latino-americana. In: CHIAPPINI, Lúcia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.



conhecimento fraturada pela tradição cartesiana. Por isso sua inteligibilidade parece, em parte, condicionada à própria relação de contraposição que mantém perenemente com o padrão científico positivista (BOTELHO, 2010, p. 51).

Além dos ensaístas Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e o próprio Antonio Candido – outro intérprete do Brasil, a partir de ampla produção intelectual<sup>31</sup>, com destaque para *Formação da literatura brasileira* e *Os parceiros do Rio Bonito* (JACKSON, 2009)–, muitos autores ligados ao país têm merecido estudos no circuito acadêmico multidisciplinar do pensamento social. Passo a mencionar feitos importantes, sem a intenção de esgotar essa lista.

Com a premissa de que deve haver continuidade nos temas discutidos, o livro *Sete lições sobre as interpretações do Brasil* contém capítulos com exposições de Bernardo Ricupero, professor da USP, sobre os clássicos Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Raymundo Faoro e Florestan Fernandes, abordagens que partem de uma questão provocativa: *Existe um pensamento político brasileiro?* O volume traz inclusive indicações de leitura quanto aos autores que vêm dedicando seus escritos a esses pensadores e suas obras. Ricupero faz referências, por exemplo, a Wanderley Guilherme dos Santos para explicar que o desenvolvimento de “todo pensamento em qualquer parte do mundo [...] segue dois influxos básicos: o proporcionado pela influência de sua evolução em outros centros e o resultante de avanços e recuos no interior da sociedade analisada” (RICUPERO, 2011, p. 32). Há outro destacado trabalho de Ricupero que não consta desse livro: *Celso Furtado e o pensamento social brasileiro* – chama atenção para as influências que Furtado recebeu de Karl Mannheim, autor da sociologia da cultura, e comenta o perfil do economista que, sobretudo através das obras *Formação econômica do Brasil* e *A economia colonial do Brasil nos séculos XVI e XVII*, sabe ler as especificidades da sociedade brasileira e pontear suas diferenças em relação às realidades europeia e norte-americana (RICUPERO, 2005).

Outra edição significativa é a obra coletiva publicada em Porto Alegre com a organização de Gunter Axt e Fernando Schüller, aproximando “antropólogos, jornalistas, sociólogos, diplomatas, escritores, literatos e historiadores” (AXT; SCHÜLLER, 2004, p. 14) – o que, sem dúvida, explicita o reconhecimento do acento multidisciplinar dos estudos – sob a égide: “memória, identidade e soberania [...] são dimensões que se articulam” (AXT;

---

<sup>31</sup> Nessa esteira usada por Antonio Candido para mostrar que a vida social é expressa na literatura, outro livro essencial é *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, oferecido ao casal Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda (CANDIDO, 2000).

SCHÜLLER, 2004, p. 12) nos trabalhos assinados por pesquisadores que procuram elucidar obras e percursos de Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodr e etc. Com relação a Sodr e, cabe mencionar em sua trajetória a participação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), instituição que “refletiu, debateu e difundiu o nacionalismo no Brasil” nos anos 50/60 e foi depois desmontado pelo governo militar, mas deixou em sua história registros da participação de intelectuais como Hélio Jaguaribe, Alberto Guerreiro Ramos, Celso Furtado, Álvaro Vieira Pinto, Cândido Mendes e An sio Teixeira (RECKZIEGEL, 2004, p. 318).

Mais alguns exemplos vêm a seguir, associados aos seus respectivos anos de nascimento e correspondentes nomes de pesquisadores, com base no livro *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*<sup>32</sup> (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009) (HIRANO; ACU A; GASPAR, 2009): Joaquim Nabuco (1849, Angela Alonso), Sílvio Romero (1851, Antonio Dimas), Euclides da Cunha (1866, Nísia Trindade Lima), Manuel Bomfim (1868, André Botelho), Paulo Prado (1869, Carlos Augusto Calil), Oliveira Viana (1883, Angela de Castro Gomes), Mário de Andrade (1893, Sergio Miceli), Alberto Guerreiro Ramos (1915, Lucia Lippi Oliveira), Maria Isaura Pereira Queiroz (1918, Glaucia Villas Bôas), Florestan Fernandes (1920, Maria Arminda do Nascimento Arruda), Darcy Ribeiro (1922, Helena Bomeny), Raymundo Faoro (1925, Luiz Werneck Vianna), Octavio Ianni (1926, Elide Rugai Bastos), Fernando Henrique Cardoso (1931, Leôncio Martins Rodrigues), Roberto Schwarcz (1938, Leopoldo Waizbort). Nesse livro, também, o historiador José Murilo de Carvalho recupera o século XIX para abordar o radicalismo político no Segundo Reinado. Observo ainda uma particularidade visível no compêndio organizado por Botelho e Schwarcz: com exce o de Pedro Meira Monteiro, que atua na *Princeton University*, os estudiosos reunidos pertencem a instituições universitárias do eixo Rio – São Paulo<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Ao ser lançado, o livro foi apresentado no Rio de Janeiro em seis encontros semanais, abertos ao público interessado. A programa o do evento incluiu palestras de “pesquisadores contemporâneos” para debates a respeito das interpretações do Brasil, “sobre a sua forma o social e a influência que ela exerce sobre seu destino”: André Botelho (*Uma introdu o ao pensamento social no Brasil*), Sergio Miceli (*A inven o do intelectual moderno: Mário de Andrade*), Ricardo Benzaquen de Araújo (*A Casa-Grande & Senzala e o enigma do equilíbrio em Gilberto Freyre*), Heloísa Pontes (*Gilda de Mello e Souza: as complexidades da moda como tema de estudo*), Maria Arminda do Nascimento Arruda (*Sociologia como compromisso e voca o em Florestan Fernandes*), Lilia Moritz Schwarcz (*O pessimismo: Nina Rodrigues*) (CASA DO SABER, 2011).

<sup>33</sup> As instituições são: Casa de Oswaldo Cruz da FIOCRUZ; CPDOC da FGV; IUPERJ da UCAM; PUC do Rio de Janeiro; UERJ; UNICAMP; UNIFESP; UFRJ; UFF e USP.

Cabe observar que, entre os autores analisados nesse leque aberto por André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (2009), está Roberto Schwarz, natural da Áustria, de onde, ainda criança, veio com sua família para o Brasil. É do quadro do Departamento de Teoria Literária da USP, tendo começado no magistério como assistente de Antonio Candido (HIRANO; ACUÑA; GASPAR, 2009). Schwarz analisou a obra de Machado de Assis, o que originou sobretudo os livros: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (de 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (de 1990). Portanto, as pesquisas de Schwarz incluíram um ficcionista – conhecido também como *Bruxo do Cosme Velho*<sup>34</sup> – na galeria dos intérpretes do país. Waizbort (2009, p. 408) comenta que para uns Schwarz é crítico literário e para outros é sociólogo, porque sabe fazer a “conjugação penetrante” das duas áreas. Hoje, Schwarz é presença obrigatória na bibliografia de pensamento social com esteio nas suas reflexões sobre Machado. Leitura sobre leitura gera assim dois respeitados intérpretes: Roberto Schwarz e Machado de Assis.

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação (SCHWARZ, 2000, p. 29).

Sergio Miceli, citado como participante do livro *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país* com um *paper* a respeito de Mário de Andrade, também é da USP como Roberto Schwarz, mas do Departamento de Sociologia. Assina o artigo *Intelectuais brasileiros*<sup>35</sup> – publicado inicialmente em 1999 – que faz o balanço das obras sobre nossos intelectuais, especialmente no período 1970-1995, as quais enfatizam

ora a morfologia e a composição interna do campo intelectual, suas instituições e organizações, o peso relativo da categoria dos intelectuais, no interior dos grupos dirigentes, ora preferindo esquadriñar as modalidades

<sup>34</sup> Cosme Velho é alusão ao bairro do Rio de Janeiro onde Machado de Assis morou. A designação *Bruxo do Cosme Velho* ecoou a partir do poema *A um bruxo, com amor*, de Carlos Drummond de Andrade, incluído no livro *A vida passada a limpo* (ANDRADE, 2002).

<sup>35</sup> O trabalho de Miceli está incluído no livro *Intelectuais à brasileira*, reunião que apresenta mais dois artigos – *Biografia e cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil)* e *SPHAN: refrigério da cultura oficial* –, um depoimento denominado *A construção do trabalho intelectual* e três análises: *Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)*; *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-45)*; *O Conselho Nacional de Educação: esboço de análise de um aparelho de Estado (1931-7)*.

de sua contribuição para o trabalho cultural e político (MICELI, 2001, p. 371).

O exame de Miceli traça linhas sobre estudiosos do pensamento social ligados ao Brasil com produção expressiva – como Simon Schwartzman, Daniel Pécaut, Helena Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa, Angela de Castro Gomes, Luís Rodolfo Vilhena e Heloisa Pontes – e faz menções às influências teóricas para os modelos de análise decorrentes de Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Raymond Williams e Carlo Ginzburg, entre outros, que<sup>36</sup>

são autores de ensaios seminais e monografias exemplares a respeito de intelectuais e artistas em outras formações sociais [...]. A qualidade do trabalho de cada um desses autores comprova os ganhos heurísticos trazidos pela confluência de uma gama diversificada de disciplinas e tradições intelectuais – desde a sociologia e a antropologia, passando pela história social, intelectual e das mentalidades, pela crítica literária, pela filosofia, até as diversas orientações teóricas no interior da história da arte –, bem como pelo reconhecimento das vantagens metodológicas associadas à exploração de fontes, modelos, conceitos e abordagens, de enfoques disciplinares complementares (MICELI, 2001, p. 395, grifo meu).

Retorno ao escopo de *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*, que concentra e limita sua lente em pesquisas desenroladas no eixo hegemônico Rio – São Paulo, para consignar, como *boa nova*, que a dupla de organizadores do livro ampliou essa ótica em dossiê mais recente e mais plural – também por eles organizado e propalado na revista científica de cultura e política *Lua Nova* – sobre o pensamento social brasileiro, onde figuram, entre outros, o artigo introdutório *Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma*, já referido aqui, e o *Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro* (SCHWARCZ; BOTELHO, 2011a, 2011b). Tal simpósio é o resultado de cinco engenhosas perguntas respondidas por doze estudiosos “de reconhecida influência e liderança”. Cinco entrevistados pertencem a instituições fora do polo Rio – São Paulo, mostrando “como anda vivo e atual esse nicho [...] que ganha o nome de *pensamento social brasileiro*”:

Angélica Madeira e Mariza Veloso, da UnB; Élide Rugai Bastos, da Unicamp; Gláucia Villas Bôas, da UFRJ; Lucia Lippi Oliveira, do CPDOC/FGV-RJ; Luiz Werneck Vianna, do Iesp/Uerj; Maria Arminda do Nascimento Arruda, da USP; Renan Freitas Pinto, da Ufam; Ricardo

<sup>36</sup> No artigo *Intelectuais brasileiros*, Miceli desenvolve sua análise com base nas seguintes obras: *Os intelectuais e a política no Brasil (entre o povo e a nação)*; *Formação da comunidade científica no Brasil*; *Tempos de Capanema*; *Guardiães da razão, modernistas mineiros*; *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*; *Projeto e missão – o movimento folclórico brasileiro 1947/1964*; *Destinos mistos – os críticos do Grupo Clima em São Paulo*.

Benzaquen de Araújo, da PUC-RJ e Iesp/Uerj; Roberto Motta, da UFPE; Rubem Barboza Filho, da UFJF, e Sergio Miceli, da USP (SCHWARCZ; BOTELHO, 2011a, p. 15-16, grifos meus).

Portanto, estudos realizados na Amazônia já se inscrevem na área de pensamento social, merecendo registro, em termos de difusão mais pródiga, a publicação do livro *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*, coligido por Elide Rugai Bastos e Renan Freitas Pinto<sup>37</sup>, com trabalhos de pesquisadores da UFAM (BASTOS; PINTO, 2007). Bastos (2007, p. 5) entende que esses estudiosos, como se localizam na mesma região investigada, têm “familiaridade com a documentação, a temática, as relações sociais, as posições políticas referentes ao objeto” – o que facilita a “coleta de dados”. O livro sobre pensamento social brasileiro com selo da Editora da UFAM apresenta, entre seus artigos, *Leitura crítica de Dalcídio Jurandir: a visão do feminino*, aportando assim na obra do escritor paraense. Os outros dez textos do compêndio são: *A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo*; *Amazônia emergente: as bases programáticas para um modelo de desenvolvimento sustentável*; *As cidades da Amazônia pelos viajantes*; *Alfredo da Matta: um sanitarista na ‘belle époque’ amazônica*; *Djalma Batista: artigos de jornal*; *A Amazônia de André Araújo*; *Por rios amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira*; *Tradição: uma interseção entre o passado e o futuro* (sobre o paraense Leandro Tocantins); *Um modernista do avesso: a Amazônia na prosa de ficção inaugural de Abguar Bastos* (outro paraense) e *Amazônia: das ideias de paraíso às ideias de Ecossistema* (BASTOS, PINTO, 2007).

Criar referências sobre o pensamento social brasileiro na Amazônia é uma tarefa intelectual de muitos desafios. Preocupações com a cronologia, a tradição intelectual, as fronteiras disciplinares, as intersecções paradigmáticas, as atualizações, seja como prolongamentos, reforma, ou rupturas de perspectivas teórico-metodológicas, seja como construção epistemológica de espectro amplo, são de extrema importância para movimentar interesses e construir identidades nessa linha de pesquisa (FREITAS, 2007, p. 27, grifos meus).

Inserir Dalcídio Jurandir<sup>38</sup> como objeto de estudos sobre o pensamento social brasileiro significa expor que a literatura não está à parte do meio em que é criada, sempre há

<sup>37</sup> O professor da UFAM comunica que está no prelo o segundo livro a respeito do mesmo tema, no qual será incluído trabalho sobre Benedito Nunes escrito por Edna Castro e por mim (CASTRO; GUIMARÃES, 2012).

<sup>38</sup> A UNAMA (2004) editou trabalhos sobre Dalcídio Jurandir, com a participação dos seguintes autores: Benedito Nunes, Rosa Assis, Audemaro Taranto Goulart, Elis Marchioni, Anderson Luiz

algum vínculo com o ambiente onde é formada. Logo, um modo de refletir sobre a região é fazer a análise dos discursos literários de seus ficcionistas. Estudar Dalcídio é também estudar a Amazônia, mimetizada esteticamente em palavras e dessa forma cingida na literatura. Há níveis da correlação entre a literatura e a sociedade, como explicita Candido, e essa relação só poderá ser bem entendida se fundirmos “texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 2000, p. 4). Assim, é possível examinar a realidade social na estrutura literária: “uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica, linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente” (CANDIDO, 2000, p. 7). O antropólogo estadunidense Clifford Geertz parece não discrepar de Antonio Candido, pois, entendendo a imitação como própria da condição humana, chega até mesmo a considerar que a interpretação da cultura seja um “trabalho parecido com o de crítico literário” que busca a essência além do código.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

A vasta obra de Dalcídio Jurandir está sendo também estudada por Willi Bolle, o que já originou trabalhos acadêmicos. Entre eles, cito três: *Belém, porta de entrada da Amazônia, A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir e Boca do Amazonas: roman fleuve e dictio-narium caboclo em Dalcídio Jurandir*:

*Ler uma cidade é uma arte – em que ela consiste?* “Aprendo a ver. [...] Já disse? Aprendo a ver. Sim, estou a começar”. É o que escreve Rainer Maria Rilke nas páginas iniciais de seus *Cadernos de Malte Laurids Brigge* (1910), livro modelar de iniciação ao conhecimento de uma cidade, no caso: Paris. Também a leitura da cidade de Belém – que, no início do século passado, na *Belle Époque*, sonhou em ser uma “Paris n’ América” – é algo que pode ser apreendido: a partir do contato com sua fisionomia arquitetônica e urbana, do convívio com seus habitantes e do estudo de retratos exemplares deixados pelos escritores mestres. (RILKE<sup>39</sup>, 1910 apud BOLLE, 2008, p. 99, grifo meu).

Uma obra fundamental para o conhecimento da Amazônia no século XX é o “Ciclo do Extremo Norte”, do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-

---

Cardoso Rodrigues, Josse Fares, Paulo Nunes, Gutemberg Guerra, Júlia Maués, Sílvio Holanda, Marli Tereza Furtado, Marcos Vinnícius Leite, Gunter Karl Pressler e Josebel Akel Fares.

<sup>39</sup> RILKE, Rainer Maria. *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. Tradução de Paulo Quintela. Porto: Inova, s.d. (Original: *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*, 1910).

1979), que trata de Belém, Marajó e do Baixo Amazonas. Esse conjunto de dez romances, de quase 3.000 páginas, oferece uma apresentação da história e da cultura cotidianas dos habitantes da região, sobretudo das camadas mais baixas, que é exemplo em termos de abrangência e minuciosidade (BOLLE, 2011a, p. 44, grifo meu).

O fato de o projeto de Dalcídio Jurandir, em uma de suas primeiras ‘oscilações’, filiar-se à poética do romance documental e de crítica social, predominante na literatura brasileira dos anos 1930, implica, sem dúvida, algumas limitações estéticas, como já foi apontado pela recepção. A boa alternativa, no entanto, não é isolar o ‘estético’ do seu contexto histórico, social e político (BOLLE, 2011b, p. 428, grifo meu).

Por certo, “Jurandir narra as histórias de gente de Marajó, como gente deste mundo em forma de uma ‘sociologia poética ou romanceada’” (EAGLETON<sup>40</sup>, 1993, p. 240 apud PRESSLER, 2010, p. 251). Essa afirmação figura no livro *Amazônia: região universal e teatro do mundo* que reúne artigos “das áreas de história e geografia, antropologia e etnologia, sociologia e economia, literatura, comunicação e cultura, [...] como uma introdução multidisciplinar às principais questões ligadas à Amazônia, sob a ótica das ciências humanas” (BOLLE; CASTRO; VEJMEKKA, 2010, p. 7, grifo meu).

Outra abordagem cultural, na linha que se vale da literatura para examinar a região amazônica, foi bem guiada por Relivaldo Pinho de Oliveira em sua dissertação de mestrado *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica de João de Jesus Paes Loureiro* (OLIVEIRA, 2003). O poeta paraense é doutor em sociologia da cultura pela *Sorbonne* em Paris. Seu tema exposto na escola francesa recebeu a denominação de *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* (LOUREIRO, 2001). O trabalho de Oliveira, conduzido no NAEA, teve a orientação de Ernani Chaves – professor de filosofia–, para quem a poesia nos “oferece, da mesma maneira que a filosofia ou a ciência, um conhecimento sobre o que chamamos de ‘realidade’, embora o faça por caminhos diversos” (CHAVES, 2003, p. 12).

De qualquer forma, pensar e interpretar a realidade da Amazônia não pode desconsiderar a sua história e a sua sociedade, pois a região não é apenas sinônimo de natureza ou de meio físico.

Cultura e natureza não se excluem, à medida que, como fonte de símbolos e cenário da memória, o mundo natural está decisivamente inserido no desejo do homem, e assume, a cada momento histórico e em cada cultura, significados particulares cuja operacionalização e mobilização podem ser observados pela análise histórica (MURARI, 2002, p. 46).

---

<sup>40</sup> EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Tradução de Mário Sá Rego. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Insiste Almeida que a interpretação da Amazônia não deve dispensar o olhar penetrante para os sujeitos sociais, a sociedade, a cultura:

Após a II Guerra Mundial já estava rompido o argumento colonialista que considerava “o homem como parte da natureza”. À própria noção de “homem” se sobrepujam designações localizadas e critérios de gênero, representando uma forma de politização, traduzida por atos coletivos que separam o “homem”, agente social, da “natureza”, meio físico. O determinismo geográfico e ambiental perdera sua força explicativa com a antropogeografia ou com a geografia cultural, reconhecendo a reciprocidade de influências entre o homem e o meio, entre o natural e o cultural (ALMEIDA, 2008, p. 36).

## 2.2 PENSAMENTO SOCIAL: TEXTOS E CONTEXTOS

Em *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*, Bastos (2007, p. 6) lança a pergunta fundamental com vistas à definição metodológica de um projeto: “Como estudar o pensamento social?”. E continua com suas indagações provocativas: Se queremos estudar um autor, “qual o procedimento adequado para se chegar ao entendimento de sua obra?”. Sem dúvida, as respostas às questões são essenciais na fixação da metodologia de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica sobre pensamento social – com o devido exame bibliográfico e o uso adequado dos amparos teóricos que a fundamentam. As análises a respeito do pensamento social costumam incluir, de modo simultâneo, duas variáveis: tanto o texto da obra em si como o contexto em que ela foi produzida. Entretanto, há divergências entre os analistas: alguns autores são exclusivamente intertextualista e outros eminentemente contextualistas. Nessa questão, há uma diretriz proposta por Quentin Skinner e avalizada por Elide Rugai Bastos:

A partir das restrições apresentadas em relação às duas metodologias, buscando superar seus limites, [Skinner] passa a uma proposta que busca abordar a história intelectual de um modo simultaneamente intertextualista e contextualista. Mostra que existem inúmeras coisas importantes a serem computadas, além do próprio texto, para que de fato se alcance sua compreensão (SKINNER<sup>41</sup>, 1969 apud BASTOS, 2007, p. 8, grifos meus).

[...] para pensar uma obra é necessário restituí-la a seu tempo, reconstituindo o contexto intelectual, político e social no qual se insere e não pensá-la autonomamente das outras produções intelectuais. Assim, para entender-se o texto é necessário ir além dele (BASTOS, 2007, p. 12).

---

<sup>41</sup> SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In: *History and Theory*, n. 8, 1969, p. 35-53.



Ricardo Benzaquen de Araújo demonstra concordar com esse posicionamento:

A área de [pensamento social] atingiu um amadurecimento intelectual bastante significativo, tendo já mapeado, ao menos até certo ponto, parte dos mais importantes debates “sociológicos” do século XX. Ela também desenvolve, há tempos, um esforço no sentido de examinar de forma mais sistemática [...] o século XIX. [...] Quanto às abordagens, a velha oposição entre uma perspectiva que privilegia a análise interna dos textos e uma outra que procura explicá-los pelo destaque concedido ao contexto – em suas múltiplas dimensões –, começa a conviver com posições que buscam combinar esses dois pontos de vista e portanto matizar aquela oposição (ARAÚJO, 2011, p. 142, grifos meus).

Antes de discorrer sobre teorias e métodos que visam à análise de uma obra ou de uma produção intelectual, observo que a variedade de textos e contextos perquiridos na área do pensamento social deve ser o principal fator determinante de sua exigência multidisciplinar, pois, para citar alguns poucos exemplos, Antonio Candido é objeto de estudos na área de literatura e também na de pensamento social, Sérgio Buarque de Holanda é objeto na área de história e também na de pensamento social, Darcy Ribeiro é objeto na área de antropologia e também na de pensamento social, Celso Furtado é objeto na área de economia e também na de pensamento social, Machado de Assis é objeto na área de literatura e também na de pensamento social.

Necessariamente multidisciplinar, tal campo de estudos apresenta contornos diversos em função dos acentos teóricos e metodológicos próprios das disciplinas que o integram. ‘História intelectual e cultural’, ‘história das ideias’, ‘sociologia da cultura e da vida intelectual’, ‘história das mentalidades’, ‘etnografia do pensamento e da ciência’, tais são algumas das denominações utilizadas por seus atualizadores para circunscrevê-lo (PONTES, 1997, não paginada)<sup>42</sup>.

Observo ainda que esse “amadurecimento intelectual” da área constatado por Araújo (2011, p. 142) é também resultante, com certeza, de iniciativas, desde 1981, da ANPOCS (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS, 2011), através do *Grupo de Trabalho Pensamento Social no Brasil*, que ensejou inúmeros debates, congressos e publicações (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009). Nessa linha, a temática vem igualmente conquistando cada vez mais espaço nas agendas da SBS (SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 2011) e da ALAS (ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA, 2011).

---

<sup>42</sup> Observo que o texto obtido no *site* da ANPOCS não tem a indicação do número da página.

O trabalho sobre Benedito Nunes como intérprete da Amazônia, estudado na área de pensamento social, que é o tema desta dissertação, já foi apresentado em Belém – no encontro da SBS da Região Norte (GUIMARÃES, 2010a) – e em congresso internacional da ALAS ocorrido em Recife (GUIMARÃES, 2011b), entre outros eventos. Está veiculado na revista do Museu Paraense Emílio Goeldi, em forma de artigo, sob o título *Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia* (GUIMARÃES; CASTRO, 2011). Deverá compor também o segundo volume de *Vozes da Amazônia* – no prelo, com selo da editora da UFAM–, com a denominação *Benedito Nunes: voz e imagens da Amazônia* (CASTRO; GUIMARÃES, 2012).

Volto ainda ao “amadurecimento intelectual” da área de pensamento social referido por Araújo (2011, p. 142) para encerrar este item da dissertação reproduzindo o resumo de uma certa periodização da natureza dos estudos, por temática desenvolvida ao longo do tempo:

Se até os anos 1930 o pensamento social era marcado pelo ensaísmo e orientado para a definição da identidade nacional, a partir dos anos 1940, com a institucionalização dos cursos de Ciências Sociais, surge a preocupação com o caráter científico da Sociologia [...], [o que] tem a ver com os processos mais amplos de modernização da sociedade e de democratização do sistema político, tanto no Brasil como no restante da América Latina. O tema dominante desta segunda etapa, que vai até os anos 1970, é o do desenvolvimento, explorado em conexão com os estudos sobre classes sociais e transformações revolucionárias, frequentemente orientados pela abordagem marxista e pela busca de ruptura com as visões dualistas. A partir dos anos 1980, no contexto dos movimentos de redemocratização de vários países latino-americanos, a temática da diversidade e da cidadania, associada à emergência de novos atores coletivos que não se identificam com a categoria classe social, ganha relevo, levando ao questionamento dos paradigmas clássicos. Nos anos mais recentes, novas transformações sociais, ligadas ao fim da guerra fria, à globalização e à redefinição da hegemonia norte-americana, impulsionam as análises microssociológicas e o ecletismo metodológico (BASTOS et al., 2006, p. 8-9)<sup>43</sup>.

### 2.3 CAMPO INTELECTUAL SEGUNDO PIERRE BOURDIEU

Pierre Bourdieu (1930–2002) tem obra inovadora nas ciências sociais, contribuindo sobretudo para o desenvolvimento de pesquisas sociológicas. Ele atuou destacadamente na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, no *Collège de France* e na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Sua produção intelectual é vasta e, para efeito deste trabalho

---

<sup>43</sup> A citação é retirada do livro *Conversas com sociólogos brasileiros*, de 2006, resenhado por Nísia Trindade Lima (2008). Entre os organizadores da obra, figura José Marcio Rego, que antes entrevistou Benedito Nunes (2000c) para o livro *Conversas com filósofos brasileiros*.

sobre o pensamento social brasileiro, o interesse maior recai sobre o entendimento do conceito que ele atribuiu a campo intelectual.

Retorno à necessidade de compreensão de produto cultural composto basicamente de textos em suas diferentes formas de apresentação, entendendo, todavia, que não posso limitar minha análise exclusivamente a esses textos, como se eles fossem absolutamente autônomos. Com o mesmo raciocínio, no extremo oposto, não devo desconsiderá-los na essência e tão somente relacioná-los diretamente ao contexto social em que foram construídos, provocando o que Bourdieu (2004, p. 20) chama de “erro de curto-circuito”. Entre essas extremidades, que são polos distanciados, existe um “universo intermediário” chamado campo (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Ora, a noção de campo desenhada pelo estudioso francês indica uma possibilidade concreta de direção às pesquisas que visam à interpretação de uma produção intelectual – seja ela literária, filosófica, científica, artística etc<sup>44</sup>. A “formulação conceitual” da noção de campo e “seu emprego na prática analítica” partiram das “reflexões [de Bourdieu] sobre as condições sociais de emergência e operação da atividade intelectual” (MICELI, 2003, p. 63, grifo meu). O que interessava a Bourdieu era saber “como a sociologia poderia e deveria apreender o trabalho intelectual” (MICELI, 2003, p. 66).

Bourdieu deu recheio sociológico à sua compreensão da atividade intelectual e artística. [...]  
[Elaborou] um modelo de encaixe e interpretação dos fatores sociais retidos como pertinentes para dar conta de um dado estado da cena intelectual (MICELI, 2003, p. 64).

Segundo Bourdieu (2004, p. 21), o campo intelectual é um “mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc.”. “Todo campo [...] é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). O campo intelectual tem agentes – escritores, editores e instituições, por exemplo – que se relacionam de acordo com alguns princípios. Assim, o campo intelectual “comanda os pontos de vista, [...] as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas [...], os objetos [de interesse]” (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Para Bourdieu (2004), no campo, os agentes têm posição, ocupada por cada um de acordo com o seu capital intelectual ou científico, decorrente desse poder simbólico que, por sua vez, está subdividido em duas espécies no mesmo campo: capital político ou temporal

---

<sup>44</sup> Para Pontes (1997, não paginada), “ideias e obras estão apoiadas em processos sociais concretos e contextos intelectuais precisos”.

(ocupação de posição nas instituições) e capital específico ou puro ou ainda prestígio intelectual pessoal. A estrutura do campo é,

*grosso modo*, determinada pela distribuição do capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume do seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço (BOURDIEU, 2004, p. 24).

Os agentes de um campo são portadores de *habitus*, outro termo conceituado por Bourdieu (MICELI, 2003, p. 65): é um “sistema de disposições socialmente constituídas de um grupo de agentes”. Bourdieu elegeu o *habitus* “como princípio unificador e gerador de todas as práticas” do campo (MICELI, 2003, p. 65).

#### 2.4 O DISCURSO NA INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur (1913-2005), também francês, nasceu dezessete anos antes de Bourdieu, embora tenha morrido dois anos mais tarde. A divulgação do seu pensamento ocorreu depois da Segunda Guerra, período de grande efervescência intelectual. Ricoeur lecionou na França – *Sorbonne* –, na Bélgica e nos Estados Unidos. Sua obra engloba muitos títulos, especialmente nas áreas de filosofia, linguística, hermenêutica – inclusive dos textos sagrados do cristianismo –, e fenomenologia, sempre com abordagem interdisciplinar.

Benedito Nunes marca presença na recepção dos livros de Ricoeur no Brasil, pois se interessou pelo autor desde as suas primeiras viagens à Europa, quando chegaram a ter uma conversa<sup>45</sup> a dois. Dedicou-lhe o último capítulo (*Fenomenologia e hermenêutica: Ricoeur*) do livro *Filosofia contemporânea* (NUNES, 2004b), movimentado em quatro itens: *Narrativa, discurso e tempo; Tempo, ação e mimesis; Tempo e ficção; Tempo e história* – dos quais se depreende os principais motivos da atração de Benedito pelo patrimônio de Ricoeur. Noutra feita, em *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*<sup>46</sup>, Benedito (2007c) procura desvendar o pensamento de Ricoeur, com foco móvel para outros consagrados exegetas, reunindo-os em um feixe de discursos cotejados, através do ensaio *Confrontos: Martin Heidegger, Gaston Bachelard e Paul Ricoeur: “Graças à escrita, o mundo do texto pode fazer*

<sup>45</sup> Ricoeur “morava num lugar muito bonito fora de Paris, e eu me lembro caminhando com ele por um bosque belíssimo. A casa dele era pequena e dava para esse bosque. É quase uma impressão paradisíaca que eu tenho desse bosque tão lindo com árvores tão grandes” (NUNES, 2008b, p. 21).

<sup>46</sup> O livro reúne textos decorrentes de aulas ministradas por Benedito Nunes, em 1994, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (NUNES, 2007c).

explodir o mundo do autor. Contudo, o que é verdadeiro das condições psicológicas também o é das condições sociológicas da produção do texto” (NUNES, 2007c, p. 146, grifo meu). Em colóquio realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Benedito apresenta a conferência *Narrativa histórica e narrativa ficcional*, que tem base nas ideias de Ricoeur e foi replicada em publicações: o ensaísta paraense assinala que um texto proporciona “em última instância, o conhecimento do mundo por meio do mundo da obra, [pois] a *coisa* do texto é a sua saída para o real” (NUNES, 2010d, p. 312).

A produção de Ricoeur, como a de Bourdieu, é vasta. Mas, para efeito deste trabalho, a minha atenção está voltada para o livro *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*, escrito a propósito da linguagem e da análise do discurso, direcionado portanto à interpretação de textos e à filosofia compreensiva da linguagem: espelha as conferências proferidas por Ricoeur no ano de 1973 na *Texas Christian University* em busca de “uma solução para um problema singular, o de compreender a linguagem em termos de produções como poemas, narrativas e ensaios, quer sejam literários ou filosóficos” (RICOEUR, 2009, p. X).

Sem dúvida, além do livro do pensador europeu citado, os conhecimentos de Benedito a respeito dessa obra também são meus faróis: “O discurso, que tem a natureza de acontecimento, é temporal; ato do sujeito como interlocutor, que se comunica com outrem a respeito de alguma coisa, combina sentido e referência” (NUNES, 2010d, p. 311, grifo meu).

Apreendo da leitura de Ricoeur (2009) que, na interpretação de um texto, devem ser vistos fatores como: as palavras partem de uma atividade que as organizam e configuram o texto, procurando assim transmitir algum sentimento; todo texto é construído com uma dinâmica interna e própria, que precisa ser encontrada por quem o interpreta; além dessa dinâmica interna, é fundamental avaliar se o texto tem a capacidade de se projetar fora de si, criando um mundo que é a *coisa* do texto. Há outros pontos a avaliar em um texto, que coloco em forma de perguntas. Por exemplo: Na totalidade do texto, há fatos dispersos e heterogêneos? O autor consegue reuni-los? Afinal, “uma obra de discurso é mais do que uma sequência linear de frases, é um processo cumulativo, holístico”, daí ser indispensável encontrar “a relação entre o todo e as partes” (RICOEUR, 2009, p. 108, grifo meu).

Por fim, assevero que Ricoeur enfatiza que os atos de compreensão de um texto fazem parte do que ele chama de ‘conjectura’. Entendo portanto que essa compreensão é entrevista, suposta, presumida, mas se aproxima da verdade através de um processo dialético. “A compreensão é para a leitura o que o evento do discurso é para a enunciação do discurso” (RICOEUR, 2009, p. 102).

O sentido de um discurso não está por detrás do texto, mas à sua frente. Não é algo de oculto, mas algo de descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva no texto. [...]

O texto fala de um mundo possível e de um modo possível de alguém nele se orientar. As dimensões deste mundo são propriamente abertas e descortinadas pelo texto. O discurso é, para a linguagem escrita, o equivalente da referência ostensiva para a linguagem falada. Vai além da mera função de apontar e mostrar o que já existe e, neste sentido, transcende a função da referência ostensiva, ligada à linguagem falada (RICOEUR, 2009, p. 122, grifo meu).

### 3 CAPÍTULO 2: BENEDITO NUNES: VIDA E OBRA

Para ser grande, sê inteiro: nada  
 Teu exagera ou exclui.  
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
 No mínimo que fazes.  
 Assim em cada lago a lua toda  
 Brilha, porque alta vive.

(PESSOA, 1983, p. 146).

#### 3.1 REGISTROS IMPORTANTES

Benedito Nunes nasceu em Belém em 1929 e faleceu em 2011. Sempre residiu na capital do Pará, embora tenha feito muitas viagens ao exterior e a outros estados brasileiros, sobretudo voltadas a estudos ou como professor. Bacharelou-se em direito. Casou-se com Maria Sylvia, sua colega de curso. A Fotografia 5 reúne fotografias de Benedito e Maria Sylvia Nunes, em diferentes ocasiões.

**Fotografia 5** – Benedito e Maria Sylvia<sup>47</sup>.



<sup>47</sup> Ao lado de Benedito e Maria Sylvia figuram, entre outros, Paschoal Carlos Magno, Victor Sales Pinheiro, Benjamin Magno e Silva, Jucimara Tarricone.

Benedito trabalhou na antiga Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e no Tribunal de Contas do Estado do Pará (TCE), contribuindo assim na ordem da ação prática, com o pensamento sobre o planejamento, as políticas públicas e, enfim, o desenvolvimento regional. No entanto, sua maior contribuição como intelectual vem da reflexão acadêmica. Foi professor emérito da UFPA e, como professor visitante, de universidades no exterior. Conforme José Carlos Castro (1999, p. 13):

No exterior, lecionou e dirigiu seminários na Université de Haute Bretagne – Rennes II, na França; na University of Texas at Austin (EUA); Vanderbilt University, em Nashville (EUA); Universidade de Stanford (EUA); Universidade de Yale (EUA); Universidade de Montreal (Canadá), também em Portugal e Uruguai. Benedito Nunes exerceu importantes funções na UFPA: [...] coordenador do Serviço de Teatro (1962-1967); [...] coordenador da publicação dos Diálogos de Platão (XIII Tomos), traduzidos do grego por Carlos Alberto Nunes, editados pela UFPA, coleção Amazônica, série Farias Brito (1974-1980); autor do projeto e da exposição de motivos para criação do Curso de Filosofia (1975), que passou a coordenar e dirigir o seu colegiado a partir de 1976.

Aproveito esse comentário de José Carlos Castro para documentar mais dois detalhes representativos da trajetória de Benedito Nunes. Primeiro, o próprio Benedito escreve acerca da experiência em Austin, onde encontrou o poeta Haroldo de Campos, no mesmo programa na Universidade do Texas, e os dois conversaram a respeito de Heidegger. Depois, como segundo registro, Therezinha Gueiros – componente, como José Carlos Castro, do primeiro grupo de professores da UFPA orientados e preparados por Benedito para o ensino da filosofia – aborda aquele momento da história da universidade paraense.

No começo de 1981, professores visitantes [...], encontramos-nos, eu e Haroldo de Campos, sob o céu friorento de um indeciso inverno texano. Visitei-o num fim de tarde; primeiro locatário do apartamento, já familiarizado com suas *water bugs*, foi indiferente a essas ‘baratas legionárias’, ‘minúsculos abantesmas’ a povoar o cotidiano de *Austineia desvairada*, que li para o poeta, de um livro então em andamento, *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*<sup>48</sup>, um ou talvez dois capítulos referentes à concepção heideggeriana da linguagem e da poesia, em uma de cujas fontes principais, *Aus einem Gespräch von der Sprache* (de uma conversação da linguagem), já tinha ele se adentrado (NUNES, 2005a, p. 107).

Éramos seis naquele pequeno grupo, movidos por um *encantamento* todo peculiar, comum aos que se encontram com a Filosofia e a atividade que lhe é correspondente. Quatro de nós, recentemente concursados (1971) –

---

<sup>48</sup> Livro de Benedito Nunes com primeira edição em 1986, portanto cinco anos depois da conversa com Haroldo de Campos.



Hildeberto Bitar, José Carlos Castro, Armando Avellar e eu–, nos tornáramos Auxiliares de Ensino, incumbidos de assumir as turmas de Introdução à Filosofia, disciplina constitutiva do recém-instituído Ciclo Básico, então preparatório e classificatório aos Bacharelados e Licenciaturas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Carlos Coimbra, já professor da Universidade, ofereceu-se para juntar-se ao grupo, sob a chancela e orientação do mestre Benedito Nunes.

Presumo que cada um de nós, a seu tempo e a sua maneira, viveu o próprio *thaumatsein*, aquela *admiração-estranheza* consequente que impulsiona a busca filosófica (GUEIROS, 2011, p. 203)

No Collège de France, Benedito foi aluno dos cursos de Paul Ricoeur e de Maurice Merleau-Ponty. Realizou estudos de pós-graduação com pesquisas sobre o modernismo brasileiro, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne. Foi bolsista da Guggenheim Foundation em 1970. Na UFPA, aposentou-se em 1992, mas prosseguiu sua trajetória intelectual pronunciando conferências e dedicando-se à própria produção bibliográfica, cercado de livros que formam sua biblioteca particular. De 2004 a 2010, participou assiduamente das atividades do CCFC, ministrando cursos e fazendo palestras, programação sempre aberta gratuitamente ao público interessado em literatura e filosofia, bem como na aproximação dessas áreas do conhecimento que compõe o traço mais forte da sua obra.

Benedito publicou livros como *O mundo de Clarice Lispector*, *Introdução à filosofia da arte*, *Filosofia contemporânea*, *O dorso do tigre*, *João Cabral de Melo Neto*, *Leitura de Clarice Lispector*, *Oswald Canibal*, *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*, *O tempo na narrativa*, *No tempo do niilismo e outros ensaios*, *Crivo de papel*, *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*, *O Nietzsche de Heidegger*, *Dois ensaios e duas lembranças*, *Heidegger & Ser e tempo*, *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* (com Milton Hatoum), *A clave do poético* e *Ensaios filosóficos*. Além desses principais trabalhos publicados, Benedito participou de coletâneas, organizou obras de outros autores – como Mário Faustino, Haroldo Maranhão, Dalcídio Jurandir e Francisco Paulo Mendes – e publicou artigos e ensaios em revistas e jornais nacionais e estrangeiros.

Assim Benedito relembrou sua primeira experiência – ao término do ginásio – como professor no Colégio Moderno, em Belém: “Ali onde comecei a dar aulas, [...] também aprendi a ensinar. É o que tenho feito na vida: aprender a aprender. Sou autodidata dos pés à cabeça”. E prosseguiu o depoimento: “Eu também não fiz curso de didática. Aprendi a ensinar a duras penas – a ensinar e a ensinar-me” (NUNES, 2009i, p. 15). Estava definida, desde cedo, a direção de quem se apaixonara pelo que a inteligência orchestra. Intelectual reverenciado no Brasil e no exterior, Benedito recebeu distinções como o Prêmio Jabuti

(concedido duas vezes pela Câmara Brasileira do Livro), o Prêmio Multicultural Estadão (jornal *O Estado de S. Paulo*), o Prêmio Ministério da Cultura / Funarte, a Comenda Ordem do Cruzeiro do Sul (concedida pelo Ministério do Exterior), a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, o título de Doutor *Honoris causa* da Universidade da Amazônia (UNAMA), o Prêmio Machado de Assis (referente ao conjunto de sua obra e concedido pela Academia Brasileira de Letras). Benedito Nunes é nome do grande auditório do Centro de Convenções da UFPA (inaugurado em 2009) e do prêmio da UFPA instituído, também em 2009, para ser concedido periodicamente às melhores teses.

Quero fazer observações, com o apoio de depoimentos escritos, a respeito do prestígio pessoal de Benedito Nunes no campo intelectual. Isso está evidente no reconhecimento de seus pares em alguns estados brasileiros.

Começo pelo Rio de Janeiro. O crítico Luiz Costa Lima (2011) assina *A pergunta desfeita* – texto inserido no livro *O amigo Bené: fazedor de rumos*, editado após o falecimento de Benedito–, lamentando não ter feito ao paraense, ao longo de muitos anos de aproximação, uma pergunta essencial:

Ainda quando dos meus primeiros livros, recebi tamanha atenção do amigo que me dizia a mim mesmo: tenho de procurá-lo, levá-lo para um canto em que não haja mais ninguém e lhe perguntar: ‘Bené, nada de polidez, [...]  você vê algum fundamento no que eu lhe disse?’.

Suponho que o leitor possa agora entender melhor a intensidade com que agora me recrimino. Se o leitor compreender, está justificada a estranha confissão. A consequência não precisa ser desenvolvida: a bondade de Bené me fez adiar a pergunta, cuja resposta agora me falta.

A quem então irei perguntar se alguma coisa que escrevi faz algum sentido? Ninguém é candidato a substituir a falta. Terei pois de continuar a escrever, mesmo porque sei que, à perdida resposta, nada mais corresponde senão a esfinge da folha em branco (LIMA, 2011, p. 237, grifos meus).

De São Paulo, recolho as palavras de Antonio Candido – pronunciadas na ocasião em que Benedito completava 80 anos – e de Franklin Leopoldo Silva<sup>49</sup> – análise do livro do autor paraense denominado *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*<sup>50</sup> (NUNES, 2007c) veiculada pela *Folha de S. Paulo*:

<sup>49</sup> O professor da USP ministrou a conferência *Benedito Nunes: a arte de pensar* em 11/08/2011, como parte do colóquio de homenagem póstuma a Benedito promovido pelo Departamento de Filosofia dessa universidade paulista.

<sup>50</sup> A primeira edição da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é de 1999.

Benedito é sobretudo um intelectual exemplar, pois com muita frequência os intelectuais têm aspectos que não são exemplares. Mas ele é exemplar sob todos os pontos de vista. Em primeiro lugar, pela grande inteligência; em segundo, pelo caráter original da inteligência. O caráter que se manifesta não apenas na retidão moral, mas na modéstia, na discrição e no senso do dever. [...]

Benedito se tornou um grande crítico literário, sendo, ao mesmo tempo, filósofo. É raríssimo. Quer dizer, o filósofo traz para a literatura o nível de reflexão e de abstração que os críticos geralmente não trazem; ele leva para a filosofia um sentimento estético e um senso de beleza que os pensadores nem sempre têm (CANDIDO apud LEITE, 2009, p. 106, grifo meu).

Como o livro [de Benedito] deriva de um conjunto de aulas ministradas sobre o tema, o texto conserva o andamento da exposição que se produz a partir da generosidade do pensador, que se dispôs a compartilhar não apenas o conhecimento profundo, mas sobretudo a afinidade e a familiaridade que lhe permitem desdobrar internamente a densidade da interrogação heideggeriana. Não se trata, portanto, somente de uma reflexão sobre a concepção de Heidegger acerca das relações entre poesia e filosofia. A interpretação se constrói como um pensar conjuntamente, que sabe tirar proveito daquilo que a interrogação irradia como possibilidade de um novo questionamento, que abala velhas respostas com a força da radicalidade de outras perguntas (SILVA, 2000, p. 6, grifo meu).

Encerro o conjunto de referências feitas a Benedito por outros intelectuais prestigiados no país, citando um trecho do posfácio da última edição do livro *O dorso do tigre*<sup>51</sup> assinado por um autor de Minas Gerais – Affonso Ávila:

[...] chamamos a atenção [...] para um livro que não só dá uma imagem da estatura que entre nós o ensaio crítico já atingiu, como também constitui uma oportuna resposta a quantos se colocam na denunciada atitude de resistência à necessidade e função da leitura crítica, da escrita reflexiva – livro que, pelo seu significado, nos suscita o presente comentário. É o volume intitulado *O dorso do tigre*, em que Benedito Nunes, este nome em ascensão da linha mais avançada de nossos estudiosos da literatura, servido por uma formação filosófica incomum em nosso meio, põe em questão e analisa temas e autores de emergente interesse (ÁVILA, 2009, p. 372-273, grifo meu).

A repercussão do pensamento e da obra de Benedito Nunes em outros recantos brasileiros já ensejou importantes pesquisas e variadas análises. Em termos de pós-graduação universitária, merecem destaque os doutorados de Jucimara Tarricone – concluído na USP, com o título *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*

<sup>51</sup> A primeira edição do livro de Benedito é de 1969. O artigo de Affonso, depois transformado em posfácio, foi originalmente publicado na *Folha de S.Paulo* em 13/04/1971 (ÁVILA, 2009).

(TARRICONE, 2011) – e de Maria de Fátima Nascimento – em desenvolvimento na Universidade de Campinas (UNICAMP), com o nome *O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira* (NASCIMENTO, 2008).

Benedito é, portanto, referência em literatura e filosofia, com leituras e trabalhos seminiais sobre Heidegger, Sartre, Nietzsche, Camus, Guimarães Rosa e Clarice Lispector – apenas para citar os mais propagados. Nessas áreas, acumula extensa fortuna crítica. No entanto, sem a mesma divulgação ou repercussão, o pensador paraense também escreveu ensaios, concedeu entrevistas e apresentou palestras sobre a Amazônia, sobre o Pará, sobre Belém (GUIMARÃES; CASTRO, 2011; GUIMARÃES, 2010a, 2011b). Mas não há dissertações ou teses que examinem Benedito como intérprete da sua própria região. A obra de Benedito ainda não foi percorrida criticamente por esse visor – daí a originalidade da pesquisa na UFPA apresentada nesta dissertação.

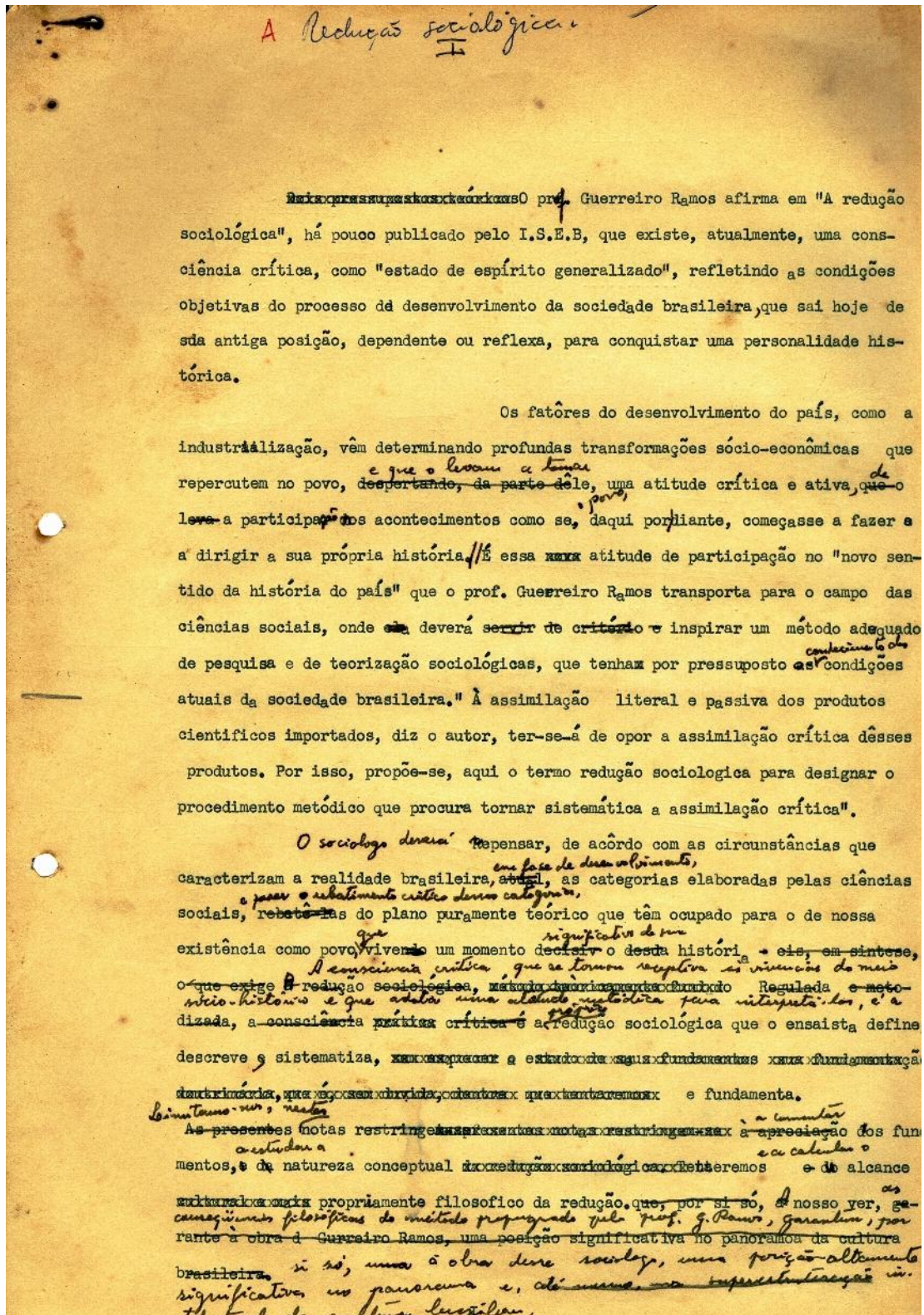
Observo que registros importantes da vida e obra de Benedito, como os comentados neste item, estão organizados no tempo, com uso de esquema gráfico, trabalho que está detalhado no Quadro 1 inserido no Capítulo 3 deste documento.

### 3.2 CONTRIBUIÇÕES À SOCIOLOGIA

Em ensaio datado de 1958 e publicado, como apêndice, na segunda edição de *A redução sociológica*, de Guerreiro Ramos, Benedito Nunes (1965) mostra seu olhar atento e interessado em interpretações da sociedade brasileira e de seu processo de desenvolvimento – identificado naquele momento com a industrialização, a constituição de nação e a construção da identidade nacional. Guerreiro, enquanto sociólogo, teve a atenção voltada também ao papel das ciências sociais no país (MALTA; KRONEMBERGER, 2009) e constava na bibliografia da disciplina que Benedito ministrava no curso de ciências sociais da UFPA, nos anos 1970.

As Fotografias 6 e 7 reproduzem os originais de Benedito, nos quais o professor formulou *Considerações sobre a redução sociológica*, em 1958. A Fotografia 8 ilustra a versão do livro de Guerreiro Ramos (1959) editada no México, onde o ensaio de Benedito aparece pela primeira vez – como prefácio. Depois, a Fotografia 9 exhibe a presença de Benedito na segunda edição brasileira de 1965 do polêmico livro *A redução sociológica* – como apêndice. As quatro fotografias estão inseridas nas páginas seguintes.

Fotografia 6 – Originais de *Considerações sobre a redução sociológica*<sup>52</sup>.



<sup>52</sup> A localização do documento histórico foi feita a partir de pesquisa, em 2012, realizada na biblioteca particular de Benedito, com base na organização do acervo empreendida por Nelson Sanjad (informação verbal).



Fotografia 7 – Originais de Considerações sobre a redução sociológica.

essencial. É possível de expressão das vivências, complementada da que  
 descrição objetiva do fluxo de uma experiência vivida, que tem  
 aspectos ~~inter-relacionados~~ duplo aspecto, noético - noético,  
 que se tem processos metódicos, ao qual podemos dizer, também que se  
 recorre de um sentido antropológico, graças ao qual foi possível  
 assentar a noção de mundos, permite, também, uma análise  
 objetiva, fenomenológica, das vivências sociais, que se apresentam  
 como fenômeno de contexto, podendo ser descritas - e compreendidas,  
 na medida em que não são dadas, da descrição ~~passiva~~  
~~Mediante base que~~ através de aproximações sucessivas,  
 em sua forma essencial. Por que se pode falar na  
 constituição de uma "ciência eidética" do social que estuda ligada  
 originariamente, à redução fenomenológica pura.

A redução sociológica, para Husserl, não são seres  
 de fundamento a uma ciência eidética do social. Ele distingue  
 entre redução e fenomenologia do social. "Esta seria o estudo  
 do modo de ser do social. A fenomenologia do social descreveria  
 como se dá o social ou instância a uma ciência, o seu ser  
 mediante o que Husserl chama o processo de redução".

A redução sociológica, como "introdução ao estudo da razão  
 sociológica, tem, segundo entendemos, duas funções que  
 se complementam, não podendo uma delas ser concebida  
 independentemente da outra. São ambas etapas distintas  
 de um procedimento único, e que se integram distintamente  
 na fase inicial de sua aplicação, e se integram em  
 que é essencialmente crítica e funcional, e que tem,  
 sua primeira função como duo o seu objetivo: "Tomar  
 sistemática a atenuação crítica".

Precisamos distinguir, no entanto, as duas funções que  
 garantem ao conceito de redução uma amplitude que  
ultrapassa o campo específico da sociologia. uma especie  
institucional que para além do campo específico de  
sociologia.

A primeira função é restituta. Define uma atitude  
 da consciência crítica, visando colocar entre parentes  
 as premissas de valor e os elementos ideológicos de que  
 se acha impregnada a sociologia estrangeira. É, "sob esse  
 aspecto, maneira de ver que obedece às regras e se expressa  
 por depurar os objetos de elementos que dificultam a

No diálogo com o autor de *A redução sociológica* (RAMOS, 1965), Benedito se debruça sobre os impasses teóricos e ideológicos da construção da objetividade no campo das ciências sociais. E interroga a pertinência metodológica da noção de ‘redução’, tal qual é empregada por Guerreiro. Considera que “aí começa a segunda função da atividade redutora: depois da crítica, ela se torna essencialmente reflexiva” (NUNES, 1965, p. 209). Então, Benedito (1965, p. 201) expressa claramente seu entendimento sobre os fundamentos de validação:

dois fundamentos teóricos, de igual importância, asseguram a validade do princípio da redução. O primeiro é a razão histórica de Dilthey que, reformulada, veio dar a razão sociológica; segundo é a ideia de mundo, tal como se encontra, hoje, na filosofia de Heidegger, depois de uma elaboração demorada, que principiou quando o método fenomenológico já estava ultimado, no período das ‘Meditações Cartesianas’ de Husserl.

O professor recorre à filosofia de Dilthey, Heidegger e Husserl, mas reflete também sobre questões metodológicas enfrentadas pela sociologia e seus dilemas teóricos como, por exemplo, no debate denominado *Tem vez o sociólogo?* – organizado com o propósito de discutir o papel desse profissional na produção do conhecimento e na intervenção social. O evento foi uma iniciativa da Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB), Seção da Região Norte, em 1976, na capital paraense<sup>53</sup>. Depois, em 1978, houve publicação desse debate, embora de forma um tanto quanto artesanal e com reduzida tiragem. Como parte de seus comentários durante o encontro, Benedito observa que

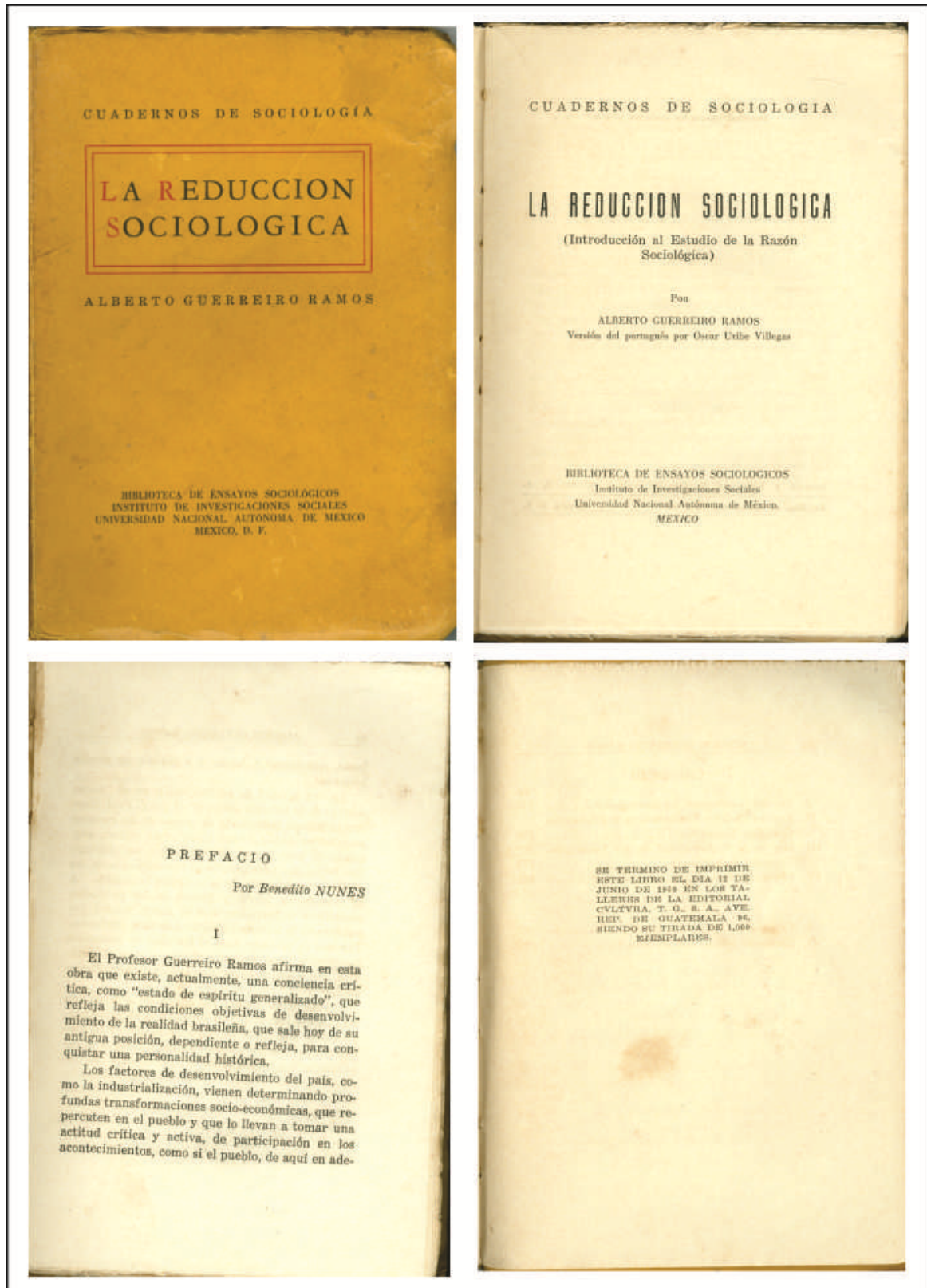
as formulações ousadas, como as de um Bohr e de um Einstein, decorrem de uma transgressão dos paradigmas, quando o cientista passa a divergir da comunidade profissional a que pertence. Os cientistas sociais têm desse ponto de vista uma vantagem. Eles ainda não possuem paradigmas fixos. Mas devem ter (um dever que não significa imperativo categórico) uma perspectiva metodológica. Mas será uma perspectiva metodológica que não limita o estudo da ciência à simples identificação de fenômenos (ASSOCIAÇÃO DOS SOCIÓLOGOS DO BRASIL, 1978, p. 21).

---

<sup>53</sup> Na época, as formas associativas de intelectuais, nas universidades brasileiras e fora delas, notadamente na área das ciências sociais, estavam fragilizadas pelo processo político autoritário. E por isso as associações profissionais de sociólogos, ou de outras categorias, passaram a ocupar lugar de expressão das lutas pela redemocratização do país. Nesse contexto, foram formadas a ASB e suas filiações regionais que, em algumas regiões, tiveram atuação significativa. O debate *Tem vez o sociólogo?*, organizado pela ASB, teve a coordenação de Edna Maria Ramos de Castro e José Mariano Klautau de Araújo (ASSOCIAÇÃO DOS SOCIÓLOGOS DO BRASIL, 1978).

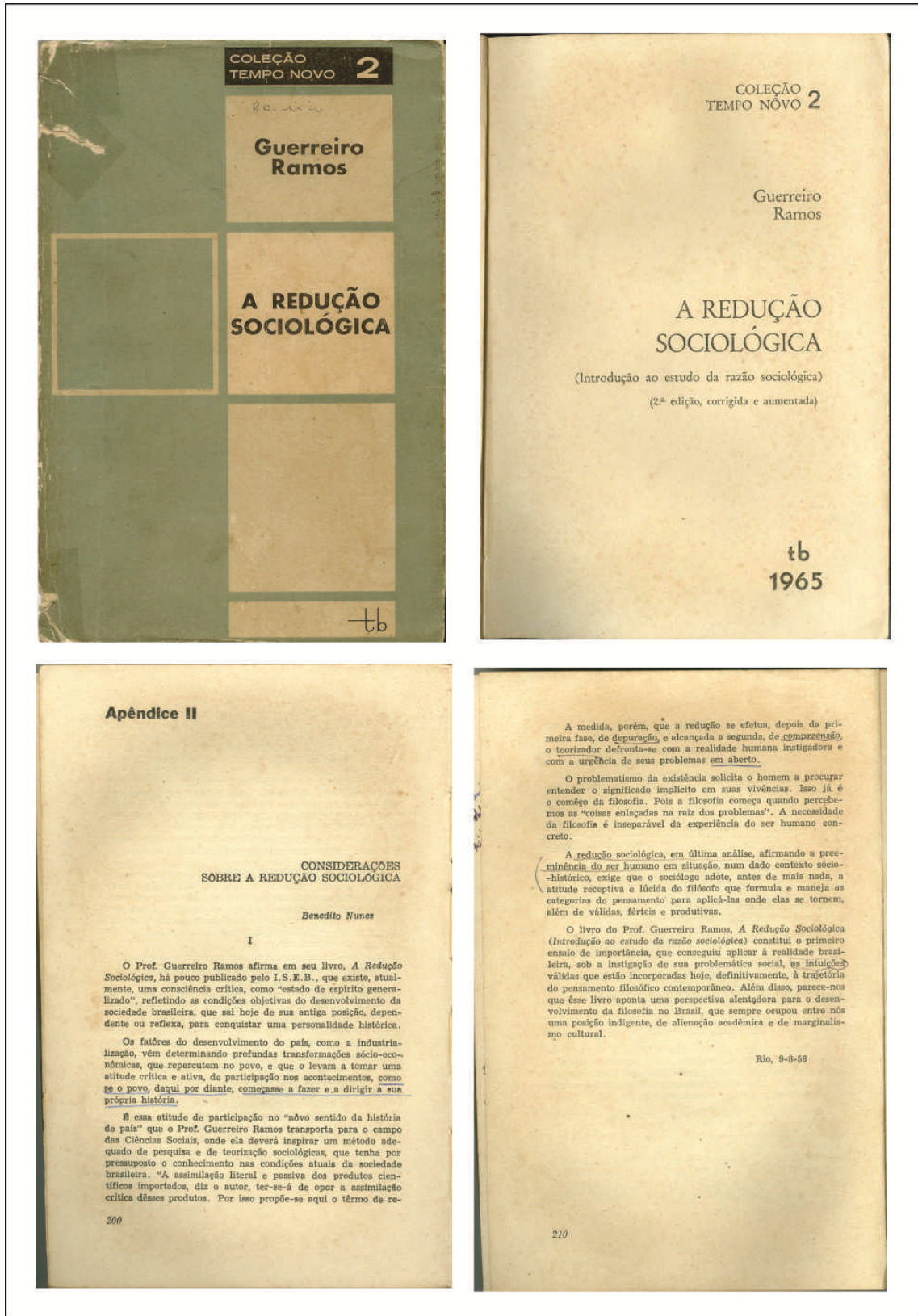


Fotografía 8 – Publicación de Guerreiro Ramos no México em 1959.





Fotografia 9 – Segunda edição brasileira de *A redução sociológica* em 1965.



Benedito contribuiu seguramente para a construção do conhecimento na área das ciências sociais. Em Belém, sua presença nesse meio é denotada pela participação marcante

como professor do curso de ciências sociais na ‘velha’ Faculdade de Filosofia – então situada à Avenida Generalíssimo Deodoro. A reflexão ia da filosofia ao ensino da epistemologia científica como dimensão da crítica do conhecimento, avaliando e interpelando variados aspectos da produção de conhecimento na sociologia e nas ciências humanas em seu sentido mais amplo. Nas aulas de epistemologia, Benedito insistia na formação teórica, filosófica e metodológica do aluno, visando a propiciar desenvolvimento intelectual que permitisse um olhar do ponto de vista da crítica do conhecimento. Dessa forma, o professor exerceu influência decisiva entre outros professores, alunos e demais círculos que frequentava.

Benedito Nunes participou ativamente na UFPA de programas de ensino e orientação de monografias de alunos, desde quando a pós-graduação se restringia a programas de aperfeiçoamento e especialização – como o curso de História da filosofia em 1974 – e poucos eram os debates no correr dos anos setenta e oitenta. Sua presença lúcida foi essencial para iluminar reflexões e aguçar o interesse pelos segredos da arte de pensar e, com essa preocupação, inseriu disciplinas filosóficas e epistemológicas nas pautas dos cursos de graduação. Assim, Benedito estabeleceu programas e participou da formação do curso de ciências sociais em 1962. A formação de cientistas sociais no Pará expressava o perfil da integração do pensamento filosófico ao sociológico, do rigor epistemológico e metodológico como condição da liberdade de pensar e de criar – o que é amplamente devido à contribuição de Benedito Nunes no processo de concepção e implantação do curso.

No início da década de 70, quando todos os alunos da UFPA passavam pela obrigatoriedade de cursar a disciplina Introdução à filosofia, o professor Benedito organizou e manteve, durante anos, em sessões semanais noturnas, um seminário para grupo de aproximadamente dez professores: versava sobre os conteúdos filosóficos das disciplinas e seus desdobramentos posteriores objetivando a graduação em filosofia. Para o seminário, Benedito produzia textos originais.

Dentre tantas outras contribuições ao campo intelectual, em Belém, destaca-se ainda a “série de seminários, coordenados e dirigidos pelo professor Benedito Nunes”, onde estiveram em debate temas de física, de filosofia, da relação entre ciência e filosofia, mas também o “processo cognitivo da ciência; a intuição criadora; ciência e ideologia; ciência, tecnologia e desenvolvimento” (BASSALO, 2009, p. 136).

Cabe aqui exemplificar o interesse de Benedito em orientar e formar novas gerações de alunos universitários. No ano de 1973, ele proferiu a aula magna da UFPA com o título *Um conceito de cultura*, conferência publicada em 1997. Em 1999, outra aula magna no início

do ano letivo: *Universidade e regionalismo*, depois editada em 2008, sob o título *Amazônia e suas culturas*. As duas aulas são analisadas no Capítulo 3.

Que é cultura geral? E de que modo contribui para a formação individual e social? A tentativa para responder a essas indagações, que circunscrevem o nosso assunto, e que, assim formuladas, também indicam o modo eminentemente reflexivo e problemático de abordagem utilizado no desenvolvimento desta exposição, põe em jogo o conceito de cultura, tão diversificado por natureza quanto polêmico (...). Trata-se de um desses conceitos quentes, em estado de fusão e reformulação, do qual é conveniente nos aproximarmos, como à busca de uma realidade ignorada, em movimento de câmara lenta (NUNES, 1997, p. 532).

“A Amazônia é um dom do Amazonas”, assim parodiava José Veríssimo, em escrito (...) sobre os aspectos econômicos da região, a famosa tirada de Heródoto, “o Egito é um dom do Nilo”. Na bacia intensa do rio navegam e pescam, com exímia destreza, adaptados, portanto, às condições do meio, os habitantes interioranos, mamelucos e tapuios na maioria (NUNES, 2008a, p. 260).

Pensador brasileiro de inteligência incomum, Benedito manifestou relevantes preocupações teóricas e epistemológicas, de pensar o universal e de destrinchar as relações entre as coisas e os acontecimentos, de entender os significados que ligam filosofia e ciência, filosofia e arte, poesia e filosofia, cultura e política, ideologia e ciência, enfim, uma reflexão completa, complexa e interdisciplinar, rompendo fronteiras do conhecimento com sua visão universalista da filosofia e da cultura – o que permite identificar as matrizes da crítica cultural adotada por Benedito Nunes, cuja sintonia era propiciada pela própria bagagem intelectual da filosofia, da crítica literária e das ciências sociais, no diálogo, sobretudo, com autores da tradição alemã e francesa que transitam da filosofia à história, à sociologia e à antropologia. Sua imersão na circulação das ideias é sensível, contextualizada à época e ao universo das interpretações produzidas por gerações de intelectuais e de críticos da cultura brasileira. Adotava sempre postura teórica da reflexividade, captando o universal dos acontecimentos, nos nexos e correlações que tecem as dimensões profundas da condição humana.

Centradas sobre o conhecimento e o papel teórico da filosofia e das ciências sociais, para entender o mundo, as intervenções de Benedito questionam o lugar da mediação e dos objetos de estudo da sociologia e da antropologia. Ensinam a pensar a cultura e a sociedade brasileira como questão – cenário de obras fantásticas que tentam entender, falar, interpretar, decifrar o que é o Brasil, o seu povo, os seus costumes, e, conseqüentemente, o pensamento social aí produzido. Os ensaios escritos por Benedito Nunes sobre obras de inúmeros autores que se perfilam entre os grandes intérpretes do Brasil, na literatura e na poesia, como

Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto, marcam pela sua originalidade e introduzem novas leituras interpretativas à crítica literária. Tais interpretações são caras às ciências sociais na medida em que contribuem para elucidar e aprofundar reflexivamente o debate no campo do pensamento social brasileiro. Benedito envereda nessa linha bem cedo, desde o artigo inicial sobre Guimarães Rosa – *Primeira notícia sobre Grande Sertão: Veredas*–, publicado no *Jornal do Brasil* em 1957 (TARRICONE, 2011). Em seu livro de estreia – *O mundo de Clarice Lispector*–, Benedito refere-se à realidade social: “Na literatura, [...] é sempre possível encontrar uma concepção-do-mundo, inerente à obra considerada em si mesma, concepção esta que deriva da atitude criadora do artista, configurando ou interpretando a realidade” (NUNES, 1966, p. 15).

Sua concepção de ciência e arte é ampla, pois se ancora na filosofia. No ensaio *Pluralismo e teoria social*, Benedito destaca o papel da filosofia e da análise literária na interpretação do mundo:

A filosofia interpreta o mundo e interpreta a si mesma. A ‘hermeneutização’ (*Hermeneutisierung*) de tudo revela-nos também que a linguagem é a principal mediadora da *referência à vida* na filosofia. Tal mediação ainda mais estreita os laços entre o filosófico e o literário (NUNES, 2010e, p. 297).

Em outro ensaio – *Filosofia e memória*–, discorre sobre a filosofia como intérprete de culturas:

Diante da diversidade das culturas, em nossa época de fastígio da ciência, como forma de conhecimento sob dominância tecnológica – época, também, de exacerbação das rupturas com o passado e de valorização ideológica do futuro, como dimensão privilegiada do tempo–, a filosofia assume, entre outras funções modestas, o encargo hermenêutico de intérprete das heranças culturais e das modalidades de consciência histórica. Com isso, a coruja de Minerva torna a encontrar seu pouso no ombro de Mnemosyne. Tal como a poesia, de que se aproxima, a filosofia tende a lembrar hoje o que não pode ser esquecido (NUNES, 2010b, p. 24-25).

É visível o interesse de Benedito em contribuir com a construção de uma consciência crítica, tomando as disputas intelectuais da sociedade brasileira como pano de fundo. Consta-se, assim, sua intenção de formar pessoas comprometidas com estudos sobre o pensamento social brasileiro.

Está sempre presente em suas orientações a preocupação com a escolha de métodos que considerem a história, de forma a contextualizar as trajetórias das ideias. Nas suas análises sobre a circulação do ideário social e político, observa-se a inclinação para traçar essa

visão de conjunto e refletir sobre marcos culturais e literários, determinantes político-culturais e institucionais relativos ao tema abordado e sua avaliação crítica.

Benedito Nunes formou intelectuais na leitura sistemática, filosófica e literária, de autores que pensam o Brasil, suas mudanças sociais, seus dilemas, a desigualdade, a relação de classes, a constituição da identidade nacional e da cultura. E, nessa perspectiva, contribui marcadamente com o campo de fluxo de ideias pela leitura crítica de seus ensaios. Logo, se aproxima, direta ou indiretamente, de grandes intérpretes consagrados da sociedade brasileira. Autores como Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Nelson Werneck Sodré, Machado de Assis, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Caio Prado Júnior, cujas obras são reconhecidas incontestavelmente como singulares no esforço de decifrar este país, fazem parte do universo literário e humanista de Benedito Nunes. Ainda hoje as obras daqueles intérpretes constituem referências e objeto de releituras de novas gerações que promovem atualizações constantes, no afã de retomarem pontos cruciais que emergem desses ‘desenhos’ do Brasil.

Assim como inúmeros outros autores que passaram pelos períodos difíceis da ditadura militar no Brasil, dos anos 1960 aos 1980, com o aparato policial montado para coibir o pensamento e a circulação de ideias, Benedito se manteve firme na postura de intelectual comprometido com o conhecimento, a liberdade de expressão e a perspectiva reflexiva. Um exemplo que levou intelectuais de sua geração e de gerações mais jovens à reflexão e à crítica social, nele se espelhando.

O interesse e a perspicácia de Benedito em buscar os subterrâneos da teoria e das metodologias difundidas à época, adotando a perspectiva analítica na sua leitura acerca da produção intelectual de autores que refletem sobre a realidade brasileira, constituem um subsídio importante no âmbito das ciências sociais e do pensamento social no país. Ainda que sua reflexão sociológica não esteja reunida ou concentrada especificamente em uma publicação, elas se encontram em diferentes documentos, livros, ensaios, entrevistas, palestras e conferências. Dizem de sua trajetória intelectual em períodos diversos, nos quais a lucidez de pensamento e a absoluta obstinação pelo saber foram os tons que marcaram seu espírito inquieto desde muito jovem. Assim, pensa a sociologia – e *Considerações sobre a redução sociológica* (NUNES, 1965) serve de exemplo – como espaço da reflexão sobre a realidade visando a compreender os processos de transformação por que passa a sociedade brasileira, em contexto de forte influência desenvolvimentista.

Trouxe a Belém, para difundir o debate, alguns intelectuais eminentes na reflexão filosófica, antropológica e sociológica que se permitiam pensar o mundo no contexto entre a



filosofia e a política, formulando a crítica à modernidade e às suas consequências, como Michel Foucault. A presença de Foucault no ano de 1976 (Fotografia 10) em Belém foi lembrada por Benedito em 2004, durante entrevista que concedeu aos professores Márcio Benchimol Barros e Ernani Pinheiro Chaves, depois publicada em 2008:

O Foucault... Tudo começou com um conhecimento muito rápido. Ele apareceu e ficou na casa do Machado Coelho, na Praça da República. [...] Fui lá e perguntei se ele não queria fazer uma palestra na Universidade [Federal do Pará]. Ele me disse ‘agora não, estou de férias, vou para o Marajó, mas ano que vem eu posso fazer’. [...] No ano seguinte, o agente consular da França me telefonou dizendo que o Foucault estava vindo fazer a tal palestra que ele prometeu. Ele ficou hospedado no Hotel Grão-Pará e durante uma semana ele fez essas palestras. Naquela época era o regime militar ainda e, justamente para que as conferências fossem proveitosas, eu peguei a turma da filosofia e fiz uma série de exposições sobre Foucault, sobre ‘As palavras e as coisas’ e outros trabalhos. [...] Foucault foi extraordinário, como sempre ele era muito brilhante. Eu fazia a intermediação, as pessoas faziam as perguntas, eu traduzia, ele dava as respostas e eu traduzia para a assistência (NUNES, 2008b, p. 21, grifo meu).

**Fotografia 10** – Imagens de Foucault em Belém<sup>54</sup>.



A partir de seus escritos, Benedito mostra a proximidade com autores brasileiros que promoviam a crítica face às contradições que imperavam na vida social. Nesse contexto, se discutia a função social da ciência e se perguntava o quanto as ciências sociais deveriam ser também um instrumento de conscientização política, ao desvendar um mundo sob o véu da dominação social, ideológica e política; ou se perquiria ainda sobre a necessidade de produzir, ao seu lado, também a mudança e a transformação da sociedade. Essa é a perspectiva

<sup>54</sup> Além de Benedito e Maria Sylvia Nunes, aparecem nas fotografias, ao lado de Foucault, os professores da UFPA José Carlos e Edna Castro.

encontrada em autores como Florestan Fernandes (MICELI, 1989) e, na linha da sociologia da cultura, igualmente em Pierre Bourdieu (2004) – que teorizou sobre as práticas dominantes no campo intelectual e as relações de poder que atravessam a sociedade, polemizando e tomando posição explícita sobre a necessidade de se evidenciar os usos sociais da ciência. Para Guerreiro Ramos (NUNES, 1965), a ciência social não tem somente uma função de organização do pensamento reflexivo sobre a sociedade – reflexão teórica, portanto–, como também de ‘reduzir’ o transplante de ideias coloniais do ocidente para o Brasil (e América Latina no seu conjunto). É o seu legado interiorizado e arraigado no ‘ser brasileiro’. E, é oportuno que se diga, no ‘ser amazônico’. O interesse maior de Benedito Nunes – estudioso da obra de Guerreiro – é pela reflexão, com o mundo do pensar e de sua crítica, pois aí reside seu precioso legado ao campo intelectual.

Em meados do século XX e por todas as décadas seguintes ocorreram no Brasil mudanças sociais de grande significado para reconfigurar a organização social no país – decorrentes dos processos de industrialização, urbanização e novas condições no mercado de trabalho–, redefinindo assim estruturas e papéis sociais. Por outro lado, no campo governamental, as políticas orientadas pela ideologia nacional-desenvolvimentista demarcavam novas fronteiras de intervenção e iriam colocar o país diante de dilemas econômicos, sociais e políticos. Ainda que se concentrassem as decisões no eixo das regiões Sul e Sudeste, essas mudanças atravessavam o país como um todo, e a elas Benedito estava atento com seu olhar perscrutador.

O tema do desenvolvimento e de sua urgência ideológica foi pauta relevante na sociedade brasileira nos anos 70, pois emergia a influência de um pensar sobre o planejamento com base nas ciências econômicas. Havia a nítida sensação de transformações econômicas, sociais e morais para as quais a ciência tinha um papel a desempenhar. Essa visão instrumental sempre esteve presente na tradição ocidental das ciências sociais, de forma bastante polêmica e fecunda ao pensamento. Relembre-se o Brasil à época de *A redução sociológica* – repito que a primeira edição é de 1958–, de Guerreiro: processos de industrialização, mudanças nas relações sociais no campo, crescimento de uma classe média com acesso a outro padrão de consumo e, conseqüentemente, mudanças no perfil da urbanização no país – tudo gerando importantes efeitos no campo científico.

Questionada sobre o que considera pensamento social e qual a distinção em relação a outros pensamentos não sociais, Lucia Lippi Oliveira (1999, p. 148, grifo meu) disse considerar que “pensamento social procura designar a produção intelectual em sentido mais abrangente e não somente aquela gerada no espaço das ciências sociais”. Ela observou ainda

que é “igualmente relevante a análise da produção de literatos, de críticos da literatura, de folcloristas entre outros” (OLIVEIRA, 1999, p. 149). Essa linha de análise foi a adotada pelo Grupo de Trabalho (GT) Pensamento Social no Brasil, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), propondo-se a interrogar não “o que somos” mas “o que já foi dito que somos”, abordando, recorrentemente, temas como “identidade nacional e modernismo porque foram essas as principais questões tratadas pelos intelectuais que se ocuparam em pensar, refletir e propor soluções para a sociedade brasileira” (OLIVEIRA, 1999, p. 166). Cultura brasileira e identidade nacional são igualmente as bases temáticas recorrentes ou “o eterno retorno” apontado por Oliven (2002, p. 16) nas interpretações sobre o Brasil, sob várias perspectivas. Referindo-se à absorção nacional de conteúdos estrangeiros, Oliven (2002, p. 32) considera que “no período pós-guerra, mais precisamente de 1946-1964, a questão nacional é retomada com intensos debates dos quais o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC) seriam exemplos eloquentes” – período no qual aumentavam as acusações da vinculação do pensamento nacional e dos intelectuais à visão colonialista. Certamente estavam em jogo rupturas produzidas, ainda que de forma não suficientemente rigorosa, nas matrizes teóricas da interpretação social. Mas se fortalecia a perspectiva colocada “contra um processo de alienação” do olhar, reivindicando interpretações próprias da sociedade e a afirmação da cultura visando à busca das raízes da identidade nacional (RAMOS, 1965, p. 90). As décadas de 50 e 60 trazem efetivamente as marcas de mudanças que ocorriam na sociedade brasileira pelos processos de modernização conservadora e crescimento econômico, no âmbito de uma reflexão sobre a formação e o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade de classes no Brasil – como mostrado pelos estudos de Florestan Fernandes (1968, 1972) sobre mudanças sociais, crescimento econômico, estrutura de classes e instabilidade política, veiculados em seus livros como *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* e *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*, por exemplo. Tais processos foram acompanhados de distúrbios políticos e contestação social. As mobilizações sociais em torno do que era de fato o Brasil – então revelado pelas análises sobre a realidade do subdesenvolvimento e a reprodução da pobreza e da desigualdade – emergem através da névoa da ideologia conservadora do nacional-desenvolvimentismo.

Ademais, é importante compreender e ampliar a discussão sobre ideias, conceitos, noções e representações que marcaram presença, em momentos e circunstâncias diferentes, na formação do pensamento social sobre a Amazônia. Cabe interrogar a respeito da sua relação com o pensamento social brasileiro e o processo de construção da identidade nacional. A



releitura da obra de Benedito Nunes impõe-se nessa direção, como também a de outros autores regionais cujas interpretações são ainda pouco visitadas. Tal linha de pesquisa é importante para o avanço dos estudos sobre a Amazônia, lembrando-se aqui algumas contribuições vindas de tradições teóricas diversas, como as de Euclides da Cunha (2009a, 2009b, 2009c), Dalcídio Jurandir (BOLLE, 2008; NUNES, 2006a), Leandro Tocantins (1973), Charles Wagley (1988), Eduardo Galvão (1955) e Djalma Batista (1976).

A longa relação e a identidade pelas inquietações sobre a vida, a cultura e o conhecimento uniu Benedito Nunes a autores paraenses – como Haroldo Maranhão, Francisco Paulo Mendes, Max Martins e Dalcídio Jurandir – e assim reafirmaram o lugar da experiência vivida, em Belém, na Amazônia, e a sensibilidade com que o professor experimentava o cotidiano, compartilhado com Maria Sylvia, como base da sua reflexão fecunda no campo da crítica literária, das artes e da filosofia.

A interpretação do pensamento social é abordada por Benedito durante entrevista, quando Márcia Mendes lança ao professor uma pergunta sobre a função do regionalismo na literatura e na filosofia. Ele faz distinção entre regional, regionalismo e amplitude universal, que resulta em extraordinária síntese sobre o sentido da cultura:

Acho que convém distinguir entre regionalismo e regional. A literatura pode ter regionalidade sem que, forçosamente, seja regionalista. A filosofia está acima das regiões; ela reside na amplitude das questões que levanta: amplitude universal. Certa literatura como a de Guimarães Rosa, que aproveita matéria regional abundante, constitui uma espécie de supra-regionalismo. Quando alguém escrevesse sobre a visão amazônica do mundo estaria aplicando um conceito filosófico (visão do mundo = *Weltanschauung*) para tirar o sumo das lendas, crenças e comportamentos do homem amazônico, no intuito de configurar um conjunto de pensamentos, ideias e atitudes (NUNES, 2009d, p. 88).

Benedito faz crítica social nas análises sobre a obra de Dalcídio Jurandir, no qual encontra um observador atento no exercício da interpretação da estrutura social, das relações da cidade com o interior, dos bairros e da fisionomia de Belém, do lugar da ilha do Marajó na sociedade regional. E Benedito se refere a *Belém do Grão-Pará* como “uma das melhores e mais completas leituras da cidade”:

Quem lê *Belém do Grão-Pará*, como o romance dos Alcântaras (o casal seu Virgílio / dona Inácia e a filha Emilinha), lê a inteira cidade dos anos vinte, tal como a tinham deixado, após o início da decadência econômica, conseqüente à crise da borracha, que culminara em 1912, as reformas do intendente (prefeito) Antônio Lemos. O drama daquela família, com a qual Alfredo vai viver, drama todo exterior, de perda de *status*, levando-a, após o

lemismo, a uma mudança de casa e de rua, está relacionado com aquela decadência (NUNES, 2006a, p. 246).

A cidade amazônica é objeto da reflexão de Benedito. Em circunstâncias e contextos diferentes, ela é revelada em sua obra. No trabalho *Pará capital Belém*, Benedito (2006) percorre o passado e desvela seus personagens, acontecimentos e contradições que se entrelaçavam no cotidiano da cidade. Descreve a fisionomia e a estética de uma cidade amazônica que tem a particularidade de uma relação estreita com a floresta, relembra ícones perdidos na memória da cidade que se distancia de si, que se desfigura e abandona relações constitutivas de sua singularidade. O trecho a seguir é precioso por explicitar nexos entre o local e o universal da condição humana, entre mundos de ideias e de imagens que a memória contém, ícones de um conjunto fisionômico:

Já existente desde 1883, como pedaço da floresta amazônica, o Bosque Municipal Rodrigues Alves, um dos 16 bosques tropicais que Lemos planejara, foi ajardinado à moda europeia em 1903. No entanto, o gosto europeu aí se tropicalizou: uma mestiçagem de majestosas árvores da hileia, altíssimas árvores de volumoso tronco, das quais pendem grossos cipós, com cascatas, lagos sinuosos, pontes, refúgios, abrigos e choupanas românticas cobertas de palha, sob os nomes de Atala, personagem de Chateaubriand, e de Paul e Virginie, o casal amoroso de Bernadin de Saint-Pierre do lado francês, e sob os de Ceci e Peri, do lado brasileiro, menos homenagem a José de Alencar do que ao maestro Carlos Gomes, que foi, como se verá, um dos nomes, senão um totem, de Belém (NUNES, 2006c, p. 29-30).

Na apresentação do livro denominado *Pará, capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade*, ao ver Belém como personagem, Benedito explica as razões dessa obra ter sido escolhida para encetar um projeto de publicação de obras completas de Haroldo Maranhão:

Porque, do cruzamento dos textos que constituem a antologia, cada um dos quais é uma maneira de ver, sentir Belém, não resulta apenas a cidade como o contexto histórico dessas fontes. As fontes são, por sua vez, fragmentos de uma memória comum, coletiva, de todos e de ninguém em particular. De qualquer forma pessoalizada, Belém vira personagem, agindo num certo meio, fadada a proceder de uma certa maneira. É uma *persona* dramática – um modo de falar, de gesticular, de andar, de comer, deitar, de dormir e sonhar. Já então a cidade se apresenta, ela mesma, como um conjunto legível – um texto para nossa leitura reflexiva, silenciosa ou em voz baixa (NUNES, 2000d, p. 9).

Em *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, Benedito, em parceria com Aldrin Moura de Figueiredo, sintetiza o dilema do conhecimento, de ordem prática e da circulação de ideias no Pará:

Singular Iluminismo o do Pará, sem contrapartida político-social. Pois, ao que parece, faltou à então província do Pará e do Maranhão, aquele contato subversivo com a Europa que ativou a Inconfidência Mineira e que introduziria os livros insurrecionais nas livrarias particulares dos prelados. Se nos faltavam universidades e imprensa, esta introduzida entre nós por Felipe Patroni em 1822 e que, anos depois, nos traria as ideias do extremista Babeuf pela propaganda do frade Luís Zagalo, como poderíamos ter tido antes e depois da época de Landi as luzes do esclarecimento? (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 24).

Por esses e outros exemplos, Benedito interpreta suas cidade com a sensibilidade rara daqueles que podem estar dentro e também fora. O professor pode olhar o contemporâneo na obra coletiva, social e cultural, que atravessa os tempos, do passado, presente e futuro.

*Pará capital Belém e Luzes e sombras do Iluminismo paraense* voltam ao foco desta dissertação no Capítulo 3.

#### 4 CAPÍTULO 3: O *CORPUS* DA PESQUISA: INVENTÁRIO E ANÁLISE

Saúdo todos os que me lerem  
 Tirando-lhes o chapéu largo  
 Quando me veem à minha porta  
 Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.  
 Saúdo-os e desejo-lhes sol,  
 E chuva, quando a chuva é precisa,  
 E que as suas casas tenham  
 Ao pé duma janela aberta  
 Uma cadeira predileta  
 Onde se sentem, lendo os meus versos.

(PESSOA, 1980, p. 34).

Este terceiro capítulo apresenta a análise detalhada dos onze textos do *corpus* – que representam um segmento ou subconjunto da obra de Benedito Nunes. A escolha do *corpus*, explicada no item *Metodologia*, foi ditada pelo propósito deste projeto: interpretar o pensamento do professor sobre a Amazônia. Listam-se a seguir os trabalhos reunidos no *corpus*, assinalados em ordem cronológica do ano de criação pelo autor:

- a) *Uma concepção geográfica da vida* – artigo de 1961, comenta o livro de Eidorfe Moreira.
- b) *Um conceito de cultura* – aula magna de 1973 proferida na UFPA.
- c) *Nota crítica* – texto de 1989 para apresentação crítica das obras reunidas de Eidorfe Moreira.
- d) *À margem do livro* – ensaio de 1995 que apresenta livro de Armando Dias Mendes.
- e) *Amazônia reinventada* – ensaio para livro de 1998 para divulgação da fotografia e de fotógrafos da Amazônia.
- f) *Universidade e regionalismo* – aula magna pronunciada na UFPA em 1999.
- g) *Luzes e sombras do Iluminismo Paraense* – trabalho do ano 2000 que tem coautoria de Aldrin Moura de Figueiredo.
- h) *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* – é parte de livro de 2004 comemorativo de aniversário do Banco da Amazônia (BASA).
- i) *Meu caminho na crítica* – conferência de Benedito Nunes na ABL em 2005.

- j) *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura* – palestra em seminário de 2006 da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) realizado em Manaus.
- k) *Pará capital Belém* – parte do livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*, editado pela Secretaria de Cultura do Pará (SECULT) e dividido com Milton Hatoum em 2006.

Esse recorte, coligindo peças escritas em 46 anos (as datas estão distribuídas de 1961 a 2006), é fruto do levantamento e da investigação levados a efeito em grande parte da criação ensaística de Benedito. A Fotografia 11 reproduz as imagens de onze capas de livros, revistas, e jornal nos quais os textos – que compõem o *corpus* – foram veiculados.

**Fotografia 11** – Onze imagens de livros, revistas e jornal.



No Quadro 1 (inserido em página no formato A3 e mostrado adiante), os onze textos aparecem datados. Construí uma espécie de linha do tempo, que se alonga de 1959 (dois anos antes do primeiro texto analisado) até 2011 (falecimento de Benedito).

Além da linha (na cor vermelha) que data os onze textos, incluí mais oito linhas (em diferentes cores) no referido Quadro 1. A intenção é visualizar o contexto, também datado, em que os trabalhos do *corpus* foram produzidos. Portanto todas as linhas coloridas são paralelas no tempo.

Destarte, a linha amarela relaciona os livros que Benedito publicou.

A azul demarca os principais prêmios e homenagens que Benedito recebeu.

A linha rosa diz respeito à participação intensa do autor paraense em jornais<sup>55</sup> que, em determinado período, reservavam largo espaço para divulgação de literatura, filosofia, história, crítica da cultura etc.

Assim como escreveu rotineiramente em jornais, Benedito também veiculou seus ensaios em revistas. Concentrei-me nesta pesquisa nas publicações feitas pela revista *Colóquio / Letras*<sup>56</sup>, periódico português sob a tutela da Fundação Calouste Gulbenkian, correspondendo à linha verde do Quadro 1.

A linha cinza marca momentos em que Benedito teve grande presença no exterior.

Enfim, mostro a linha em laranja, dividida em três subgrupos, referentes a outros demarcadores do contexto: sinais mais pessoais da vida de Benedito e de alguns autores que estudou, determinadas relações com a UFPA e marcos significativos da história desse período visualizado pelas linhas do tempo.

Cabe observar que, nesta dissertação, o Quadro 1 é referência importante e útil. Todavia, penso que seu exame poderá ser aprofundado com mais disponibilidade de tempo para pesquisa, visando à construção de um possível modelo de análise da criação intelectual de Benedito com maior incorporação do contexto levantado e, até mesmo, o arrolamento de outros marcos temporais ainda sem registro no Quadro 1.

---

<sup>55</sup> Citam-se, como exemplos mais celebrados, os jornais: *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Estado de Minas*. Tarricone (2011), em sua tese, realiza amplo levantamento dos artigos que Benedito escreveu em jornais.

<sup>56</sup> Desenvolvi pesquisa no *site* da Fundação Calouste Gulbenkian, no qual localizei 37 artigos com análises críticas de Benedito veiculadas na revista portuguesa *Colóquio / Letras*. Entre os livros analisados, alguns são de autores ligados ao Pará: Max Martins, Benedicto Monteiro, Haroldo Maranhão e Joaquim-Francisco Coelho (GULBENKIAN, 2012). A meu pedido, o caderno com o resultado dessa pesquisa foi levado à sede da instituição em Lisboa, pela professora paraense Maria Regina Maneschy Faria Sampaio, ocasião em que foram discutidas possibilidades de publicação (informação verbal).

Assinalo ademais que, além da contribuição dos meus entrevistados e das pesquisas que empreendi em diferentes fontes exibidas nas referências ao final desta dissertação, merece especial registro, na concretização do Quadro 1, os subsídios para desenhar o contexto que amanei nos livros: *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes* (TARRICONE, 2011) e *O amigo Bené: fazedor de rumos* (CHAVES, 2011b) – ambos expõem informações essenciais da biografia do professor paraense.

Organizo o *corpus* de *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* em quatro grupos na seguinte sequência:

- a) Estudos básicos de Benedito, em número de três (resultados da minha interpretação, na ordem do mais antigo para o mais recente, estão dispostos nos itens 4.1 a 4.3 deste Capítulo 3): *Um conceito de cultura, O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura, Meu caminho na crítica*;
- b) Estudos específicos sobre a região, em número de cinco, escritos exclusivamente por Benedito (resultados da interpretação, na ordem do mais recente para o mais antigo, estão alinhados nos itens 4.4 a 4.8): *Pará capital Belém, Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis), Universidade e regionalismo, Amazônia reinventada, À margem do livro*;
- c) Dois estudos de Benedito sobre um autor da região (no caso, Eidorfe Moreira), cujos detalhamentos da análise estão reunidos no item 4.9, sob o título *Caminhos para ler Eidorfe Moreira a partir da interpretação de Benedito Nunes*;
- d) Um estudo específico sobre a região – *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*–, escrito com coautoria (ensaio de Benedito Nunes e Aldrin Moura de Figueiredo, analisado no item 4.10).

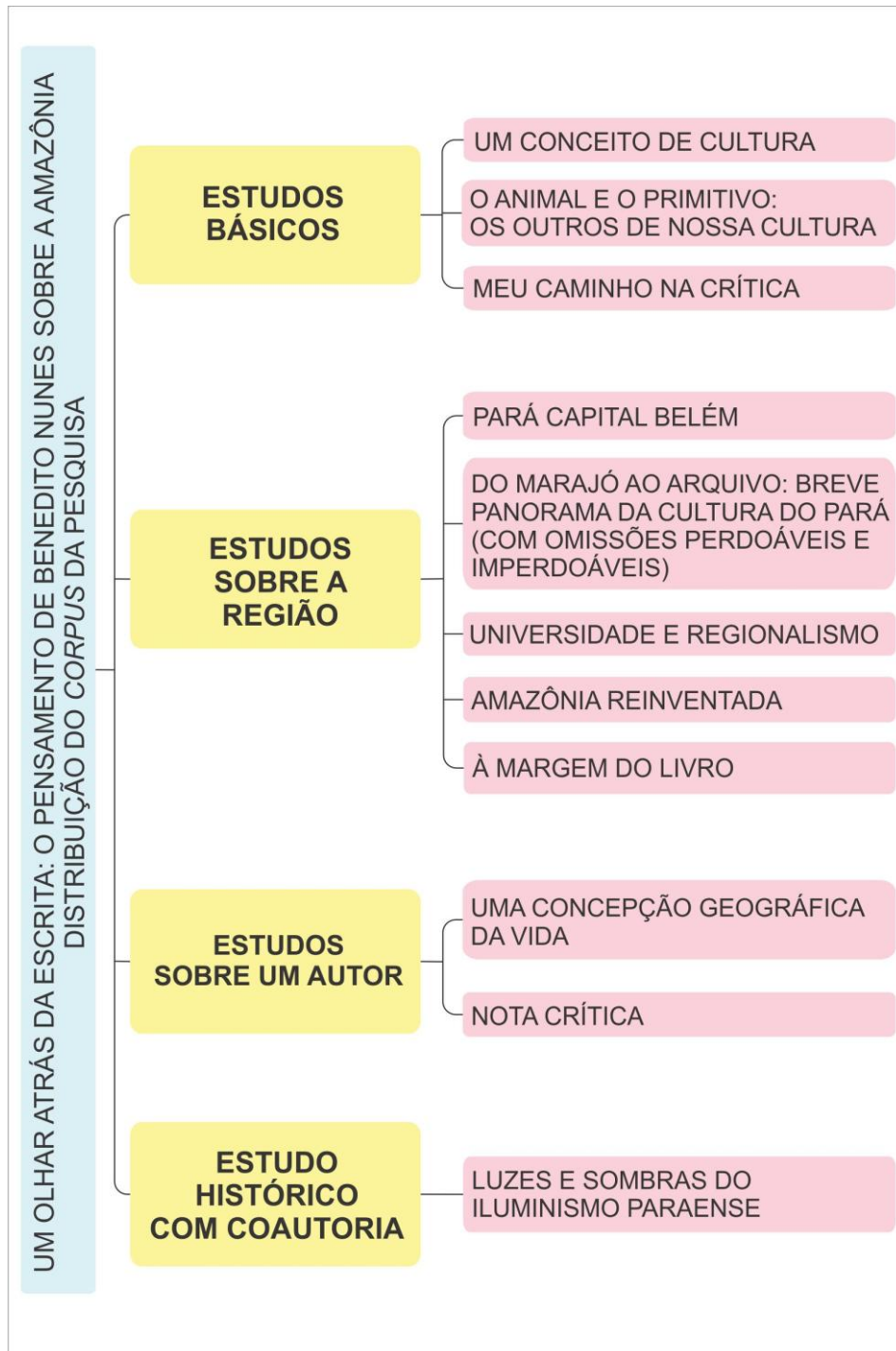
A Figura 2 exhibe a estrutura na qual aparecem agrupados e distribuídos os onze trabalhos do recorte da pesquisa sobre a obra de Benedito.

No entanto, essa ideia de estabelecer quatro subconjuntos de estudos desenvolvidos pelo professor não deve ser lida de modo estanque, mas é apenas um caminho didático para abordar, a seguir, com certa orientação lógica, os onze textos do *corpus*, em sequência.

Como disse Benedito, ao visar o todo, “as formulações compreensivas do conjunto [são] sempre falhas, mas sempre inevitáveis” (NUNES, 2010e, p. 299, grifos meus). Estou

imbuída dessa maneira de raciocinar para apresentar em seguida, através de dez itens (4.1 a 4.10) deste Capítulo 3, os resultados detalhados da minha interpretação do *corpus*, trabalho que depois é concluído no Capítulo 4, com as características mais fortes do pensamento de Benedito sobre a Amazônia.

**Figura 2** – Distribuição do *corpus* da pesquisa.





Quadro 1 - Pensamento de Benedito Nunes: textos e contextos

ANO	JORNALS	REVISTA	EXTERIOR
1959			
1960			
1961			
1962			
1963			
1964			
1965			
1966			
1967			
1968			
1969			
1970			
1971			
1972			
1973			
1974			
1975			
1976			
1977			
1978			
1979			
1980			
1981			
1982			
1983			
1984			
1985			
1986			
1987			
1988			
1989			
1990			
1991			
1992			
1993			
1994			
1995			
1996			
1997			
1998			
1999			
2000			
2001			
2002			
2003			
2004			
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			

**MARCOS 1 - registros mais pessoais**

- 01 1959 Primeira viagem ao exterior (França)
- 02 1960 Visita de Jean-Paul Sartre a Belém
- 05 1961 II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária
- 08 1962 Falecimento de Mário Faustino
- 10 1963 I Semana Nacional de Poesia em Vanguarda
- 14 1970 Bolsa da Guggenheim Foundation
- 18 1976 Visita de Michel Foucault a Belém
- 19 1977 Professor de curso de pós-graduação na UNICAMP
- 20 1977 Falecimento de Clarice Lispector
- 22 1979 Falecimento de Maria de Belém (mãe de Benedito)
- 33 1986 Falecimento de Angélica Silva (cunhada de Benedito)
- 34 1989 Falecimento de Francisco Paulo Mendes
- 35 2001 Organização de livro sobre Francisco Paulo Mendes
- 38 2006 Organização de livro sobre Dalcídio Jurandir
- 39 2007 Tese de Juçimara Tarricone na USP
- 40 2009 Falecimento de Max Martins
- 43 2011 Início das leituras de Marcel Proust
- 44 2011 Falecimento de Benedito Nunes

**MARCOS 2 - UFPA e demais instituições**

- 04 1961 Contratado como professor da UFPA
- 09 1962 Coordenação do Serviço de Teatro / UFPA (até 1967)
- 11 1964 Efetivo como professor da UFPA
- 15 1973 Implantação do NAEA
- 16 1974 Começa a publicação dos diálogos de Platão / UFPA
- 17 1975 Criação do curso de filosofia da UFPA
- 24 1980 Seminário "Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas" no NAEA
- 26 1988 Aposentadoria do TCE
- 29 1992 Aposentadoria da UFPA
- 31 1995 Curso sobre Hegel ministrado no NAEA
- 37 2004 Início das atividades no CCFC (prolongadas até 2010)
- 41 2010 Encontro com Eduardo Lourenço

**MARCOS 3 - outros registros históricos**

- 03 1960 Inauguração de Brasília por Juscelino Kubitschek
- 06 1961 Posse e renúncia de Jânio Quadros
- 07 1961 Início do governo de João Goulart
- 12 1964 Início do governo militar, sob a presidência de Castelo Branco
- 13 1968 Presidente Costa e Silva assina AI-5
- 21 1978 Ernesto Geisel extingue o AI-5
- 23 1979 João Figueiredo assina a Lei da Anistia
- 25 1985 Tancredo Neves é eleito mas, com sua morte, José Sarney assume
- 27 1989 Voto diréto eleger Fernando Collor de Melo
- 28 1989 Queda do Muro de Berlim
- 32 1992 Itamar Franco substitui Fernando Collor de Melo
- 36 2003 Início do governo de Fernando Henrique Cardoso
- 42 2011 Início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva

**LIVROS**

- 01 1966 O mundo de Clarice Lispector
- 02 1966 Introdução à filosofia da arte
- 03 1967 Filosofia contemporânea
- 04 1969 O dorso do tigre
- 05 1971 João Cabral de Melo Neto
- 06 1973 Leitura de Clarice Lispector
- 07 1974 João Cabral de Melo Neto
- 08 1976 O dorso do tigre
- 09 1979 Oswald Canabal
- 10 1986 Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger
- 11 1986 A obra poética e a crítica de Mário Faustino
- 12 1988 O tempo na narrativa
- 13 1989 O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector
- 14 1991 Introdução à filosofia da arte
- 15 1991 Filosofia contemporânea: trajetos iniciais
- 16 1992 Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger
- 17 1993 No tempo do nihilismo e outros ensaios
- 18 1993 Crônica de Saint-John Perse
- 19 1998 Crivo de papel
- 20 1999 Hermenêutica e poesia: o pensamento poético
- 21 2000 O Nietzsche de Heidegger
- 22 2000 Dois ensaios e duas lembranças
- 23 2002 Introdução à filosofia da arte
- 24 2002 Heidegger e Ser e Tempo
- 25 2004 Filosofia contemporânea: trajetos iniciais
- 26 2006 Crônica de duas cidades: Belém e Manaus
- 27 2007 João Cabral: a máquina do poema
- 28 2009 A chave do poético
- 29 2009 O dorso do tigre
- 30 2010 Ensaios filosóficos

**CORPUS**

- 01 1961 Uma concepção geográfica da vida
- 02 1973 Um conceito de cultura
- 03 1989 Nota crítica
- 04 1985 A margem do livro
- 05 1988 Amazônia reinventada
- 06 1988 Universidade e regionalismo
- 07 2000 Luzes e Sombras do Iluminismo Paraense
- 08 2004 Do Marajo ao arquivô: breve panorama da cultura do Pará...
- 09 2005 Meu caminho na crítica
- 10 2005 O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura
- 11 2006 Pará capital Belém

**PRÊMIOS**

- 01 1987 Prêmio Jabuti / CBL
- 02 1998 Professor Emérito da UFPA
- 03 1998 Prêmio Multicultural Estadão
- 04 1999 Prêmio Ministério da Cultura / FUNARTE
- 05 2003 Comenda Ordem do Cruzeiro do Sul / Ministério do Exterior
- 06 2004 Ordem do Mérito Cultural / Ministério da Cultura
- 07 2005 Prêmio APCA
- 08 2009 Doutor Honoris causa / UNAMA
- 09 2009 Nome do Centro de Convenções / UFPA
- 10 2009 Nome de Prêmio de Melhor Tese / UFPA
- 11 2009 Homenagens 80 anos / USP, UNICAMP, CCFC etc
- 12 2010 Prêmio Machado de Assis / ABL
- 13 2010 Prêmio Jabuti / CBL
- 14 2010 Nome de espaço cultural / Livraria Saralva
- 15 2011 Homenagens póstumas / USP, UFPA, MPEG, SECULT etc

#### 4.1 UM CONCEITO DE CULTURA

Em 1973, a aula magna e inaugural do ano letivo da UFPA foi proferida por Benedito, com o título *Um conceito de cultura*, conferência publicada em separata da *Revista da Universidade Federal do Pará*, no primeiro semestre do exercício (NUNES, 1973)<sup>57</sup>. Depois, em 1997, quando o NAEA – então sob a coordenação de Edna Maria Ramos de Castro – completava 25 anos e editava um livro comemorativo, o trabalho de Benedito foi republicado<sup>58</sup> nesse veículo, fato certamente indicativo da importância do assunto para a Amazônia (NUNES, 1997). O ano de 1997 carrega igualmente outro símbolo: completavam-se os 40 anos da UFPA, no mandato do reitor Marcos Ximenes Ponte.

Com o fito de melhor situar a conferência *Um conceito de cultura* em seu contexto, observo que em 1973, com 43 anos, Benedito lançava seu sexto livro. Registro ainda alguns acontecimentos em torno desse ano da aula magna: no exercício de 1970, Benedito conquistou bolsa da *Guggenheim Foundation*, instituição situada nos Estados Unidos; em 1974, começava a publicação pela UFPA dos *Diálogos* de Platão, sob a coordenação do professor; em 1975, teve início o curso de filosofia da universidade paraense, assentado em projeto de Benedito. No Brasil, desde 1968, em tempos de governos militares, vivíamos sob o AI-5, cuja extinção ocorreu somente em 1978.

Como magna é uma palavra que tem a mesma significação de importante ou relevante, superpondo o que lhe é congênere, logo de saída, Benedito Nunes (1997, p. 531) explica aos seus ouvintes e leitores que o qualificativo, além de ser uma “tradição universitária”, é justificado pelo aspecto “solene” e principalmente porque a aula é “dirigida a uma grande assembleia” – gesto de simpatia e simplicidade de Benedito que, com essa expressão, passou a importância e o brilho do evento à plateia. Para o palestrante, a reforma universitária

---

<sup>57</sup> A propósito de 1973, a “anúnciação do NAEA” ocorreu um ano antes (em 1972), conforme *Memória* elaborada pelo professor Armando Mendes (1997, p. 655). O Núcleo da UFPA “inaugurou, oficialmente, suas atividades em 1973, [...] [com] curso de pós-graduação em nível de especialização” (COSTA, 2008, p. 13). No período 1969-1973 foram desenvolvidos na universidade paraense os trabalhos da Comissão Central de Implantação da Reforma Universitária – denominação inicial –, da qual Armando foi o relator, na gestão do reitor Aloysio Chaves.

<sup>58</sup> O livro *Perspectivas do desenvolvimento sustentável (uma contribuição para a Amazônia 21)*, lançado durante as comemorações dos 25 anos do NAEA, que assegurou nova edição à conferência de Benedito, também inclui trabalhos de muitos outros autores dedicados a assuntos relativos à Amazônia: Norbert Fenzl, David McGrath, José Marcelino Monteiro da Costa, David Ferreira Carvalho, Mario Amin, Fernando Nogueira da Costa, Antonio Cordeiro de Santana, Francisco de Assis Costa, Daniel Nepstad, Tereza Ximenes, Índio Campos, Armin Mathis, Rosa Acevedo Marin, Ernani Chaves, Ligia Simonian, Ervin Frank, Maria Célia Nunes Coelho, Carlos Cardoso da Cunha Coimbra, Luis Aragón, Cristovam Wanderley Diniz e Armando Dias Mendes (XIMENES et al., 1997).

ensejou o tema a desenvolver na aula, uma vez que o novo “ciclo básico, horizontal a todos os cursos” da UFPA, estabelecido por tal mudança, tinha a intenção explícita de propiciar aos alunos “elementos de cultura geral indispensável à plena formação individual e social do aluno” (NUNES, 1997, p. 531, grifo meu). Então, Benedito se lançava um desafio, pois precisava dar resposta às questões: O que é cultura geral? O que é cultura? “Trata-se de um desses conceitos quentes, em estado de fusão e reformulação, do qual é conveniente nos aproximarmos, como à busca de uma realidade ignorada, em movimento de câmara lenta” (NUNES, 1997, p. 532, grifos meus). Daí o título da conferência: *Um conceito de cultura*.

Na minha primeira leitura do texto de Benedito, fui impactada pelo grande número de referências, feitas pelo expositor, a pensadores e autores de diferentes áreas do conhecimento: nada menos que 51 nomes – Quadro 2 (páginas a seguir)<sup>59</sup> – invocados em uma única aula! Portanto a abrangência do discurso é notadamente enciclopédica, mesmo se prestando “à rotina de uma simples aula” (NUNES, 1997, p. 531). Entendo da seguinte forma a explicação do professor: a noção de cultura, assim como as de “sociedade, conhecimento e ação”, “necessita da convergência de várias disciplinas” e pertence “ao vasto repertório de noções disciplinares e limítrofes” (NUNES, 1997, p. 531-532, grifo meu).

A propósito do enciclopedismo de Benedito, escolho um trecho do prefácio que Leyla Perrone-Moisés, professora emérita da USP, preparou para o livro *A chave do poético*:

A primeira grande qualidade de B. N. é ser um prodigioso leitor. O índice<sup>60</sup> deste volume dará uma ideia da quantidade de autores que ele leu e com os quais dialoga. Não se pode ser um grande crítico sem uma grande bagagem de leituras, e a dele é enorme. B. N. é um leitor onívoro, mas seletivo. Percorrendo seus textos críticos, vemos que nenhum dos grandes escritores de nossa língua escapou a sua atenção (PERRONE-MOISÉS, 2009, p. 16, grifo meu).

Embora *Um conceito de cultura* se revele numa conferência única, depois de tecer as considerações iniciais, Benedito estrutura sua fala em três grandes momentos ou agrupamentos lógicos. No primeiro, a explanação é sobre as acepções de cultura. Depois, no segundo, aborda culturas especializadas e a cisão na vida intelectual decorrente da partilha entre ciências e humanidades. No último segmento, o terceiro, Benedito interpreta a crise da cultura ocidental e propõe um novo humanismo.

<sup>59</sup> O Quadro 2 reúne elementos para apoiar a interpretação de três textos do *corpus*: *Um conceito de cultura*, *Meu caminho na crítica* e *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura*.

<sup>60</sup> O índice remissivo do livro *A chave do poético* – com autores e títulos citados no livro – ocupa dezesseis páginas com duas colunas (MARCHIORI, 2009; GUIMARÃES, 2010b).

**Quadro 2** – Nomes referidos nos três primeiros textos do *corpus*<sup>61</sup>.

AGOSTINHO, Santo (**)	DÜRKHEIM, Émile (*)
ALIGHIERI, Dante (*) (**)	ECKHART, Meister (**)
AMIEL, Henri-Frédéric (**)	ELIOT, Thomas Steams (*) (**)
ANDRADE, Carlos Drummond de (**)	EPICURO (**)
ARENDT, Hannah (**)	FICHTE, Johann Gottlieb (**)
ARISTÓTELES (*) (***)	FICINO, Marsilio (*)
ASSIS, Machado de (**)	FLAUBERT, Gustave (***)
BACHELARD, Gaston (**)	FOUCAULT, Michel (**)
BACON, Francis (*) (***)	FRANCE, Anatole (**)
BANDEIRA, Manuel (**)	FREGE, Gottlob (**)
BARATA, Magalhães (**)	FREUD, Sigmund (*)
BAUDELAIRE, Charles (**)	FRYE, Northrop (**)
BENEDICT, Ruth (*)	GADAMER, Hans-Georg (**)
BENJAMIN, Walter (**)	GALILEI, Galileo (*)
BENTHAM, Jeremias (***)	GEHLEN, Arnold (*)
BERGSON, Henri (**)	GIDE, André (**)
BORGES, Jorge Luis (*) (***)	GOETHE, Johann Wolfgang von (*) (**)
BRENTANO, Clemens (*)	HABERMAS, Jürgen (**)
BROCH, Hermann (**)	HEGEL, Georg Friedrich (*) (**) (***)
BRUNO, Giordano (**)	HEIDEGGER, Martin (*) (**) (***)
BURCKHARDT, Jacob (*)	HERÁCLITO (**)
CAEIRO, Alberto (**)	HESÍODO (**)
CAMÕES, Luís Vaz de (**)	HOFMANNSTHAL, Hugo von (***)
CAMPOS, Álvaro de (**)	HÖLDERLIN, Friedrich (**)
CANETTI, Elias (***)	HOMERO (*) (**)
CÉZANNE, Paul (**)	HOPKINS, Gerard Manley (**)
COETZEE, John Maxwell (***)	HUSSERL, Edmund (**)
COLERIDGE, Samuel Taylor (**)	HUXLEY, Aldous (*)
COMTE, Augusto (*)	IVO, Ledo (**)
CONDORCET, Marquês de (*)	JACOBI, Friedrich (*)
CONFÚCIO (*)	JOLLES, André (**)
COPÉRNICO, Nicolau (***)	KANT, Immanuel (*) (**)
CRUZ, São João da (**)	KIERKEGAARD, Soren (**)
DARWIN, Charles (*)	LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von (**)
DEMÓCRITO (**)	LÉRY, Jean de (*)
DESCARTES, René (*) (**) (***)	LEUCIPO (**)
DOSTOIÉVSKI, Fiódor (**)	LÉVI-STRAUSS, Claude (*) (***)

(continua)

<sup>61</sup> O objetivo do Quadro 2, disposto em duas páginas, é relacionar, em ordem alfabética, os pensadores e autores citados por Benedito nos três primeiros textos analisados neste Capítulo 3: em *Um conceito de cultura*, foram citados 51 nomes, marcados simbolicamente com (\*); no texto *Meu caminho na crítica*, 99 nomes, com selo (\*\*); finalmente, no texto *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura*, 20 nomes com a marca (\*\*\*) . Como alguns desses autores foram citados concomitantemente em mais de um texto, o número total de autores referidos por Benedito nos três textos é 146, o que é demonstrado no Quadro 2.

**Quadro 2** – Nomes referidos nos três primeiros textos do *corpus* (continuação).

LEVY-BRÜHL, Lucien (*) (***)	RENAN, Ernest (**)
LIMA, Jorge de (**)	RENOIR, Pierre-Auguste (**)
LINTON, Ralph (*)	RICOEUR, Paul (**)
LISPECTOR, Clarice (**) (***)	RILKE, Rainer Maria (**) (***)
LÍVIO, Tito (***)	RIMBAUD, Arthur (**)
LOBATO, Monteiro (**)	ROSA, João Guimarães (**)
LUCRÉCIO, Tito (**)	SANTAYANA, George (**)
MACHADO, Antonio (**)	SARTRE, Jean-Paul (*) (**)
MACHEREY, Pierre (**)	SCHLEGEL, Friedrich (**)
MAIRENA, Juan de (**)	SCHOPENHAUER, Arthur (***)
MARANHÃO, Haroldo (**)	SHAKESPEARE, William (**)
MARANHÃO, Paulo (**)	SHIBBLES, Warren (**)
MEIRELES, Cecília (**)	SINGER, Peter (***)
MELO NETO, João Cabral de (**)	SNOW, C. P. (*)
MENDES, Murilo (*) (**)	SOARES, Bernardo (**)
MENEZES, Bruno de (**)	SOURIAU, Étienne (**)
MERLEAU-PONTY, Maurice (**)	SPENGLER, Oswald (*)
MERQUIOR, José Guilherme (**)	SPINOZA, Baruch de (**)
MILL, Stuart (*)	SPRANGER, Edward (*)
MIRANDOLA, Pico de la (*)	STERN, Thomas (**)
MONTAIGNE, Michel de (*)	TAMERLÃO (*)
MORAIS, Eneida de (**)	THÉVET, André (*)
NIETZSCHE, Friedrich (*) (**)	TOLSTÓI, Leon (**)
NOVALIS (**)	TOYNBEE, Arnold (*)
OVÍDIO (**)	TRAKL, Georg (**)
PASCAL, Blaise (**)	UNAMUNO, Miguel de (**)
PATRONI, Felipe (**)	VALÉRY, Paul (*) (**)
PESSOA, Fernando (**)	VALLA, Lourenço (*)
PETRARCA, Francesco (*)	VILLEGAGNON, Nicolas Durand de (*)
PLATÃO (*) (**) (***)	VILLON, François (*)
POUND, Ezra (*)	VINCI, Leonardo da (*)
PROUST, Marcel (**)	VIRGÍLIO (**)
QUEIROZ, Eça de (**)	VIVES, Luis (*)
REBELO, Marques (**)	WEBER, Max (*)
REGO, José Lins do (**)	WHITMAN, Walt (**)
REIS, Ricardo (**)	WITTGENSTEIN, Ludwig (**)

No primeiro bloco de *Um conceito de cultura*, Thomas Stearns Eliot ou T. S. Eliot (2008)<sup>62</sup> é a tônica da exposição de Benedito, com base no livro *Notas para uma definição de cultura*. Prevê três acepções de cultura que, na verdade, compõem “as três escalas ou aspectos

<sup>62</sup> A primeira edição do livro *Notes Towards the Definition of Culture* – original na língua inglesa – é de 1948 (ASCHER, 2008).

de uma só ideia”, pois “não se opõem entre si” (NUNES, 1997, p. 534-535): acepção individual, acepção social e acepção histórica – “com ligeiras modificações de nomenclatura” (NUNES, 1997, p. 532). Procuo ilustrá-las na Figura 3, inserida na página seguinte. Traço paralelos entre os artigos indefinidos (grifos meus) usados nos dois títulos: *Notas para uma definição de cultura*, de Eliot, e *Um conceito de cultura*, de Benedito. Ambos admitem, a meu ver, que há outros conceitos e definições.

Tenho observado com crescente ansiedade a carreira desse vocábulo *cultura*, nos últimos seis ou sete anos (ELIOT, 2008, p. 24).

O termo *cultura* tem associações diferentes segundo tenhamos em mente o desenvolvimento de um *indivíduo*, de um *grupo* ou *classe*, de *toda uma sociedade*. Parte da minha tese é que a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence esse grupo ou classe (ELIOT, 2008, p. 33).

Explica Benedito que, na acepção individual, “cultura oscila entre dois polos”, compondo um eixo subjetivo (NUNES, 1997, p. 532). De um lado, “cultura corresponde ao equipamento mental do indivíduo” (NUNES, 1997, p. 533, grifo do autor). De outro lado, o termo se aproxima de *colere* (cultivar), de acordo com a própria etimologia da palavra, correspondendo ao cultivo que o indivíduo faz “de sua inteligência e de sua sensibilidade” (NUNES, 1997, p. 532).

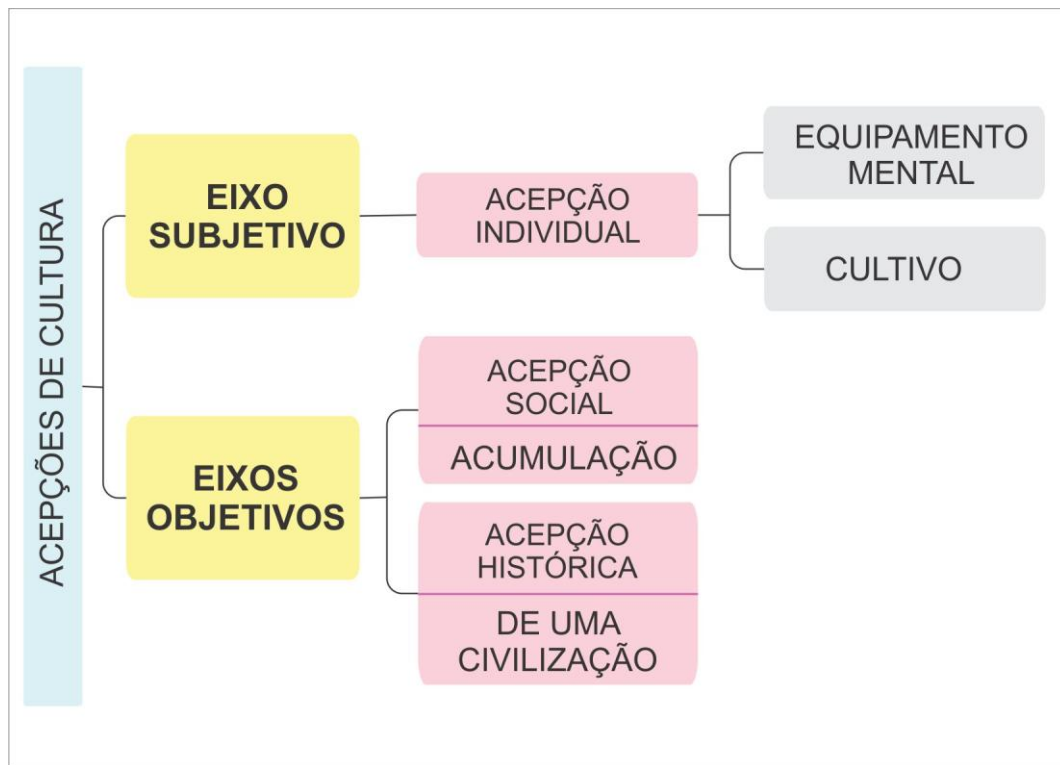
Na acepção social, o termo já não faz alusão a um indivíduo apenas, mas à sociedade, nem tem dimensão subjetiva, mas sim objetiva, pois aí está presente no cenário a acumulação de conhecimentos, ideias e valores “que existem e subsistem independentemente do sujeito” e que se transmitem como “herança [...] de geração a geração” (NUNES, 1997, p. 533).

Enfim, na sua terceira acepção, a histórica, a cultura – também em eixo objetivo – é a “fisionomia intelectual, artística e moral de uma civilização dada ou de um povo ao longo de sua história e num momento dela”, havendo portanto a ligação da cultura com “processo civilizatório” ou “processo histórico” (NUNES, 1997, p. 534, grifo do autor).

A Figura 3, a seguir, é uma apresentação gráfica, para efeito didático, que desenhei a partir das acepções de cultura de Eliot comentadas por Benedito durante a aula magna.



**Figura 3** – Acepções de cultura em Eliot comentadas por Benedito.



A respeito de Eliot, que se dedicou a organizar as acepções de cultura, relato um episódio<sup>63</sup> enriquecedor que me permitiu fazer a leitura de alguns traços do perfil de Benedito Nunes (informação verbal). Quando comecei a ler *Um conceito de cultura*, em 2009, e dirigi ao professor as primeiras dúvidas e questões sobre o texto, ele me perguntou: – Você leu *Notas para uma definição de cultura*? Com a minha resposta negativa, pois eu apenas conhecia um pouco do Eliot poeta<sup>64</sup>, ele replicou: – Eu lhe empresto o meu exemplar e empresto também *A decadência do Ocidente*, de Spengler, que você deve ler. Ato contínuo, ele foi atrás dos dois livros nas suas bibliotecas caseiras, mas não os encontrou. – Emprestei a alguém que não me devolveu... Mas ele não voltara de mãos vazias: – Vou lhe emprestar *De poesias e poetas*, também do Eliot. Depois, já em casa, comprei pela *internet* dois exemplares de cada um dos livros que ele não havia localizado: um para mim e outro para o professor. No nosso encontro seguinte, ele me agradeceu: – Não vou mais deixar de anotar quando emprestar meus livros! O relato vem à conta de, pelo menos, três lições que aprendi. Primeiro, a generosidade do professor revelada no grande prazer em partilhar seus conhecimentos e

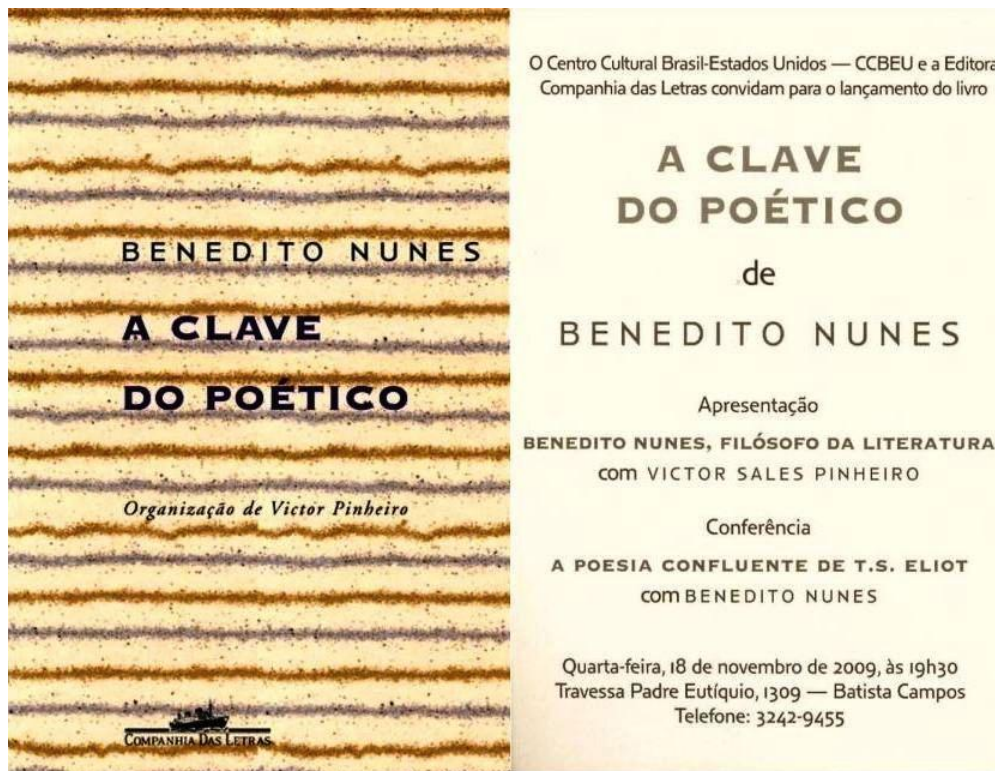
<sup>63</sup> Conversa com Benedito Nunes em 08/10/2010.

<sup>64</sup> Eliot recebeu o *Prêmio Nobel* pela contribuição à poesia. Sua obra mais famosa é *The Waste Land*, de 1922. O livro *Notas para uma definição de cultura* é importante principalmente porque é “uma tentativa de definição do conceito de cultura por alguém que contribuiu de fato – e positivamente – para a cultura” (ASCHER, 2008, p. 11).

despertar o interesse dos seus alunos ou interlocutores. Segundo, a importância que o mestre sempre concedeu às fontes citadas por ele em seus trabalhos. Terceiro, para ele, não bastava ler *Notas para uma definição de cultura*, mas também conhecer outras facetas da obra de Eliot – um intelectual que contribuiu para vários ramos do conhecimento.

Ainda a respeito de Eliot: considero que ele sempre foi um minador de muito significado para Benedito. Exemplifico: no ano de 2009, o professor ministrou a conferência *A poesia confluyente de T. S. Eliot*<sup>65</sup> (NUNES, 2009b) durante o lançamento do livro *A chave do poético*<sup>66</sup> em Belém, como parte das comemorações do seu 80º aniversário – a Fotografia 12 reproduz o convite e a Fotografia 13 documenta a realização da conferência.

**Fotografia 12** – Convite para conferência e lançamento de livro.



Eliot pensou a respeito da poesia: sobre sua natureza, suas funções, seu nexos com a sociedade e a história. Pensou sobre a crítica, como poeta crítico e

<sup>65</sup> A conferência foi feita com base no artigo *A poesia confluyente* (NUNES, 2009b), que antes também foi enfileirado no livro organizado por Aduato Novaes – reuniu respeitados autores, sob o título *Poetas que pensaram o mundo*. No livro *A chave do poético*, Benedito oferece esse ensaio à memória de Angelita Silva, sua cunhada e tradutora de Eliot.

<sup>66</sup> Livro com a chancela da Companhia das Letras, sediada em São Paulo, com grande circulação e poder editorial. Inclui, em seu variado catálogo, nomes brasileiros como: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Marilena Chaui, Chico Buarque de Hollanda, Laura de Mello e Souza, Manuela Carneiro da Cunha, Sergio Miceli, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Vinicius de Moraes, Milton Hatoum etc.



crítico poeta que foi, atento à feitura e à difusão da experiência humana verbalizada. [...] Mas Eliot também pensa na e com a poesia, ou seja, é poeta que mobiliza o pensamento na direção do mito, da religião e da filosofia, fazendo-os confrontar-se. A linguagem poética torna-se, então, uma força de convergência (NUNES, 2009b, p. 377).

**Fotografia 13** – Imagens da explanação de Benedito Nunes sobre Eliot em 2009.



Volto às três acepções de cultura da aula magna para constatar que Benedito expôs também, com ênfase, a importância do conceito antropológico de cultura. Uma quarta acepção? O conferencista de 1973 explica que não, argumentando que o “ponto de vista antropológico” é como uma ampliação corretiva ou, dizendo de outro modo, é como ordenador da “questão relativa à cultura geral” (NUNES, 1997, p. 536, grifo meu), pois nos ensina a “olhar e compreender a variedade de culturas” e dessarte a

compreender que cada uma delas sintetiza, por inteiro, a criação do universo humano: criação por meio de normas indissociáveis da linguagem, de totalidades significativas, incluindo técnicas, conhecimentos, religião, valores éticos, estéticos e políticos, no conjunto de uma organização social determinada (NUNES, 1997, p. 536).

Ao aplicar tais ideias ao Brasil, como povo, Benedito conclui o primeiro bloco lógico de sua conferência na UFPA:

Somos, como povo, dotados de uma cultura própria que tem a sua fisionomia distintiva, seu *ethos* peculiar, onde componentes de extração portuguesa se fundem àqueles caracteres primitivos, indígenas e negros, que os nossos modernistas foram os primeiros a contrastar com o arcabouço da cultura intelectual, também denominada superior, cultura fatalmente importada na expressão de Murilo Mendes, porque de origem europeia, e que presidiu, desde os tempos da colônia, a formação de nossos bacharéis, juristas, letrados e eruditos. Antropologicamente, a diferenciação do fenômeno cultural em escalas de altura diferente, como a que sugere a expressão cultura intelectual ou superior, é apenas uma diferença funcional, socialmente significativa, mas que não implica uma discriminação valorativa absoluta (NUNES, 1997, p. 536, grifo meu).

Depois de tratar de conceituações de cultura, Benedito passa a focalizar, no segundo segmento da apresentação, as culturas especializadas – assunto essencial para público tão diversificado em termos de interesse acadêmico. Então o mestre faz menção às áreas de ensino da UFPA – ciências exatas, ciências biológicas, ciências humanas, letras e artes – para exemplificar que “o engenheiro, o médico, o historiador e o professor de literatura [...] possuem cada qual uma cultura especializada” (NUNES, 1997, p. 537, grifo meu).

Benedito cita Ezra Pound e seu *Guide to Kulchur* visando a mostrar “o conteúdo e a forma da cultura geral” com vários “ingredientes heterogêneos” que precisam de correlacionamentos visando à convergência “na forma de um pensamento flexível e abrangente” (NUNES, 1997, p. 539). É na evolução desse raciocínio que o conferencista relaciona cultura geral e conhecimentos especializados:

a perspectiva integradora [...] traduz a aspiração a um tipo de conhecimento dimensionado pelo homem, e que se destina a dimensionar a vida humana, [recebendo] [...] o nome de humanismo (NUNES, 1997, p. 539).

A cultura geral seria [...] uma pacífica e circunstancial partilha entre as ciências e humanidades, gerando aquele horizonte ou fundo de encontro ao qual se destacam os conhecimentos especializados, as ciências aplicadas, as técnicas, os métodos de ensino e os processos de aprendizagem (NUNES, 1997, p. 540, grifos meus).

Todavia, essa partilha, na verdade, se transformou em “relacionamento polêmico e conflitivo”, levando a “uma cisão na vida intelectual” (NUNES, 1997, p. 540). Para Benedito, Charles Percy Snow mostrou isso muito bem em seu livro *As duas culturas*. O professor percebe ainda que há três falácias que contribuem para manter tal cisão: “arte não é pensamento, [...] ciência é todo o conhecimento, [...] o conhecimento é eticamente neutro” (NUNES, 1997, p. 549).

Depois de uma recuperação de momentos dessa relação entre ciências e humanidades, ao longo do tempo, o professor chega, em seu “movimento de câmara lenta”<sup>67</sup> (NUNES, 1997, p. 532), como havia anunciado no início da sessão, ao terceiro e último bloco de *Um conceito de cultura*, entendendo a “cisão do plano da vida intelectual” como “um sintoma de crise da cultura” na civilização ocidental, pois as culturas “podem adoecer quando perdem as suas regulações internas espontâneas” (NUNES, 1997, p. 544-545). O palestrante fala então sobre duas espécies de normas sociais:

essas regulações parecem provir do relacionamento hierárquico de duas espécies de normas, em correspondência com duas espécies de correlacionamento social: as normas instrumentais, relativas aos fins práticos, que regulam o trabalho, a produção e o consumo, estarão subordinadas às normas de comunicação, do agir comunicativo, compreendendo os valores de convivência, dentre os quais os religiosos e os éticos (NUNES, 1997, p. 545, grifos meus).

Max Weber é invocado por Benedito para elucidar uma característica da civilização do Ocidente, especialmente após a Revolução Industrial, que inverteu a hierarquia citada: “o agir instrumental, hegemônico, tornou-se regulador das formas de convivência e de comunicação humana” (NUNES, 1997, p. 545) – tema de reflexão para pensadores como Arnold Toynbee e Sigmund Freud, por exemplo.

Em sua interpretação, com bagagem intelectual própria capaz de promover relações especiais e peculiares, o professor imagina, a partir dos ensaios de Montaigne e das pesquisas de Lévi-Strauss, um “humanismo alargado” como “perspectiva necessária à cultura geral” (NUNES, 1997, p. 549), entendendo que, num “regime de concordata entre as letras e as ciências” (NUNES, 1997, p. 546, grifo meu), essa reformulação poderá ter um “papel saliente” da antropologia “filosoficamente repensada” (NUNES, 1997, p. 546).

[Montaigne] foi o primeiro humanista a divisar [...] as possibilidades de alargamento da ideia que o mundo europeu formou de si mesmo e do mundo (NUNES, 1997, p. 548).

O humanismo alargado de que vos falo e no qual um eudemonismo<sup>68</sup> social, sobrepondo-se ao utilitarismo, pudesse dar um valor autêntico à palavra espírito, estaria possuído de um igual respeito pelo homem, pela vida e pelas

<sup>67</sup> Para Montesquieu (2005, p. 52), “um belo rosto mostra-se de uma vez e quase nada oculta, mas o espírito só se mostra aos poucos”.

<sup>68</sup> Tem o sentido de busca da felicidade (FERREIRA et al., 1999).

coisas, mas numa proporção e numa ordem que nos são sugeridas pelo pensamento selvagem<sup>69</sup> (NUNES, 1997, p. 550, grifo meu).

Há uma ideia, inserida nos instantes finais da mensagem de Benedito aos estudantes da UFPA no início de 1973, que está estampada no Parque Naturalístico Mangal das Garças, em Belém, desde 2005, quando foi inaugurado pelo Governo do Estado do Pará: “O homem que deixou de ser escravo da Natureza tampouco é o senhor que nela impera, deveria ser seu vigilante guardião”<sup>70</sup> (NUNES, 1997, p. 551). O humanismo que se inspira nesses valores é o fecho para a aula magna. O professor Benedito Nunes chega assim, por sucessivos movimentos intelectuais em “câmara lenta” (NUNES, 1997, p. 532) – como aliás conjecturava no princípio da exposição – a um conceito de cultura que junta as linhas subjetiva e objetiva, exprimindo dessa maneira, tanto para o indivíduo como para a sociedade, sentidos de “cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar”, como é a origem *colere* (NUNES, 1997, p. 551).

#### 4.2 O ANIMAL E O PRIMITIVO: OS OUTROS DE NOSSA CULTURA<sup>71</sup>

Mesmo os animais e os primitivos, que costumam ficar alienados à margem de nossa cultura, não são esquecidos por Benedito Nunes, pois conformam tema de criação do filósofo: ele assina o ensaio *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura* (NUNES, 2007d) – onde antropologia é palavra-chave – apresentado sob a forma de conferência, proferida em Manaus, no ano de 2005, como parte de seminário organizado pela FIOCRUZ. Esse trabalho do ensaísta foi depois publicado na revista científica *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*<sup>72</sup> em 2007, por meio de suplemento especial dedicado ao evento. Na conferência *Um conceito de cultura*, analisada no item 4.1, já ficou evidenciado o interesse de Benedito pela antropologia. Em *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura*, isso aparece mais

<sup>69</sup> Para Benedito, o pensamento selvagem definido por Lévi-Strauss não é o pré-lógico como entendia Levy-Brühl, mas “é apenas um pensamento em estado selvagem, distinto do pensamento [...] domesticado com a intenção de obter um rendimento” (NUNES, 1997, p. 548-549).

<sup>70</sup> “O pensamento de Bené – como todos os amigos lhe chamavam – é uma presença viva em sua cidade natal, por exemplo a citação sobre a relação com a natureza logo à entrada do Mangal das Garças, um dos pontos turísticos locais” – apresentação de Renato Lessa na matéria da revista *Ciência Hoje* que veiculou entrevista de Benedito Nunes (LESSA; KAPLAN, 2011, p. 61).

<sup>71</sup> O Quadro 2 também serve de apoio na análise do texto.

<sup>72</sup> Entre outros colaboradores do suplemento especial da revista alusiva ao seminário, estão: Jane Felipe Beltrão – professora da UFPA–; Júlio César Schweickardt e Nísia Trindade Lima (pesquisadora da obra de Euclides da Cunha), que conjuntamente focalizam viagens científicas à região amazônica empreitadas por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas; André Fernando, então diretor da *Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro*, responsável pela apresentação de *O mundo e o conhecimento sustentável indígena* (PENIDO, 2007).

explícito e Benedito coloca seu foco de análise nas nossas relações com animais, índios, selvagens:

O animal continua sendo o grande Outro, o maior alienado da nossa cultura, “exceto que essa cultura, aumentando o nosso conhecimento, talvez possa algum dia restabelecer os estreitos laços que a ele nos unia nos tempos mitológicos, mas quando isso acontecer – comenta Elias Canetti – já quase não mais haverá animais entre nós” (NUNES, 2007d, p. 284).

O segundo Outro da nossa cultura é o primitivo (o índio, o selvagem), que chegou a gerar uma questão teológica, dirigida sob forma de consulta ao papa: os índios têm alma? Na mesma época, na sociedade brasileira, começava a aparecer o negro como instrumento de trabalho. Os índios fugiam ao trabalho, mas adotavam a religião dos senhores que lhes era inculcada por meio da catequese que entretanto também teve seus paradoxos (NUNES, 2007d, p. 286).

O seminário, ocorrido na unidade amazonense da FIOCRUZ denominada *Centro de Pesquisas Leônidas e Maria Deane*, recebeu o título de *Saúde, Meio Ambiente e Cultura: 100 anos de Oswaldo Cruz na Amazônia*, em menção “às viagens de inspeção dos portos marítimos e fluviais do Brasil realizadas por Oswaldo Cruz” (PENIDO, 2007, p. 7). Nos anos de 1905-1906, “Belém, Santarém, Óbidos, Parintins, Manaus e a ilha de Tatuoca” foram locais visitados por Oswaldo (PENIDO, 2007, p. 7). Observo que, em outra apresentação enfeixada no periódico da FIOCRUZ, Schweickardt e Lima (2007, p. 15, grifo meu) escrevem que as viagens científicas à Amazônia – e as de Oswaldo Cruz estão inseridas nesse contexto – “colaboraram na construção de representações e imagens sobre a região”, tópico de interesse nos estudos do pensamento social brasileiro.

A *Carta da Editora* da revista da FIOCRUZ, que publicou a conferência de Benedito, veicula comentários sobre os saberes tradicionais dos índios, assunto debatido nesse encontro de 2005 em Manaus:

Em 2005, quando era o presidente do Ibama, Marcus Barros foi um dos mentores da ideia de outorgar ao pajé Tukano Gabriel Gentil o título honorífico de pesquisador da Fiocruz no campo do conhecimento tradicional. Este gesto legitimou parcerias na luta pelo reconhecimento dos saberes tradicionais dos índios e fortaleceu o diálogo entre as comunidades indígenas e a científica. [...] Durante a palestra que fez no seminário de outubro de 2005, Gentil, paramentado com seu colar de quartzo branco, explicou com palavras e gestos como o pajé se transmuta em onça para exercer seus poderes de cura.

A atuação do pajé-onça ganhou novos sentidos com a palestra do filósofo paraense Benedito Nunes sobre o animal e o primitivo, dois entes à margem de nossa cultura greco-latina (PENIDO, 2007, p. 7, grifos meus).

O crítico paraense começa a mostrar ângulos dessa questão, de relevância para os estudos da Amazônia e de suas culturas, ligando os animais e as sociedades primitivas – os Outros de nossa cultura – sob a denominação comum de “bárbaros”, em referência explícita à denominação que recebiam dos antigos gregos como “estranhos da cultura” (NUNES, 2007d, p. 282). O roteiro analítico de Benedito é cinzelado com erudição<sup>73</sup>, mas sem esconder aspectos que demonstram ou expõem a sua sensibilidade<sup>74</sup> quanto à temática. O texto está diagramado com inserções de imagens, mas não é possível identificar a autoria dessas ilustrações (Fotografia 14).

**Fotografia 14** – Imagens inseridas no ensaio editado pela FIOCRUZ.



Com relação aos animais, Benedito articula ideias de autores de várias áreas do conhecimento, como:

- a) Charles Darwin – citado a respeito do homem estar no topo da evolução das espécies, mas ser visto como um animal, de acordo com tal teoria.

<sup>73</sup> O Quadro 2, inserido em páginas anteriores, aponta os 20 autores referenciados por Benedito na apresentação da FIOCRUZ.

<sup>74</sup> Por exemplo, ao se referir à possibilidade de ser vegetariano, diz que “é tarde [...]; eu teria que aprender um novo sistema de vida, e na idade em que estou não é o caso de fazê-lo” (NUNES, 2007d, p. 286).

- b) Nicolau Copérnico – referido pelo sistema conceitual contrário à concepção geocêntrica de Ptolomeu.
- c) René Descartes – considerado fundador da filosofia moderna, via o animal como um corpo sem alma por não ter capacidade de pensar.
- d) Platão – na Antiguidade, fez reflexões sobre a alma.
- e) Aristóteles – seguidor das ideias de Platão sobre a alma, elaborou sua formulação própria no tratado *De Anima*, entendendo que os animais têm capacidade de discriminação, revelando que possuem portanto alma perceptiva.

Quando o darwinismo colocou-nos no topo da evolução, abrindo-nos a segunda ferida narcísica, depois daquela que Copérnico nos infringira, o pensamento filosófico moderno já havia separado o homem do animal. Homem e animal se tornariam cada vez mais estranhos entre si quanto mais se consolidasse, a partir do século XVII, na filosofia cartesiana, a identidade entre pensamento e consciência. Com efeito, Descartes efetuará, depois da demonização cristã do animal, o primeiro corte moderno entre este e o homem, aproximados na Antiguidade por meio da noção de alma, tanto em Platão quanto em Aristóteles, que reconhecia uma alma sensitiva, uma alma racional e uma alma vegetativa (NUNES, 2007d, p. 282).

- f) Hegel – Benedito lembrou seus conceitos, firmados no século XIX, de contradições manifestadas pelo espírito ou *Geist*, o que fez o animal, no homem, como “o *bas-fond* do espírito” (NUNES, 2007d, p. 284).
- g) Gustave Flaubert – citado por seu livro *As tentações de Santo Antônio*, quando o diabo ataca a fé do solitário e o submete a visões animais.
- h) Jorge Luis Borges – o foco de Benedito é a obra *Manual de zoologia fantástica*.
- i) Heidegger – esse filósofo, estudado profundamente por Benedito, desenvolveu a tese de que o animal é rico de ambiente mas pobre de mundo, reflexões que constam de *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*<sup>75</sup>.
- j) Rainer Maria Rilke<sup>76</sup> – referido poeticamente pelos versos de *Elegias de Duíno*, especialmente os da oitava elegia, que elucidam a afinidade do poeta “com as coisas e os animais”, pois “a humanidade não lhe é particularmente preciosa” (ANDRADE, 2001, p. 10).
- k) Clarice Lispector – grande estudiosa da escritora, Benedito cita o conto *O búfalo* (faz parte de *Laços de família*, de 1960), no qual a protagonista, querendo se

<sup>75</sup> Benedito conversou comigo sobre o conteúdo do livro (informação verbal).

<sup>76</sup> O livro *A chave do poético* contém um ensaio de Benedito denominado *A gnose de Rilke* (NUNES, 2009a).

encontrar com o ódio, passa em frente, na incansável busca, de muitas jaulas de animais no Jardim Botânico, até seu olhar finalmente cruzar com o de um búfalo, entrando assim “em conexão com os sentimentos mais violentos do homem” (NUNES, 2007d, p. 284).

- l) Elias Canetti – o escritor, que ganhou o *Prêmio Nobel*, aborda inclusive as relações entre homens e animais como parte do livro *Massa e poder*, entendendo que as culturas se fundam em princípios de dominação e autoridade.
- m) John Maxwell Coetzee – ficcionista, também detentor do *Nobel*, criou a personagem Elizabeth Costello que profere conferências, denunciando, muitas vezes, a crueldade como são tratados os animais pelo homem.
- n) Arthur Schopenhauer – citado por Benedito porque o filósofo de *O mundo como vontade e representação* entendia que o caráter do ser humano precisa estar obrigatoriamente ligado à compaixão pelos animais.

[A questão da crueldade] foi focalizada [pelo] [...] filósofo Arthur Schopenhauer.

[...] fez alusões ferinas a respeito do tema. Nenhum animal maltrata apenas por maltratar, mas o homem sim, e nisso constitui o seu caráter demoníaco, muito mais grave do que o caráter simplesmente animal (NUNES, 2007d, p. 285).

- o) Jeremias Bentham – em sua obra *Introdução aos princípios da moral e da legislação*, coloca como questão fundamental o fato do animal sentir dor, pois esse pensador via o mundo como regido por dois princípios: o da dor e o do prazer.
- p) Peter Singer – de certa forma, o escritor contemporâneo reconstrói o pensamento de Bentham e propõe a libertação dos animais em relação ao homem e o vegetarianismo.

Depois de recuperar, de forma histórica e com lato embasamento bibliográfico, o pensamento ocidental – inclusive seus embates ao longo do tempo – quanto às relações entre o homem e o animal, Benedito passa então a organizar suas impressões em torno do primitivo, o segundo Outro de nossa cultura, incluindo, em tal designação, o índio, o selvagem e, em certos aspectos, também o negro.

O autor aborda, em sua conferência, questões religiosas e o “estranhamento” dos portugueses e jesuítas quanto à “antropofagia entre os índios” no Brasil (NUNES, 2007d, p.



288). Trata também das “grandes concentrações indígenas” decorrentes do “aldeamento” que considera um “paradoxo da catequese” (NUNES, 2007d, p. 288).

Benedito direciona então seu foco para expoentes da antropologia. O tema ocupa sua atenção, especialmente com alusão a dois nomes muito conhecidos: Lucien Lévy-Bruhl (faleceu em 1939) e Claude Lévi-Strauss (faleceu em 2009 e, entre seu trabalhos mais destacados, figuram estudos de povos indígenas no Brasil).

A referência mais antiga, a Lévy-Bruhl, tem como esteio a obra *A mentalidade primitiva*: para o escritor francês, os “primitivos tinham uma mentalidade diferente da nossa, chamada ‘pré-lógica’, não-lógica porque antecede a lógica” (NUNES, 2007d, p. 288). Mais ainda: segundo o pensamento de Lévy-Bruhl invocado por Benedito, o índio e o negro “estavam ligados à natureza e dela participavam” (NUNES, 2007d, p. 288).

O grande avanço da antropologia, obtido principalmente com a abordagem estrutural de Lévi-Strauss, foi ter revisto essa condição pré-lógica do pensamento primitivo. Para o antropólogo, não há um pensamento selvagem se não no sentido que tal pensamento, articulando-se pelas mesmas leis lógicas que nos conduzem, não é regido pelo princípio da utilidade. [...] Melhor seria, então, admitir dois modos de ciência<sup>77</sup>: aquele que está mais próximo do real, por intermédio da imaginação; e outro que está um pouco mais distante do real, pelo raciocínio, pelos conceitos abstratos. Os dois modos da ciência se complementam e não podemos deixar de admiti-los (NUNES, 2007d, p. 288-289).

*Tristes trópicos* é o livro de Lévi-Strauss que merece muitos elogios de Benedito: “[é] uma obra notável, misto de antropologia, boa literatura e reflexão filosófica, orientada para o conhecimento da natureza e dos primitivos – fala-nos da adesão do primitivo ao mundo físico, uma adesão que é feita por intermédio dos sentidos” (NUNES, 2007d, p. 289).

Para concluir sua conferência em Manaus, o intelectual paraense retorna aos animais, reproduzindo, com tradução própria, uma cena de pavor expressa no livro *A carta de Lord Chandos*, do escritor austríaco Hugo von Hofmannsthal: a agonia e o envenenamento de uma população de ratazanas<sup>78</sup>, provocados evidentemente pelo homem e comparados nesse texto às mortes trágicas de todos os quatorze filhos da fértil Níobe<sup>79</sup>, personagem da mitologia

<sup>77</sup> Discussão importante no seio da antropologia e da sociologia atuais.

<sup>78</sup> “[...] existem animais que odiamos, como os ratos, que não se renderam. Eles reagem, se organizam em unidades subterrâneas em nossos esgotos. Não estão vencendo, mas também não estão perdendo” (NUNES, 2007d, p. 285).

<sup>79</sup> Segundo a mitologia grega, a deusa indignou-se quando outra deusa, com apenas dois filhos, foi homenageada. Como represália, todos os quatorze filhos de Níobe foram mortos.

grega. Benedito, com sensibilidade, encerra sua fala pedindo desculpas pelo relato de tal quadro de horror.

Com a intenção de contextualizar o interesse de Benedito ao elaborar *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura*, trago à pauta outras referências feitas por ele aos animais, em diferentes ocasiões de sua trajetória intelectual. Cito dois exemplos. Primeiro, ao fazer a apresentação na orelha do livro *A caverna*, de José Saramago, Benedito chama a atenção dos leitores para o “amável cão Achado” que faz companhia ao oleiro Algor, protagonista do romance (NUNES, 2000a). Observa a “humana animalidade” do cão criado por Saramago, “à altura da cachorra Baleia de Graciliano Ramos, do cavalo Colomer de Tolstoi e do cãozinho Karenin de Milan Kundera” (NUNES, 2000a). Benedito sempre esteve atento aos animais presentes na ficção literária. Outro exemplo desse olhar especial e incomum que Benedito lança aos animais é o ensaio *Bichos, plantas e malucos no sertão rosiano*, primeiro texto de uma importante coletânea de estudos sobre Guimarães Rosa com respeitados participantes.

Na obra de Guimarães Rosa, a Natureza é exterior e interior ao mesmo tempo, ganhando a amplitude de um todo vivo, que se externaliza em formas animais e vegetais e se internaliza com a força expansiva dos mitos. Assim, os bichos e as plantas não são apenas naturais, mas seres perversivos que a nós aderem e que em nós se instalam. [...]

Dentre os bichos destacam-se os muares: bois, burros e cavalos, sem prejuízo de outros mamíferos, como a irara, o cachorro-de-mato; ao lado ficam as aves, de preferência os passarinhos em suas várias espécies (NUNES, 2007a, p. 19).

Menciono ainda o que pude notar quanto à convivência prazerosa de Benedito Nunes com animais domésticos (Fotografia 15), como o gato e o cão. Tal satisfação é constatada em várias fotografias do livro *O amigo Bené: fazedor de rumos* e em alguns depoimentos que compõem o feixe dessa obra. Para Maria José Silva, aluna e colaboradora do professor, ele era paciente também com as formigas:

Certo dia, trabalhávamos na ‘Torre da Estrella’ – como ele designava seu local de trabalho–, o gabinete que ficava ao lado direito na entrada da casa [...] e deitava janelas para um jardim de inverno. Sua mesa de trabalho era localizada em frente à janela. Ditava-me ele um texto quando entrou pela janela um formigão preto e ficou a correr sem rumo, sobre o caderno que ele tinha em mãos... Ele, que, concentrado, não gostava de interrupções, com admirável paciência, levou o caderno ao peitoril da janela e, com uma folha de papel, dirigiu o inseto para a volta ao jardim. Presenciei fato semelhante por duas vezes, em diferentes dias (SILVA, 2011, p. 189).

**Fotografia 15** – Benedito e Maria Sylvia Nunes com animal de estimação<sup>80</sup>.



Volto à conferência *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura* para falar de sua repercussão no campo intelectual em que Benedito está situado. Na edição da revista da FIOCRUZ, a apresentação do professor é feita por Jaime Larry Benchimol – editor científico e pesquisador responsável pela execução da política editorial e pelo conteúdo científico do periódico–, que vê o conferencista como

uma daquelas inteligências fulgurantes que, de tempos em tempos, riscam o firmamento intelectual brasileiro, deixando atrás de si um pensamento original, inovador, capaz de modificar a percepção que os contemporâneos têm de seu tempo, de como ele chegou a ser o que é e do que pode vir a ser (BENCHIMOL, 2007, p. 280, grifo meu).

Anos depois ainda aumentou a recepção do artigo de Benedito, visto que foi reproduzido no livro *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (NUNES, 2011d) e na revista *Novos Cadernos NAEA* (NUNES, 2011c), conforme ilustra a Fotografia 16 ao final deste item.

Nesse livro de ensaios, a organizadora Maria Esther Maciel<sup>81</sup> (2011) faz conhecer a sua vinculação ao Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o que denota bem a amplitude do tema que não pode se restringir a limites de uma única disciplina.

<sup>80</sup> A fotografia de Gabriel Lima Fernandes foi reproduzida do livro *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Outra imagem de Benedito com animal doméstico (Fotografia 30, de Elza Lima) pode ser vista no item 4.4.

<sup>81</sup> A autora desenvolve pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) denominada de *Zooliteratura brasileira: animais, animalidade e os limites do humano*.

o debate sobre a questão animal tem mobilizado pensadores de diferentes áreas do conhecimento [...], [o que] possibilitou [...] o surgimento de um novo campo de investigação que [...] vem se afinando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos. Torna-se, portanto, evidente a emergência do tema como um fenômeno transversal, que corta obliquamente diferentes campos de conhecimento e propicia novas maneiras de reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano (MACIEL, 2011, p. 7, grifos meus).

O ensaio de Benedito está na primeira seção do livro, “voltada para uma abordagem mais ampla – com forte inflexão filosófica – das fronteiras e interseções entre humanos e não humanos, bem como das interfaces entre filosofia e poesia no trato dessas questões” (MACIEL, 2011, p. 9, grifo meu).

Logo, avisto que razões ligadas a essa possibilidade de entrecruzar disciplinas certamente levaram o NAEA – que se baseia em princípios de interdisciplinaridade para estudos e projetos relacionados à Amazônia – a também reeditar *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura* (NUNES, 2011c). Assinalo que o ensaio está no mesmo número do periódico *Novos Cadernos NAEA* onde está publicado o trabalho a respeito do *III Encontro Latinoamericano Ciências Sociais e Barragens: ciência, tecnologia e sociedade* – sediado no NAEA, em Belém, no final de 2010. O encontro promoveu, por exemplo, rodas de diálogo entre pesquisadores e lideranças indígenas. Para Edna Castro e Gisela Aquino Pires do Rio (2011, p. 207), o tema do encontro é “de maior relevância na América Latina e Pan-Amazônia em função das dinâmicas sociais e territoriais que estão sendo deflagradas” pela construção de “grandes obras de infraestrutura, como as hidrelétricas”. Ora, as discussões sobre essas dinâmicas decorrentes da construção de hidrelétricas na Amazônia não podem deixar de fora as reflexões sobre as relações entre o homem e o animal, o homem e o primitivo. Nesse aspecto, o ensaio de Benedito pode fornecer importantes contribuições para aprofundar um debate fundamental do nosso tempo.

Ainda sobre *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura*, tive a oportunidade de ouvir, em uma entrevista, a avaliação do professor Willi Bolle<sup>82</sup> a respeito do ensaio em pauta. Primeiro, ele leu silenciosamente o trabalho impresso por mim – que antes não

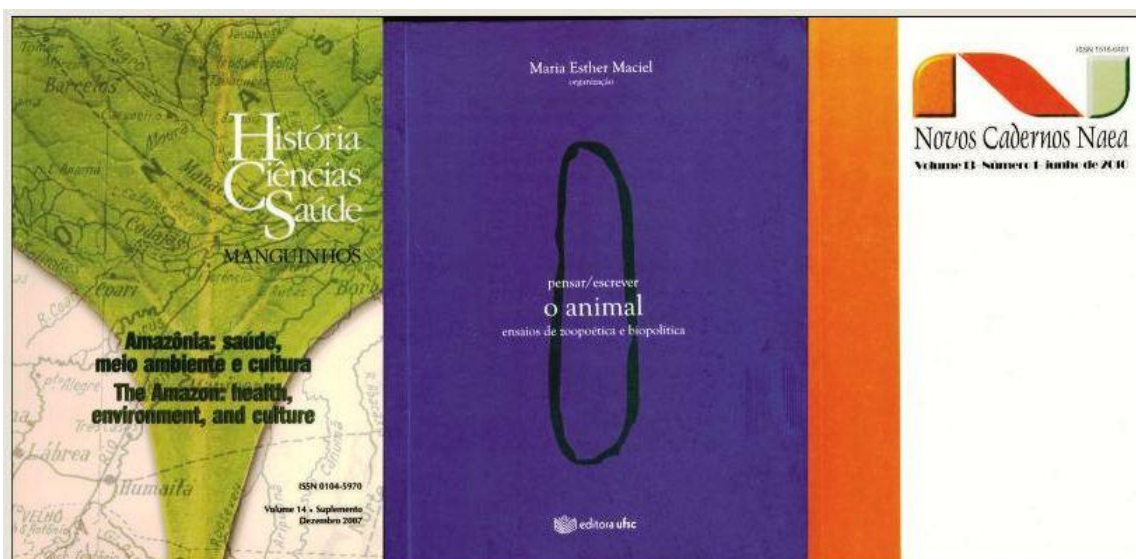
---

<sup>82</sup> Entrevista concedida por Willi Bolle em 30/04/2011 e gravada em vídeo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011a).

conhecia – e então emitiu sua opinião: considerou o texto “brilhante”, fruto da “intuição brilhante” que fez Benedito refletir sobre o assunto, sobretudo porque, dentro da tradição filosófica ocidental, os animais e os primitivos costumam ser “expulsos”, desde que “os gregos se distanciaram dos bárbaros”. Porém, para Bolle, esse alijamento indica que há pensadores com “uma recepção muito estreita dos gregos”, porque também é dos gregos a seguinte afirmação: o homem é “um animal político, um animal urbano, um animal organizador da pólis”. O entrevistado citou “Alexander von Humboldt, um pensador de primeiríssima grandeza” que, na viagem em 1800 na qual explorou o curso do rio Orinoco, fez distinção entre “povos civilizados” e “selvagens das planícies”. Assim, entende o entrevistado que o ensaio de Benedito “nos incentiva a rever também os gregos”.

Posso concluir dizendo que tanto Bolle como Benchimol (2007) reconhecem em Benedito essa capacidade de incentivar a busca de fontes do passado – um passado, em grande parte, europeizado–, fazendo uma espécie de arqueologia: para entender o presente, ou o que somos, e visualizar possibilidades do futuro.

**Fotografia 16** – Revistas e livro que editaram conferência de Benedito Nunes.



#### 4.3 MEU CAMINHO NA CRÍTICA<sup>83</sup>

Em maio de 2005, a ABL realizou o *III Ciclo de Conferências*, denominado *Caminhos do crítico*, para ouvir quatro expositores especiais em sua sede no Rio de Janeiro. Cito o quarteto de conferencistas e seus respectivos temas: Benedito Nunes (*Meu caminho na*

<sup>83</sup> O Quadro 2, antes inserido neste Capítulo 3, também serve de apoio na análise do texto *Meu caminho na crítica* (NUNES, 2009f).

*crítica*), Eduardo Portella<sup>84</sup> (*Crítica e autocrítica*), Alfredo Bosi (*Caminhos entre a literatura e a história*) e Leyla Perrone-Moisés<sup>85</sup> (*Por amor à arte*). Na ocasião, Bosi, como membro da Academia, solicitou licença à instituição para publicar tais conferências na revista *Estudos Avançados* da USP, como editor (que era e continua a ser) desse periódico científico. Considerando que atuava tanto na Universidade como na ABL, Bosi concretizou assim seu propósito de aproximar as duas entidades. Logo em dezembro, os quatro textos foram incluídos na revista<sup>86</sup>.

Outros momentos são reveladores da profícua aproximação entre esses dois intelectuais: Benedito Nunes e Alfredo Bosi (professor emérito da USP). Cito quatro ocasiões:

- a) Na revista *Estudos Avançados*, em número anterior de 2005, Benedito colaborara com *Meus poemas favoritos de ontem e de hoje* (NUNES, 2005c), comentado no item 4.4 deste trabalho.
- b) Em 2007, Bosi organizou o livro *Leitura de poesia* e convidou Benedito para escrever um dos ensaios da coletânea: *O “fragmento” da juventude*, sobre Mário Faustino (NUNES, 2007e).
- c) A USP, no ano de 2009, prestou homenagem a Benedito pelo seu 80º aniversário e lançamento do livro *A clave do poético*, tendo Alfredo Bosi como um dos apresentadores da cerimônia<sup>87</sup> (Fotografias 17 e 18).
- d) Quando a ABL concedeu o *Prêmio Machado de Assis* em 2010 a Benedito, Alfredo Bosi foi o relator da Comissão Julgadora<sup>88</sup>.

Essas considerações iniciais sobre *Meu caminho na crítica* vêm à conta de exemplificar as relações entre Benedito e seus pares de grande relevância no campo

---

<sup>84</sup> Portella ocupa uma cadeira da ABL, é professor emérito da UFRJ e, nos anos 1979-1980, foi Ministro de Estado da Educação, Cultura e Desportos, conforme resultado de busca no *site* da instituição (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2012).

<sup>85</sup> Depois, no ano de 2009, a autora prefaciou *A clave do poético* (PERRONE-MOISÉS, 2009).

<sup>86</sup> No *site* da revista (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2012), granjeio a informação de outros colaboradores desse número da *Estudos Avançados* com ampla temática: Ignacy Sachs, José Goldenberg, Walnice Nogueira Galvão, Gabriel Cohn, Paulo Batista Nogueira Júnior, Michel Löwy, Barbara Freitag etc. Há ainda no *site*, um vídeo que documenta o lançamento do número da revista em São Paulo, com apresentação de Alfredo Bosi em 22/12/2005.

<sup>87</sup> A mesa da cerimônia contou com as presenças de Victor Sales Pinheiro – organizador do livro *A clave do poético* – e Yudith Rosenbaum – autora de resenha de *A clave do poético*, por sinal publicada na revista *Estudos Avançados* (ROSENBAUM, 2010).

<sup>88</sup> Além do relator Alfredo Bosi, a Comissão Julgadora foi constituída dos seguintes membros da ABL: Eduardo Portella (presidente), Lygia Fagundes Telles, Tarcísio Padilha e Domício Proença Filho, conforme encontro no *site* da entidade (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2012).

intelectual brasileiro. Ainda como preâmbulo significativo, menciono que, antes do evento sobre crítica organizado pela Academia em 2005, Benedito participara como conferencista em 1999 de outro grande encontro nacional sobre o mesmo tema, promovido em São Paulo, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e pelo Instituto Itaú Cultural, com o título *Rumos da crítica*<sup>89</sup>.

Focalizo 2005 no Quadro 1 e verifico que àquela altura Benedito já acumulava sete importantes prêmios. Havia publicado 25 livros. Colaborava com o CCFC desde 2004. Em 2005, faleceu Paul Ricoeur, cuja obra foi estudada por Benedito Nunes.

Depois da publicação inicial na revista *Estudos Avançados*, o ensaio *Meu caminho na crítica* foi replicado em outros veículos, a saber (Fotografia 19): livro *A chave do poético* (NUNES, 2009f), revista *Asas da palavra* da UNAMA (NUNES, 2009g) e livro *Vida e cultura em nossas terras: o CCFC na Amazônia* (NUNES, 2010c). Usarei nas citações deste item os dados de *A chave do poético*, por causa da maior facilidade no manuseio do livro.

**Fotografia 17** – Convite para cerimônia da USP<sup>90</sup>.



<sup>89</sup> O encontro inaugurou o programa *Rumos – Literatura e Crítica*, que tem continuidade até hoje. Foi publicado depois em livro (NUNES, 2000b). Além de Benedito, houve mais cinco palestrantes em 1999: Jacques Leenhardt, Gerd Bornheim, Marcelo Coelho, Eugênio Bucci e Lucia Santaella.

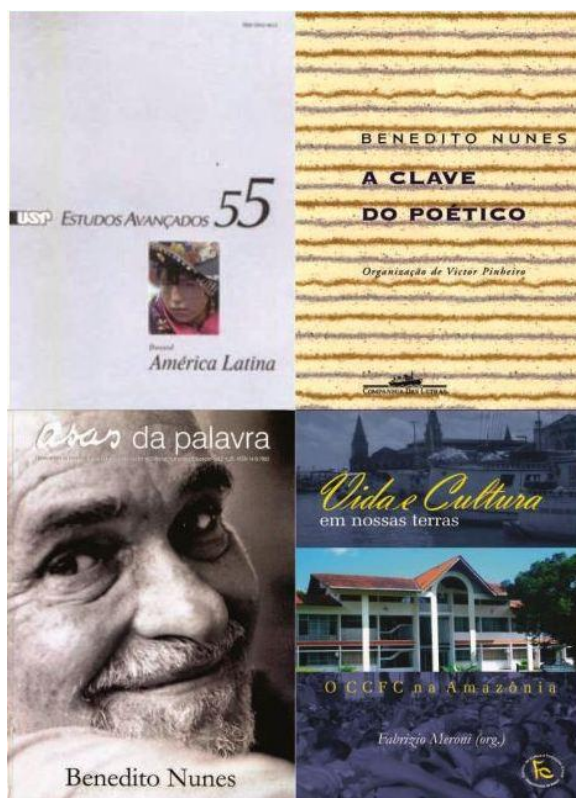
<sup>90</sup> O convite é feito pela USP, por meio de programa de pós-graduação, e pela Companhia das Letras.



**Fotografia 18** – Conferência de Benedito na USP, em fotografia na qual aparecem também Alfredo Bosi e Yudith Rosenbaum.



**Fotografia 19** – Capas dos livros e revistas com *Meu caminho na crítica*.



Como o próprio título revela, *Meu caminho na crítica* é autobiográfico. Para fazer essa autointerpretação, o intelectual parte da provocação que lhe fez Clarice Lispector, num encontro em Belém, depois que saiu do prelo a primeira edição de *O drama da linguagem* em



1989. Clarice dizia a Benedito que ele não era apenas um crítico, mas alguma coisa diferente, que ela não conseguia nominar, nem sabia o que era.

No momento, perturbou-me essa afirmação. Hoje posso ver como foi certo, além de encomiástico, o aturdido juízo de Clarice. Ela percebia, lendo o que sobre ela escrevi, que o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da Natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente é, portanto, mais filosófico do que apenas literário (NUNES, 2009f, p. 230, grifos meus).

Após esse estímulo à reflexão, Benedito busca a autodefinição e recupera seu trajeto intelectual, depois transmitido à plateia da ABL. Seu apoio inicial é Kant, por quem “a filosofia foi chamada de crítica” (NUNES, 2009f, p. 23). Depois, o expositor paraense vai seguindo aquele mesmo “movimento em câmara lenta” (NUNES, 1997, p. 532) que usara na exposição *Um conceito de cultura*, desfilando, comentando e relacionando autores (99 nomes no Quadro 2)<sup>91</sup>, pensamentos, ideias e fatos – sobretudo os vivenciados por ele próprio. Ao final do périplo, há lirismo no porto de chegada, pois Benedito declara: “Quando a Filosofia e as Ciências se calam, é sempre a poesia que diz a última palavra” (NUNES, 2009f, p. 42), como eu depreendia desde a epígrafe de Hermann Broch que está no livro *A morte de Virgílio* – “Onde Platão acertou, a Filosofia converteu-se em Poesia”.

Interessam-me no discurso de Benedito, em primeiro lugar, os relatos ligados mais diretamente à região. Eles aparecem sobretudo na experiência que teve com o suplemento *Arte e Literatura* da *Folha do Norte* (Fotografia 20), editado de 1946 a 1951<sup>92</sup>, com a direção de Haroldo Maranhão, pois esse jornal paraense pertencia ao “avô dele, o polêmico jornalista Paulo Maranhão, em dissídio com o governador do Pará, coronel Magalhães Barata, um dos tenentes de 1930” (NUNES, 2009f, p. 24).

Esses fatos também constam de trabalho de Aldrin Moura de Figueiredo, que não deixa de observar alguns *habitus* do campo intelectual no qual os jornais podem ser associados:

Em Belém, os jovens Benedito e Haroldo estavam como que se preparando para entrar na roda de intelectuais da *Folha do Norte*, com seus primeiros ensaios críticos feitos para o aplauso do conventículo de Paulo Maranhão. Esse caminho intelectual, que passava pela redação de um jornal e por um certo tipo de militância na imprensa, era o mesmo do século XIX. O

<sup>91</sup> O Quadro 2, inserido neste Capítulo 3, relaciona os 99 nomes citados por Benedito na conferência.

<sup>92</sup> As edições foram estudadas por Maués (2002) e Coelho (2005).

percurso havia sido semelhante ao dos seus primeiros mestres, e o aprendizado se dava por meio dessas relações pessoais de amizade e de uma profunda experiência autodidata, já nos primeiros escritos (FIGUEIREDO, 2003, p. 264-265, grifos meus).

Ao ler essa declaração, sou imediatamente conduzida a rever a explanação de Rosa Acevedo Marin, como coordenadora do projeto de pesquisa *Suplemento Arte Literatura da Folha do Norte: sociedade e cultura no Pará: antes da integração amazônica, os anos 40 e 50*. Suas palavras, com assento sociológico e referências a espaço simbólico e campo intelectual, revelando conhecimentos a respeito da obra de Pierre Bourdieu, são as seguintes:

Se o ‘Grupo dos Novos’ é central na história da literatura e das artes no Pará do século XX, essa posição foi adquirida por ter operado a construção de um espaço simbólico, estruturado no seu interior posições, sob uma lógica que independia de cada um deles, reconhecidos como membros de uma vanguarda intelectual. Nesse campo [intelectual] transitaram para se tornar especializados: crítico, poeta, romancista, editor, jornalista, livreiro. A camaradagem e a competição regulavam as relações sociais e as práticas legítimas para quem formou parte dessa confraria (MARIN, 2005, grifos meus).

A *Folha do Norte* foi portanto veículo de “luta política” e seu suplemento “o reintrodutor, em época tardia [...] no Pará, do movimento modernista” (NUNES, 2009f, p. 24, grifo meu). Cabe uma explicação: na conferência de 2005, Benedito avaliava a iniciativa do grupo como uma reintrodução porque ele e seus companheiros de geração não sabiam na década de 40 que houvera muito antes a difusão do movimento modernista no Pará, “a partir dos anos 1920, pela revista *Belém Nova*”, fundada por Bruno de Menezes (NUNES, 2009f, p. 24). Entre os pioneiros, Eneida de Moraes (Fotografia 21).

Vivíamos durante a Segunda Guerra Mundial, uma época de isolamento provinciano; sendo o transporte aéreo precário e raro, Belém ligava-se às metrópoles do Sul quase que só pela navegação dos Ita. Isso tudo justifica mas não explica nosso retardamento literário de jovens versejadores acadêmicos (NUNES, 2001b, p. 19-20)<sup>93</sup>.

Muitos dentre os pioneiros modernistas do Pará, na década de 1920, como Eneida de Moraes, tomaram um Ita no Norte<sup>94</sup>, migrando para o Rio de Janeiro (NUNES, 2009f, p. 25).

<sup>93</sup> Apesar de tal referência da citação, em função da edição que consultei dos poemas de Max Martins, quero observar que o ano do prefácio é 1991.

<sup>94</sup> Encontram-se, em outras oportunidades, comentários de Benedito a respeito de pessoas do Pará – com reconhecidos valores intelectuais, científicos ou artísticos – que deixaram a cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho em outros locais do país. Ita era um tipo de navio que fazia o percurso de Norte a Sul do país, denominação decorrente de antigas companhias de navegação, como

Fotografia 20 – Páginas do suplemento do jornal *Folha do Norte*<sup>95</sup>.



Itacoatiara e Itapé, por exemplo. A expressão *pegar um Ita no Norte* significa mudar de cidade, e mais especificamente de Belém para o Rio de Janeiro, como cantou Dorival Caymmi em canção da década de 40 com os seguintes versos em destaque: *Peguei um Ita no Norte / Pra vim pro Rio morar / Adeus, meu pai, minha mãe / Adeus, Belém do Pará.*

<sup>95</sup> As imagens foram obtidas em CD produzido pelo projeto de pesquisa *Suplemento Arte e Literatura da Folha do Norte: sociedade e cultura no Pará: antes da integração amazônica, os anos 40 e 50* (MARIN, 2005).



**Fotografia 21** – Imagem<sup>96</sup> que documenta o IV Congresso Nacional de Escritores, em Porto Alegre no ano de 1950, na qual foram identificados, da esquerda para a direita, Haroldo Maranhão, Eneida de Moraes, Ledo Ivo<sup>97</sup> e Benedito Nunes.



Em 2004, ano imediatamente anterior à realização do ciclo de conferências da ABL, Haroldo Maranhão havia falecido. No texto *Meu caminho na crítica*, de 2005, a obra do amigo foi lembrada por Benedito, com foco preciso em paralelos entre seus romances e a história do Pará:

Haroldo Maranhão, meu companheiro de colégio no ginásio, [...] deu-nos, na maturidade, três obras-primas romanescas – *O tetraneto del rei*, extraordinária paródia à prosa quinhentista e sátira à colonização portuguesa no Brasil, *Cabelos no coração*, biografia imaginária de um dos próceres, no Pará, da Independência de 1822, Felipe Patroni, e o *Memorial do fim*, amorosa rememoração, de inventiva biográfica, da morte de Machado de Assis. O suplemento da *Folha do Norte*, que Haroldo criou e editou, [...] foi emblemático para a identidade intelectual da minha geração e particularmente para a sorte do nexu entre literatura e filosofia que, para mim, se formou nessa época, e que só muito mais tarde se tornou privilegiado objeto de reflexão (NUNES, 2009f, p. 25, grifos meus).

<sup>96</sup> Reproduzida do livro *O amigo Bené: fazedor de rumos* (CHAVES, 2011b).

<sup>97</sup> Foi colaborador do suplemento literário da *Folha do Norte*. É membro da ABL desde 1986 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2012).

Creio que esse pronunciamento de Benedito é peremptório no sentido de não deixar dúvidas quanto à importância da experiência dos 165 números do suplemento literário na sua formação intelectual, de modo particular na relação que ele faz entre literatura e filosofia, embora o conferencista reconheça que “só muito mais tarde” (NUNES, 2009f, p. 25) tenha refletido sobre isso. Não se pode esquecer, contudo, que em 1946, quando o encarte iniciou sua circulação, Benedito ainda não tinha 17 anos! Mas a provocação de Clarice Lispector em 1989 – mais de quatro décadas depois – reptou a autoleitura de Benedito, expressa na conferência de 2005.

Há outro detalhe da experiência do suplemento da *Folha do Norte* que não pode passar ao largo das minhas considerações que visam a delinear traços do pensamento de Benedito: a reunião de autores paraenses e também de outros nomes repercutentes no Brasil, possibilitada pelo *Arte e Literatura*. Entendo que essa aproximação foi resolutiva para Benedito estabelecer vinculações entre o regional e o universal, ou dizendo de outra forma, entre as culturas locais da sua região e a totalidade do conhecimento ocidental, com lastro na visão abrangente da filosofia.

[O] encarte [...] agregava, sem distinção, dominicalmente, nas mesmas páginas, dos prosadores e poetas locais aos consagrados modernistas de diferentes naturalidades, mineiros, cariocas e nordestinos, e de distintas gerações – Carlos Drummond, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Marques Rebelo e tantos outros. Assim, os escritores estaduais apareciam ao lado dos federais, os das Províncias com os metropolitanos, incluindo os de Belém, que fora prematura, elástica Metrópole, no final do ciclo da Borracha em 1912 (NUNES, 2009f, p. 25).

No suplemento paraense, Benedito inicialmente escreveu versos e *Confissões de um solitário*, conjunto de “aforismos” que “misturavam conceitos filosóficos e imagens poéticas” (NUNES, 2009f, p. 25).

Ao chegar filosofia e literatura na conferência *Meu caminho na crítica*, Benedito (2009f) exemplifica autores que nas suas criações caminham da poética à filosofia e outros que fazem o trajeto inverso: partem da filosofia à poesia. Para isso, o palestrante tem como base o poeta Antonio Machado, por meio de seu heterônimo Juan de Mairena, que mencionou alguns poetas que seguiram depois para a filosofia: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade<sup>98</sup>, João Cabral de Melo Neto, Paul Valéry, Rilke e Eliot. A via oposta, da filosofia

---

<sup>98</sup> Em 2008, Benedito ministrou no CCFC o curso que abordou a poesia reflexiva de Drummond, do qual participei como aluna.

para a poesia, foi trilhada por Sartre, Merleau-Ponty, Heidegger<sup>99</sup>, Hannah Arendt, Gaston Bachelard, Michel Foucault, Ludwig Wittgenstein e Paul Ricoeur – segundo Antonio Machado, citado pelo conferencista da ABL.

Assim, na visão de Benedito, poesia e filosofia “são unidades móveis, em conexão recíproca”, mas cada qual com “identidade própria”:

a filosofia faz da obra [...] objeto de sua indagação (o que ela é, ao que visa, qual a sua estrutura) e a obra [...] reverte sobre a filosofia, [...] a instância concreta, reveladora (ou desveladora) das originariamente abstratas indagações filosóficas. Eis, em resumo, o procedimento que tenho seguido (NUNES, 2009f, p. 29, grifo meu).

Nessa linha de raciocínio, há outra observação essencial de Benedito: “não é a filosofia que impõe o seu método à parceira, mas é esta mesma que o sugere” (NUNES, 2009f, p. 29, grifo meu).

Se eu adoto o ponto de vista de como Benedito interpreta uma obra impulsionado pelos questionamentos filosóficos, creio que essas explicações usadas para apresentar as relações entre filosofia e obra literária são o ponto mais marcante de sua conferência. Ele recupera seu próprio método de análise e o transmite a seus expectadores. Ouso estender essa técnica para ensinar a interpretação de outros objetos de pesquisa, que podem não ser uma obra literária, uma vez que as declarações do palestrante trazem implicitamente a questão de métodos e metodologias: a filosofia, com suas indagações, circunscreve o objeto, mas é o objeto, com suas especificidades, que impõe o método de pesquisa.

Sejam quais forem, os métodos da crítica literária sempre têm uma maneira *a priori*, por assim dizer filosófica, de conceber e de avaliar o alcance do texto literário, em função de um fenômeno mais extensivo que o engloba, seja a linguagem, seja a sociedade, seja a história (NUNES, 2009f, p. 26, grifos meus).

A sociedade e a história estão presentes, por exemplo, na poesia de Eliot, autor sempre lido por Benedito, em diferentes ocasiões, iluminando vários temas com diferentes perspectivas: *The Waste Land*, por exemplo, “responde à laceração moral e espiritual do

---

<sup>99</sup> O primeiro *Prêmio Jabuti*, recebido por Benedito, foi merecido pelo livro *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger* (1986). Um detalhe: Alfredo Bosi – intelectual já referido neste capítulo quanto às suas relações com Benedito – participava na ocasião do conselho editorial da Ática (responsável pela publicação da obra).

mundo moderno” (NUNES, 2009f, p. 36) porque Eliot – mais uma vez, referência essencial de Benedito – pensou no nexos entre a poesia, a sociedade e a história.

Enfim, destaco outro aspecto fundamental em *Meu caminho na crítica*: Benedito declara mais uma vez que seu pensamento filosófico tem afinidades com o de Heidegger. Dentre os aspectos que Benedito assinala no autor de *Ser e tempo*, está, além da presença da poesia, a temporalidade, que impõe ao ser um “movimento extático, fora de si” (NUNES, 2009f, p. 37). A temporalidade é “condição *sine qua non* do tempo astronômico, dos calendários e dos relógios” (NUNES, 2009f, p. 37). Se o homem é “temporal no fundo de seu ser”, como defende Heidegger, Benedito também revela essa natureza em seus textos, pensa assim nos seus ensaios e, evidentemente, a conferência de 2005 não é exceção (NUNES, 2009, p. 38). Para discorrer sobre a interligação passado – presente – futuro, o palestrante procura demonstrar a importância da cultura, dos vivos e dos mortos, da memória coletiva e das experiências das gerações:

Nosso nascimento é uma espécie de morte. Morremos com os que agonizam e nascemos com os que morrem. A poesia constitui a cadeia dessa experiência letal. E é, ao mesmo tempo, a poesia que libera o homem da morte, graças à função da memória, correlata ao circuito da história interligando passado, presente e futuro a uma parcela da eternidade conquistada em cada época (NUNES, 2009f, p. 36, grifos meus).

#### 4.4 PARÁ CAPITAL BELÉM

O livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* é de 2006. Logo, foi publicado em data expressiva: 390 anos após a fundação de Belém em 1616 e, conseqüentemente, uma década antes do quarto centenário da capital paraense.

A produção executiva do livro, em primorosa edição, é da SECULT, tendo o próprio secretário estadual de então, o arquiteto Paulo Chaves Fernandes, como autor da capa (com predominância do verde e formato de paisagem, na Fotografia 22) – o que é uma límpida demonstração da importância concedida à publicação.

Ressalto ainda o reconhecimento do trabalho de Benedito Nunes (2001c, 2006a) por parte dessa gestão da SECULT em outros projetos culturais: também em 2006, Benedito organizou o livro *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia* e, em 2001, *O amigo Chico, fazedor de poetas* – ambos patrocinados pela SECULT com o alto padrão editorial de *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Em 2011, após o falecimento de Benedito, a SECULT editou, no mesmo gabarito, *O amigo Bené: fazedor de rumos*, organizado por Lilia Silvestre

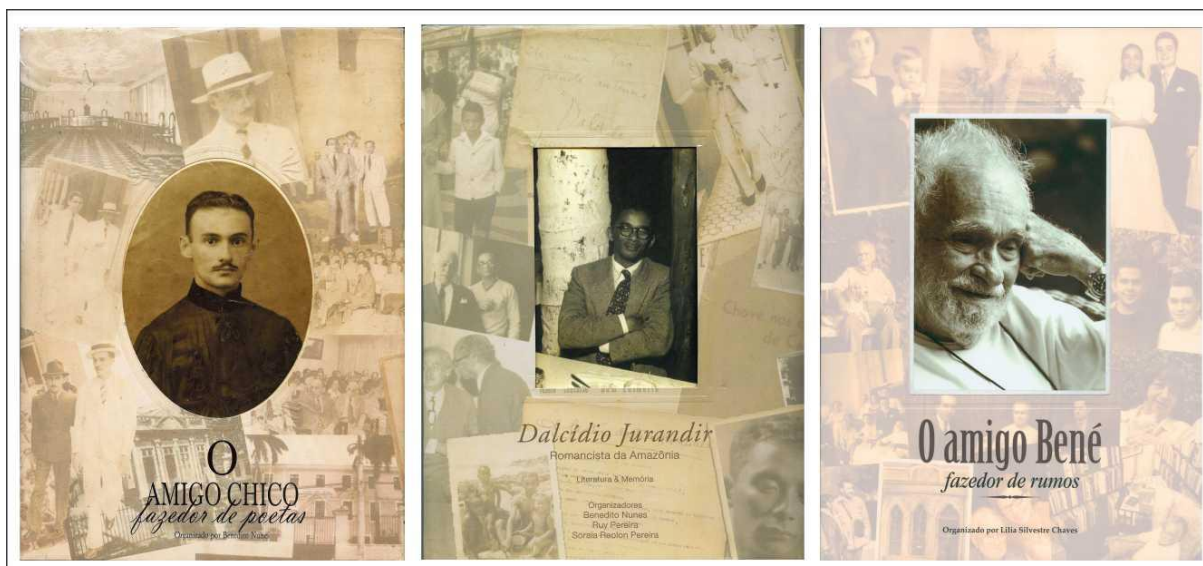


Chaves como homenagem a Benedito Nunes. As capas desses três livros estão na Fotografia 23.

**Fotografia 22** – *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*



**Fotografia 23** – Livros editados pela SECULT.



As duas cidades amazônicas – Belém e Manaus – são vistas em *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* através das seções *Pará capital Belém* e *Amazonas capital Manaus*, cinzeladas particularmente pelo paraense Benedito Nunes e o amazonense Milton Hatoum<sup>100</sup> (NUNES; HATOUM, 2006), dois intelectuais que o ambiente brasileiro sempre vincula à

<sup>100</sup> O site de Milton Hatoum (2012) contém sua biografia.



região amazônica. São “atuantes na arena das letras, na política da cultura e na história de seu tempo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 8). Pondero que os autores têm seus nomes ligados a atividades diferenciadas, pois se Benedito é ensaísta nas áreas de filosofia e literatura, Milton – nasceu em Manaus no ano de 1952 – tem destaque especialmente como autor de ficção, embora produza também vários ensaios, crônicas e críticas. Outra diferença entre os dois escritores diz respeito às cidades de moradia: Benedito sempre morou em Belém e Milton reside há algum tempo em São Paulo.

Todavia, há mais semelhanças do que diferenças entre Benedito e Milton: ambos passaram temporadas longas de estudos em Paris e outras cidades do exterior; ensinaram nas universidades públicas federais de seus estados (Pará e Amazonas, respectivamente) e fizeram jus aos prêmios<sup>101</sup>: *Jabuti*, Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e Ordem do Mérito Cultural – distinção concedida pelo Ministério da Cultura. Os dois estabeleceram grande amizade: a Fotografia 24 reproduz o cartão manuscrito de Milton para Benedito – extensivo à sua esposa Maria Sylvia –, em tom coloquial, quando o amazonense enviou ao paraense em 2005 os originais e as imagens de *Amazonas capital Manaus* visando à publicação do livro. Assim visualizo esses intérpretes da Amazônia, lado a lado, e faço ainda três registros representativos de seus caminhos entrecruzados. Primeiro, em 1992, a *Revista USP* editou um dossiê sobre a Amazônia<sup>102</sup>, do qual faz parte um conto de Milton Hatoum – *Reflexão sobre uma viagem sem fim*<sup>103</sup> (HATOUM, 1992) – dedicado a Benedito Nunes. Segundo, em 2005, a revista *Estudos Avançados*, da mesma USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005), apresentou em dois números seguidos o dossiê *Amazônia Brasileira*<sup>104</sup>, contendo contribuições de Benedito (seleção denominada *Meus poemas favoritos de ontem e*

---

<sup>101</sup> Além desses, cada autor recebeu individualmente outros grandes prêmios.

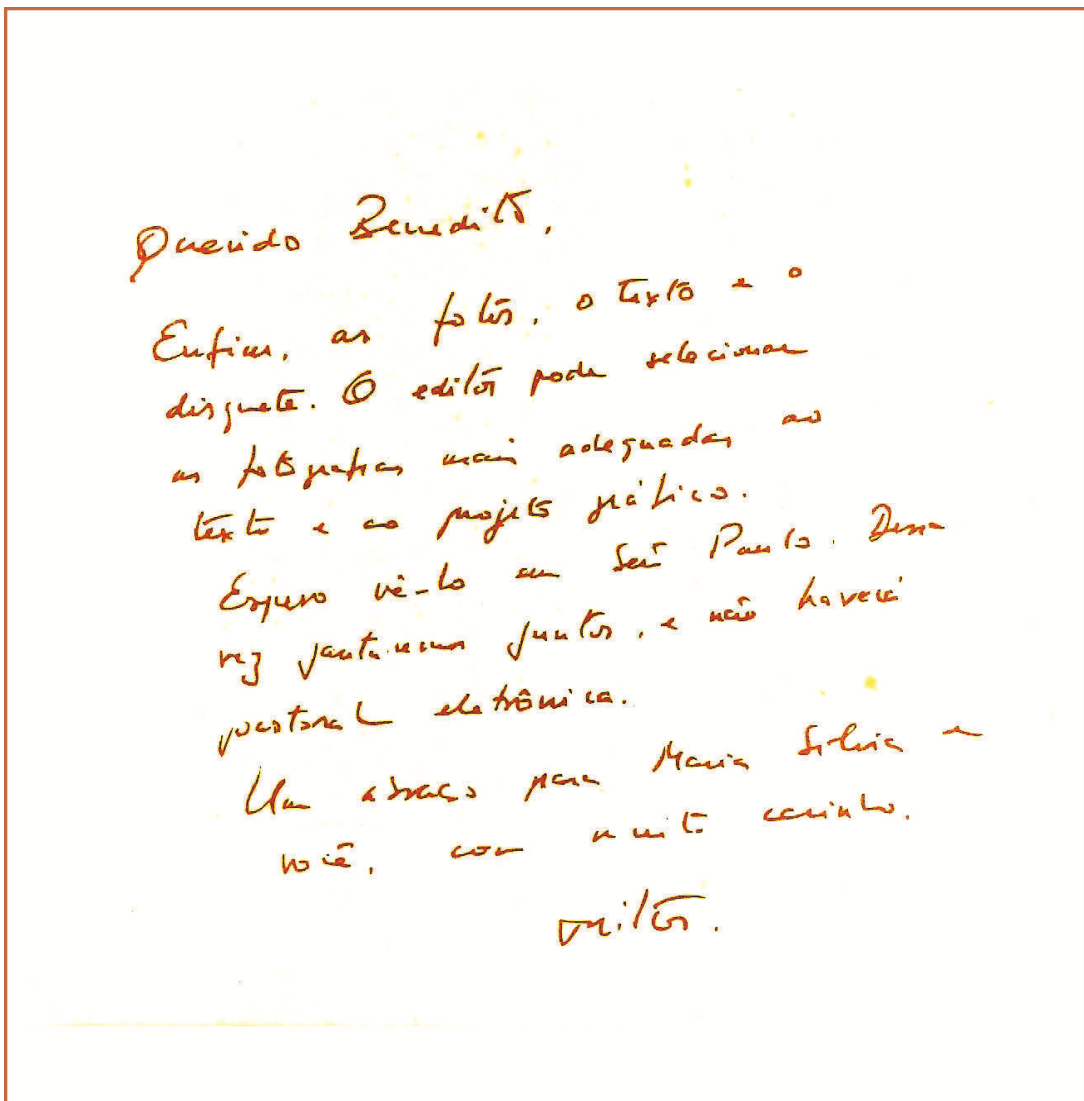
<sup>102</sup> Márcio Souza e Lúcio Flávio Pinto, entre outros, também escreveram para compor o dossiê, no qual há ainda um ensaio de Michel Riaudel sobre as fontes de Júlio Verne usadas no romance *La Jangada*, que se passa na Amazônia. Michel, editor da revista francesa *Infos Brésil*, é intelectual ligado a Benedito e Maria Sylvia Nunes. A amizade decorre das temporadas do casal paraense na França. Entre outros programas comuns, os três visitaram juntos a casa de Franz Kafka em Praga (RIAUDEL, 2011), viagem comentada por Benedito em 2010 no último curso ministrado no CCFC – que abordou Kafka, entre outros autores – com o título *Nilismo: reflexões filosóficas e expressões literárias*.

<sup>103</sup> O conto de Milton e seu personagem Felix Delatour foram preâmbulos nas entrevistas que Benedito concedeu a Castello e a Bender. Para Castello (1993), Delatour é um “bretão circunspecto [...] que sofre de gigantismo”. Para Bender (2009, p. 68), é “um homem com espírito das viagens”.

<sup>104</sup> Como Benedito e Milton, outros autores – alguns com atuação no Pará – contribuíram com textos para o dossiê *Amazônia Brasileira*: Francisco de Assis Costa, Maurílio de Abreu Monteiro, Renan Freitas Pinto, Raymundo Heraldo Maués, Márcio Souza, Violeta Refkalefsky Loureiro, Alfredo Kingo Oyama, Irma Célia Guimarães Vieira, Peter Mann de Toledo, Amarlis Tupiassú etc.

de hoje) e de Milton – conto *A casa ilhada* e poesia *Belém é bíblica?*<sup>105</sup> (HATOUM, 2005a, 2005b), com ilustração na Fotografia 25. Terceiro, em 2009, *A natureza ri da cultura*, outro conto de Milton, incluído no seu livro *A cidade ilhada*<sup>106</sup>, é também oferecido a Benedito – a Fotografia 26 mostra a capa do livro (HATOUM, 2009) e a dedicatória manuscrita no exemplar que Milton presenteou Benedito. A Fotografia 27 reproduz fotografia de Benedito por Luiz Braga.

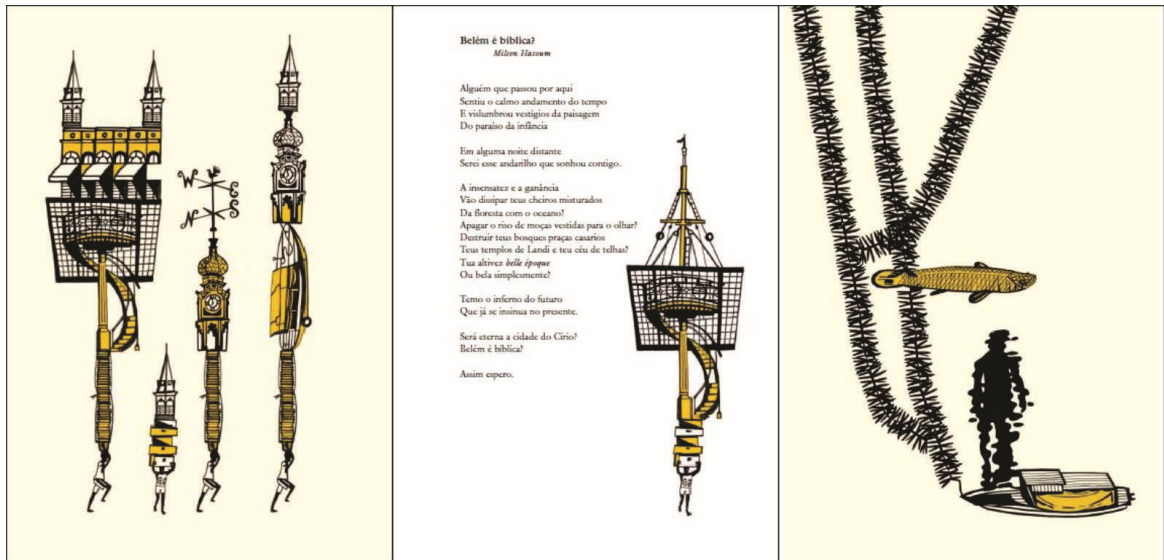
**Fotografia 24** – Cartão de Milton Hatoum para Benedito Nunes.



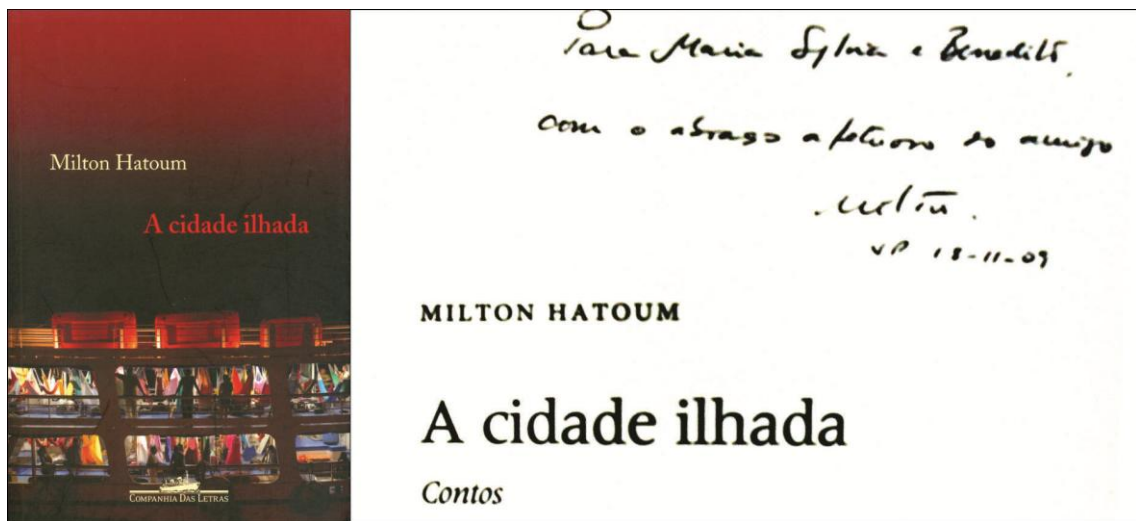
<sup>105</sup> A poesia de Milton, além de ter Belém no título, traz imagens alusivas à cidade e faz referências a Landi e ao Círio, o que denota a aproximação do autor com a capital paraense (Fotografia 25).

<sup>106</sup> A capa do livro estampa imagem do paraense Luiz Braga com o nome *Navio em Santarém*. Luiz fotografou Benedito em diversas ocasiões. A Fotografia 27 exemplifica: reproduz fotografia que consta da revista *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, maio-ago. 2011. No mesmo livro, Milton dedicou o conto *Um oriental na vastidão* à memória de Maria Lúcia Medeiros (escritora paraense).

**Fotografia 25** – Folhas da revista com a poesia *Belém é bíblica?* de Milton Hatoum<sup>107</sup>.



**Fotografia 26** – Livro *A cidade ilhada* com dedicatória de Milton a Benedito.

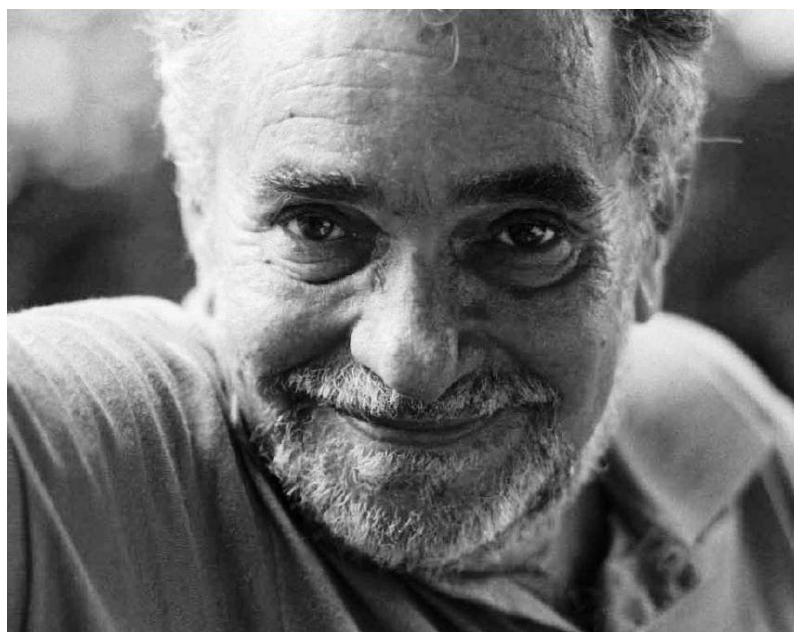


Abro parêntese para comentar *Meus poemas favoritos de ontem e de hoje* porque, nesse texto, Benedito (2005c) parece indicar como o regional deve ser relacionado com o universal. Pois bem, constato que o autor escolheu doze poetas paraenses – Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, Mário Faustino, Paulo Vieira, Antônio Moura, João de Jesus Paes Loureiro,

<sup>107</sup> Reprodução dos versos da poesia: *Alguém que passou por aqui / Sentiu o calmo andamento do tempo / E vislumbrou vestígios da paisagem / Do paraíso da infância / Em alguma noite distante / Serei esse andarilho que sonhou contigo. / A insensatez e a ganância / Vão dissipar teus cheiros misturados / Da floresta com o oceano? / Apagar o riso das moças vestidas para o olhar? / Destruir teus bosques praças casarios / Teus templos de Landi e teu céu de telhas? / Tua altivez belle époque / Ou bela simplesmente? / Temo o inferno do futuro / Que já se insinua no presente. / Será eterna a cidade do Círio? / Belém é bíblica? / Assim espero* (HATOUM, 2005b).

Bruno de Menezes, Antonio Tavernard, Max Martins, Lilia Silvestre Chaves, Jorge Andrade e Age de Carvalho – e alguns de seus respectivos poemas. Lá está uma particularidade importante: quanto aos poemas criados no Pará, Benedito disse preferir “os de menor clichéria verbal, os mais sóbrios e os menos ‘regionalistas’, sem desvalorizar a região ou a cor local como meio de passagem ao universal (NUNES, 2005c, p. 259, grifo meu). Ora, tal perspectiva me conduz ao modo como Márcio Benchimol Barros – professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – interpretou a relação de Benedito com a história cultural da Amazônia: “Em Nunes, [...] toma corpo um movimento no qual uma autoconsciência amazônica abre seu caminho em direção ao todo da cultura ocidental, procurando comunicar-se com ela e absorver em si seus elementos” (BARROS, 2011, p. 399, grifo meu). Concordando com a visão de Barros, fecho o parêntese.

**Fotografia 27** – Fotografia de Benedito Nunes por Luiz Braga<sup>108</sup>.



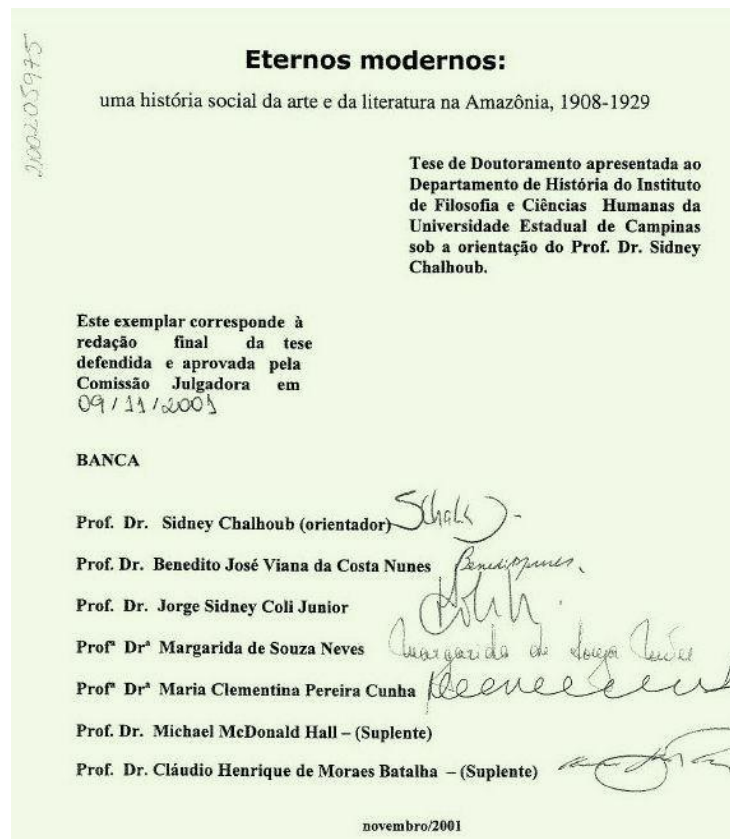
Além dos textos de Benedito e Milton, o livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* tem o *Prefácio à guisa de crônica* de Aldrin Moura de Figueiredo (2006).

Apesar de pertencerem a diferentes gerações de intelectuais e professores da UFPA, Benedito e Aldrin tinham profícua aproximação: “Fui indicado a procurar o Bené por um amigo seu, mais velho, Francisco Paulo Mendes, quando então fazia pesquisa para minha tese de doutorado. Ele me disse: ‘Você tem que conhecer o Benedito’. E assim ocorreu nossa amizade” (FIGUEIREDO, 2011, p. 150). Encadeio cronologicamente alguns registros

<sup>108</sup> Fotografia extraída da revista *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, maio-ago. 2011.

essenciais na composição do legado dessa amizade: em 2000, Benedito e Aldrin escreveram em parceria *Luzes e sombras do Iluminismo paraense* (NUNES; FIGUEIREDO, 2002) – trabalho que faz parte do *corpus* de pesquisa deste projeto; depois, no ano de 2001, Benedito participou da banca examinadora (Fotografia 28) que aprovou a tese de doutoramento de Aldrin na UNICAMP, sob a orientação de Sidney Chalhoub e com o título *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929* (FIGUEIREDO, 2001)<sup>109</sup>; em 2003, Aldrin publicou *Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens*, onde Benedito é figura central, assim como o grupo paraense *Academia dos Novos* e o *Arte e Literatura da Folha do Norte* (FIGUEIREDO, 2003); no ano de 2004, Carlo Ginzburg e Sidney Chalhoub vieram a Belém como palestrantes de simpósio internacional sobre *História, Memória e Literatura* – que também contou com apresentação de Benedito – e as três exposições do encontro deram origem a artigo de Aldrin com o nome *Menocchio, Machado e Maranhão: Ginzburg, história e literatura no Brasil*<sup>110</sup> (FIGUEIREDO, 2007).

**Fotografia 28** – Folha da tese de Aldrin Figueiredo (2001), com a assinatura de Benedito.



<sup>109</sup> Jorge Sidney Coli Júnior, componente da banca examinadora (Fotografia 28), entrevistou Benedito para programa de televisão (item 4.7 desta dissertação).

<sup>110</sup> Para melhor entendimento do título, informo: Menocchio é personagem de livro de Ginzburg, Chalhoub tem estudos importantes a respeito de Machado de Assis, Benedito apresentou palestra sobre a obra de Haroldo Maranhão no simpósio internacional de 2004.

Volto à apresentação de Aldrin no livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*: ele trouxe o pensamento de Santo Agostinho de Hipona – filósofo e teólogo que viveu entre os anos 354 e 430 – em *Confissões*, obra considerada autobiográfica, além de filosófica, que reflete o percurso do escritor para se encontrar com Deus. Santo Agostinho foi uma figura muito importante para desenvolver o cristianismo no mundo ocidental. As reflexões de Aldrin têm base no *Livro X* de *Confissões*, dedicado sobretudo à memória e ao seu respectivo poder. Portanto a memória impulsionou Benedito e Milton à confecção das crônicas de suas cidades para preservar a história.

dirijo-me para [...] os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inúmeras imagens veiculadas por toda espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu ou sepultou. Quando aí estou, peço que me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas durante mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras ainda precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo: ‘Será que somos nós?’ (HIPONA, 2008, p. 53-54, grifos meus).

Santo Agostinho prosseguiu nesse *Livro X* seu pensamento quanto aos “vastos palácios da memória”, chamando a atenção dos leitores para a possibilidade do esquecimento:

Aí está à minha disposição o céu, e a terra, e o mar, com todas as coisas que pude perceber pelos sentidos, exceto aquela que me esqueci. [...] Grande é essa força da memória. Quem lhe chegou ao fundo? (HIPONA, 2008, p. 55, grifo meu).

A memória, como tema, remete ao trabalho *Filosofia e memória*<sup>111</sup> que Benedito apresentou em congresso internacional na UFRJ realizado em 1987. Para Benedito, *Confissões* nos convida a penetrar nos palácios da memória “para poder desencavar, do mais secreto de seus compartimentos, os mesmos padrões eternos que aí deixara gravados na alma, com sua imagem e semelhança, o Deus pessoal, providencial e transcendente dos cristãos” (NUNES, 2010b, p. 21). Depois, em 1995, Benedito veiculou no jornal *Folha de S.Paulo* o ensaio *Elogio humanista da velhice* que examina o livro *Memória e sociedade: lembranças de velho*, de Ecléa Bosi (1994), sobre o “papel do velho como fonte de tradições e detentor da memória coletiva”, pois seus depoimentos valem “para a reconstituição historiográfica e a

<sup>111</sup> A ideia foi ampliada e deu origem ao ensaio *Memória: Literatura e Filosofia*, com muitas citações da literatura de Proust sobre a lembrança espontânea (NUNES, 2011b).



compreensão sociológica” de uma cidade. Concordando com Ecléa e se referindo também a pensadores do quilate de Henri Bergson e Maurice Halbwachs, Benedito escreveu: a velhice é a “idade por excelência da rememoração” porque “quanto mais se libera o homem da premência do agir, mais espontâneo é o fluxo da rememoração” (NUNES, 1995, p. 10). De acordo com Bergson, “tomada por base de uma intuição efetiva, de caráter instintual, a memória relacionar-se-ia, também, diretamente com o tempo – com o fluxo da consciência como duração interior (*durée*), em que passado e presente se interpenetram” (NUNES, 2010b, p. 23, grifos meus).

Tempo sempre foi tópico que conquistou a atenção de Benedito e o deixava com brilho nos olhos. Nessa linha, citam-se exemplos de trabalhos do professor paraense<sup>112</sup>: *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*<sup>113</sup>; *Experiências do tempo*; *O tempo na narrativa*; *Heidegger & Ser e tempo* (NUNES, 1986, 1992, 2003c, 2004c).

Com perspicácia, Aldrin apontou e reuniu os temas principais – memória, tempo e história – para o entendimento de *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* em observações densas como “crônica é memória” e “em suas origens mais remotas [...] é uma mera compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”, é “portanto filha predileta da cronologia” – o radical da palavra confirma sua origem. Se o livro com a epígrafe de Santo Agostinho traz *Pará capital Belém e Amazonas capital Manaus*, logo “Benedito Nunes e Milton Hatoum são legítimos cronistas de suas aldeias, paraísos perdidos, palácios da memória, invocados pela lembrança do tempo que passou” (FIGUEIREDO, 2006, p. 5, grifos meus). Os dois autores voltam-se

para si mesmos, para aquilo que Santo Agostinho [...] chamaria de viagem ao espírito, parte mais importante da alma humana. É reminiscência por certo. Se por um lado, não há desejo de voltar ao passado, também não existe sentimento de pertencer ao presente da cidade (FIGUEIREDO, 2006, p. 8).

“Santo Agostinho havia de ter razão” (FIGUEIREDO, 2006, p. 5). Aldrin, também.

Em *Pará capital Belém* (NUNES, 2006c), há uma espécie de abertura feita simbolicamente com a fotografia do pano de boca do Theatro da Paz, assinada por Elza

---

<sup>112</sup> Segundo levantamento efetuado por Tarricone (2011), Benedito é também autor do ensaio *Tempo e consciência histórica* – publicado no ano de 1958 em duas partes no *Jornal do Brasil*, periódico no qual Mário Faustino tinha atuação destacada – e de *O tempo dividido: Cosmos e História* – editado pela UFPA –, entre outros trabalhos relativos à temática.

<sup>113</sup> O livro publicado em 1986 ganhou o *Jabuti* no exercício seguinte. Antes dessa escolha, o trabalho de Benedito foi objeto de ensaio de Ernani Chaves (1996) veiculado em jornal paraense.

Lima<sup>114</sup>. Depois, como no começo de um espetáculo que prenderá o olhar da plateia, quando a cortina colorida sobe e desaparece, vem a exposição textual de Benedito que surge assim nesse gênero de palco acompanhada de nada menos do que quatorze artísticas imagens intercalares que reproduzem, por exemplo: vista de Belém em litogravura de 1839; Igreja e Convento dos Mercenários; Palácio Lauro Sodré em 1909; Rua Conselheiro João Alfredo, ainda à época em que a cidade dispunha do serviço de bonde; Estúdio de Felipe Fidanza; prédio da Rocinha no Museu Goeldi; Praça da República, antigo Largo da Pólvora, com o Theatro da Paz ao fundo. Todas as imagens estão replicadas na Fotografia 29. O texto completo de Benedito destaca as seguintes dez seções (esquemáticamente ordenadas e mostradas na Figura 4): *O Padre Vieira, Landi e La Condamine; De quase Veneza a quase Liverpool; Pichilinga à beça; Biblioteca, Theatro da Paz, Jornais, os subversivos inclusive; O Positivismo congraça; Fisiognomonía, imagens; Paris n'América; Folias teatrais: de Montmartre ao Largo de Nazaré; Os ilustres emigrados, livros à mão cheia; A coruja de Minerva e Dom Sebastião, por conclusão*. Embora Benedito tenha se utilizado desses subtítulos criativos, vale dizer que o texto de *Pará capital Belém* também poderia ser fruído mesmo sem subdivisões ou capítulos e nem desse modo cansaria seus leitores. De qualquer forma, a reunião dos dez títulos expressa e resume bem a abrangência do trabalho. A seguir, procuro fazer algumas observações sobre os conteúdos iniciais de Benedito e sua dezena de seções.

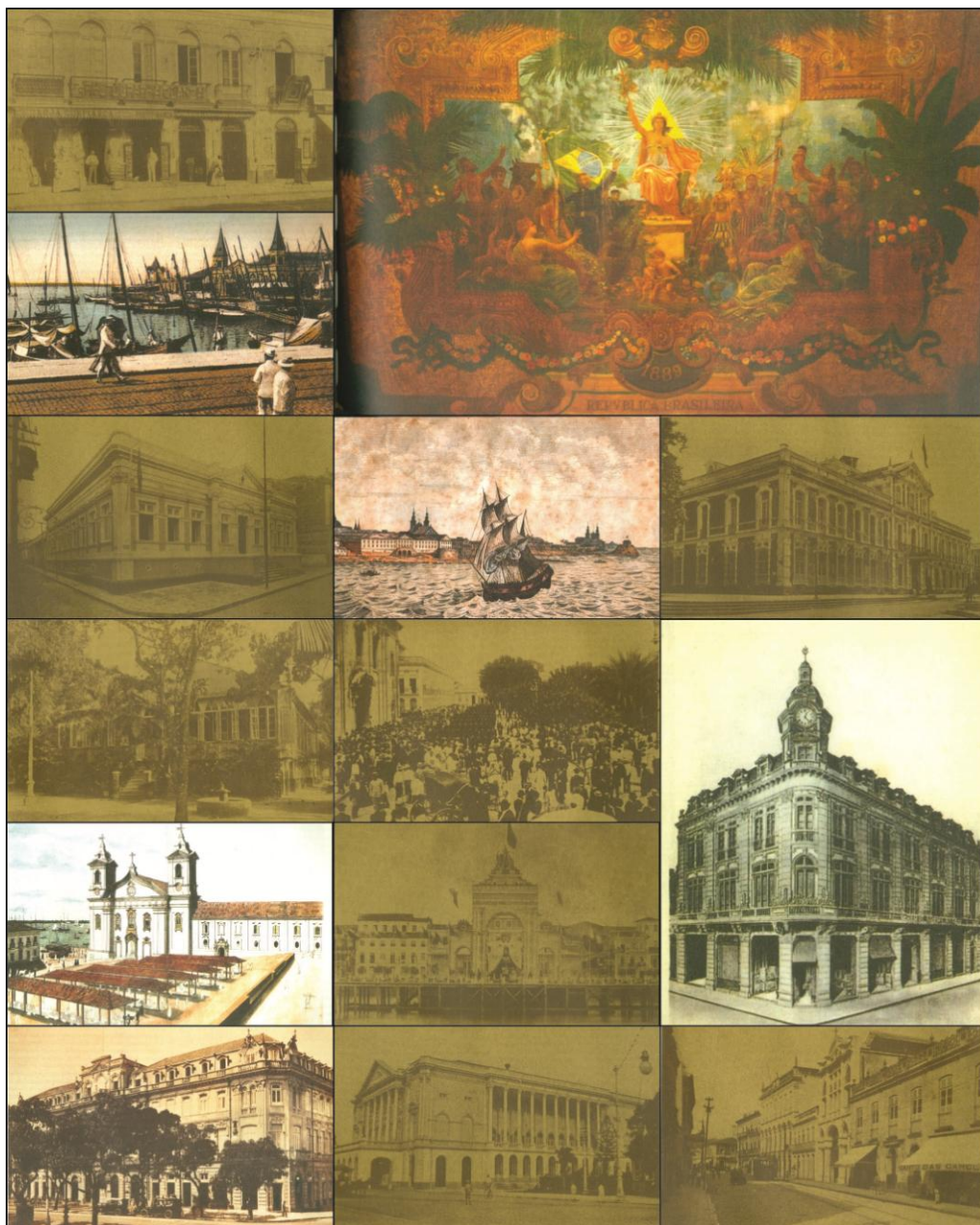
Como introdução, sob a epígrafe poética de Baudelaire – “A velha Paris não existe mais (a forma de uma cidade / Muda mais rápido, ai de nós! Que o coração de um mortal)”<sup>115</sup> – que lembrava a Paris que não mais existia, Benedito em *Pará capital Belém* afirmou que essa crônica, iniciada com a referência à fundação em 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, paga sua “velha dívida com Belém”. O professor também lembrou a geração que viveu na cidade entre 1940 e 1960, quando a capital do Pará “ainda era uma cidade amável”: “Traço apenas, como um desenho à mão livre, o meu retrato de Belém” (NUNES, 2006c, p. 11, grifos meus).

<sup>114</sup> Elza fotografou Benedito em diversas ocasiões, como a da Fotografia 30.

<sup>115</sup> “*Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville / Change plus vite, hélas! que la coeur d'un mortel.)*” – versos originais citados por Benedito e traduzidos na sua nota de rodapé (NUNES, 2006c, p. 11). “Memória, crônica e poesia para todos nós” (FIGUEIREDO, 2006, p. 8).



**Fotografia 29** – Imagens intercalares em *Pará capital Belém*.



Entendo que a alusão inicial a versos de *O Cisne* – poema de Charles Baudelaire que integra *As Flores do Mal* – parece definir o estilo da criação de Benedito em *Pará capital Belém*. Segundo Friedrich (1995), quando o poeta francês versa sobre a modernidade, faz uso de forma que produz dissonância ou desarmonia: porque torna o negativo também fascinador. Para Benjamin (1994, p. 80), de “todas as relações estabelecidas pela modernidade, a mais notável é a que tem com a antiguidade”. Baudelaire viu isso no escritor Victor Hugo, a quem ofereceu *O Cisne*.

Nenhuma das reflexões estéticas da teoria baudelairiana expõe a modernidade em sua interpenetração com a antiguidade como ocorre em certos trechos de *As Flores do Mal*.

À frente deles está o poema *O Cisne*. Não é a toa que se trata de um poema alegórico. Essa cidade tomada por constante movimentação se paralisa. Torna-se quebradiça como o vidro, mas, também como o vidro, transparente – ou seja, transparente em seu significado (BENJAMIN, 1994, p. 81, grifo meu).

**Fotografia 30** – Fotografia de Benedito Nunes por Elza Lima<sup>116</sup>.



Benedito procurou valorizar as fontes que usou em sua pesquisa – “a que acrescentei a cor pessoal da memória afetiva” (NUNES, 2006c, p. 11, grifo meu) – daí ter homenageado no texto, de forma explícita, seis intelectuais: Vicente Salles<sup>117</sup>, Roberto Santos<sup>118</sup>, Fábio Castro<sup>119</sup> e, postumamente, Eidorfe Moreira<sup>120</sup>, Augusto Meira Filho<sup>121</sup> e Ernesto Cruz<sup>122</sup> –

<sup>116</sup> A fotografia foi reproduzida da revista *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, maio-ago. 2011.

<sup>117</sup> Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito (2006c) incluiu: *A música e o tempo no Grão-Pará; Épocas do teatro no Grão-Pará ou apresentação do teatro de época; Memorial da Cabanagem; O Negro no Pará*.

<sup>118</sup> Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito (2006c) incluiu o livro *História econômica da Amazônia (1800-1920)*.

<sup>119</sup> Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito (2006c) incluiu a dissertação de mestrado *A cidade sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*.

<sup>120</sup> A aproximação entre Eidorfe Moreira e Benedito Nunes é detalhada em outros textos do *corpus* desta pesquisa de mestrado. Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito incluiu três obras de

autores fundamentais nas referências do livro que somam 71 obras para quem quiser estudar Belém.

As seções de *Pará capital Belém* são apresentadas por meio de esquema gráfico na Figura 4, para melhor visualização do conjunto da obra.

**Figura 4** – Seções de *Pará capital Belém*.



Logo depois da breve introdução estampada no ensaio *Pará capital Belém*, em *O Padre Vieira, Landi e La Condamine*, o texto tem foco no ano de 1616, Francisco Caldeira Castelo Branco e o Forte do Presépio – núcleo inicial de Belém. Vieira chegou aqui em 1655. Nos seus comentário, Benedito retorna ao livro *Belém e sua expressão geográfica* de Eidorfe

---

Eidorfe: *Belém e sua expressão geográfica; O livro didático paraense: breve notícia histórica; Visão geossocial do Círio* (MOREIRA, 1971).

<sup>121</sup> Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito (2006c) incluiu: *Antônio José Landi: o arquiteto-régio de Bolonha (esboço histórico); Antônio José Lemos: o plasmador de Belém; O bissecular palácio de Landi; A capela de Santo Alexandre; Contribuição à História da Pintura na Província do Gram-Pará no Segundo Reinado (esboço biográfico de um artista esquecido); Landi, esse desconhecido (o naturalista)*.

<sup>122</sup> Nas referências de *Pará capital Belém*, Benedito (2006c) incluiu: *Belém: aspectos geossociais do município; A História da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará 1871 – 25 de março – 1971*.



Moreira: “Belém era então um modesto ajuntamento de construções de pau a pique e de enchimento cobertas de palha” (MOREIRA, 1966, p. 34 apud NUNES, 2006c, p. 12).

[...] a colonização lusa encontrou na região condições ideais para uma obra pioneira em grande escala (MOREIRA, 1966, p. 29).

Geograficamente considerada, porém, a marca ou feição indígena da cidade residia no seu primarismo arquitetônico. Belém era então um modesto ajuntamento de construções de pau a pique e de enchimento cobertas de palha. Tanto quanto nos costumes, o português imitou também o índio em matéria de construção. Nada mais expressivo neste sentido do que a adoção generalizada da palhoça e da caiçara por parte do colonizador, principalmente esta última, pelo seu caráter de precaução e de defesa (MOREIRA, 1966, p. 34, grifo meu).

A informação de que se mataram “dois milhões de índios em quarenta anos” impressionava Benedito e Vieira<sup>123</sup> (NUNES, 2006c, p. 12). O padre fez sua mais arrojada viagem, “rio Tocantins afora, logo depois de ter chegado a Belém” (NUNES, 2006c, p. 14). Passando para o século XVIII, o professor paraense abordou em sua análise a chegada do arquiteto Giuseppe Landi entre nós, precedendo a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira – que “abriu a rota para os viajantes cientistas estrangeiros” –, listou as principais obras do bolonhês, definiu seu estilo – “um neoclássico que não abandona o barroco e o combina ao rococó” –, lembrando também que o mineiro Aleijadinho fora seu contemporâneo (NUNES, 2006c, p. 14).

Sobre Charles-Marie de la Condamine, Benedito reproduziu a impressão a respeito de Belém – como uma grande cidade – que o cientista e explorador francês manifestara no livro *Viagem pelo Amazonas (1733-1745)*.

Ao longo da segunda seção – *De quase Veneza a quase Liverpool*<sup>124</sup> –, Benedito enfatizou a característica de Belém, desde o século XVIII, como uma “cidade cêntrica” (NUNES, 2006c, p. 17, grifo meu): primeiro, porque “centralizava a paisagem do estuário amazônico, entre rio e floresta”. Tal centralização tinha a ver também com as relações comerciais, mantidas com “o estrangeiro e o resto do país”, incluindo o “mercado escravo”

<sup>123</sup> Antes, Benedito também escreveu *Os tristes, brutos índios de Vieira, ou um missionário aturdido*, ensaio inicialmente publicado no ano de 2000, em livro organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádya Battella Gotlib. Depois fez parte, no ano de 2007, da revista *Asas da palavra* da UNAMA (comemorativa dos quatrocentos anos de nascimento do Padre Vieira) e, em 2009, foi incluído no livro *A clave do poético*.

<sup>124</sup> Benedito sempre foi criativo na escolha dos títulos de seus trabalhos: Belém *quase Veneza* porque havia projeto (final do século XVIII), que não foi levado adiante, de abrir canais no Piri; Belém *quase Liverpool* por causa da linha regular entre Belém e Liverpool, a partir da abertura da bacia amazônica para navegação internacional, anunciada em 1866 (NUNES, 2006c).

(NUNES, 2006c, p. 17). Depois que as culturas indígenas foram subjugadas e destruídas, Belém centralizava o “prolongamento armado da civilização europeia na Amazônia” (NUNES, 2006c, p. 17), mantendo a vigilância do rio Amazonas e assim gerindo a penetração do poder imperial. Nessa análise, Benedito usou a expressão “bandeirantismo” (NUNES, 2006c, p. 18), empregada quarenta anos antes no livro *Belém e sua expressão geográfica* de Eidorfe Moreira (1966)<sup>125</sup>. A respeito do século XVIII, Benedito comentou as plantações do Marquês de Pombal. No XIX, a revolta da Cabanagem, a substituição do transporte à vela pelo barco a vapor e a abertura da bacia amazônica à navegação internacional – que trouxe Felipe Augusto Fidanza<sup>126</sup> a Belém, onde ficou estabelecido e montou *atelier* de fotografia–, entre outros registros históricos. Depois, situado no século XX, referiu-se ao *crack* que pôs fim à fase áurea da borracha.

Em *Pichilinga à beça*, penso que a ideia de Benedito foi mostrar o descontrole de mecanismos reguladores de importações / exportações, bem como as desigualdades sociais decorrentes, já que a pichilinga<sup>127</sup> (ou libra esterlina) “corria a rodo em Belém” e “nunca houve tantos ricos no meio de tanta pobreza” (NUNES, 2006c, p. 21). Quanto à desigualdade social em Belém, há uma abordagem semelhante feita por Edna Castro: “a cidade é o espaço mais visível e concentrado das diferenças de classe e das contradições sociais, como nos mostra Lefebvre” (LEFEBVRE<sup>128</sup>, 1974 apud CASTRO, 2008, p. 16).

Outros temas desenvolvidos nesse tópico foram: a seca no Nordeste em 1877 – que provocou a fuga de nordestinos para cá, substituindo os índios na extração do látex–, dados populacionais de Belém e sua urbanização acelerada, assuntos que Benedito aborda em *Universidade e regionalismo*<sup>129</sup>.

*Biblioteca, Theatro da Paz, Jornais, os subversivos inclusive* é o capítulo seguinte de *Pará capital Belém*. É evidente, pelo título, que o foco inicial é a inauguração da Biblioteca e Arquivo Públicos – com linhas neoclássicas – e, depois, do Theatro da Paz, ambos no século XIX. Benedito primeiramente comentou sobre os assuntos: os tempos de iluminação a gás; o

<sup>125</sup> Eidorfe entendia a Belém de então como “centro de irradiação bandeirantina” que influenciava toda a região (MOREIRA, 1966, p. 42, grifos meus).

<sup>126</sup> Embora Fidanza seja nome associado à fotografia, nem todos sabem a respeito do que Benedito revelou em *Pará capital Belém*: Fidanza era fotógrafo da comitiva oficial do imperador na viagem a Belém feita em 1866 para declarar a abertura da bacia amazônica à navegação internacional no ano seguinte. Fidanza não acompanhou o retorno de D. Pedro II, estabelecendo-se em Belém onde instalou seu *atelier* (NUNES, 2006c).

<sup>127</sup> Segundo Roberto Santos (1980), o povo chamava a libra esterlina de pichilinga, como lembrou Benedito, que atribuiu a denominação à pronúncia equivocada de *schilling*, moeda inglesa (NUNES, 2006c).

<sup>128</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Ed. Anthropos, 1974.

<sup>129</sup> Item 4.6 desta dissertação.

“cuidado de calçar os arredores do teatro com paralelepípedos betuminosos, em cuja composição entrava o látex, de modo a impedir que o ruído ocasionado pelo atrito das carruagens, seges e coches, prejudicasse os desempenhos da casa de espetáculos”; os carros puxados a burro; os bondes eletrificados (NUNES, 2006c, p. 22).

Quanto aos jornais, revistas e circulação de ideias, o professor não poderia deixar de destacar Felipe Patroni, falecido em 1866, “homem de erudição e talento [...] que introduziu a prensa e a imprensa no Pará”. Citou os principais periódicos da terra e observou, reportando-se ao século XIX, que, em “matéria de ideias políticas e sociais, do socialismo francês, proudhoniano, ao marxismo, não ficamos desatualizados”. Ainda quanto aos jornais, depois, no adjacente vigésimo século, a *Folha do Norte* durou até a década de 70 e *A Província do Pará* teve seu prédio incendiado em 1912 (NUNES, 2006c, p. 26).

No item *O Positivismo congraça*, um propósito do autor foi mostrar que Lauro Sodré e Antônio Lemos eram adeptos do positivismo, embora fossem inimigos políticos. Quando jovem, Lauro Sodré escreveu o livro *Crenças e opiniões* (SODRÉ, 1997)<sup>130</sup>, uma apologia da doutrina de Comte. Quanto ao maranhense Antônio Lemos, primeiro intendente de Belém, “ascendeu à Prefeitura na fase da República, coincidente com a exportação da borracha”, e trazia de seus devaneios em Paris, para onde habitualmente viajava, inspirações para a reforma de Belém”. Assim, importamos o gosto *Art Nouveau* (NUNES, 2006c, p. 27). Extraio alguns itens da leitura de Lemos feita por Benedito:

[...] misto de ‘coronel’ político, como aguerrido chefe de facção, e de administrador municipal, na comparação de muitos um rústico barão Haussmann<sup>131</sup> do Norte, pouco intelectualizado, porém cercado de intelectuais no jornal *A Província do Pará*.

[...]

De acordo com o positivismo, o progresso [...] exigia dos mais esclarecidos, dos luminares, no topo da sociedade, assistência aos desvalidos e higiene para melhorar a saúde e evitar as epidemias. Lemos construiu orfanato, asilo de mendicidade, montou forno crematório, matadouro e sistema de esgotos, reorientando o traçado da cidade, que ampliou até o Marco da Léguas patrimonial.

[...]

A reforma [...] da cidade seguiu [...] o *Art Nouveau* [...]. Ergueu-se o Mercado de Peixe, todo de ferro; apareceram belos edifícios públicos de requintados gradis e palacetes residenciais, mobiliados no mesmo estilo, aos quais não faltavam vasos de Gallé, mesas de bronze, jarras e vitrais<sup>132</sup> (NUNES, 2006c, p. 27).

<sup>130</sup> A edição original é de 1896.

<sup>131</sup> Haussmann (1809-1891): administrador francês que dirigiu as obras que transformaram Paris (BARBOSA, 1994).

<sup>132</sup> Sobre o assunto, Benedito indicou a leitura do livro de Célia Bassalo (1984).

Euclides da Cunha foi testemunha da Belém daquele tempo lealista e não economizou adjetivos para expressar sua opinião:

No Pará, tive uma lancha especial oferecida pelo Senador Lemos. Passei ali duas horas inolvidáveis – e nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade. Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de quarenta metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina do resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, com as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa (TRAVASSOS<sup>133</sup>, 1931, p. 72 apud NUNES, 2006c, p. 27, grifos meus).

Passo ao conteúdo da seção *Fisiognomonia, imagens*, entendendo que a palavra fisiognomonia, de origem grega, diz respeito à arte de conhecer o caráter de uma pessoa a partir de seus traços fisionômicos. Se o termo é usado para uma cidade, então se refere a um conjunto de suas características especiais. As imagens de Belém formam um conjunto próprio e compõem a estética da capital paraense. Para Benedito, “Belém perderia a face sem o seu barroco, sem as suas árvores”, por exemplo.

A estética de uma cidade, que se assenta nas particularidades do meio natural, também procede do segundo meio, do ambiente formado pelas obras de urbanização. Ruas e praças, jardins e construções definem-lhe a fisionomia, emprestando-lhe uma expressão particular e única, uma cara legível, interpretável (NUNES, 2006c, p. 29).

Benedito relacionou algumas imagens que constituem a fisiognomonia de Belém – igrejas de Landi, Theatro da Paz, Bosque Rodrigues Alves, enseada do Ver-o-Peso, mangueiras, Praça da República, Praça Batista Campos etc – e, de forma nostálgica, observou que o Grande Hotel do “passado fastígio” só é recuperável “pela memória pessoal e pela fotografia” (NUNES, 2006c, p. 29-30).

Em *Paris n’América*, além de destacar essa imagem como ícone<sup>134</sup> de Belém, Benedito fez referências aos hábitos dos abastados da *belle époque* e comentou a importação de moda estrangeira, entre outras observações.

<sup>133</sup> TRAVASSOS, Renato (Org.). *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Waissman, Reis, 1931, p. 72.

<sup>134</sup> A loja aberta em 1908 expressa a aspiração de Belém, “no auge da borracha, de criar nos trópicos, debaixo da linha do Equador e na porta de entrada da Amazônia, um símile da capital da França” (BOLLE, 2008, p. 105).

A propósito da fisiognomonia de Belém e de seus principais ícones urbanos, registro uma parte da entrevista que o professor Willi Bolle me concedeu sobre este projeto de mestrado. Minhas perguntas: Em *Pará capital Belém*, como você lê Benedito Nunes? No livro, ele é um intérprete de Belém? Ele usa seus conhecimentos de filosofia e literatura para escrever sobre Belém? Recebi a resposta do entrevistado:

Sim. Eu li esse livro que ganhei de presente de Benedito. Eu li imediatamente e me foi muito útil na elaboração do meu estudo sobre Belém como porta de entrada da Amazônia<sup>135</sup>, notadamente no uso do conceito de ícone urbano. Aqui em Belém é o Ver-o-Peso, é o Forte do Castelo, a Catedral da Sé, o Theatro da Paz, a Avenida Nazaré... Então, esses ícones urbanos me ajudaram a fazer essa apresentação de Belém para forasteiros quando vesti, dentro da tradição benjaminiana, o papel de um *flâneur*<sup>136</sup>.

*Folias teatrais: de Montmartre ao Largo de Nazaré* é um capítulo muito interessante de *Pará capital Belém* porque mostra ainda mais semelhanças<sup>137</sup> entre Paris e Belém. *Montmartre* é um bairro boêmio em Paris onde fica o *Moulin Rouge*, emblemático da *belle époque*. Por seguir os hábitos franceses, Belém ficou conhecida como *Montmartre* paraense com seu Olympia no Largo da Pólvora:

Na larga terrasse do Grande Hotel, calçada apetrechada de mesinhas, ponto mundano da reunião de burgueses, barões da borracha, fazendeiros, jornalistas, políticos e intelectuais, desembocavam, também, os frequentadores dos diversos teatros em funcionamento no Largo da Pólvora, como o Politeama e o Pálace, e das vesperais e saraus do cinema Olympia, que se instalara ao lado, em 1912 (NUNES, 2006c, p. 33).

Mas Benedito ponderou que as atividades ligadas à música e ao teatro em Belém vinham de data anterior – outra vez, a arqueologia é promovida pelo professor–, pois o Teatro de Ópera projetado por Landi “mantivera-se de portas abertas até 1812” (NUNES, 2006c, p. 33).

<sup>135</sup> *Belém, porta de entrada da Amazônia* faz parte do livro *Cidades na Floresta*. Ao final do trabalho financiado pelo CNPq, Bolle (2008, p. 146) agradece seus “principais interlocutores na confecção” do ensaio: Benedito Nunes, Edna Castro, Rosa Acevedo e Simaia Mercês, entre outros.

<sup>136</sup> Entrevista concedida por Willi Bolle em 30/04/2011 e gravada em vídeo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2011a).

<sup>137</sup> Castro (2008, p. 34) refere-se a “um ideário urbano ocidental, emergente em um momento em que a cidade europeia [...] se tornou expressão maior da modernidade”. Para Marin e Chaves (1997, p. 412), “a cidade volta-se totalmente para a Europa, símbolo por sua vez das ‘luzes’, do progresso, da civilização e da cultura. Numa palavra, símbolo da modernidade”.



Como o maior tema do capítulo é música, Benedito não poderia deixar de falar sobre o “préstimo fúnebre” (NUNES, 2006c, p. 36) de Carlos Gomes<sup>138</sup>, concentração da qual participaram todas as classes sociais de Belém, no governo de Lauro Sodré. Aliás, sobre as diferenças culturais, o professor fez suas comparações baseado naquela multidão: “é de se imaginar que significativo número de seus componentes frequentasse não o Theatro da Paz, mas os teatrinhos do Largo de Nazaré” (NUNES, 2006c, p. 36, grifo meu). O eixo da cultura se ramificava em duas direções: “a dos espetáculos ao gosto da tradição europeia [...] e a dos espetáculos dramático-musicais ao gosto popular” (NUNES, 2006c, p. 36), mas essa estratificação foi objeto da análise de Benedito:

Não falamos [...] de duas culturas frente a frente, uma europeia e outra amazônica. A bifurcação [...], mais social do que cultural, e que também não se limita a opor o erudito e o popular, exterioriza a divisão entre a camada ‘alta’ e a camada ‘baixa’ da população urbana, correspondente à sua estratificação, condicionada à desigualdade dos meios de vida (NUNES, 2006c, p. 36, grifos meus).

Essa consideração sobre a sociedade de Belém foi fundamental para que Benedito explicasse, como um abalizado cientista social e político, o porquê da multidão, de todas as classes, no adeus ao maestro:

Em sociedades assim polarizadas, como a nossa, é difícil economizar a noção de classe, e é metodologicamente impossível utilizá-la sem a ideia de que a mentalidade da classe dirigente só consegue impor-se à outra simbolicamente, por meio de um discurso persuasivo que consegue a sua adesão. Os participantes, no cortejo fúnebre de Carlos Gomes, das plateias baixas, aderiram no ato, à mentalidade que o discurso da alta, heroificando o maestro entronizado, lhes transmitia (NUNES, 2006c, p. 36, grifos meus).

Vicente Salles – homenageado por Benedito em *Pará capital Belém* – também teve oportunidade de se deter na interpretação do “prestígio popular” de Carlos Gomes e observou, por exemplo, o aproveitamento que o maestro e compositor fez das figuras do romance de José de Alencar “tornadas populares pela música”. Vicente inferiu: “para o povo, portanto, a música, mais do que o homem, é um patrimônio coletivo” (SALLES, 1996, p. 16). E assim

---

<sup>138</sup> “Ao morrer, em 1896, Carlos Gomes foi sacralizado, entronizado no panteão nacional, por conta, sobretudo, das pompas fúnebres que repontaram no país, celebrando o seu legendário” (COELHO, 1996, p. 226-227).

rememorou a música *História do Brasil* de Lamartine Babo<sup>139</sup>, lançada no carnaval de 1934 – portanto, quase quatro décadas depois da morte de Carlos Gomes.

No capítulo *Os ilustres emigrados, livros à mão cheia*, Benedito abordou, primeiro, figuras ilustres do Pará que emigraram para o Rio de Janeiro, como José Veríssimo e Inglês de Sousa – “ambos foram homens do interior e ambos emigraram, precedendo igual destino de [...] outros notáveis, seus contemporâneos” (NUNES, 2006c, p. 38). Depois, Benedito observou: “Livros nunca nos faltaram. Chegavam com as modas de Paris” (NUNES, 2006c, p. 38). Estavam nas nossas livrarias e nas bibliotecas particulares. A cidade de Belém ainda não tinha cursos superiores, mas “no seu período áureo editou apreciável número de livros didáticos, de autoria de professores paraenses” (NUNES, 2006c, p. 38). Esse levantamento dos nossos livros didáticos – tema fundamental para entender como se desenvolvia a educação em Belém – foi conduzido com zelo por Eidorfe Moreira (1979) e deu origem a *O livro didático paraense: breve notícia histórica* citado por Benedito.

Com relação ao fato de nossos intelectuais saírem de mudança do Pará para centros que detêm hegemonia, Benedito também tratou da questão em outros textos mais antigos do *corpus* desta pesquisa de mestrado, como *Meu caminho na crítica e Universidade e regionalismo* (NUNES, 2005b, 2008a). O assunto sempre vem à baila nas análises sobre a biografia de Benedito: por que ele permaneceu em Belém? Sobre esse tema recorrente, há uma declaração essencial de Antonio Candido em dossiê sobre Benedito:

[Benedito] pertence a um tipo muito característico de intelectual, o que não renuncia à sua província. Nós temos o caso dele no Pará; o caso de Gilberto Freyre, em Pernambuco; do Érico Veríssimo, no Rio Grande do Sul; e do Emílio Moura em Belo Horizonte. Respeito muito esses intelectuais que resistem ao magnetismo das grandes metrópoles [...]. Ele é um pioneiro ao acreditar que os núcleos de conhecimento devem ser desenvolvidos em vários pontos do Brasil, em várias universidades, em vez de se concentrar apenas nas faculdades famosas (apud LEITE, 2009, p. 106, grifos meus).

Em todo o Brasil e no exterior, as atividades de Benedito Nunes, fora de Belém, sempre lhe ensinaram o “caminho de volta” para sua cidade, como bem resumiu o escritor e jornalista José Castello:

Frequentador assíduo do meio intelectual francês e norte-americano, o paraense Benedito Nunes poderia dizer, sem medo de errar, que [...] para ele as viagens servem para purificar a visão. Professor da Universidade do Pará e prestigiado conferencista e ensaísta, Benedito Nunes faz muitas viagens,

<sup>139</sup> Versos de Lamartine Babo reproduzidos por Vicente Salles: *Ceci amou Peri / Peri beijou Ceci / Ao som / Ao som do Guarani / Do Guarani ao guaraná / Surgiu a feijoada / E mais tarde o parati*.

mas retorna sempre a Belém, onde nasceu e nunca deixou de viver (CASTELLO, 1993, não paginada)<sup>140</sup>.

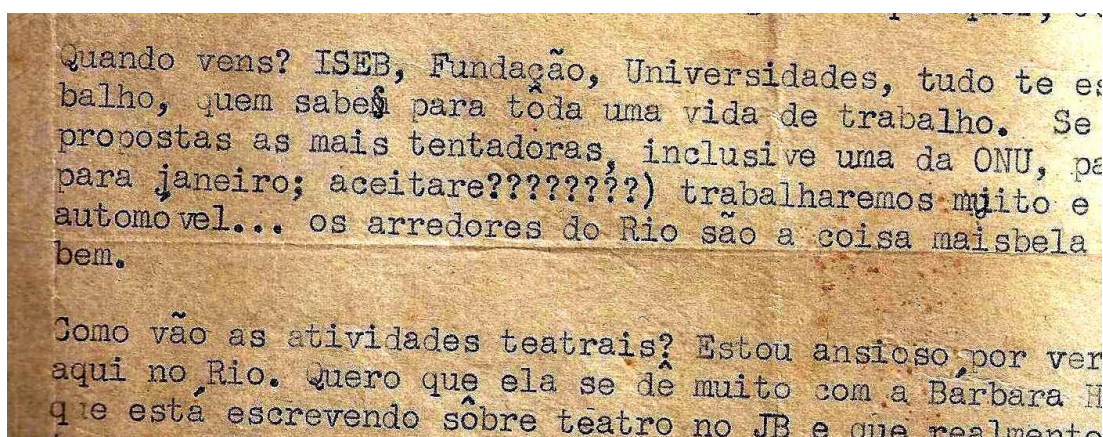
Os depoimentos de Antonio Candido e de José Castello exemplificam a maneira como Benedito sempre foi visto fora de Belém.

Ainda sobre a permanência do professor paraense na capital do Pará, observo que ele e Mário Faustino eram muito amigos. Estiveram juntos no trabalho dos anos iniciais da SPVEA e no suplemento – *Arte e Literatura* – da *Folha do Norte*. Mas Mário deixou Belém em 1956, fixando residência no Rio de Janeiro. A partir daí passou a insistir para que Benedito também se mudasse para a então capital do país, onde, na opinião de Mário, teria mais possibilidades de desenvolver e usar seu conhecimento de filosofia e literatura. Em carta de dezembro de 1958 (Fotografias 31 a 33), Mário dizia a Benedito:

Quando vens? ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), Fundação<sup>141</sup>, Universidades, tudo te espera para um ano intenso de trabalho, quem sabe para toda uma vida de trabalho. Se eu estiver aqui ano que vem trabalharemos muito e brincaremos muito; sabes, há o automóvel... os arredores do Rio são a coisa mais bela do mundo e ainda não os conheces bem (FAUSTINO<sup>142</sup>, 1958 apud CHAVES, 2011a, p. 387, grifo meu).

Benedito continuou morando em Belém.

**Fotografia 31** – Recorte da carta de Mário Faustino para Benedito Nunes<sup>143</sup>.



<sup>140</sup> Observo que o texto, obtido na internet, não tem a indicação do número da página.

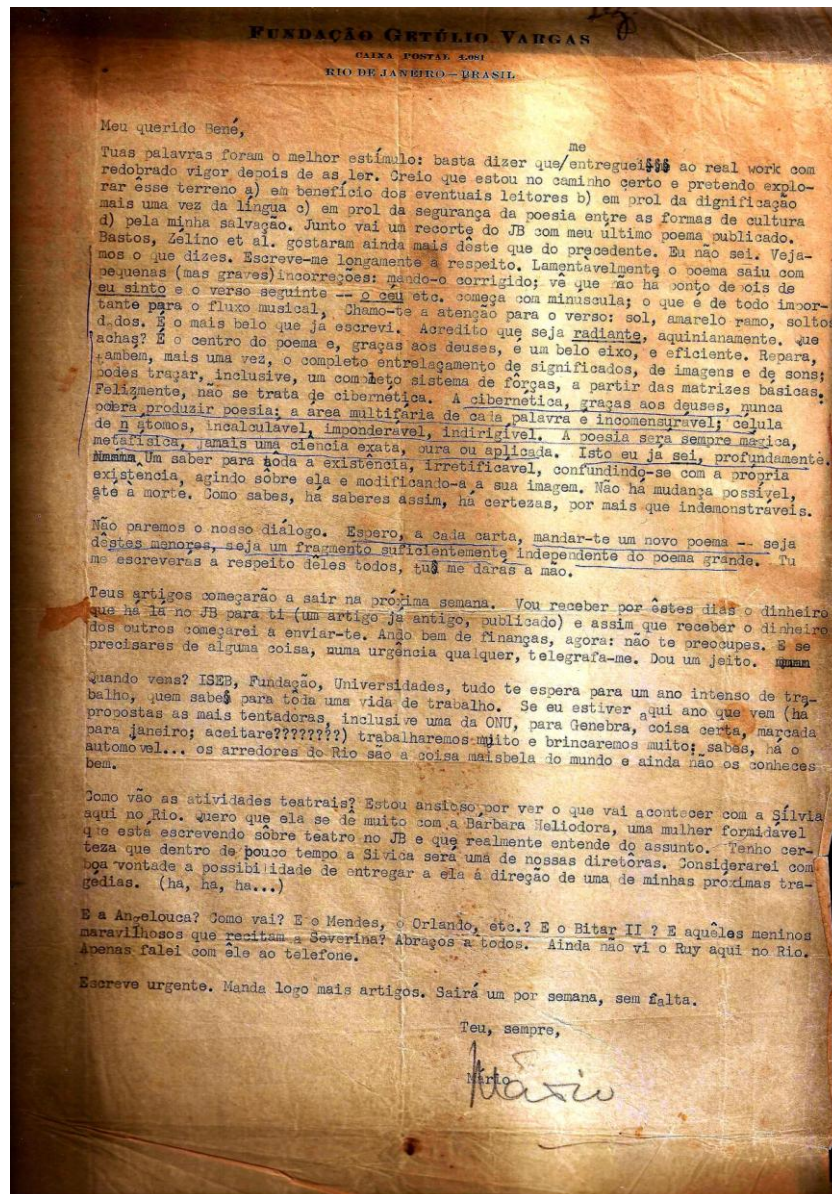
<sup>141</sup> Mário Faustino fazia referência à FGV, onde desempenhou algumas funções no Rio de Janeiro (CHAVES, 2004). Aliás, a carta foi escrita em papel timbrado da instituição (Fotografia 33).

<sup>142</sup> Carta de Mário Faustino para Benedito Nunes (Fotografias 31 a 33).

<sup>143</sup> Acervo de Benedito Nunes (CHAVES, 2004).



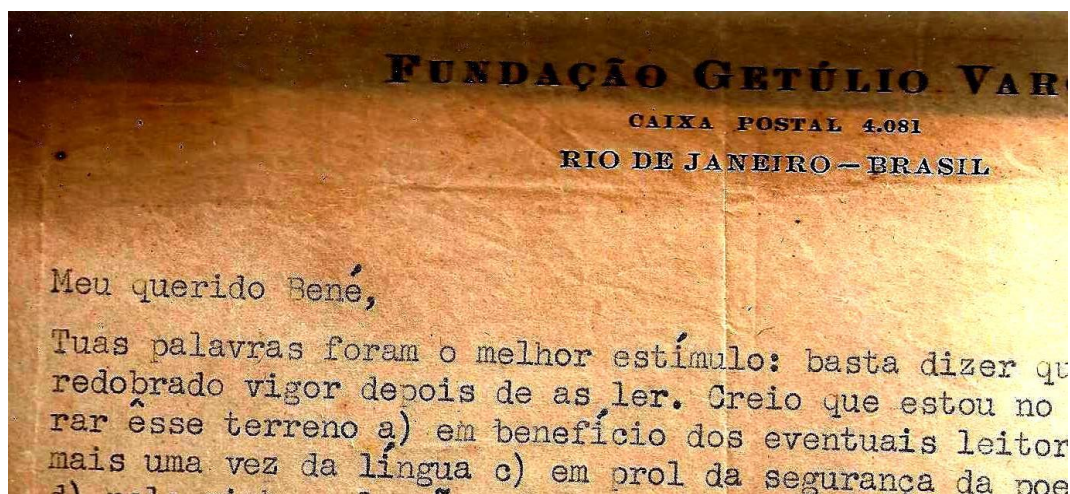
Fotografia 32 – Carta de Mário Faustino para Benedito Nunes.



Quanto à possibilidade de trabalhar no ISEB, Benedito recorda o assunto, muitos anos depois, na entrevista conduzida por Renato Lessa em 2010 e publicada após o falecimento do intelectual paraense:

Recebi um convite do [...] ISEB e teria aceito se não fosse, ao que parece, um movimento interno que foi contra minha integração. O ISEB tinha uma direção muito contrastante – alguns membros tinham sido integralistas, outros comunistas. Havia ainda os eruditos, como [o filósofo] Álvaro Vieira Pinto, que sabia muito bem o grego e era tradutor de clássicos, com quem eu me dava. O ISEB pegou essa gente toda. Até certo ponto, foi bom o convite não ter se concretizado, porque, caso contrário, eu teria ido para o Rio e teria sido cassado em 1964, como todos os membros do instituto foram (apud LESSA; KAPLAN, 2011, p. 66).

**Fotografia 33** – Recorte da carta de Mário Faustino para Benedito Nunes.



Volto à análise de *Pará capital Belém* para me concentrar na sua seção final: *A coruja de Minerva e Dom Sebastião, por conclusão*. Esse último título – entendo que é uma síntese do espírito que norteou a elaboração de Benedito – remete os leitores a Hegel e ao anseio da cidade de retorno aos tempos de ouro. Todavia Benedito primeiro se referiu à passagem da cidade para o século XX para observar outra vez a característica de Belém como uma “cidade cêntrica” – papel então ampliado:

A circulação de livros, além da extensiva rede, aqui formada na passagem do século, de empresários teatrais, de atores, de jornalistas, de escritores, de cantores, de instrumentistas, de maestros, de pintores [...] e, ainda, de cenógrafos, de fotógrafos, ampliaria a função cêntrica de Belém, a despeito da bifurcação social que a segmentou, ao plano da produção cultural (NUNES, 2006c, p. 39, grifo meu).

Essa movimentação de livros fez as pessoas se interessarem pela região, gerando curiosidade quanto à produção local de estudiosos como Domingos Antonio Raiol (escreveu *Motins políticos* em 1865), Antonio Baena (no ano de 1838, escreveu *Compêndio das Eras da Província do Pará*), Ferreira Pena (autor de *O Tocantins e o Anapu*, de 1864) e Emílio Goeldi<sup>144</sup>.

<sup>144</sup> O suíço foi chamado por Lauro Sodré e aqui organizou o Museu Goeldi, que contou com respeitados cientistas nacionais e estrangeiros, alguns nominados por Benedito Nunes (2006c). Sanjad (2010, p. 16) registra, em sua tese premiada, que aborda os primórdios do Museu: “entre 1894 e 1907”, na administração de Goeldi, a instituição ocupou lugar de destaque no cenário científico brasileiro”.

Em outras ocasiões, Benedito havia escrito sobre a coruja de Minerva, como no texto *Filosofia e memória* (NUNES, 2010b), ampliado em *Memória: literatura e filosofia* (NUNES, 2011b) – ensaios que se iniciam com menções à mitologia.

Na mitologia grega, Palas Atena é a deusa da sabedoria. Na versão romana, seu nome é Minerva, referido por Hegel na *Filosofia do Direito*.

A tarefa da filosofia, explica Hegel, [...] é compreender aquilo que é, uma vez que aquilo que é é a razão. [...] ‘Aconteça o que acontecer, cada indivíduo é filho do seu tempo; da mesma forma a filosofia resume no próprio pensamento seu tempo’. Contudo, para Hegel, a filosofia surge apenas muito mais tarde na história dos povos e, assim, não pode pronunciar-se a respeito do que o mundo deva ser; ela é como a coruja de Minerva que, em seu voo crepuscular, toma consciência das coisas, mas não se pronuncia sobre elas (ARANTES, 1980, p. XVIII, grifo meu).

Mnemosyne é a deusa que personifica a memória. Ela nos livra do esquecimento.

Benedito fez valer seu conhecimento sobre mitologia e filosofia. Relacionou Minerva e Mnemosyne: “A filosofia está comprometida com a memória por um laço originário. Voando ao crepúsculo, a coruja de Minerva pousou no ombro de Mnemosyne” (NUNES, 2010b, p. 20). Ou ainda: A coruja de Minerva, “representante zoomórfica da filosofia, teria pousado num dos ombros de Mnemosyne, depois de, segundo a bela expressão de Hegel, voar somente ao crepúsculo, isto é, ao entardecer do espírito e de suas produções” (NUNES, 2011b, p. 105).

Ainda nas reflexões (inicialmente datadas de 1987) de Benedito ao relacionar filosofia e memória, encontro o que pode ter impellido o professor a escrever *Pará capital Belém* em 2006 – quando já estava tão consagrado em filosofia e crítica literária–, ocasião em que caminhava para completar 77 anos e tentava “pagar uma velha dívida” (NUNES, 2006c, p. 11) que tinha com Belém, cidade da Amazônia onde nasceu e sempre morou. A dívida seria escrever um livro específico sobre Belém com uso da bagagem intelectual construída e reunida ao longo de tanto tempo? Penso que sim.

Diante da diversidade das culturas, em nossa época de fastígio da ciência, como forma de conhecimento sob dominação tecnológica – época também, de exacerbação das rupturas com o passado e de valorização ideológica do futuro, como dimensão privilegiada do tempo–, a filosofia assume, entre outras funções modestas, o encargo hermenêutico de intérprete das heranças culturais e das modalidades de consciência histórica. Com isso, a coruja de Minerva torna a encontrar seu pouso nos ombros de Mnemosyne. Tal como a poesia, de quem se aproxima, a filosofia tende hoje a lembrar o que não deve ser esquecido (NUNES, 2010b, p. 25, grifos meus).

Cabe produzir um adendo que vem à conta da coruja de Minerva e do aproveitamento dessa imagem por Benedito quando fez alusão ao momento do “despertar de uma produção intelectual comprometida” (SANJAD, 2010, p. 15) com a busca de conhecimento sobre a região e logo o Museu Goeldi “ganharia vida e cresceria a passos largos” (SANJAD, 2010, p. 16): o pesquisador Nelson Sanjad<sup>145</sup> escreveu *A Coruja de Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)* e observou que Benedito havia utilizado essa imagem de Hegel “em um texto sobre a vida cultural de Belém” denominado *Belém, Cultural Center* incluído na coletânea *Literary Cultures of Latin American. A Comparative History*, publicação de 2004 da *Oxford University Press* – o que demonstra a reputação de Benedito além do Brasil. Por conseguinte, a origem de *Pará capital Belém* também está em *Belém, Cultural Center*.

Mas o último capítulo de *Pará capital Belém* ainda aponta em outra direção: o sebastianismo, termo que tem origem no século XVI em D. Sebastião, rei de Portugal que desapareceu na África. O povo não aceitou sua morte. Divulgou-se que estava vivo, esperando o momento de retornar ao trono. Era o sonho da volta dos tempos de ouro, dos tempos de D. Sebastião (LIMA, 2005). Depois, esse tema com característica onírica se generalizou e passou a traduzir uma inconformidade com a situação presente e o desejo de regresso à situação do passado<sup>146</sup> – seja a volta de conjuntura política anterior, seja até a ressurreição de um morto ilustre. Para explicar o sebastianismo em Belém, Benedito lançou mão do ensaio *A cidade sebastiana (era da borracha, memória e melancolia numa cidade da periferia da modernidade)*, de Fábio Castro (2010)<sup>147</sup>, que vinculou a cidade a uma memória fantasmal ou “à persistente e obsessiva lembrança da *belle époque*, [...] assombrada pelo sonho dos esplendores da goma, convertendo nosso passado numa ilusória aparência histórica, numa invertida utopia para trás, que nos ofusca o presente e insensibiliza-nos para o futuro” (NUNES, 2006c, p. 39).

Novamente, Benedito observou que Belém estava perdendo sua característica de “cidade cêntrica”. Aliás, o assunto voltou a ser abordado na entrevista que o professor concedeu ao jornal *O Liberal* para falar sobre Belém. Ele disse: “Belém está se tornando uma

<sup>145</sup> Na ocasião em que a tese de Sanjad foi defendida, ainda não havia sido publicado o ensaio *Pará capital Belém* (informação verbal).

<sup>146</sup> “As cidades transformaram-se [...], ainda que permaneça uma certa nostalgia que é encontrada em gerações e traduzida em textos literários” (CASTRO, 2008, p. 25).

<sup>147</sup> Quando *Pará capital Belém* foi escrito, a dissertação de Fábio Castro estava concluída, mas não havia sido publicada em livro, o que ocorreu somente em 2010.



cidade [...] anárquica, perdeu o seu centro, não ganhou novos, de modo que parece mais um grande acampamento feito de edifícios”. Benedito arriscou uma sugestão para enfrentar o problema: “Talvez fosse o caso de tornar a cidade multicêntrica, ou seja, com vários centros. É o que acontece com as cidades grandes. Elas têm vários” (SOUZA, 2007, p. 13).

Depois de Benedito deplorar as “especulações do capital” praticadas pelas classes dominantes que objetivam o “lucro imediato”, as linhas finais de *Pará capital Belém* são marcadas pela nostalgia em face do perigo da cidade perder sua identidade:

Aquele fantasma apresentado por Fábio Castro não mais assombra as gerações jovens, no momento em que, passando por transformações de rumo indefinido, a cidade se defronta com o risco de apagamento dos ícones que guardam a sua memória, garantindo a continuidade do passado no presente. A ser isso verdade, Belém estaria sob a ameaça de perder sua própria identidade histórica e cultural (NUNES, 2006c, p. 41, grifo meu).

Ainda a manifestação da nostalgia: cinco anos depois de *Pará capital Belém*, no dia do aniversário da cidade em 2011, o último que passou entre nós, pouco mais de um mês antes de falecer, Benedito escreveu mensagem que mais uma vez corroborava seu pensamento – externado em *Meu caminho na crítica* – de que a poesia tem sempre a palavra final (NUNES, 2005b):

Posso comemorar o aniversário de Belém? De certo modo, sim. Essa cidade já se incorporou à minha vida, é o contorno de minha memória, o espaço urbano onde circulo. É também um modo de soprar o vento, de fazer calor, de correrem as nuvens no céu, de ensopar-me de chuva ou de umedecer-me com a brisa noturna ou com os chuviscos matinais. Inclui silenciosos arrebóis, crepúsculos avermelhados, tanger de sinos já raros, massas humanas moventes nos círios, a cor cinza do Guajará, o perfil inalcançável das ilhas fronteiras. Tudo o que é natural nela splende. Em contraste com essa pletora da natureza, a fisionomia urbanística tão singular de Belém se deteriora por força de novas construções de mau gosto e à falta de uma visão de conjunto da cidade. E ainda mais se agrava a situação, se acrescentarmos o estado calamitoso da preservação – as desordenadas, sujas e anti-higiênicas periferias, dominadas por constante poluição sonora. Desse ponto de vista, pouco ou nada há que comemorar (NUNES, 2011e, p. 10, grifos meus).

Na leitura que faço, com pretensão científica, do revelador *Pará capital Belém* – como dos demais itens que delineiam o *corpus*–, procuro ir além do texto, como anunciei nas especificações metodológicas demandadas pelo objeto. Logo, não é uma análise exclusivamente internalista. Meu intento é sempre no sentido de colocar lado a lado esse conteúdo textual e o contexto social em que a obra foi produzida por Benedito Nunes,

considerando também o emprego dos conceitos de campo e de *habitus* desenvolvidos por Pierre Bourdieu (2009).

Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados [...], existe um universo intermediário que chamo o *campo literário, artístico ou científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2004, p. 20, grifos meus).

Daí minha atenção aos princípios do campo intelectual ou científico no qual Benedito, como um agente desse campo, está inserido. Vislumbrei projetos coletivos e as relações sociais que o professor paraense manteve com seus pares aqui citados – da mesma geração ou de gerações próximas, o que dá ideia de construção de uma intelectualidade (palavra que emprego no sentido de conjunto de intelectuais) – e procurei dar mostras do reconhecimento do porte do seu capital específico: “[...] é uma espécie particular de capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares–concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Ainda com base em Bourdieu (2004, 2009), não deixo de concluir também que a produção de *Pará capital Belém* contou com a somatória<sup>148</sup> do poder intelectual específico de Benedito Nunes – habilidade ensaística que soube usar seu saber erudito em amplo repertório – e o poder político representado pela SECULT, como instituição do campo intelectual que concedeu atenção e prioridade ao tema desenvolvido por Benedito (entendo que houve vontade política) e à consequente edição primorosa, em todos os aspectos, do livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*, assegurando-lhe os recursos econômicos e logísticos necessários, não atreita a interesses que certamente seriam levados em consideração por editores particulares e instituições não governamentais, tais como: tiragem e distribuição ampla do livro, dimensão do mercado, volume de venda, lucro decorrente e outros princípios

---

<sup>148</sup> Bourdieu (2004, p. 38), embora reconheça que “o acúmulo das duas espécies de capital é difícil”, faz alusão a um trabalho de Terry Shinn que mostrou exemplo de um laboratório, no qual “as duas espécies de capital científico e as duas formas de poder” coexistem para “o melhor [...] do empreendimento coletivo”.

e *habitus* (maneiras de ser permanentes ou duráveis) próprios desse campo intelectual como mundo social.

[...] os campos são o lugar de duas formas de poder que correspondem a duas espécie de capital científico: de um lado, um poder que se pode chamar temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado [...]. De outro, um poder específico, ‘prestígio’ pessoal que é mais ou menos independente do precedente, segundo os campos e as instituições, e que repousa quase que exclusivamente sobre o reconhecimento [...] do conjunto de pares ou da fração mais consagrada dentre eles (por exemplo, com os ‘colégios invisíveis’ de eruditos unidos por relações de estima mútua) (BOURDIEU, 2004, p. 35).

*Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* é um livro encorajador para tecer considerações entre Benedito e outros intelectuais da região, como Hatoum e Aldrin. Mas ressalto ainda que há outros encontros-d’água – para usar metáfora adequada à Amazônia – da intelectualidade local, com a presença de Benedito, em diferentes períodos da história.

Sobre a convivência com Francisco Paulo Mendes, Benedito observa o “espírito comum” do grupo:

Esse grupo era formado por duas gerações diferentes: uma geração mais velha, da qual participavam Francisco Mendes, Ruy Barata [...], Paulo Plínio Abreu [...]; e a outra geração que era formada por mim, Mário Faustino, Max Martins, Cauby Cruz [...]. Essas duas alas se uniram em torno do professor Mendes, numa mesa do Café Central – o qual desapareceu há muito tempo. [...] O golpe de misericórdia foi dado em 1964, porque todos estavam sob suspeita de ser comunistas. [...] Mendes, depois, continuou a debater ideias e expor seus pontos de vista na casa de um amigo mais velho, que não frequentava o Café Central, Machado Coelho (NUNES, 2000c, p. 47).

Mencionar Machado Coelho pode levar à lembrança da ocasião em que Benedito trabalhou na SPVEA, no início de seu funcionamento, sob a direção do amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis – o superintendente era um intelectual que se circundava de outros intelectuais. Além dos três, Mário Faustino, Eidorfe Moreira e Walkyria de Oliveira Mello, por exemplo, eram, no mesmo período de tempo, servidores da instituição. Por sinal, Ferreira Reis havia sido professor de Benedito, no curso secundário do Colégio Moderno, assim como Maria Anunciada Ramos Chaves. Sobre esses mestres, Benedito escreveu o artigo *Dois mestres e uma só lembrança* (NUNES, 2003a). Mais a respeito de Ferreira Reis: depois da superintendência da SPVEA, então como governador do Amazonas, patrocinou a publicação do primeiro livro de Benedito – *O mundo de Clarice Lispector* (NUNES, 1966).

Além desses grupos, havia o da *Academia dos Novos* e o do suplemento literário da *Folha do Norte*, como vistos, ambos com a participação de Benedito (FIGUEIREDO, 2003).

#### 4.5 DO MARAJÓ AO ARQUIVO: BREVE PANORAMA DA CULTURA DO PARÁ (COM OMISSÕES PERDOÁVEIS E IMPERDOÁVEIS)

Situo inicialmente o artigo no momento em que foi produzido. Tudo começa com a edição comemorativa dos 60 anos do BASA<sup>149</sup>, em 2002: *A Amazônia e o seu Banco*, com um conjunto de artigos. Dois anos depois, o livro foi ampliado e originou *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*<sup>150</sup>, obra organizada por Armando Dias Mendes<sup>151</sup>. A primeira edição contempla quatro seções: a região, a economia, as políticas e o banco. A segunda matriz acrescenta uma quinta parte, a cultura, na qual está inserido o ensaio de Benedito (2004a) com nome comprido: *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*. Além desse novo capítulo a respeito da cultura da região – seção regiamente aberta com fotografia de Luiz Braga estampando o Theatro da Paz (Fotografia 34)–, a segunda publicação ampliou o número de artigos, que somaram 18 textos, com assuntos de interesse para a Amazônia. Recorro a algumas citações que traduzem a intenção do compêndio em seus dois volumes: “[...] o livro não é sobre o Banco, é sobre a Amazônia” (MENDES, 2004, p. 15). “A história do BASA confunde-se com a história da presença do Estado na Amazônia e de suas políticas para a região” (CORRÊA, 2004, p. 553). “A Amazônia [...] está irremediavelmente ligada ao global e sua preservação [...] precisa considerar [a] esfera da política econômica e ambiental mundializada” (CASTRO, 2004, p. 73).

O longo título do ensaio de Benedito já anuncia a pretensão do autor: compor um panorama da cultura do Pará, no qual Benedito faz referência a 200 nomes (Quadro 3). Com a alteração de pormenores, o tema de 2004, na sua essência, está presente – ou reproduzido, uma vez que é mais antigo – em *Pará capital Belém*, de 2006. Entre essas peculiaridades de 2004 aparece a indicação do Marajó no rótulo do trabalho, tornando patente que tal panorama

<sup>149</sup> O banco, inicialmente chamado de Banco de Crédito da Borracha, começou em 1942.

<sup>150</sup> O livro inclui trabalhos de Armando Mendes, Edna Castro, Marília Carvalho Brasil, Carlos Augusto dos Santos, Pery Teixeira, Bertha Becker, Aimberê Freitas, Alfredo Kingo Oyama Homma, Antônio Cordeiro de Santana, Maria Amélia Rodrigues da Silva, Roberto Araújo de Oliveira Santos, Violeta Refkalefsky Loureiro, Raymundo Ruy Bahia, João Tertuliano Lins Neto, José Raimundo Vergolino, Gustavo Maia Gomes, José Marcelino Monteiro da Costa, Ruy Alberto Costa Lins, Roberto Ribeiro Corrêa, Luiz Osiris da Silva, Benedito Nunes e Elson Farias.

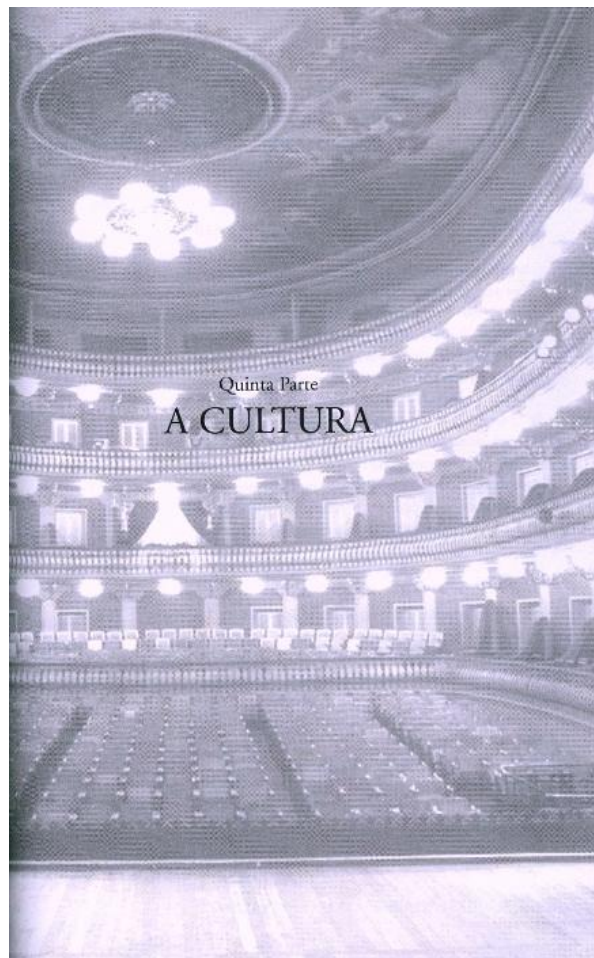
<sup>151</sup> A aproximação entre Armando Dias Mendes e Benedito Nunes é comentada na análise de outro texto do *corpus* desta pesquisa, no item 4.8.

planeado pelo professor é bem anterior ao início da colonização em 1616, pois é iniciado no arquipélago paraense, segundo pesquisas arqueológicas:

Para o Pará convergiram, seguindo a calha do grande rio Amazonas, até à ilha do Marajó, onde se dispersaram, em confronto com outros povos, populações pré-históricas, anteriores ao estabelecimento dos portugueses, com cultura material própria, conforme atestam os testemunhos arqueológicos em cerâmica, escavados em Oriximiná, Santarém e Pacoval (Marajó) [...].

Os arqueólogos [...] Clifford Evans e Betty Meggers, no final da década de 40 do século passado, conseguiram determinar [...] quatro ondas migratórias, a última das quais a Marajoara [...]. Essa movimentação indígena já mostra a procedência da afirmativa segundo a qual Belém foi em sua origem e no primeiro século de sua existência, uma cidade mais tupinambá do que portuguesa (NUNES, 2004a, p. 640, grifos meus).

**Fotografia 34** – Theatro da Paz fotografado por Luiz Braga.



**Quadro 3** – Nomes (200) referidos no texto: *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*.

Abguar Bastos	Dalcídio Jurandir
Acrísio Mota	Daniel Carvalho
Acyr Castro	Daniel Coelho de Souza
Adalcinda Camarão	Daniel Kidder
Aderbal Meira Matos	Darwin
Age de Carvalho	David Cleary
Alberto Rangel	De Campos Ribeiro
Aldrin Moura de Figueiredo	Décio Guzman
Alexandre Rodrigues Ferreira	Dina Oliveira
Alfredo Ladislau	Diogo Antonio Feijó
Alfredo Oliveira	Dom Macedo Costa
Alonso Rocha	Domenico De Angelis
Amarílis Tupiassú	Domingos Antonio Raiol
Amílcar Tupiassú	Domingos Soares Ferreira Pena
Angelita Silva	Dulcinéa Paraense
Anunciada Chaves	Edgar Proença
Antonio Baena	Edilza Fontes
Antônio José de Lemos	Edna Castro
Antonio José Landi	Eidorfe Moreira
Antônio Lemos	Elza Lima
Antonio Moura	Emilio Goeldi
Antonio Tavernard	Eneida de Moraes
Ápio Campos	Ernani Vieira
Armando Dias Mendes	Ernesto Cruz
Arthur César Ferreira Reis	Euclides da Cunha
Augusto Meira Filho	Fábio Castro
Batista Campos	Felippe Patroni
Benedicto Monteiro	Flavya Mutran
Benedito Melo	Francisco Bolonha
Benedito Nunes	Francisco de Mendonça Furtado
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha	Francisco Paulo Mendes
Betty J. Meggers	Frederico Barata
Bidu Sayão	Geraldo Mártires Coelho
Bruno de Menezes	Giovanni Capranesi
Câmara Cascudo	Goethe
Canuto Azevedo	Haroldo Maranhão
Carlos Drummond de Andrade	Henri Coudreau e esposa
Carlos Estevão de Oliveira	Henrique Eulálio Gurjão
Carlos Gomes	Henry Walter Bates
Carlos Miranda	Heraldo Maués
Cauby Cruz	Holanda Guimarães
Cécil Meira	Homero
Cecília Meireles	Idelfonso Guimarães
Charles Baudelaire	Ignácio Batista de Moura
Charles Frederick Hart	Inglês de Souza
Charles-Marie de La Condamine	Itala Bezerra da Silveira
Cléo Macambira Braga	Jean-Paul Laurens
Clifford Evans	João Affonso
Clovis de Gusmão	João Cabral de Melo Neto
Clovis Moraes Rego	João de Jesus Paes Loureiro

(continua)

**Quadro 3** – (continuação).

João Lucio de Azevedo	Oséas Antunes
Jorge de Lima	Osvaldo Orico
Jorge Hurley	Otávio Cardoso
José Cândido da Gama Malcher	Otávio Mendonça
José Carlos Castro	Palma Muniz
José Coelho da Gama Abreu	Pasquale di Paolo
José Coutinho de Oliveira	Patrick Pardini
José da Silveira Neto	Paul Celan
José Maria Bezerra Neto	Paul Vincent Ledoux
José Veríssimo	Paula Sampaio
Jurandir Bezerra	Paulino de Brito
Jussara da Silveira Derenji	Paulo André Barata
Juvenal Tavares	Paulo de Oliveira
Lauro Sodré	Paulo Nunes
Leandro Tocantins	Paulo Plínio Abreu
Levy Hall de Moura	Paulo Ricci
Lilia Chaves	Pedro Galvão de Lima
Lindanor Celina	Pedro Paulo Condurú
Louis Agassiz	Pedro Veriano
Lúcio Flávio Pinto	Peter Paul Hilbert
Luís Teixeira Gomes	Peregrino Júnior
Luís Zagalo	Rafael Chamboleyron
Luiz Braga	Rafael Costa
Machado Coelho	Rainer Maria Rilke
Machado de Assis	Rainero Maroja
Magda Ricci	Raul Bopp
Manuel Bandeira	Raymundo Moraes
Manuel Wilson Pena	Raymundo Moura
Marcos Inglês de Souza	Roberta Menezes Coelho de Souza
Margarida Schivazapa	Rosa Acevedo
Maria Brígido	Rui Coutinho
Maria Cecília	Rui Meira
Maria de Nazaré Sarges	Russel Wallace
Maria Elisabeth Emília Snethlage	Ruy Guilherme Barata
Maria Lúcia Medeiros	Santa Helena Magno
Maria Sylvia Nunes	Sílvio Macambira Braga
Mário Barata	Sílvio Meira
Mário Couto	Sófocles
Mário de Andrade	Souza Filho
Mário Faustino	Sperindio Aliverti
Marques de Carvalho	Sultana Levy Rosenblatt
Marquês de Pombal	Teodoro Braga
Max Martins	Tomás Passini
Miguel Chicaoca	Toussaint Louverture
Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira	Vicente Cecim
Napoleão Figueiredo	Vicente Salles
Nicodemos Sena	Victor Hugo
Nunes Pereira	Walda Marques
Orlando Bitar	Walter Alberto Egler
Orlando Costa	Zeno Veloso



Mais de 40 anos antes desse texto inserto no livro do BASA, Benedito havia abordado, com outras minúcias, as pesquisas desse casal de cientistas norte-americanos, em um artigo para o jornal *O Estado de S. Paulo* denominado *Um capítulo da arqueologia amazônica*, ocasião em que estendeu seus comentários aos trabalhos de Frei Protasio Frikel, Peter Paul Hilbert e Frederico Barata (NUNES, 1960). É notória, mais uma vez, a busca do passado e das origens empreendida pelo professor, como se tivesse em mente, a cada momento, como traço da sua sensibilidade, os versos de Eliot que ele cita em conferência do *Fórum Landi* (NUNES, 2003b):

A experiência vivida e revivida no significado  
 Não é a experiência de uma vida apenas  
 Mas a de muitas gerações – não esquecendo  
 Algo que, provavelmente, será de todo inefável:  
 O olhar para além da certeza  
 Da História documentada [...]  
 (ELIOT, 2004, p. 365)<sup>152</sup>.

Há outras demonstrações de Benedito a respeito do significado da busca do passado. Um bom exemplo é a apresentação feita em 1984, na Fundação João Pinheiro situada em Belo Horizonte, com o título *Novas tecnologias de comunicação e a cultura*<sup>153</sup>. Então o pensamento do professor tem base na obra *Propos sur le Progrès – Regard sur le Monde Actuel*, de Paul Valéry:

O prognóstico da ruptura do homem com o seu passado poria em jogo a própria experiência histórico-cultural, em que tradição e criação se combinam, e logo poria em jogo também a subsistência de nossas heranças históricas, como se devêssemos entrar, finalmente, naquela era, que não sem grande dose de ironia, Paul Valéry entreviu em 1929, que “dará nascimento a homens não mais ligados ao passado por qualquer hábito de espírito”, para os quais a história “só oferecerá narrativas estranhas, quase incompreensíveis”, de uma tradição embotada, sem consciência histórica correspondente (NUNES, 1984/1985, p. 43)<sup>154</sup>.

<sup>152</sup> Versos citados por Benedito: *The Dry Salvages* em *Quatro Quartetos*, de 1943.

<sup>153</sup> A apresentação fez parte do seminário *Sociedade, cultura e tecnologia*. A sessão, que contou com a exposição de Benedito, teve Marilena Chaui – professora de filosofia da USP –, entre outros, como debatedora. A abertura foi marcada pela palavra de José Aparecido de Oliveira – depois ocupou o cargo de Ministro da Cultura, no governo de Itamar Franco – e o encerramento coube a Affonso Ávila, intelectual mineiro que assinou ensaio sobre o livro *O dorso do tigre*, de Benedito.

<sup>154</sup> O trabalho de Benedito não apresenta a referência completa da obra de Valéry citada e não consegui localizá-la.

Portanto, creio não haver dúvida quanto às razões do tino de Benedito ao intercalar o Marajó, no título do seu ensaio, como ponto histórico iniciativo para discorrer sobre o panorama da cultura do Pará – o que confirma a criatividade do professor para designar os trabalhos que compõem a sua produção intelectual. A partir dessa história (ou pré-história), Benedito usa, no rótulo extenso do artigo, a palavra ‘arquivo’, querendo indicar, a meu ver, que descrever o panorama da cultura do Pará é tarefa que exige acesso às fontes ou ao arquivo. Esse arquivo, certamente consultado pelo ensaísta, é precioso e variado, o que pode ser confirmado pelo Quadro 2 que exhibe nada menos do que 200 nomes referidos em *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*. Aponto para outra diferença entre esse ensaio e *Pará capital Belém*: a redação do texto enfeixado no livro do BASA tem uma lente especial para os nomes ou as pessoas que constroem, com suas respectivas trajetórias, o panorama da cultura do Pará. Benedito discrimina, pouco a pouco, uma espécie de inventário e quer que ele seja um levantamento completo visando à aquisição do conhecimento mais cabal por parte dos leitores. No entanto, admite a possibilidade de falhas, lacunas ou omissões nesse arrolamento, as quais ele classifica de perdoáveis (se não são importantes para a história cultural do Pará) ou imperdoáveis (se são importantes nessa história, mas esquecidos pelo autor no seu inventário), fechando assim o letreiro espirituoso do ensaio. Não faltam nesse inventário

diretivas preferenciais, mais pronunciadamente para o Direito, a Literatura em geral, e, nos últimos anos, para a História, a Economia e o Planejamento social, lado a lado, com as revistas literossociais e culturais, os movimentos de teatro e cinema, bem como renovadoras tendências nas artes plásticas (NUNES, 2004a, p. 639).

Cito alguns aspectos da história do Pará desenvolvidos em *Pará capital Belém* que já estavam manifestados por Benedito em *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)*: o período pombalino no século XVIII; as declarações de La Condamine sobre Belém; as viagens científicas no século XIX; as inaugurações do Arquivo Público e do Theatro da Paz (com seus primeiros espetáculos); os nossos primeiros jornais; as trajetórias intelectuais de José Veríssimo e Inglês de Sousa, que se tornaram nacionalmente conhecidos<sup>155</sup> (Fotografia 36); o levante dos cabanos; a criação do

---

<sup>155</sup> Os dois intelectuais paraenses fazem parte, ao final do século XIX, do quadro de fundadores da ABL, no Rio de Janeiro, seguindo modelo da Academia Francesa (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2012).

Museu Goeldi; a gestão de Antônio Lemos (inclusive seu papel como mecenas) e a de Lauro Sodré; Belém como cidade convergente ou cêntrica; as exéquias de Carlos Gomes etc (NUNES, 2004).

A respeito da *Belle Époque* (1870-1912), Benedito faz alusão ao livro de Maria Nazaré Sarges sobre as riquezas do período e também aborda hábitos daquele tempo:

[A] classe dirigente endinheirada [...] utilizava os alfaiates, as livrarias, os encadernadores, as lavanderias, as escolas e os remédios de Paris e de Londres. De qualquer modo, a parte intelectual dessas relações abriu os horizontes culturais de tal classe, muito embora também lhe impusesse a viseira do positivismo comteano, na qual reforçou a base de sua ideologia social conservadora abastecida pela Igreja Católica (NUNES, 2004a, p. 643).

Ao se referir à Igreja em Belém, o professor fala acerca das encenações durante a Festa de Nazaré, no mês de outubro, e traz à pauta também as danças populares

como boi-bumbá e os cordões de ‘pássaros’, estes aqui nascidos, parentes das danças indígenas de bichos integradas, por meio de textos com autoria determinada, ao desenvolvimento cênico do dramalhão. Essas danças remontavam a um fundo ancestral, à cultura mestiça dos caboclos ou tapuias, rural e não urbana, mais para a ‘pajelança’ (a pena e o maracá do culto indígena) do que para o tambor negro, ainda fixada no interior do Estado, embora hoje em fase de diluição (NUNES, 2004a, p. 643).

Quanto aos cabanos, na verdadeira guerra que demarca a história do Pará, Benedito chama a atenção para a leitura de alguns estudos já desenvolvidos, sobretudo os de Jorge Hurley, Pasquale di Paolo, Itala Bezerra da Silveira, David Cleary e Vicente Salles: “até hoje o levante dos cabanos, com a violência e duração de uma guerra civil dividindo a população de Belém e de outras cidades do Pará, suscita o pasmo e a interrogação dos estudiosos, velhos e novos, dentro e fora da Universidade” (NUNES, 2004a, p. 645).

Benedito também se refere ao soneto do geógrafo Ignácio Batista de Moura – que exalta o operário e adota a causa da revolução proletária–; aos bondes (primeiro puxados a burro e depois eletrificados pela Pará Eletric Company); à arquitetura de ferro; à tradução de Rilke feita por Paulo Plínio Abreu, com a colaboração de Peter Paul Hilbert, do Museu Goeldi; ao teatro amador no Pará que resultou na criação da Escola de Teatro da UFPA; à comparação entre a obra de Bruno de Menezes (sobre a influência africana nas manifestações culturais da região) e a do alagoano Jorge de Lima etc (NUNES, 2004a). Alguns traços do panorama da cultura desenvolvidos por Benedito são dedicados ao cinema: o paraense participou, em 1952, do cineclube *Os espectadores* dedicado à crítica cinematográfica,

cujos signatários foram, entre outros, Armando Mendes, Max Martins, Benedito Nunes, Mário Faustino, Maria Sylvia da Silva<sup>156</sup>, Angelita Silva e Orlando Costa, a ele se agregando o já constituído grupo Arts (Acyr Castro<sup>157</sup>, Amílcar Tupiassú<sup>158</sup>, Manuel Wilson Pena e Rafael Costa<sup>159</sup>) (NUNES, 2004a, p. 654).

Quero ainda observar, no ensaio de Benedito, a relação que desenvolve entre a cultura local e o que ele chama de “senso universalista” (NUNES, 2004a, p. 651) de alguns autores do Pará – abordagem fundamental para o objetivo desta pesquisa sobre o pensamento do professor de filosofia (área de conhecimento voltada à cultura universal) a respeito de sua própria região (o que leva qualquer autor à leitura local). Uso dois exemplos citados por Benedito. Primeiro, o ensaísta comenta a obra de Ruy Barata e, ao concentrar sua atenção em *Nativo de Câncer*, registra: “o poeta associa por um laço orgânico, que reforça o tom e a temática da Odisseia e da Ilíada de Homero, a mitologia amazônica à mitologia grega” (NUNES, 2004a, p.652, grifos meus). Segundo, ao tecer suas considerações sobre o livro filosófico *Ideias para uma concepção geográfica da vida*<sup>160</sup> e as obras amazônicas cinzeladas por Eidorfe Moreira, Benedito chama a atenção dos leitores para uma característica marcante do acervo escrito por Eidorfe: não apresenta mais “a passada exaltação regionalista” de autores anteriores, como Leandro Tocantins (NUNES, 2004a, p. 651).

Como os indivíduos, as cidades mudam também de fisionomia, embora sem o caráter regular e fatal que tem naqueles; e é precisamente o ritmo dessas mudanças que, nos países novos, revela o grau de vitalidade das aglomerações urbanas, uma vez que tal vitalidade se traduz num enriquecimento de formas e de linhas. Assim aconteceu também com a capital paraense.

Neste sentido, diremos que Belém passou pelas seguintes fases ou mutações fisionômicas, de acordo com as várias influências que sofreu no decorrer dos tempos:

- a) a pioneira (influência indígena)
- b) a colonial (influência portuguesa)
- c) a cosmopolita (influência do *boom* da borracha)
- d) a americanizante (influência do arranha-céu).

(MOREIRA, 1966, p. 135).

<sup>156</sup> Nome de solteira da esposa de Benedito Nunes.

<sup>157</sup> Ocupa cadeira da Academia Paraense de Letras (APL).

<sup>158</sup> Amílcar Tupiassú fez parte do quadro permanente de professores e pesquisadores do NAEA (COSTA, 2008).

<sup>159</sup> Hoje falecido, ocupou cadeira da APL.

<sup>160</sup> O livro de Eidorfe, que mereceu análise de Benedito, é abordado no item 4.9.

De alguma forma, o exemplo de Ruy e o de Eidorfe retratam o pensamento de Benedito quanto às relações entre o local e o universal. As palavras de Benedito que finalizam *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* aludem justamente à combinação entre o local e o universal, ao mesmo tempo em que tratam da diversidade de culturas antes vista na aula magna *Um conceito de cultura*, de 1973:

Assim, diante desse panorama, pode-se concluir que a cultura paraense, diversificada, polimórfica, ainda ativa em seus diversos níveis, o primitivo, de origem indígena ou africana, o popular misturando tradições, do candomblé e da pajelança, e o intelectualmente elaborado, jurídico, artístico e literário, tem conseguido combinar, por vezes, numa perspectiva promissora, o mais acurado localismo ao mais autêntico senso universalista. (NUNES, 2004a, p. 656, grifos meus).

Recordo aqui Jeanne Marie Gagnebin – nasceu na Suíça, mora em São Paulo e é respeitada estudiosa da obra de Walter Benjamin – por meio de um artigo, que ela publicou no *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, “em memória de Benedito Nunes que sabia habitar tão bem as margens do Amazonas e as do Sena” (GAGNEBIN, 2011, p. 401). Na mesma edição do periódico, Márcio Benchimol Barros escreve que pertencia a Benedito “a rara percepção da unidade intrínseca entre todas as manifestações do espírito” (BARROS, 2011, p. 397, grifo meu), pois, se na Amazônia pertencemos a um “contexto cultural particular, [...] temos o anseio por romper o isolamento [...] [para] nos conduzir ao campo [...] da cultura humana em geral, para com ela estabelecer comunicação sólida e duradoura” (BARROS, 2011, p. 399, grifos meus).

Comunicação, organismo, laço, associação e unidade são termos que nunca estão ausentes na relação entre a cultura local e a universal que depreendo do pensamento de Benedito.

Como o ensaio do autor em análise é de 2004, cabe contextualizá-lo, nos moldes da Quadro 1, observando sinais importantes do exercício: a UFPA fez a reedição de *Filosofia contemporânea: trajetos iniciais* (NUNES, 2004b), livro revisto e ampliado; o autor recebeu a comenda do Ministério da Cultura denominada *Ordem do Mérito Cultural*. No mesmo ano, outro marco que merece deferência: começam as atividades de Benedito CCFC – em finais de semana, gratuitas e abertas ao público interessado (Fotografia 35).

### Fotografia 35 – Presença de Benedito Nunes no CCFC.



#### 4.6 UNIVERSIDADE E REGIONALISMO

Em 1999, na gestão do reitor Cristóvam Picanço Diniz, Benedito volta a proferir a aula magna da UFPA, depois de ter recebido, no ano anterior, o título de Professor Emérito<sup>161</sup>. O tema escolhido é *Universidade e regionalismo*, publicado inicialmente em *plaquette* (CHAVESb, 2011). Quase uma década depois, tal palestra foi replicada pelo CCFC no livro *As cidades, as culturas e seus desafios – o CCFC na Amazônia*<sup>162</sup>, com nova designação: *Amazônia e suas culturas*. No início dessa segunda edição<sup>163</sup>, Benedito rememora suas atividades anteriores desenvolvidas no CCFC<sup>164</sup> desde 2004:

[...] debati diversos temas em conferências denominadas ‘Conversas filosóficas’, visando à atualização do pensamento filosófico e da cultura. [...] Eu [...] me considero fruto de um autodidatismo cultural amazônico que nunca deixou de apreender culturalmente além do regional e encontrou na

<sup>161</sup> Benedito havia se aposentado da UFPA em 1992, mas continuava frequentando a instituição para o desenvolvimento de programações acadêmicas ligadas sobretudo à literatura e à filosofia. Em 1998, além de ter recebido o título de professor emérito da UFPA, Benedito obteve também o prêmio *Multicultural Estadão*, uma iniciativa do jornal *O Estado de S. Paulo* (Quadro 1).

<sup>162</sup> O livro também enfeixa trabalhos de Armando Dias Mendes, Fabrício Meroni, Minouro Matsumoto e Victor Sales Pinheiro, entre outros.

<sup>163</sup> Retiro da segunda edição as indicações de ano e paginação das citações desta dissertação.

<sup>164</sup> A programação anual do CCFC costuma ser dividida em dois grandes blocos: atividades culturais (onde ficavam incluídas as exposições de Benedito) e atividades de evangelização e formação cristã.

universidade uma forma socialmente estável de recebimento, produção e transmissão de cultura (NUNES, 2008a, p. 255, grifos meus).

Posso interpretar que tal pronunciamento denso do expositor reflete sua preocupação com as culturas da Amazônia, assunto que ele vê com bagagem cultural própria e de cunho universal, construída ao longo de anos, propiciada sobremaneira pelos conhecimentos de filosofia, e que tem na UFPA seu meio fértil de criação e divulgação social.

Depois do preâmbulo de Benedito no livro do CCFC, a aula de 1999 é reproduzida na publicação de 2008.

No começo da conferência, o professor já fixa o interesse maior do seu discurso motivado por duas “razões conjugadas”: a Amazônia – de um lado, por ser “um atraente e privilegiado objeto de conhecimento”; ou de outro, pela presença de suas universidades, no caso em especial, a do Pará (NUNES, 2008a, p. 255-256).

Nessa apresentação, como de hábito, Benedito também vai buscar o passado objetivando entender o presente. Então, para alterar a UFPA, a recuperação histórica passa pelo Plano Quinquenal da SPVEA – a instituição onde Benedito havia trabalhado nos anos cinquenta – que cogitava a criação de uma Universidade da Amazônia. Antes da universidade, prevalecia o autodidatismo que formava a *intelligentsia*<sup>165</sup> local.

Talvez lhes acudisse, aos intelectuais autodidatas, nos vários momentos da empresa de investigação exploratória da região que acometeram, aquele misto de deslumbramento e decepção com que Euclides da Cunha [...] exprimiu sua primeira impressão da planície amazônica e de seu grande rio: um mundo excessivo, em formação, – ‘um excesso de céus por cima de um excesso de águas’ – a lembrar ‘uma página inédita e contemporânea do Gênesis’ ainda incompleta, e por isso vazia de gente e sem história<sup>166</sup> alguma (NUNES, 2008a, p. 256, grifos meus).

A menção de Benedito a Euclides e à “página inédita e contemporânea do Gênesis” surge como um convite de visita à obra do autor de *Os Sertões* – que também escreveu sobre a Amazônia<sup>167</sup>, onde chegou em 1905 com essa missão:

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras

<sup>165</sup> Benedito declara usar a acepção de Karl Mannheim (NUNES, 2008a).

<sup>166</sup> No item 4.10 desta dissertação, há outras referências ao polêmico relato de Euclides.

<sup>167</sup> *À margem da história* é livro editado em 1909, após a morte de Euclides.



ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas.

[...] subi o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas. Saltou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era muito outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênese (CUNHA, 2009a, p. 105, grifos meus).

Euclides continua suas descrições sobre a Amazônia no prefácio do livro *O inferno verde*<sup>168</sup> de Alberto Rangel:

Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobressalteássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d'alto; tira-lhe, de golpe os véus, desvendando-no-la na esplêndida nudez da sua virgindade portentosa.

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese (CUNHA, 2009c, p. 338, grifo meu).

A lembrança de Euclides é ainda motivo para Benedito articular palavras a respeito das ideias novas – Comte e Spencer – e seus adeptos, como os intelectuais paraenses José Veríssimo<sup>169</sup> e Inglês de Sousa (Fotografia 36), naturais de Óbidos no Pará, “duas aves de arribação que emigraram para o Sul” (NUNES, 2008a, p. 258): tema amiúde na obra do professor, ao refletir sobre expoentes intelectuais da Amazônia que, ao contrário dele, se transferiram para os centros hegemônicos do país.

Muitas vezes deixei Belém para trás. Pela primeira vez em 60, primeira viagem à França. Essa ida ao estrangeiro repetiu-se por diversas vezes. Nunca fiquei propriamente em Belém. Estou sempre na minha casa, que é diferente. O importante não é sair ou ficar e sim continuar saindo sem nunca permanecer lá fora. O movimento de entrada e saída tem sido muito saudável (NUNES, 2011f, p. 248)<sup>170</sup>.

<sup>168</sup> Escrito em 1907.

<sup>169</sup> As relações entre José Veríssimo e Euclides da Cunha podem ser estudadas por meio das cartas que os dois trocaram (CUNHA, 2009b).

<sup>170</sup> Em citação que reproduzo no item 4.4 desta dissertação, Castello (1993, não paginada) observa que as viagens servem para “purificar a visão” de Benedito.

**Fotografia 36** – Reunião de grupo de intelectuais onde aparecem, entre outros, da esquerda para a direita, Inglês de Sousa (3º, de pé), Olavo Bilac (4º, de pé), José Veríssimo (5º, de pé) e Machado de Assis (2º, sentado), na ABL.



Volto a abordar *Universidade e regionalismo*: ainda a respeito das ideias que caracterizam o positivismo e o evolucionismo, Benedito explica que o naturalismo surgira em paralelo com a tese assim resumida: “a pura natureza, fosse o instinto, fosse o sexo, ou mesmo a hereditariedade, constituiria a causa profunda e verdadeira das ações humanas” (NUNES, 2008a, p. 257). Portanto, do naturalismo se definiu o regionalismo, com seus pensamentos fascinados pelo meio geográfico. O professor infere que os estudos sociológicos e antropológicos brasileiros foram demarcados pelo regionalismo – vê a região como unidade sociologicamente autônoma–, conforme alusão que faz a Guerreiro Ramos<sup>171</sup> e à obra *Os Sertões*. Assim, a Amazônia despontou como “marco científico”<sup>172</sup> e “referencial literário” visando ao “conhecimento da realidade circundante” (NUNES, 2008a, p. 258), haja vista os percursos dos viajantes, geógrafos, naturalistas, zoólogos, literatos, geólogos etc. Incluem-se aí as atividades do Museu Goeldi. O “trabalho local da *intelligentsia* que precedeu a universidade [...] já formara uma cultura erudita, sem a qual a nossa Universidade não teria existido (NUNES, 2008a, p. 262, grifos meus) – observação acompanhada do comentário decorrente da criação tardia da universidade no Pará, se comparada com outras iniciativas no Brasil. A universidade é, “muitas vezes, lugar de embate entre tendências críticas, que visam à

<sup>171</sup> As relações entre Benedito Nunes e Guerreiro Ramos são tratadas no item 3.2 desta dissertação.

<sup>172</sup> “Os cientistas de formação acadêmica vinham de fora, desde o século XVIII” (NUNES, 2008a, p. 258).

mudança social e política, e tendências conservadoras ou regressivas, espelhando os interesses dominantes” (NUNES, 2008a, p. 262).

O fato de ter se referido a uma cultura erudita parece levar o palestrante, na aula magna de 1999, a procurar elucidar diferenças entre essa cultura erudita e a cultura nativa:

Chamo de erudita aquela cultura representativa da *intelligentsia* que a elabora ou herda. [...]

[A] cultura nativa é difusa nos modos de ser, proceder e falar, nos usos e costumes, nas festas e nas moradias, nas crenças religiosas de nossas populações interioranas. [...] [É] uma espécie de cultura não letrada e até analfabeta, desenvolvida à margem do livro e das instituições de ensino. [...]

[É] cultura vivida no sentido antropológico do termo; ela não se tematiza, não estuda a si mesma (NUNES, 2008a, p. 259).

Benedito versa também sobre a região como ela era vista com lentes europeias da época de Veríssimo (1857-1916), certas da “infinita perfectibilidade, garantida pelo progresso do conhecimento científico” (NUNES, 2008a, p. 260). Refere-se, por exemplo, ao “conceito polêmico e perturbador” de raça, vigente “sob travestimento de cientificidade”, na “primeira revolução industrial que intensificou a colonização europeia na África e na Ásia” (NUNES, 2008a, p. 259): os mais altos potenciais de desenvolvimento proviriam da raça branca e os mais baixos da amarela e da negra. E os mais baixos ainda, dos índios das etnias mestiças. Era a ideia circulante. Mas Benedito critica esse determinismo da raça que foi considerado como fundamental para entender o homem. Pergunta: “como pensar assim numa região miscigenada, com dois terços de mestiços caboclos?” (NUNES, 2008a, p. 260). Entende ainda o professor – e explora o assunto em sua aula magna de 1999 – que “a ação do colono português, branco, e a do catequista, favoreceu a influência deseducadora de que resultou a degradação do índio” (NUNES, 2008a, p. 260). Ainda sobre os índios, Benedito chama a atenção de seus ouvintes, naquela ocasião, para a mortandade de índios registrada pelo Padre Vieira e os aldeamentos que lhes destruiu a estrutura familiar – assuntos aos quais o conferencista voltará, anos depois, em 2006, no texto de *Pará capital Belém*<sup>173</sup>.

Antonio Vieira, numa carta, que Veríssimo não invoca, ao rei Dom Affonso VI, denunciava, em 1657, a mortandade de dois milhões de silvícolas aguerridos e resistentes em 40 anos de civilização. Se o colono português serviu-se deles quando pacificados, submetendo-os ao trabalho escravo, as ordens religiosas que para cá vieram desintegraram-lhe as tribos em proveito dos aldeamentos em que os confinavam para facilitar a conversão religiosa do gentio (NUNES, 2008a, p. 260-261).

---

<sup>173</sup> Item 4.4 desta dissertação.

Episódios como, por exemplo, a mortandade referida pelo Padre Vieira e, também, a revolta dos cabanos – retratada por Antonio Raiol em *Motins políticos* – levam Benedito a discordar do entendimento de Euclides da Cunha de que a Amazônia não tinha história. Aliás, Benedito credita o desenho de uma nova visão da história da Amazônia – bem diferente das impressões de Euclides – ao desenvolvimento da pesquisa abrangente e crítica de “jovens historiadores da UFPA” (NUNES, 2008a, p. 262).

Quanto ao período da borracha conhecido como áureo, quando “milhões de libras esterlinas”<sup>174</sup> chegavam em Belém e Manaus, criando um “hausto de prosperidade, embora temporário” (NUNES, 2008a, p. 261), Benedito observa que tal riqueza teve distribuição desigual dos frutos, sem beneficiar a grande maioria da população.

Mais a tais frutos se deve principalmente o fato de que a capital do Pará, urbanizada no fim do século XIX, nos moldes do estilo europeu da época (*Art Nouveau*), tenha se convertido, com praças ajardinadas, uma Biblioteca Pública de fachada neoclássica, um arquitetonicamente sóbrio teatro de ópera – o Theatro da Paz –, seis jornais diários e quatro semanários, um centro incorporado à *Belle Époque*, onde, antes do desastre econômico de 1912, circulavam os expoentes da *intelligentsia* [...], como José Veríssimo [...], Lauro Sodré [...], Barbosa Rodrigues [...], Marques de Carvalho (NUNES, 2008a, p. 261).

Enfim, ao desfilar, na aula de 1999, a história das mentalidades e de tantas ideias em circulação – positivismo, evolucionismo, naturalismo, socialismo, marxismo, anarquismo, estruturalismo etc – nas sociedades da Amazônia, bem como seus vínculos evidentes com o que se pensava e pregava fora da região e do país, entendo que o professor Benedito, além de fazer uma recuperação histórica, teve também a intenção de enfatizar a importância do papel da UFPA, na articulação local / universal, alertando que os aspectos da região onde a instituição está inserida devem ser matéria de leituras, estudos e pesquisas, mas nunca um delimitador na busca do conhecimento de âmbito universal, pela própria natureza que caracteriza uma universidade, especialmente “porque nesses últimos anos desfizeram-se as concepções totalizadoras [...] [para] o conhecimento do real” (NUNES, 2008a, p. 263). Aliás, anos depois, em 2007, Benedito volta ao tema e ratifica seu parecer sobre essa relação regional / universal, ao proferir conferência na solenidade comemorativa do cinquentenário da UFPA, “uma universidade regional, mas não regionalista”. Continua: “O regionalismo – que tornaria particularidades sociais e culturas do meio normativas e reguladoras, como a fala, o

---

<sup>174</sup> A denominação de pichilinga para a moeda inglesa é comentada no item 4.4.

canto ou o vestiário – é uma demarcação social e cultural delimitadora, oposta ao âmbito universal que a Universidade pertence”<sup>175</sup> (informação verbal).

É nessa linha de raciocínio que o palestrante vai se aproximando do final de sua aula magna de 1999, quando trata da aproximação e das trocas entre os cursos e as disciplinas, sobretudo nas ciências humanas, porque “nos últimos anos desfizeram-se as concepções totalizadoras, que enfeixavam [...] o conhecimento do real” e, mesmo sem novos paradigmas, havia uma crise com “proveitosas compensações” como a “prática da interdisciplinaridade” (NUNES, 2008a, p. 263, grifo meu).

A interdisciplinaridade<sup>176</sup>, com suas acepções, leva Benedito a discorrer sobre dois exemplos na UFPA: o professor Eidorfe Moreira e o NAEA.

Para Benedito, Eidorfe exerceu interdisciplinaridade, por exemplo, “na elaboração de percuciente conceituação da Amazônia [...] e de magistral ensaio de reflexão filosófica enraizada na paisagem amazônica (*Ideias para uma concepção geográfica da vida*<sup>177</sup>) (NUNES, 2008a, p. 265, grifo meu).

Quanto ao NAEA, Benedito destaca a importância do Núcleo em promover o “diálogo crítico e interpretativo das ciências humanas”, interligando o “particular da região à universalidade do conhecimento sobre ela produzido” (NUNES, 2008a, p. 265).

Das leituras que faço de *Universidade e regionalismo*, depreendo que a preleção de 1999 continua marcando presença, em vários aspectos, nos ensaios posteriormente escritos por Benedito e denominados *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* e *Pará capital Belém*, de 2004 e 2006 respectivamente, ambos já analisados como integrantes do *corpus* desta pesquisa.

Cabe ainda assinalar dois acontecimentos importantes na vida profissional de Benedito no mesmo ano da aula magna *Universidade e regionalismo* em 1999. Primeiro, o Ministério da Cultura e a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) outorgaram ao professor o prêmio relativo ao conjunto de sua obra. Segundo, é editado o livro *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*, resultante de aulas ministradas por Benedito na UFMG (Quadro 1) (NUNES, 1999).

Ainda em 1999, no mês de maio, faleceu em Belém o professor Francisco Paulo Mendes, bem mais velho do que Benedito, pois nascera em 1910. Mendes foi uma espécie de

<sup>175</sup> Estive na plateia do Theatro da Paz durante a cerimônia de junho de 2007. Depois, recebi de Benedito Nunes as páginas impressas de tal conferência que ele próprio digitou.

<sup>176</sup> Interdisciplinaridade é assunto que Benedito debateu no NAEA em 1980.

<sup>177</sup> Análise de Benedito sobre o livro de Eidorfe faz parte do *corpus* desta pesquisa de mestrado (item 4.9 da dissertação).

mentor intelectual da geração de Benedito. Em 2001, Benedito organizou em sua homenagem o livro *O amigo Chico: fazedor de poetas*. A aproximação entre Benedito Nunes e Clarice Lispector surgiu com a apresentação feita por Francisco Paulo Mendes, que já era amigo da escritora. Clarice mereceria, depois, profundos estudos de Benedito que originaram acervo crítico com repercussão além do Pará – no Brasil e até mesmo no exterior<sup>178</sup>.

O certo é que Mendes congregou, em tempos diferentes, diversas alas de amizade [...]. Foi o caso de Clarice Lispector, que morou em Belém, no Central Hotel, em 1942, na companhia do marido Amaury Gurgel Valente, elemento de ligação do Itamaraty com as Forças Aliadas em trânsito por essa cidade e sediadas no aeroporto de Val-de-Cans (NUNES, 2001c, p. 17).

#### 4.7 AMAZÔNIA REINVENTADA

Nos anos 80, a FUNARTE iniciou uma série de exposições coletivas regionais de fotógrafos com o fito de divulgar a produção artística contemporânea. Entre elas, aconteceu a I FOTONORTE com o tema *Viver a Amazônia*. Ainda no século passado, nos anos 90, com um segundo ciclo de mostras, realizou-se a II FOTONORTE agrupando trabalhos da região Norte, já celebrada então uma parceria profícua entre a FUNARTE e a SECULT<sup>179</sup>: publicaram conjuntamente o catálogo colorido, em forma de livro, da exposição *Amazônia: o olhar sem fronteiras*, reunindo três gerações de fotógrafos do mundo pan-amazônico: 53 do Brasil, 5 da Colômbia, 1 do Equador, 5 do Peru e 4 da Venezuela. A publicação volumosa, com encantadora produção gráfica, tem os textos em português, espanhol e inglês. Na ocasião, o escritor manauense Márcio Souza dirigia a FUNARTE e assinou o ensaio *Amazônia: a fotografia de um mundo mítico*:

Como disse Edgar Allan Poe, ‘os que sonham acordados conhecem mil coisas que escapam daqueles que sonham dormindo’. A matéria do sonho desses fotógrafos é a Amazônia, a sua gente, a profundidade íntima do invisível (SOUZA, 1998, p. 218).

Na edição de *Amazônia: o olhar sem fronteiras*, coube a Benedito Nunes chancelar o texto *Amazônia reinventada* – indicando uma reinvenção pelo olhar dos fotógrafos

<sup>178</sup> “Tivemos a sorte de trabalhar com Benedito, auxiliando-o na organização da edição crítica de *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, publicada em 1988 na coleção *Archivos*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)” (SANJAD, N.; SANJAD, A., 2011, p.352).

<sup>179</sup> Durante a gestão de Paulo Roberto Chaves Fernandes.

participantes da II FOTONORTE. O ensaio do professor começa exibindo a fotografia de uma pintura: a casa onde Benedito viveu sua infância em Belém à Avenida Gentil Bittencourt. O quadro artístico do premiado paraense Emmanuel Nassar é de 1984 e tem título sugestivo: *A casa das tias*<sup>180</sup>.

Em 21 de novembro [de 1929], nasceu, em Belém, Benedito José Vianna da Costa Nunes, filho de Benedito da Costa Nunes e Maria de Belém Vianna da Costa Nunes, e já era órfão de pai. Filho único, na sua infância teve a sua volta as manias e os cuidados de seis tias – Maria Emília, Teodora, Maria de Lourdes, Ana e Joana (e ainda havia a tia das tias, Raimunda, conhecida como ‘tia Yaiá’)–, irmãs de sua ‘mãe titular’, Maria de Belém, com quem dividiam o menino e a casa (CHAVES, 2011b, p. 16, grifos meus).

Tenho assim duas casas – a da Estrella e a da Gentil Bittencourt, [...] onde nasci: aquela foi a da maturidade e, agora, da velhice; a última foi a da infância e da primeira juventude (NUNES, 2009i, p. 24).

Mas por que um ensaio sobre fotografia começa com uma pintura? Penso que há duas razões: sinaliza a origem de Benedito, através de sua primeira casa, e, ao mesmo tempo, a origem da fotografia como arte que, para representar o real, teve, sob um certo ponto de vista, origem na pintura. Há outro símbolo marcante no ensaio de Benedito: uma fotografia de Gratuliano Bibas. Como dois signos artísticos, a pintura de Nassar abre o ensaio e a fotografia em preto e branco de Bibas, datada de 1965<sup>181</sup>, fecha o ensaio. Ambos os trabalhos foram presentes recebidos por Benedito das mãos dos próprios criadores (Fotografias 37 e 38). “Tenho em meu gabinete dois quadros prediletos” (NUNES, 1998a, p. 20) – a frase revela a sensibilidade artística de Benedito.

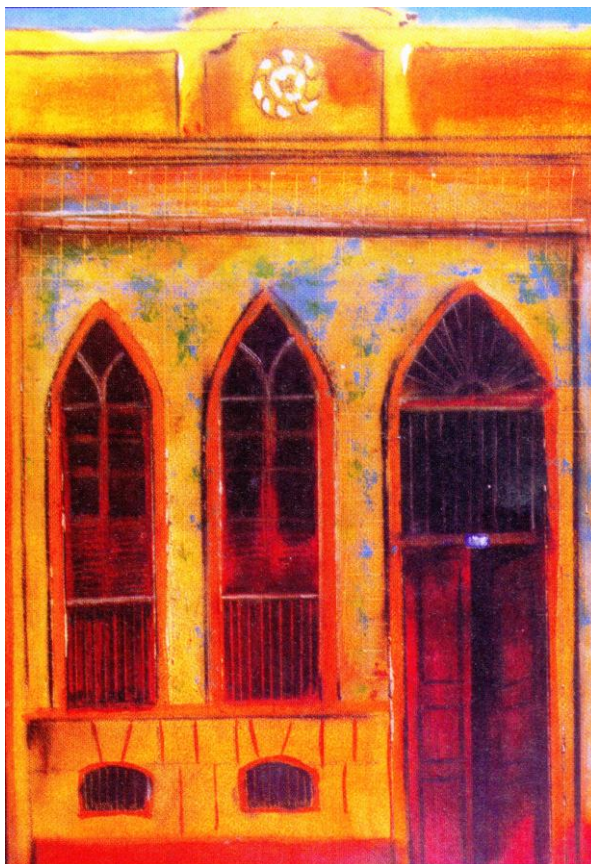
A respeito da arte de Bibas, faço uma digressão para salientar que, bem depois da edição de *Amazônia reinventada*, em 2009 Benedito foi entrevistado e filmado na sua casa da Estrella em Belém, pelo professor da UNICAMP e crítico de arte Jorge Coli, para a série do Itaú Cultural com o nome de *Obra revelada* – foi transmitida pela televisão por meio do *Canal Futura*. Então, confirmando o sentimento que lhe despertava a fotografia de Bibas, Benedito apresentou a Coli esse trabalho, sobre o qual teceu comentários (NUNES, 2009e) (Fotografia 39).

<sup>180</sup> Benedito recebeu a pintura como presente de Natal oferecido por Nassar (NUNES, 1998a).

<sup>181</sup> A fotografia foi presenteada a Benedito “em 1965, depois de desmontado o primeiro *Salão Paraense de Arte Fotográfica*, organizado pelo Fotoclube do Pará, sob o patrocínio da UFPA” (NUNES, 1998a, p. 20).



**Fotografia 37** – Pintura de Emmanuel Nassar.



**Fotografia 38** – Fotografia de Gratuliano Bibas.



**Fotografia 39** – Benedito Nunes e Jorge Coli na programação *Obra revelada*.



Volto ao ensaio *Amazônia reinventada*. Como eu disse, o professor Benedito começa fazendo comparações entre a pintura e a fotografia, como um crítico de arte que soube ser. Ele explica, apoiando-se em livro do crítico italiano Mario Praz, que foi “traumático o capítulo inicial” das relações entre a pintura e a fotografia, mas depois as duas até se aproximaram: elas “se influenciam mutuamente, num intercâmbio histórico até hoje fecundo” (NUNES, 1998a, p. 21).

Em *Amazônia reinventada*, Benedito (1998a) comenta momentos da história da região amazônica, nos quais a tentativa de representar o real levou ao uso do desenho, da gravura e da fotografia. Exemplos interessantes são as ilustrações de *A viagem filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira; a pintura científica exercitada por Landi, Agassiz e Bates; as gravuras de Coudreau cujos modelos foram fotografias; as fotografias de Ignácio Moura; os desenhos e as fotografias de Koch-Grünberg etc. Afinal, como começou a fotografia no Pará?

Seria exagero dizer que foi D. Pedro II que trouxe a fotografia para o Pará. Mas é certo que, quando o Imperador veio a Belém em 1867, para o ato de abertura oficial dos portos da Amazônia ao comércio exterior, trouxe, para registrar a solenidade, um fotógrafo italiano que por aqui ficou, abrindo ateliê na rua Santo Antônio, depois de ter feito a tomada fotográfica do pavilhão da cerimônia, especialmente erguido na ocasião: Felipe Augusto Fidanza (NUNES, 1998a, p. 28)<sup>182</sup>.

<sup>182</sup> No item 4.4 desta dissertação, registro esse fato com base em *Pará capital Belém* (NUNES, 2006c).

A chegada da fotografia fez Walter Benjamin se referir à perda da aura, como explana Benedito no livro *Introdução à filosofia da arte*:

[...] o objeto estético [...] possui, para quem sabe contemplá-lo, uma inesgotabilidade, uma estranha presença, palpável e fugidia, próxima e distante, que se impõe a cada ato de contemplação dirigido para o objeto estético, singular e único, que guarda uma essência só dele possuída e que só nele pode ser captada. É a *aura*, assim denominada por Walter Benjamin [...], essa espécie de transcendência que assinala a presença única e singular das obras de arte (NUNES, 2001a, p. 115-116, grifo do autor).

Ora, os meios para reprodução das fotografias demandados pela cultura de massa causam a perda dessa aura definida por Benjamin e comentada pelo professor (NUNES, 2001a). A propósito de Benjamin, observo que Benedito considera os fotógrafos no Pará, como Fidanza,

grandes *flâneurs* da cidade, colecionando seus espécimes imagéticos naturais e artísticos, suas paisagens e ruas, praças e monumentos, como o interior de seus prédios, além de registrar os sinais do que então parecia ser o surto da indústria naval da região e os acontecimentos excepcionais, espetaculares da vida urbana na *Belle Époque*, o período de ouro da borracha (NUNES, 1998a, p. 30).

Não ficam ausentes da abordagem de Benedito as fotografias dos Álbuns do Estado do Pará, desde os governos de Paes de Carvalho e de Augusto Montenegro. Como outras produções institucionais mais recentes, o intelectual destaca *Belém da saudade* (edição da SECULT em 1996) e *Belém do Pará* (álbum da ALUNORTE com fotografias de Luiz Braga).

Benedito termina *Amazônia reinventada* homenageando os fotógrafos<sup>183</sup> do II FOTONORTE e ainda desempenhando outra vez seu papel de crítico de arte, relacionando pintura e fotografia. Vê que Luiz Braga “tende ao clássico” e Elza Lima<sup>184</sup> “ao barroco”:

O que mais se afasta da pintura parece ser Miguel Chikaoka, um clássico a seu modo, que fotografa como quem desenha: linear e pictórico, primando pelo detalhe e pelo enquadramento dramáticos, como Elza Lima prima pela leveza da atmosfera, pletórica às vezes, com uma certa alacridade ‘chaplinesca’, e Luiz Braga pela densidade dos horizontes, ora fechados, ora abertos, envoltos as coisas e os humanos, em uma geral lassitude (NUNES, 1998a, p. 36).

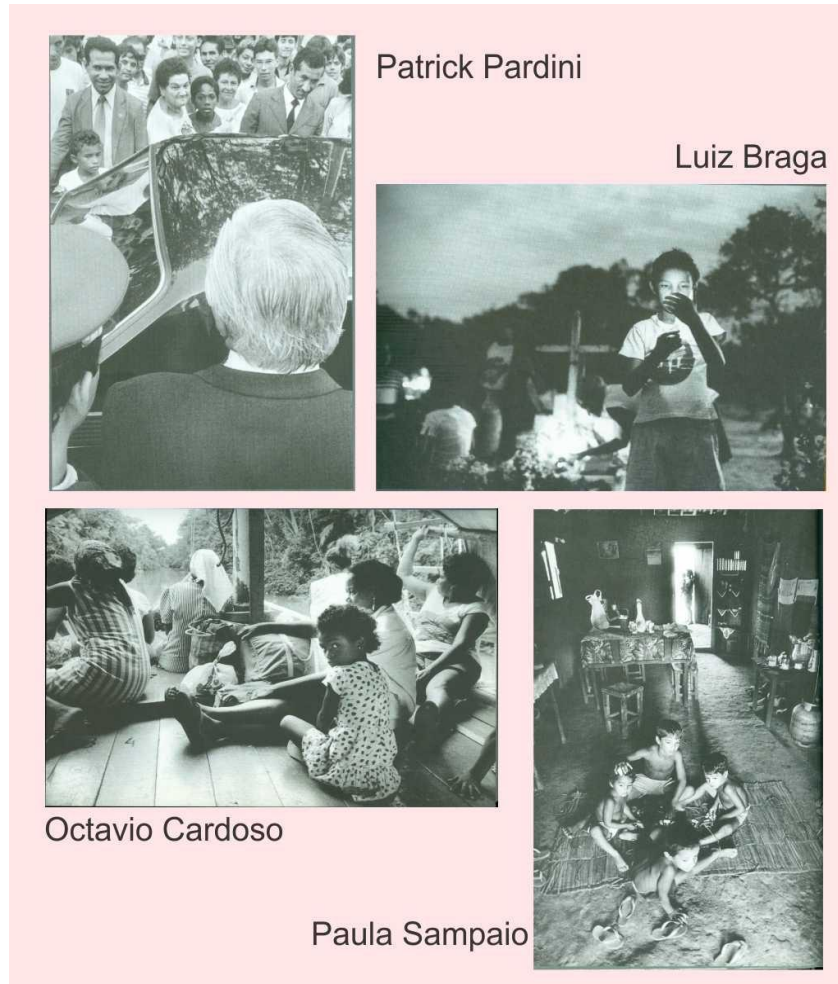
<sup>183</sup> Entre os fotógrafos da II FOTONORTE, figura Ligia Simonian, professora do NAEA.

<sup>184</sup> Fez parte da equipe de produção da exposição.



A Fotografia 40 apresenta alguns trabalhos expostos no II FOTONORTE, com as respectivas identificações dos autores.

**Fotografia 40** – Alguns trabalhos expostos no II FOTONORTE.



Não se pode desprender da leitura que faço de *Amazônia reinventada* a lembrança das palavras de Benedito na aula magna *Um conceito de cultura*<sup>185</sup>. Refiro-me à falácia, apontada pelo conferencista em 1973, segundo a qual arte – aqui, o foco está na pintura e na fotografia – não é conhecimento. Tal afirmação falsa ou errônea afasta ciências e humanidades. “Na arte, ainda que alheia a fins cognoscitivos explícitos, e que tem efetiva relação com a sociedade, mas vinculada ao agir comunicativo, não-instrumental, o homem pensa, deixando as inscrições de sua passagem transitória no mundo” (NUNES, 1997, p. 549, grifo meu).

Ainda devo acrescentar dois detalhes à exegese de *Amazônia reinventada*.

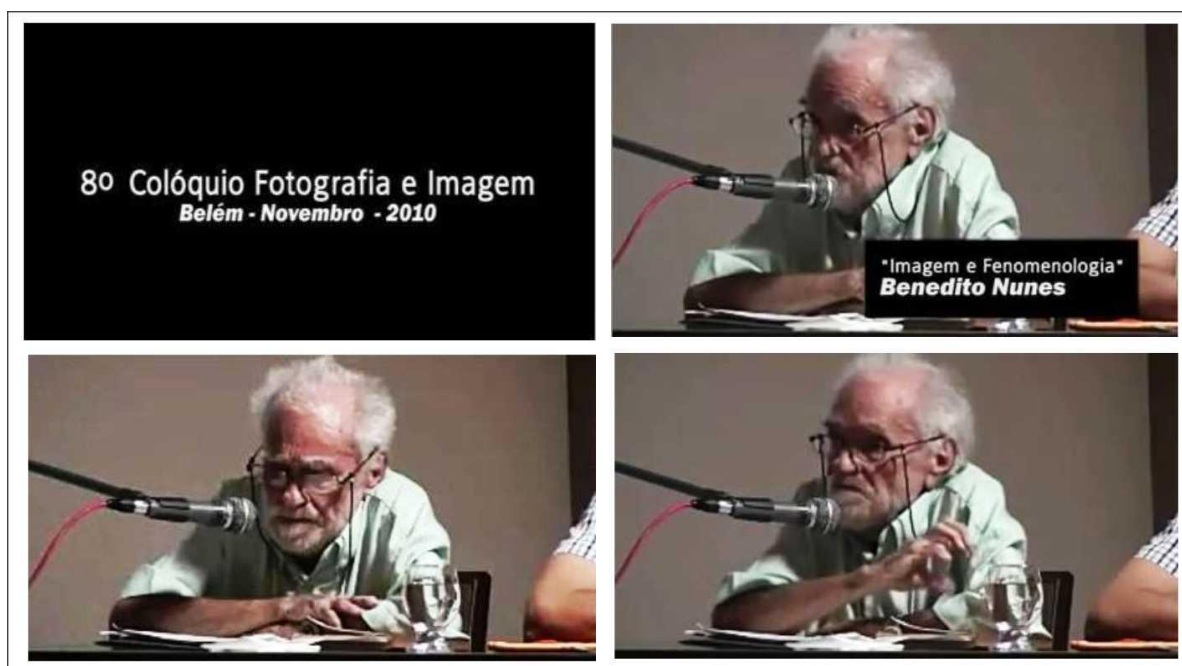
Primeiro, o Museu Paraense Emílio Goeldi – instituição constantemente lembrada por Benedito Nunes em seus textos relativos à Amazônia – dedicou ao professor um dossiê na

<sup>185</sup> Texto analisado no item 4.1.

revista *Boletim. Ciências Humanas*, com escritos<sup>186</sup> sobre Benedito e fotografias<sup>187</sup> que registram imagens de Benedito, “como um convite ao estudo da obra do filósofo paraense, falecido em 27 de fevereiro de 2011” (SANJAD, 2011). Constatamos que todos os fotógrafos do dossiê de 2011 participaram do II FOTONORTE em 1998: vejo simbolicamente e aplaudo os homenageados pelo ensaio de Benedito escrito em 1998, pois os fotógrafos parecem retribuir ao professor, no ano de 2011 (*in memoriam*), essa veneração de 1998.

Segundo, a última palestra proferida por Benedito, na noite de 30/11/2010, ocorreu justamente em um encontro de fotografia realizado em Belém: *8º Colóquio de Fotografia e Imagem*<sup>188</sup> (NUNES, 2010a). Naquela ocasião, o palestrante desenvolveu o tema *Imagem e Fenomenologia* (Fotografia 41), com mediação de Ernani Chaves<sup>189</sup>.

**Fotografia 41** – Benedito apresenta a palestra *Imagem e Fenomenologia*.



<sup>186</sup> Escritos de Nelson Sanjad, Andréa Sanjad, Antonio Candido, Lilia Silvestre Chaves, Márcio Benchimol Barros, Jeanne Marie Gagnebin, Maria Stella Faciola Pessoa Guimarães, Edna Maria Ramos de Castro, Willi Bolle e Fábio Lucas.

<sup>187</sup> Fotografias de Benedito Nunes por Patrick Pardini, Luiz Braga, Elza Lima, Paula Sampaio e Octavio Cardoso.

<sup>188</sup> O *blog* do colóquio registra que, com o II FOTONORTE, há “uma segunda descoberta da realidade amazônica, subsequente às primeiras linhas dos cronistas e viajantes europeus” que vieram bem antes à Amazônia (COLÓQUIO, 2010).

<sup>189</sup> Em entrevista que me concedeu em 22/02/2011 – na ocasião, Benedito estava hospitalizado—, Ernani relembrou seu último encontro com o professor durante o evento sobre fotografia no final de novembro de 2010, quando foi buscá-lo na Travessa da Estrela, ficou ao lado dele na mesa durante a exposição no SESC Boulevard e ao final da programação foi deixá-lo, de volta, em casa: “Fiquei impressionado. Ele tinha um roteiro muito bem feito. Estava muito lúcido. Fez uma exposição organizadíssima. Mas estava magro e claudicante no modo de andar” (informação verbal).

#### 4.8 À MARGEM DO LIVRO

Em 1996, Armando Dias Mendes compila um conjunto de textos produzidos antes, em diversas ocasiões, todos elaborados em datas próximas à realização da Eco-92 no Rio de Janeiro: *A Pax Amazonica*, conferência de abertura do seminário de 1991 denominado *A desordem ecológica na Amazônia*, trabalho publicado em livro organizado por Luis Eduardo Aragón<sup>190</sup>; *Os ecos da Eco-92*, artigo editado pelo IDESP em 1992; *Breve itinerário dos ecossistemas à ecopoesia: achegas para o seu traçado*, veiculado em 1993 em livro que contou com a organização de Marcel Burzstyn; *Envolvimento e desenvolvimento: introdução à simpatia de todas as coisas*, contribuição em 1994 a seminário da Fundação Joaquim Nabuco. O professor Armando denomina assim a coleção de 1996: *A casa e suas raízes*, com esses quatro textos e mais documentos em anexo. Começam com *Intróito, quase rito de iniciação*, uma apresentação do próprio autor (MENDES, 1996).

A Amazônia, com sua questão ecológica, é portanto tema do livro, que tem prefácio assinado em junho de 1995 por Benedito Nunes, com o título *À margem do livro*. Ora, se o assunto é a Amazônia, esse rótulo pode levar à imaginação dos seus leitores, pela via trocadilhista, a Euclides da Cunha com o seu *À margem da história*. Se Benedito é criativo desde a designação de seus trabalhos, entendo ainda que a forma apolínea de *À margem do livro* é bem visiva no primeiro parágrafo desse prefácio que consegue combinar o tempo de sua amizade com Armando – e repito que o tempo sempre foi um grande tema na obra de Benedito –, o gosto pela música<sup>191</sup> e a referência à literatura, justamente centrada em personagem de Guimarães Rosa, autor estudado por Benedito desde os anos 50, de forma especial com o lançamento de *Grande Sertão: Veredas*<sup>192</sup>: Riobaldo é o narrador que tece sua história de vida revelando-se reflexivamente a si próprio.

---

<sup>190</sup> Luis Eduardo Aragón é professor do NAEA.

<sup>191</sup> No intróito já referido e datado de janeiro de 1995, Armando observa que o “tema ecológico dá o tom à orquestração do livro” (MENDES, 1996, p. 23, grifos meus). Relaciono tal comentário com os apontamentos de Benedito: “tom da conversa, afinado pelo acorde dominante” (NUNES, 1996, p. 11, grifos meus).

Observo ainda, sobre o prestígio da música nas reflexões de Benedito, que ele fez em 1975 uma conferência no Conservatório Carlos Gomes em Belém, trabalho publicado por revista da UFPA e depois incluído no livro *Crivo de papel* com o título *Música, filosofia e literatura* (NUNES, 1998b).

Mais sobre música: “Maria Sylvia e Benedito Nunes rompiam o Ano Novo, desde tempos imemoriais, ouvindo a Sinfonia n° 40 de Mozart, ao som do qual se faziam os brindes, acompanhados dos votos de felicidades” (CHAVES, 2011c, p. 292).

<sup>192</sup> Em fevereiro de 1957, portanto logo após o lançamento de *Grande Sertão: Veredas* em 1956, Benedito escreveu o artigo *Primeira notícia sobre Grande Sertão: Veredas*, veiculado no *Jornal do Brasil* (TARRICONE, 2011).

O comentário que vai ler melhor ficaria ao lado ou à margem desta coletânea, e não à sua frente, como manda a convenção acadêmica das apresentações. Pois que adota o tom de conversa, afinado pelo acorde dominante da já quadragenária relação de amizade que me liga a seu autor. A cada uma das frequentes visitas de Armando Mendes<sup>193</sup> a Belém entregamo-nos ao hoje raro e suspeito prazer da conversação ociosa, à maneira de Riobaldo, para especular ideias (NUNES, 1996, p. 11, grifos meus).

Em seguida, Benedito faz alusão a outros livros de Armando – *O mato e o mito* e *A invenção da Amazônia* –, para se fixar então na questão ecológica que eles abordam, estabelecendo aí uma diferença entre os interesses maiores que movem os dois professores da UFPA: “Armando chegara à questão ecológica seguindo o problema do desenvolvimento regional; eu a vislumbrara através do problema ontológico<sup>194</sup>, na fase moderna, interpretado por Heidegger como esquecimento do ser” (NUNES, 1996, p. 11).

A afirmação, por um lado, não me surpreende, sobremaneira por Armando ser economista e ter presidido o BASA enquanto Benedito é predominantemente da área de filosofia. No entanto, por outro lado, entender as declaradas razões da atenção de Benedito pela questão ecológica passa por algum conhecimento das ideias de Martin Heidegger (falecido em 1976). Entre os pensadores situados na chamada filosofia contemporânea, creio que Heidegger foi o mais estudado por Benedito, tanto que o livro *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger* (NUNES, 1986) fez jus ao primeiro prêmio *Jabuti* recebido pelo intelectual paraense em 1987 (Quadro 1).

Em entrevista realizada por Márcio Benchimol Barros e Ernani Chaves, Benedito (2008b, p. 15) faz recordações sobre o início do seu envolvimento pela filosofia e pela obra de Heidegger: as visitas frequentes à biblioteca – onde havia “livros franceses encadernados” – da casa na Quintino Bocaiúva dos seus primos, os irmãos Ribamar, Levi e Sylvio Hall de Moura. Em seguida, Benedito ganhou, de Ribamar, Heidegger no original em alemão. Então, “o pensamento dele, pra que eu use o termo certo, me apaixonou” (NUNES, 2008b, p. 15, grifos meus).

Anos depois de *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*, Benedito publicou um pequeno volume denominado *Heidegger & Ser e tempo* – a primeira edição é de

<sup>193</sup> Na ocasião, Armando já morava em Brasília (informação verbal).

<sup>194</sup> Um problema ontológico pertence à ontologia, que é uma parte da filosofia que trata do ser enquanto ser. Como filosofia existencial, a ontologia toma como objeto principal de reflexão o modo de ser do próprio homem (FERREIRA et al., 1999). Para Benedito, a “ontologia de Heidegger nasce da finitude humana interpretada em função do tempo” (NUNES, 2009c, p. 76).



2002–, na coleção *Passo-a-passo*, buscando uma linguagem instrutiva e mais acessível aos interessados em conhecer o pensamento de Heidegger:

[...] o *Dasein*<sup>195</sup> é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com o qual está concernido. Se o *Dasein* é um ente, é um ente que põe em jogo seu próprio ser. Assim, o que se visa em *Ser e tempo*<sup>196</sup> – elaborar a questão do ser – é esse mesmo jogo da questão, da pergunta, do sentido do ser. [...] Para o [*Dasein*] [...], existir é interpretar-se. E interpretar-se é questionar-se. [...] Por isso, insiste Heidegger em dizer-nos que este ente que nós mesmos somos, o *Dasein*, é aquele que, em virtude do seu próprio ser, tem a possibilidade de colocar questões (NUNES, 2004c, p. 12-13, grifos meus).

O esquecimento do ser passa a desconsiderar a possibilidade de colocar questões. A técnica e a ciência fazem “do conhecimento a ferramenta do poder humano” sobre os recursos da natureza que são continuamente explorados frente “à demanda cada vez maior de matéria e energia [por parte] da sociedade” (NUNES, 1996, p. 12). Benedito se baseia em Heidegger para explicar a *hybris*<sup>197</sup> ou, dizendo de outra forma, os excessos e descomedimentos do homem moderno: “o poder excessivo, planetário, da técnica, que saqueia e devasta a Terra” (NUNES, 1996, p. 12, grifo meu). Logo, há referências do professor a prejuízos ambientais: “Resíduos nucleares, poluição do ar e das águas, desmatamento, extinção de espécies animais e vegetais, desestruturam a integridade orgânica do hábitat, e põem sob risco a subsistência da própria vida” (NUNES, 1996, p. 12).

O tema interessa à Amazônia? Uma forma de responder afirmativamente é relembando que, em 1997 – portanto logo depois da edição do livro de Armando com prefácio de Benedito–, o NAEA publicou o artigo *Heidegger como crítico da técnica moderna*, de Franz Josef Brüseke, que agradeceu a Benedito “pela leitura minuciosa [do] texto e pelos valiosos comentários” (BRÜSEKE, 1997, p. 1).

Quem quiser tomar conhecimento da relação de Heidegger com a técnica, vai se confrontar com mais de uma discussão sobre novas tecnologias ou o, mais de uma vez lamentado, caráter alienador do trabalho industrial. A crítica da técnica moderna de Heidegger abrange todos os aspectos que

<sup>195</sup> *Dasein* é termo em alemão que Benedito usa no original, sem tradução. É uma palavra corrente na língua alemã, resultante de *Da* (aí) e *Sein* (ser) (NUNES, 1986).

<sup>196</sup> *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), livro lido por Benedito no original em alemão, foi publicado em 1927 (NUNES, 1986).

<sup>197</sup> A origem do termo *hybris* está na tragédia grega: alude ao orgulho desmedido e à arrogância do herói, que são responsáveis pela sua posterior queda (FERREIRA et al., 1999).

contribuem para o esquecimento do Ser como a natureza reificada<sup>198</sup> e objetivada, a cultura como indústria, a política usurpadora e os ideais cobertos por construções apressadas e fugazes (BRÛSEKE, 1997, p. 1, grifo meu).

Cotejando as suas meditações com as de Armando, quanto ao interesse pela questão ecológica, Benedito consegue evidenciar a diversidade de ângulos sob os quais essa complexa discussão pode ser conduzida. Por conseguinte, é tema para foros multidisciplinares que não podem excluir a filosofia.

Benedito aborda o pensamento que provoca atitudes preservacionistas em defesa do ambiente. Depois, caminha para situar a questão ética, reportando-se principalmente ao livro de Hans Jonas<sup>199</sup> denominado *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (JONAS, 2006). O autor se opõe “ao crescimento econômico ilimitado” e entende destarte que “a limitação do crescimento” é “um corolário de ética da responsabilidade” (NUNES, 1996, p. 13). Jonas apresenta seu livro fazendo uso inicial da tragédia grega:

O Prometeu definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia um impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios voluntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos (JONAS, 2006, p. 21).

Em *À margem do livro*, Benedito mostra que Armando, em seu livro *O mato e o mito* (MENDES, 1987) – anterior ao *A casa e suas raízes* – critica a “concepção dos grandes projetos nacionais” para a região, enquanto “a integridade regional da Amazônia se desagrega” (NUNES, 1996, p. 13-14).

Armando enfrentou, sob a forma de dilema valorativo, o conflito [...] entre a conquista da abundância, sem a qual a economia deixa de servir aos homens, e o risco da destruição do ecossistema pelo crescimento da riqueza, como padrão de desenvolvimento que a tal conquista levaria (NUNES, 1996, p. 15).

Se esse dilema de Armando está nas páginas de *O mato e o mito* (MENDES, 1987), Benedito vê o autor apresentar, no seu novo livro *A casa e suas raízes*, a “decisão” desse dilema, com a conceituação do desenvolvimento sustentável, que harmonizaria o crescimento

<sup>198</sup> Reificar a natureza é tratá-la como coisa (FERREIRA et al., 1999).

<sup>199</sup> Hans Jonas, falecido em 1993, foi aluno de Martin Heidegger, o que ajuda a entender seu interesse por questões relativas ao uso da técnica moderna, assunto relevante para estudos ligados à Amazônia.

da economia com a preservação da natureza e que “conciliando os princípios da utopia<sup>200</sup> e o da responsabilidade, também conciliaria a economia e a ecologia” (NUNES, 1996, p. 15). Como tal “questão ecológica é mais do que ambiental”, Benedito direciona sua exposição ao entendimento do que “Armando Mendes batiza de envolvimento” – não deixa de ser “o *a priori* afetivo das concepções ecologistas” extremadas e arcaizantes, como, por exemplo, a *deep ecology*, que o livro *A casa e suas raízes* “põe em causa” (NUNES, 1996, p. 17). As ideias de Armando buscam uma “ecologia amplificada” (NUNES, 1996, p. 20).

[...] a ecologia amplificada [idealizada por Armando] deverá contribuir, em conjunto com a economia, para recriar o meio ambiente em função da casa inteira, da moradia humana, bem de consumo durável, e para beneficiar os seus habitantes. Mas a conciliação humanística entre os dois domínios reorientados, o econômico e o ecológico, far-se-á como processo histórico (NUNES, 1996, p. 20, grifos meus).

Esse humanismo não é antropocêntrico, mas tem ideias presentes no cristianismo como cúmplices: “homem e natureza são criaturas, parceiros de uma mesma criação divina, que culminou na consciência humana” (NUNES, 1996, p. 20, grifos meus). Nessa visão do criacionismo, se o homem tem consciência, deve estender seus cuidados a animais, vegetais e moradas (águas, ares e solos), com a perspectiva da “ética da responsabilidade perante as gerações futuras”, aos moldes de Hans Jonas<sup>201</sup> (NUNES, 1996, p. 21), concluindo Benedito que, na perspectiva de Armando, “a Terra seria afinal o âmbito ressacralizado de uma nova cultura e uma outra sociedade” (NUNES, 1996, p. 21). Mas Benedito ainda faz, em sua apresentação, um fecho espiritualoso em relação ao desenho de Armando: “deixo ao leitor o encargo de descobrir quais os santos patronos dessa aliança ecumênica, poética e sacramental entre economia e ecologia” (NUNES, 1996, p. 21).

Retorno ao comentário de Benedito sobre processo histórico, para acrescentar ao assunto que, anos depois do prefácio de *A casa e suas raízes*, o professor volta a abordar a questão na conversa com Nobre e Rego:

Para mim, é muito interessante o princípio de responsabilidade, que faz justamente a crítica à utopia. Porque essa é a era da abundância, obtida às custas da destruição da natureza. [...]

<sup>200</sup> Os princípios de utopias e sonhos portadores de esperança são a essência das ideias do filósofo marxista Ernst Bloch, falecido em 1977, cuja obra mais conhecida é *Princípio esperança* (NUNES, 1996). Se o discurso de Bloch visa à utopia, o de Jonas tem foco na responsabilidade com as gerações do futuro.

<sup>201</sup> Segundo Tarricone (2011), Benedito realizou conferência no seminário *Filosofia e Ciência* em Belém, no ano de 1994, sobre a obra de Hans Jonas.

Então, aceiraria para o futuro, não a utopia, mas a melhor vida possível – a *endemonia*. Temos de ter uma conversão da humanidade pela história (NUNES, 2000c, p. 88, grifo meu).

Enfim, cabe relacionar aqui alguns momentos que simbolizam a aproximação entre Benedito e Armando. Obtive alguns detalhes, tanto nas minhas conversas com Benedito<sup>202</sup>, como na oportunidade em que entrevistei Armando<sup>203</sup>, na ocasião do meu colóquio com Ernani Chaves<sup>204</sup>, nas pesquisas bibliográficas que realizei e no depoimento de Armando Mendes (2011) para o livro *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Afinal, no início da redação de *À margem do livro*, Benedito cita sua “quadragenária relação de amizade” com Armando, o que me leva a pinçar registros importantes da proximidade entre os dois, sem intenção de esgotar a história desse convívio: a nomeação de ambos, que estudaram juntos, para o TCE, onde foram auditores; a participação no cineclube *Os espectadores*; a convivência na UFPA, a cujo quadro pertenceram; a presença de Benedito nas citações feitas por Armando no livro *A cidade transitiva*<sup>205</sup>; a orelha que Benedito escreveu para *O cidadão transeunte*, outro livro de Armando; a participação de Benedito no compêndio que Armando organizou sob o patrocínio do BASA (item 4.5 desta dissertação) etc. Para estudo futuro, localizei até mesmo um artigo, sobre orçamento público, que Benedito e Armando produziram juntos e veicularam no jornal *O Liberal* (Fotografia 42): *A privatização do erário* (MENDES; NUNES, 1993).

**Fotografia 42** – *A privatização do erário*, publicação em *O Liberal*.



<sup>202</sup> Especialmente na entrevista que Benedito me concedeu em 12/01/2011 (informação verbal).

<sup>203</sup> Entrevista em 08/02/2011 (informação verbal).

<sup>204</sup> Entrevista em 22/02/2011 (informação verbal).

<sup>205</sup> O nome completo do livro de Armando é bem elucidativo do seu propósito memorialístico e saudosista: *A cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio do século* (MENDES, 1998).

#### 4.9 CAMINHOS PARA LER EIDORFE MOREIRA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DE BENEDITO NUNES<sup>206</sup>

Eidorfe Moreira nasceu no ano de 1912 e faleceu em 1989. O nascimento ocorreu na Paraíba, mas o futuro professor, pesquisador e escritor veio cedo com a família para Belém – tinha apenas dois anos de idade – e a partir daí sempre morou no Pará. Eidorfe casou-se com Marina Gomes, constituiu família e criou uma vasta obra, dedicada sobretudo a “construir intelectualmente uma interpretação da Amazônia” – como bem expressa o historiador Aldrin Moura de Figueiredo, que vê Eidorfe como “polímata e polígrafo”, porque gostava de escrever, gostava da palavra e escreveu sobre vários assuntos, sobre diversos temas<sup>207</sup>.

*Ideias para uma concepção geográfica da vida* é livro de Eidorfe publicado em 1960. A forma como Benedito recebeu esse trabalho de Eidorfe ficou expressa em crítica elaborada em 1961 para o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* (Fotografia 43), denominada *Uma concepção geográfica da vida* (NUNES, 1961b). Observo que, naquela ocasião, Benedito escrevia regularmente no jornal paulista, abordando pensamentos e pensadores com repercussão internacional, mas também temas e autores ligados ao Pará. Registro uma coincidência interessante: em 1960, além de *Ideias para uma concepção geográfica da vida*, de Eidorfe Moreira (1960b) – estrutura da obra na Figura 5–, foi lançado o romance *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir. Outra coincidência decorrente dessa: no ano de 1961, Benedito escreveu no famoso *Estadão* sobre os dois livros, em semanas próximas, abrindo assim espaço para a divulgação nacional de ambos (TARRICONE, 2011). Ainda em 1961, Benedito colaborou com o *Anuário da literatura brasileira*, responsabilizando-se pelas páginas paraenses, com a intenção de “compreender a situação da literatura no Pará, em 1960” (NUNES, 1961a, p. 37). Para alcançar esse objetivo, primeiro Benedito sumarizou as condições socioeconômicas do Estado e traçou “um panorama histórico do desenvolvimento cultural da *intelligentsia* paraense” (NUNES, 1961a, p. 37). Quanto à literatura, Benedito destacou sobremaneira, entre os romances, *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, e, como ensaio, *Ideias para uma concepção geográfica da vida*, de Eidorfe Moreira (NUNES, 1961a). Ao final dessa espécie de inventário, Benedito declarou ainda ver, como possibilidade futura, “uma fase ascendente” do “labor intelectual” no Pará a

<sup>206</sup> Este item contém, em parte, trabalho a ser publicado pela SEMEC em 2012, como homenagem ao centenário de Eidorfe.

<sup>207</sup> Conferência proferida na SEMEC em 18/02/2011. O professor Benedito, também convidado a fazer sua conferência sobre Eidorfe nessa mesma data, não pôde estar presente, pois havia sido hospitalizado e faleceu poucos dias depois.

partir das perspectivas abertas com a criação da Universidade do Pará (NUNES, 1961a, p. 39).

O professor Eidorfe Moreira, em *Ideias para uma concepção geográfica da vida* (edição particular), obra de pesquisa do estudioso a quem devemos *Conceito de Amazônia e Sertão: a palavra e a imagem*, defende a aproximação entre a filosofia e a geografia, na base de uma concepção geográfica da vida que, devido à sua perspectiva mais ampla e mais diversificada da realidade cênica do Universo, possa infundir na filosofia o sentido da existência concreta do mundo e do homem que tantas vezes lhe tem faltado (NUNES, 1961a, p. 39).

Fotografia 43 – Cópia da página do jornal *O Estado de S. Paulo*.



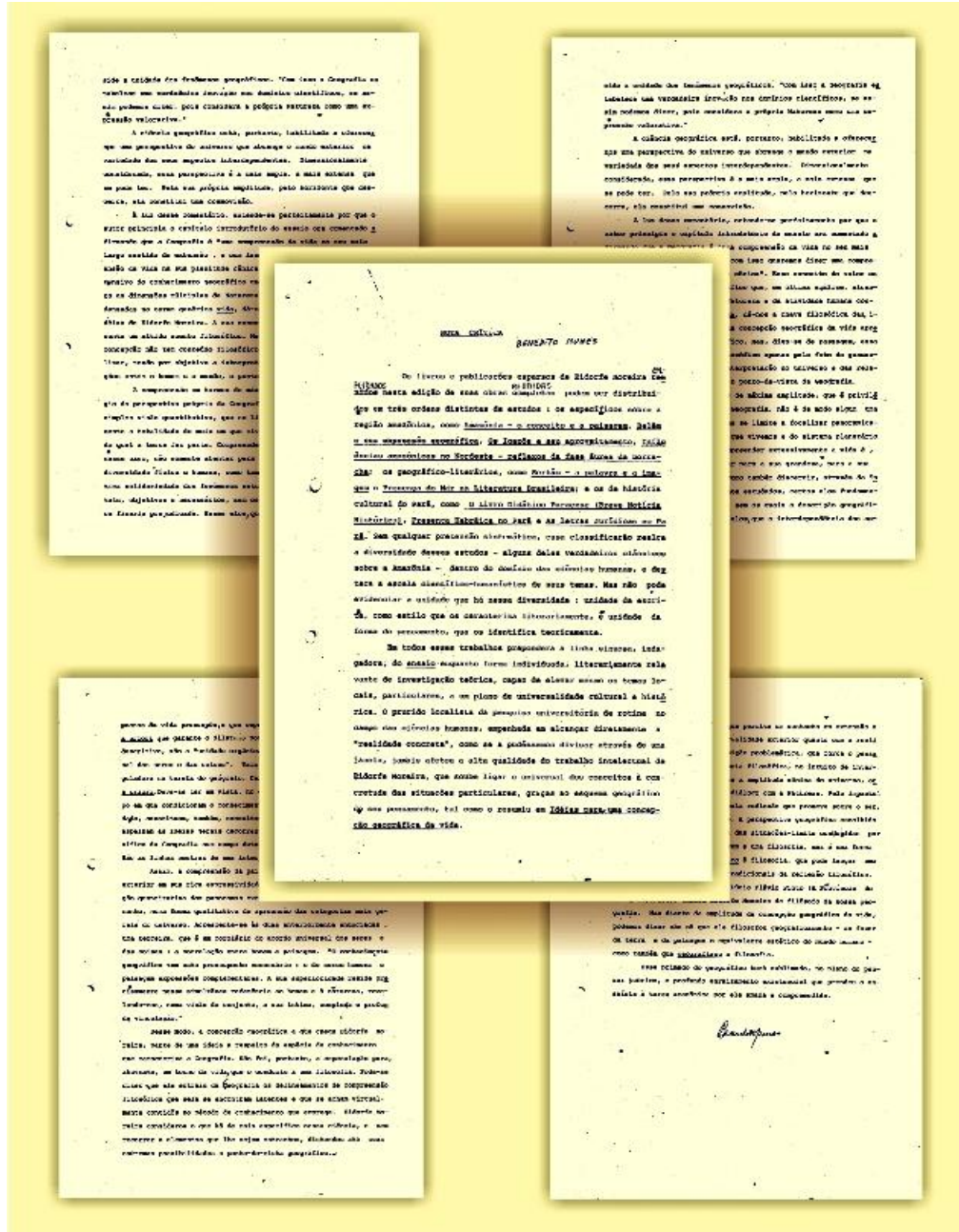
Logo, a leitura de alguns ensaios de Benedito é um caminho para iniciar a fruição da obra de Eidorfe.

[O] ponto de vista [geográfico], que permite um contacto em extensão e profundidade tanto com a realidade exterior quanto com a realidade humana, torna-se uma posição problemática, que força o pensamento a iniciar a sua trajetória filosófica, no intuito de interpretar a vida tomando por base a amplitude cênica do universo, onde o homem está em constante diálogo com a natureza. Pelo impacto que ocasiona no pensamento, pela reflexão que promove sobre o ser, a existência e o conhecimento, a perspectiva geográfica escolhida tem a mesma função reveladora das situações-limite concebidas por Karl Jaspers. Ela não dá origem a uma filosofia, mas é uma forma introdutória *ordine geographico* à filosofia, que pode lançar uma viva luz sobre os problemas tradicionais da reflexão filosófica (NUNES, 1989, p. 27-28).



Em 1989, foram publicadas as *Obras reunidas* de Eidorfe Moreira (1989b) enfileiradas em oito volumes. Benedito Nunes assina a *Nota crítica* (NUNES, 1989b) da edição – reprodução dos originais assinados por Benedito na Fotografia 44.

Fotografia 44 – Cópias dos originais da *Nota crítica*.



Os volumes das *Obras reunidas* têm os seguintes conteúdos:

- a) volume 1: *Apresentação; Nota biográfica; Nota crítica; Conceito de Amazônia; Sertão: a palavra e a imagem; Amazônia: o conceito e a paisagem; Alfredo Ladislau; Belém e sua expressão geográfica;*



- b) volume 2: *Roteiro bibliográfico do Marajó; Estado e ideologia; Ideias para uma concepção geográfica da vida;*
- c) volume 3: *Presença do mar na literatura brasileira; O fator social na consideração do solo;*
- d) volume 4: *Os sermões que Vieira pregou no Pará; Os igapós e seu aproveitamento; Visão geossocial do Círio; Presença hebraica no Pará; Kant como geógrafo; O nefelismo de El Greco; As letras jurídicas no Pará;*
- e) volume 5: *Os igapós e seu aproveitamento; Para a história da Universidade Federal do Pará; A educação moral, cívica e religiosa no Pará;*
- f) volume 6: *O livro didático paraense; Obras escolares paraenses de história; Influências amazônicas no Nordeste;*
- g) volume 7: *Geografias mágicas;*
- h) volume 8: Publicações avulsas (*Pequena história de uma biblioteca particular; Um motivo para a rosa; Um soldado anônimo de muitas lutas; Dom Quixote e o problema do conhecimento; Seara amazônica; Os fundamentos geográficos do planejamento; Uma filosofia em termos geográficos; Obras de Francisco Solerno Moreira (pai de Eidorfe); Sobre o autor; Cronologia biográfica.*

Estudar o pensamento de um autor é um desafio que exige combinar seus textos e respectivos contextos, o que torna fundamental, na interpretação das obras, o conhecimento dos dados biográficos de quem escreve. Então, para a leitura da produção intelectual de Eidorfe, é essencial ter conhecimento da *Nota biográfica*, com a chancela de Anunciada, incluída nas *Obras reunidas*:

Prestes a terminar o curso ginasial, em 6 de setembro de 1932, [Eidorfe] participou da revolta estudantil de apoio à Revolução Constitucionalista de S. Paulo, que marcaria, fundamentalmente, sua personalidade e sua vida. Ferido a bala no braço esquerdo, teve de amputá-lo, aos vinte anos de idade, no Hospital da Santa Casa. [...]

Em 1938, colou grau de Bacharel em Direito, na Secretaria da Faculdade, sem qualquer pompa (CHAVES, 1989a, p. 18).

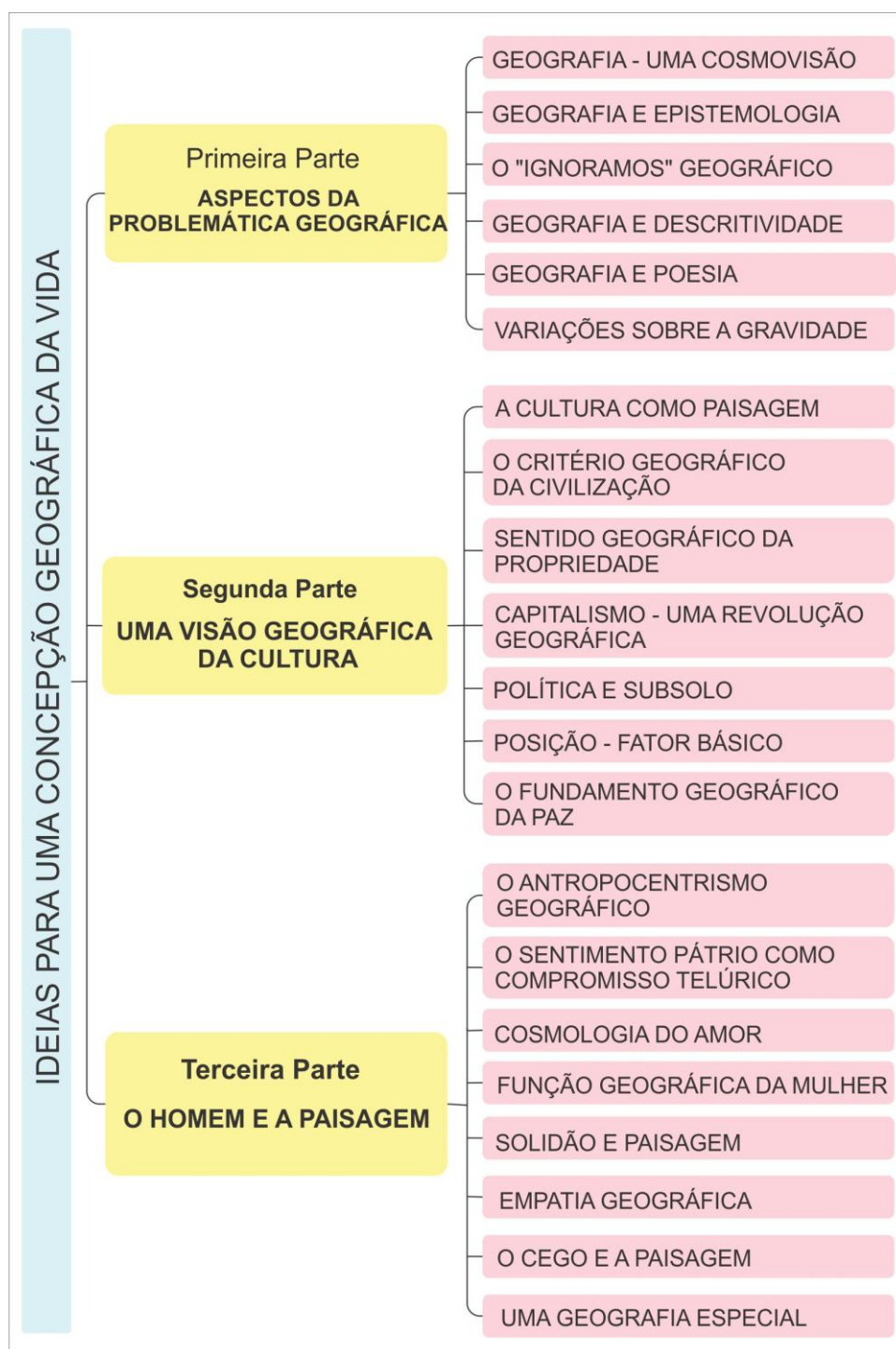
[Em 1943] intensificou sua atividade no magistério, ingressando em vários estabelecimentos de ensino secundário, como professor de Geografia, ciência de sua predileção (CHAVES, 1989a, p. 19).

Fundada a Superintendência do Plano de Valorização [Econômica] da Amazônia (SPVEA), entregue à esclarecida direção de Arthur Cezar Ferreira Reis, [Eidorfe] começou a trabalhar no setor de divulgação da mesma, em 54. [...]

*Ideias para uma concepção geográfica da vida*, vinda à luz na gráfica de H. Barra em 1960, a custa do próprio escritor, é sua primeira obra de caráter filosófico (CHAVES, 1989a, p. 20).

1967 assinalou grande mudança no ritmo de vida de Eidorfe. A convite do Reitor José da Silveira Neto, ingressou na Universidade Federal do Pará (CHAVES, 1989a, p. 21).

**Figura 5** – Estrutura de *Ideias para uma concepção geográfica da vida*.



A *Nota crítica* foi escrita depois da morte de Eidorfe em 1989, mas ainda reflete a grande admiração que *Ideias para uma concepção geográfica da vida*, de 1960, provocou em Benedito. A Figura 5 tem o objetivo de mostrar a abrangência de *Ideias para uma concepção geográfica da vida*, livro composto de três partes que são logicamente subdivididas. Esse é o livro de Eidorfe mais presente nas reflexões da *Nota crítica* de Benedito. Assim, retorno ao artigo no *Estadão*:

Eidorfe Moreira parte da análise dos fatos que são estudados pela Geografia. Ao contrário de qualquer outra ciência que se ocupa do mundo físico, a Geografia não pode isolar os fenômenos que descreve. Embora respeite a individualidade de cada um e as características que os distinguem entre si, a plenitude de seu conhecimento é atingida, quando ela, depois de tê-los descrito particularmente, passa a tratá-los em conjunto, divisando as relações de uns com os outros. É que os fatos de natureza geográfica, devido à sua própria posição no espaço e à sua base física arraigada na estrutura do planeta, têm unidade maciça (NUNES, 1961b).

“Os fatos geográficos, explica-nos o ensaísta, são fatos de relação, achando-se, como se acham, em função de uma paisagem, de modo que a sua significação depende do grau ou do realce dessa funcionalidade. Quem estuda uma planta ou um animal conhece uma espécie, mas quem estuda um acidente geográfico nem por isso compreende uma paisagem. Nenhum acidente geográfico explica por si só um quadro ou panorama, nem pode ser considerado uma expressão em relação ao conjunto de que faz parte” (MOREIRA, 1960 apud NUNES, 1961b, p. 4).

Cabe observar também, na densa *Nota crítica*, a visão de conjunto demonstrada por Benedito ao distribuir a obra de Eidorfe em ordens de estudo – sem “pretensão sistemática”, mas para acentuar a “diversidade” revelada com “unidade da escrita” e “unidade da forma de pensamento”, usando a “linha sinuosa, indagadora do ensaio enquanto forma individuada, literariamente relevante de investigação teórica, capaz de elevar mesmo os temas locais, particulares, a um plano de universalidade cultural e histórica” (NUNES, 1989, p. 25). As ordens vislumbradas por Benedito são três: estudos específicos sobre a Amazônia, estudos geográfico-literários e estudos sobre a história cultural do Pará. Para cada ordem, são citados exemplos de livros. Aproveito a ideia de Benedito, que transformo em ilustração (Figura 6), na qual aparecem as três ordens e os nove trabalhos de Eidorfe – autor de grande importância para estudos sobre a Amazônia – que Benedito usou como exemplos. Em seguida, procuro resumir esses títulos, a partir da tentativa de agrupamento feita por Benedito.

**Figura 6** – Agrupamento de alguns estudos de Eidorfe a partir da *Nota crítica* de Benedito.



a) *Amazônia: o conceito e a paisagem*

O primeiro livro citado por Benedito é *Amazônia: o conceito e a paisagem* (MOREIRA, 1960a). Na verdade, o livro teve várias edições, como Machado Coelho esclarece na apresentação de 1960: “O texto que constitui o presente opúsculo aparece, agora, em sua oitava edição”. Acrescenta Machado Coelho: Eidorfe é “inteligência viva e penetrante de quem aprende e ensina estudando, confrontando, pesquisando” (COELHO, 1960, p. 3). Para Annuciada (CHAVES, 1989a, p. 20), dos estudos que Eidorfe realizou na SPVEA, resultou seu primeiro trabalho sobre a região:

publicado [no jornal] *Folha do Norte*, de 9.1.55, intitulado *Amazônia – Considerações em torno do seu conceito e delimitação*, embrião do excelente ensaio *Conceito de Amazônia*, mimeografado, e, três anos depois (58), impresso pela SPVEA, como componente da *Coleção Araújo Lima*, estudo esse que seria transcrito na *Revista Brasileira de Municípios* (Ano IX, N.º 34, abril/junho 1956), editada no Rio de Janeiro. Em 58, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) editou o opúsculo *Amazônia: o conceito e a paisagem*, reeditado em 1960 pela

SPVEA, como parte da citada *Coleção Araújo Lima*. Esse magnífico estudo, dedicado à memória do jovem geógrafo Roberto Galvão, falecido tragicamente a serviço da SPVEA, seria reproduzido em 61, no *Anuário Brasileiro de Economia Florestal* (Ano XIII, N.º 13), sob a denominação de *Amazônia: a paisagem, o rio, a floresta e o homem*.

É preciso entender o momento brasileiro que deu origem ao livro de Eidorfe: a Constituição de 1946 estava em vigor. Nas suas Disposições Gerais, fazia referências ao Plano de Valorização da Amazônia (BRASIL, 1946):

Art. 199 – Na execução do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, a União aplicará, durante, pelo menos, vinte anos consecutivos, quantia não inferior a três por cento da sua renda tributária.

Parágrafo Único – Os Estados e Territórios daquela região, bem como os respectivos Municípios, reservarão para o mesmo fim, anualmente, três por cento das suas rendas tributárias. Os recursos de que trata este parágrafo serão aplicados por meio do Governo Federal.

A questão no início dos anos 50 era: como conceituar a região amazônica para os efeitos do Plano de Valorização?

Definir, conceituar, delimitar, caracterizar uma região é uma das tarefas mais árduas da geografia. Pode-se utilizar desde os métodos mais tradicionais até os métodos de análise quantitativa, passando pelos métodos históricos, sociológicos, etc.; definir, conceituar, delimitar, caracterizar uma região com objetivos de nela atuar de modo a reduzir suas desigualdades internas, é tarefa mais árdua ainda.

Mas, o que define a região de planejamento? [...] Quando falamos de Amazônia, a qual Amazônia estamos nos referindo? Ou a quais Amazônias? São estas Amazônias regiões tradicionalmente falando ou são regiões de planejamento? (OLIVEIRA JÚNIOR, 2009, p. 45).

A Lei n.º 1806, de 6 de janeiro de 1953, complementa o preceito constitucional: dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, cria a Superintendência da sua execução e dá outras providências (BRASIL, 1953):

Art. 1º – O Plano de Valorização Econômica da Amazônia, previsto no art. 199 da Constituição, constitui um sistema de medidas, serviços, empreendimentos e obras destinados a incrementar o desenvolvimento da produção extrativa e agrícola, pecuária, mineral, industrial e o das relações de troca, no sentido de melhores padrões sociais de vida e bem-estar econômico das populações da região e da expansão da riqueza do País.

Art. 2º – A Amazônia brasileira, para efeito de planejamento econômico e execução do Plano definido nesta lei, abrange a região compreendida pelos Estados do Pará e Amazonas, pelos territórios federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco, e, ainda, a parte do Estado de Mato Grosso a norte do

paralelo 16°, a parte do Estado de Goiás a norte do paralelo do 13° e a do Maranhão a oeste do meridiano de 44°.

Machado Coelho emitiu sua opinião sobre os dispositivos legais daquele momento histórico: a Amazônia “hoje se acha dividida, para efeito de planejamento, em clássica e legal, uma nas coordenadas geográficas, outra nas coordenadas políticas” (COELHO, 1960, p. 4). Em seu livro *Amazônia: o conceito e a paisagem*, Eidorfe avaliou a legislação aqui relacionada, que acaba fazendo uma reinvenção da Amazônia brasileira:

O que se vê aí é um vasto plano de investimento para o qual a própria nação se fez financiadora. [...]

A execução desse plano, como é óbvio, impôs desde logo a necessidade da revisão do conceito de Amazônia, uma vez que as considerações econômicas passavam a primar sobre as demais como base dessa conceituação. E com o novo conceito surgiu o problema da sua delimitação (MOREIRA, 1960a, p. 40).

A nova concepção da Amazônia, com efeito, exprime antes uma consideração humana do que uma fórmula ou conceito geográfico [...]. É a condição humana e não a paisagem natural que prevalece como base dessa concepção. Ainda que criticável geograficamente falando, ela encerra um mérito que sobreleva todas as suas inconseqüências geográficas: o de ter definido a Amazônia em função das vicissitudes do homem e não dos aparatos da natureza (MOREIRA, 1960a, p. 47).

Todo o primeiro capítulo do livro *Amazônia: o conceito e a paisagem* é dedicado a avaliar formas de conceituar a Amazônia. Entre elas, desponta o conceito hidrográfico: “No sentido hidrográfico, que é o mais amplo e definido geograficamente falando, Amazônia designa uma bacia fluvial” (MOREIRA, 1960a, p. 15). Eidorfe prossegue seus comentários sobre a Amazônia como bacia:

Dessa bacia a parte geograficamente mais interessante é a planície [...]. Nela se distinguem um trecho mais recente [...], sujeito a inundações, e outro mais antigo [...], não inundável: o primeiro é a *várzea*, o segundo a *terra firme*, dominados pelos planaltos e serras dos sistemas orográficos que circunscrevem a bacia. Essa gradação de níveis, sem contrastes pronunciados, lembra um dilatado e irregular anfiteatro, com extensos e espaçados patamares (MOREIRA, 1960a, p. 18).

Essa imagem especial da Amazônia comparada a um anfiteatro foi retomada por Eidorfe (MOREIRA, 1960a, p. 53) quando falou sobre a paisagem da região:

A gradação de nível desse imenso anfiteatro imprime diferenças se não definidas pelo menos bem sensíveis no relevo da região, diferenças que

podem ser tomadas como base não só para uma divisão física como econômica dos seus quadros naturais. Assim é que, de acordo com essa gradação, temos 3 zonas de diferenciação: a *várzea*, a *terra firme* e o *planalto*.

A metáfora do anfiteatro é recuperada no livro *Amazônia: região universal e teatro do mundo* (BOLLE; CASTRO; VEJMEKKA, 2010). O subtítulo dessa publicação recente, para se referir à Amazônia, empresta de Johann Wolfgang von Goethe a ideia de literatura universal. Da mesma forma, traz à lembrança Calderón de la Barca – poeta e dramaturgo espanhol do século XVII – e sua metáfora do *Grande Teatro do Mundo*. No caso da Amazônia, o teatro de Calderón de la Barca é o anfiteatro de Eidorfe Moreira.

Na segunda parte do livro *Amazônia: o conceito e a paisagem*, Eidorfe delineou aspectos gerais da Amazônia e seus elementos constitutivos, como a planície, o rio, a floresta, o clima e o homem.

#### b) *Belém e sua expressão geográfica*

A obra *Belém e sua expressão geográfica* foi editada pela Prefeitura de Belém no emblemático exercício de 1966 para comemorar os 350 anos da cidade. O próprio autor considerou seu livro “um estudo sistemático de interpretação geográfica de Belém”, fruto de “pesquisas de campo” e “consultas bibliográficas e cartográficas”. Ainda no prólogo, Eidorfe define o geógrafo como *homo participes* e não como *homo spectans*. Assegurou o professor aos seus leitores que a elaboração do trabalho foi possível com esse espírito de participação ou de integração (MOREIRA, 1966, p. 7).

Nesse livro comemorativo, Eidorfe concedeu realce especial às ilhas de Belém:

Se o rio define o plano e engrandece a perspectiva, é nas ilhas, entretanto, que reside a graça da paisagem belemense.

Nenhuma cidade do Brasil apresenta tão numeroso constelário de ilhas como Belém. [...]

A cidade nasceu por assim dizer sob o signo insular. De uma ilha veio a expedição; ‘ilha’ consideravam os fundadores o sítio original onde ela se edificou; e o primeiro mapa da região, o de Vicente Cochado, não é senão uma fantasia nesográfica (MOREIRA, 1966, p. 69).

[...] a moldura nesográfica da capital paraense se compõe de três grupos de ilhas: as que defrontam a cidade, as que margeiam o lado direito do estuário e as que se localizam do lado do Guamá.

Marajó fica à parte, funcionando como elemento de realce do quadro. Não participa diretamente da paisagem belemense, mas reforça-lhe consideravelmente os efeitos (MOREIRA, 1966, p. 71).



Em 1980, o escritor voltou a abordar as ilhas de Belém, no artigo *Belém do futuro e sua moldura insular*, dedicado à memória de Augusto Meira Filho e veiculado no jornal *A Província do Pará*:

Pode-se afirmar que, em termos insulares, Belém é uma das mais favorecidas cidades do Brasil, rivalizando mesmo com as mais favorecidas neste particular. E são precisamente as ilhas [...] que dão maior realce estético aos quadros geográficos que circundam a capital paraense. [...] É digno também de nota que as ilhas que defrontam com Belém não se acham isoladas, mas dispostas à semelhança de uma guirlanda envolvendo parte da cidade, o que lhes reforça os efeitos cênicos em termos geográficos. [...] [...] não se poderá deixar de cogitar sobre o papel que elas terão futuramente para Belém, papel por certo superior ao que tiveram no passado. Em termos prospectivos, a escala de grandeza desse papel afigura-se incomparavelmente muito maior do que em termos retrospectivos (MOREIRA, 1980).

c) *Os igapós e seu aproveitamento*

O livro *Os igapós e seu aproveitamento* foi editado em 1970 pela UFPA e, em 1976, com ampliações, pelo NAEA. Então é devotado à memória do cientista Jacques Huber (CHAVES, 1989b). O prefácio é de José Marcelino Monteiro da Costa:

[Editado pelo NAEA], dentro dos propósitos de um conhecimento mais completo das realidades amazônicas e do aproveitamento das suas potencialidades, com vistas a lograr um maior desenvolvimento regional, integrado no contexto do crescimento brasileiro (COSTA, 1976, p. 11).

O trabalho de Eidorfe tem a seguinte justificativa, conforme palavras do próprio escritor:

De todas as regiões naturais do Brasil, a Amazônia é a que apresenta maior extensão e variedade de formas pantanosas ou assemelhadas a isso. Essas formas tanto ocorrem na orla marítima, por efeito da maré, como às margens dos rios, em consequência dos seus transbordamentos periódicos, ocupando em ambos os casos extensões consideráveis (MOREIRA, 1976, p. 17).

d) *Influências amazônicas no Nordeste: reflexos da fase áurea da borracha*

Com a publicação de *Influências amazônicas no Nordeste* em 1982, “encerra o ilustre polígrafo suas atividades na Universidade” (CHAVES, 1989a, p. 23). De 1975 a 1982, Eidorfe integrou o quadro de professores do NAEA (COSTA, 2008).

Primeiro, Eidorfe publicou em 1974 um esboço em jornal (*A Província do Pará*) sobre esses reflexos da fase da borracha, depois transcrito na *Revista da Academia Cearense de*

*Letras* – o que demonstra sua repercussão na região vizinha. Então, a pesquisa foi desenvolvida no NAEA pelo professor de geografia:

[com] caráter inovador de inverter a análise do interrelacionamento econômico, social, demográfico e cultural entre o Nordeste e a Amazônia. Essa inversão consiste em detectar as principais influências desta região em relação àquela, em função das características da fase áurea do ciclo da borracha, que culminou no início deste século (COSTA, 1982, p. 7).

Em sua explicação inicial no livro, Eidorfe apontou a necessidade de estudos sobre o ciclo da borracha em função dos seus efeitos “extra-amazônicos” (MOREIRA, 1982, p. 9) ou além da região. E é isso que o escritor começou a fazer, pois se propõe, em seu livro, a analisar a repercussão do ciclo no Nordeste. Nesse aspecto, Eidorfe pondera que há estudos sobre influências nordestinas na Amazônia, sobretudo quanto ao fluxo migratório decorrente das secas nordestinas. Com o livro *Influências amazônicas no Nordeste: reflexos da fase áurea da borracha*, editado no NAEA, é feita a inversão de análise.

Eidorfe principiou seu livro traçando linhas gerais sobre a chamada “civilização da borracha” (MOREIRA, 1982, p. 11), para depois analisar, com erudição, as influências do ciclo gomífero no Nordeste: influências demográficas, sociais, econômicas, folclóricas, linguísticas, literárias etc.

É mister relevar como Eidorfe delineou a obra: primeiro, ele mencionou uma lacuna – o que justificou a elaboração do trabalho–, agindo como se lançasse a si próprio um desafio; em seguida, aceitou a incitação e desenvolveu o trabalho; ao final, concluiu modestamente alguma coisa como: “Apenas [o autor] reconhece que não chegou a desenvolvê-lo na escala desejável” (MOREIRA, 1982, p. 10). Parece haver sempre em Eidorfe uma vontade de aperfeiçoamento contínuo.

#### e) *Sertão: a palavra e a imagem*

O livro *Sertão: a palavra e a imagem* é de 1959. Há fatos históricos marcantes que fazem parte do contexto em que foi produzido: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, é de 1956, com edição de José Olympio; Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960; Juscelino Kubitschek governou o Brasil de 1956 a 1961.

A principal produção de Eidorfe em 59 foi *Sertão: a palavra e a imagem*, impressa nas oficinas de H. Barra, a expensas do autor, e dedicada à memória de Euclides da Cunha. Em carta dirigida ao notável ensaísta,

Guimarães Rosa considera o pequeno volume ‘uma verdadeira propedêutica sertanista’ (CHAVES, 1989a, p. 20).

Chaves (1989b, p. 377) faz alusão também à correspondência que Eidorfe recebeu de Fernando de Azevedo em 01/11/1959 a respeito de *Sertão: a palavra e a imagem*: “Quando tiver de abordar problemas relativos ao sertão e à Amazônia, não deixarei de ter presente a sua contribuição”. Citam-se alguns nomes referidos e comentados por Eidorfe nesse livro: Guimarães Rosa, Alberto Rangel, Cassiano Ricardo, Oliveira Viana, Antônio Ladislau, Gilberto Freyre, Mário Palmério, Sílvio Romero, Pierre Monbeig e Euclides da Cunha – por sinal, homenageado na edição. “Este trabalho é dedicado à memória de Euclides da Cunha, que me inspirou, quando ainda estudante, através das páginas memoráveis do seu grande livro, o amor e a admiração às coisas sertanejas” (MOREIRA, 1959, p. 3).

Eidorfe procurou conceituar e delimitar sertão e litoral:

Não será fácil, como à primeira vista talvez pareça, definir-se e discriminar o variado e heterogêneo conteúdo de significação desta palavra [sertão], que tanto pode exprimir uma paisagem como uma situação jurídico-social, tanto pode significar um simples topônimo como até mesmo um complexo estado mental (MOREIRA, 1959, p. 11).

O litoral representa as influências externas, aquilo que temos de comum e incharacterístico com os demais povos; o sertão encarna as nossas persistências históricas, o substrato real da nacionalidade. Pelo litoral, somos universais; pelo sertão, somos nós mesmos (MOREIRA, 1959, p. 9).

O Brasil está dividido em duas partes [...]. De um lado, o litoral, com as suas cidades modernizadas, recebendo o bafejo das influências europeias e norte-americanas – a civilização no ritmo atual; do outro, o sertão, recuado no tempo e no espaço, estacionário ainda que progressista em certos pontos – a civilização no ritmo antigo, ainda não tecnizada (MOREIRA, 1959, p. 10-11).

Nos capítulos mais instigantes da obra, o autor intentou vincular sertão e acracia – palavra que significa anarquia ou desordem–, fazendo uso da literatura do mineiro Mário Palmério para melhor explicar suas ideias:

[...] sertão será ainda por muito tempo a antinomia do espírito público e da ordem legal – do Estado portanto – e não somente isto como um instrumento em um ambiente de neutralização dos seus efeitos; todos aqueles que fogem dessa ordem procuram refúgio nele, pois nele, como salienta Mário Palmério, ‘os caminhos não são trilhos que guardam rastros, a terra sem fim

não tem dono, as furnas da mataria não cobram pouso nem delatam foragido nenhum' (PALMÉRIO<sup>208</sup>, 1958, p. 173 apud MOREIRA, 1959, p. 45).

No capítulo *Um estado mental*, Eidorfe assinalou que sertão é palavra que “pode revestir também um sentido psicológico. Pode ser um estado d’alma ou comportamento interior, reflexo das condições ambientais sobre o espírito” (MOREIRA, 1959, p. 47). Aí seus exemplos vêm de outro mineiro em voga na literatura: Guimarães Rosa usou, no célebre *Grande Sertão: Veredas*, expressões do personagem Riobaldo como “Sertão é o sozinho” e “Sertão é dentro da gente”.

O livro *Sertão: a palavra e a imagem* tem ainda um apêndice com o título *O sertão e a nova capital*, alusivo àquele momento da mudança em curso da capital do país, do Rio de Janeiro para Brasília.

Brasília sugere a ocorrência simultânea de três vantagens: uma geométrica – a vantagem do centro; outra altimétrica – a vantagem do planalto; e a terceira hidrográfica – a vantagem de ser um ponto de dispersão de águas. [...]

Não se pense, entretanto, que a nova capital encerrará o ciclo político do litoral, como muitos pensam. Litoral e sertão são referências necessárias ao equilíbrio nacional (MOREIRA, 1959, p. 55-56).

#### f) *Presença do mar na literatura brasileira*

Se, em 59, *Sertão: a palavra e a imagem* já entendia o sertão e o litoral como “referências necessárias ao equilíbrio nacional”, três anos depois, Eidorfe focalizou o litoral mais de perto. Escreveu então o livro *Presença do mar na literatura brasileira* (MOREIRA, 1962), a seguir comentado por Annuciada:

*Presença do mar na literatura brasileira*, consagrado a Paulo Plínio Abreu, talentoso poeta cedo falecido, ocupa lugar importante na produção intelectual do ilustre biografado. Editado em 62, nas oficinas de H. Barra, por conta do autor, mereceu referências elogiosas de Gilberto Amado, Jorge Amado e Dalcídio Jurandir (CHAVES, 1989a, p. 20).

Quero observar que a admiração de Eidorfe por Paulo Plínio também era a que Benedito nutria pelo poeta: dois nomes citados por Annuciada nos comentários de *Presença do mar na literatura brasileira* foram reunidos por Benedito na conferência *A poesia de*

<sup>208</sup> PALMÉRIO, Mário. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

*Paulo Plínio Abreu e a prosa de Dalcídio Jurandir*, proferida em 2009 para marcar a inauguração na UFPA do Centro de Convenções Benedito Nunes<sup>209</sup> (informação verbal).

Além das *Considerações gerais* tecidas no início de *Presença do mar na literatura brasileira*, quando literatura e geografia são aproximadas, Eidorfe construiu seu texto sobre dois pilares: *Presença do mar na poesia* (composto de *Fase colonial, Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo e Poesia moderna*) – e *Presença do mar na prosa* (composto de *Prosa de ficção e Memórias*).

A literatura brasileira, como a sul-americana de modo geral, é uma literatura eminentemente *geográfica*, no sentido de acusar uma forte ocorrência de paisagismo. A exuberância do *telúrico* e do *pitoresco* constitui aí a nota dominante do processo estético. Autores e personagens criam e agem muito presos ao espaço físico, como se a atração deste fosse mais forte aqui do que noutra parte (MOREIRA, 1962, p. 7).

Entre os exemplos em prosa, Eidorfe penetrou na obra de Jorge Amado, dizendo que no seu mar “ideológico e classista [...] ressoa um largo sopro de reivindicação social” (MOREIRA, 1962, p. 110). Eidorfe comparou Jorge Amado e Dalcídio:

Também em *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir, vamos encontrar um mar *ideológico e classista*, um mar de agitações sociais, no caso agitação já caracteristicamente revolucionária. Fixando, num amplo desdobramento histórico, as vicissitudes e agitações do movimento comunista no Brasil, o romance se impregna e desenvolve na atmosfera ideológica desse movimento (MOREIRA, 1962, p. 111).

São muito profundas e originais as apreciações que Eidorfe fez, no capítulo *Memórias*, sobre a obra de Joaquim Nabuco, intelectual muito divulgado atualmente em estudos sobre o pensamento social brasileiro: o professor usou a geografia para analisar a presença do mar em *Minha formação*, assim como cotejou esse livro do abolicionista com *Os Sertões* de Euclides da Cunha:

*Minha formação* reflete uma vocação marítima: o sonho e a sedução do ultramar. *Os Sertões*, ao contrário, é a consciência de uma adstrição continental vista em termos dramáticos. Em Nabuco, a atração marinha se processa em termos de sedução, ao passo que a continental, em Euclides, é um caso de determinismo, para não dizer fatalismo geográfico (MOREIRA, 1962, p. 134).

---

<sup>209</sup> Assisti à cerimônia em que Benedito Nunes pronunciou a conferência e, na ocasião, recebi do professor as páginas impressas do texto que ele próprio digitou.

No capítulo *Ensaaios*, Eidorfe cita Gilberto Freyre, sobretudo porque o intérprete pernambucano realçou a relação entre o negro e o mar:

Via de regra, o negro é estudado em nosso país em função de suas atividades agrícolas, em função conseqüentemente de uma certa adstrição econômica e ambiental, dada a sua condição de escravo. Fazenda e engenho, senzala e eito, mundo rural portanto, eis o *background* dentro do qual se projeta e avulta o negro em nossa vida e em nossa história.

Depois de ter pontificado no estudo do negro nesse ambiente (*Casa-Grande & Senzala*), Gilberto Freyre procurou focalizá-lo também na cidade, nos mocambos à beira-rio e à beira-mar (*Sobrados e Mucambos*), acabando finalmente por fixá-lo nas suas relações diretas com o rio e com o mar (*Nordeste*) (MOREIRA, 1962, p. 163).

g) *O livro didático paraense (Breve notícia histórica)*

Annunciada explicou na *Nota biográfica* que *O livro didático paraense: breve notícia histórica* (MOREIRA, 1979) foi precedido de outros trabalhos de Eidorfe sobre a temática:

Dedicou-se, também, o lúcido ensaísta, com vivo interesse, ao estudo das obras didáticas paraenses. Daí, a publicação de vários artigos, durante o ano de 75, em *A Província do Pará*, alguns transcritos na [...] *Revista de Cultura do Pará*. Deles resultaria o volume *O livro didático paraense: breve notícia histórica*, dedicado à memória do íntegro magistrado desembargador Curcino Silva, editado pelo Governo do Estado e Conselho Estadual de Cultura em 79, na Imprensa Oficial (CHAVES, 1989a, p. 22).

Os artigos sobre livros didáticos, publicados em *A Província do Pará*, referidos por Annunciada, são listados, com as respectivas datas (na verdade, entre 1973 e 1977), nas *Obras reunidas* (MOREIRA, 1989b), com as seguintes denominações: *Nossos gramáticos e a tradição gramatical paraense; As geografias escolares do Pará; A matemática no Pará: obras escolares de autores locais; A literatura escolar paraense; A educação moral, cívica e religiosa no Pará; Livros de leitura de autores locais até o início do século; Obras escolares paraenses de história: até meados deste século*.

No prefácio de *O livro didático paraense: breve notícia histórica*, Eidorfe explicou de que forma obteve material para sua pesquisa:

Além das bibliotecas oficiais, consultamos também várias bibliotecas particulares, que não só nos valeram bastante como sem elas não teríamos levado avante nossa pesquisa. Entre elas cumpre-nos destacar a do desembargador Curcino Silva, por ter sido nossa principal fonte de consulta (MOREIRA, 1979, p. 10).

Curcino Silva, proprietário de grande biblioteca, era colecionador de obras escolares do Pará. Laços familiares unem Curcino Silva (homenageado por Eidorfe) e Benedito Nunes, como observam Nelson e Andréa Sanjad em edição recente do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*:

[Em 1948] Benedito conheceu [...] Maria Sylvia Ferreira da Silva [...], filha do desembargador Curcino Loureiro da Silva [...] e de Raimunda Ferreira da Silva, professora [...]. Benedito e Maria Sylvia [...] cursaram juntos a Faculdade de Direito, entre 1949 e 1952. Tornaram-se companheiros de todas as horas, casando-se no ano de sua formatura. Viveram dois anos na casa dos pais de Maria Sylvia e, em 1954, mudaram-se para a casa recém-construída de Angelita Ferreira da Silva, cunhada mais velha de Benedito [...]. Os três conviveram por décadas, até o falecimento de Angelita, em 1996, constituindo grande biblioteca e reunindo com frequência os amigos para rodadas de conversa, leitura, música, cinema e refinada mesa (SANJAD, N.; SANJAD, A., 2011, p. 349).

Ainda para abordar livros e bibliotecas, Eidorfe produziu o texto *Pequena história de uma biblioteca particular: de um livro de memórias em elaboração*, que aparece no bloco *Avulsas das Obras reunidas*. Embora publicado em 1989, não há apontamento de data nesse trabalho. Desperta a atenção dos leitores sobretudo por dois detalhes: a biblioteca particular de Eidorfe e, novamente, a referência a Curcino Silva.

Um dos pequenos orgulhos e a maior fonte de satisfação que tive na vida foi a minha biblioteca particular, e se digo ‘tive’, em termos de passado, é porque ela se acha hoje consideravelmente reduzida – uma sombra do que foi – em virtude de certos problemas e vicissitudes que tenho enfrentado, de modo que minhas referências a ela só têm sentido em termos do passado. Na sua plenitude, era tida por alguns amigos como uma das maiores do gênero no Estado (MOREIRA, 1989c, p. 13).

Um dos aspectos da minha biblioteca que mais surpreendiam agradavelmente os meus amigos era a variedade de sua composição, pois aí se achavam, em número apreciável, obras de Literatura, Filosofia, História, Geografia, Sociologia, Política, Economia, Direito, Ciências e Arte (MOREIRA, 1989c, p. 16).

Esse perfil de biblioteca despertava a admiração de outros intelectuais. Verifico, por exemplo, o registro dos comentários de Machado Coelho com referências a Eidorfe e à sua biblioteca: “Geógrafo e homem de letras, o cabedal que [Eidorfe] acumulou no trato de sua magnífica biblioteca e fora dela é digno de atenção e de respeito” (COELHO, 1960, p. 4-5). Para formar sua biblioteca, Eidorfe adquiriu livros, “ainda que esporadicamente, de algumas



“pessoas ilustres ou de suas famílias” (MOREIRA, 1989, p. 15): Eustáquio de Azevedo, Lauro Magalhães e Curcino Silva. Eidorfe chamava essas aquisições de transações:

A terceira transação efetuou-se com o desembargador Curcino Silva, de quem obtive, por preço simbólico, para não dizer doação, muitas obras de Direito e outras tantas escolares, de que era colecionador, obras que me prestaram valioso e decisivo serviço na elaboração de dois trabalhos meus, *As letras jurídicas no Pará* e *O livro didático paraense* (MOREIRA, 1989c, p. 15).

#### h) *Presença hebraica no Pará*

O judaísmo foi a primeira religião institucionalizada no Pará depois do catolicismo. No entanto, Eidorfe explica que o foco do seu estudo não é esse, mas sim a “participação efetiva” da comunidade hebraica “nos quadros da vida paraense, como parte integrante do processo do nosso desenvolvimento” (MOREIRA, 1972, p. 7). O livro *Presença hebraica no Pará* compila os resultados da análise conduzida pelo professor de geografia com base em diferentes períodos históricos:

Desde os tempos coloniais que a presença do elemento hebraico se fez sentir no Pará e na Amazônia, ainda que sem a feição comunitária e global que depois passou a ter. Como aconteceu noutros pontos do Brasil, foi na qualidade de *crístãos-novos* que esse elemento se estabeleceu pela primeira vez entre nós, pois de outra forma seria difícil a sua permanência em condições condignas (MOREIRA, 1972, p. 9).

Aduzo mais dois detalhes importantes do livro *Presença hebraica no Pará*: primeiro, o autor organizou uma relação dos “patronímicos mais correntes entre as famílias israelitas da Amazônia”, que considerou uma ampliação do levantamento de Samuel Benchimol (MOREIRA, 1972, p. 26); segundo, no didático *Sumário*, há uma espécie de conjunto das conclusões da pesquisa.

#### i) *As letras jurídicas no Pará: introdução ao seu estudo*

De saída, Eidorfe expôs a razão de ser do volume intitulado *As letras jurídicas no Pará: introdução ao seu estudo*:

Ao contrário da nossa cultura literária, sobre a qual já existem trabalhos mais ou menos sistematizados, nada temos ainda sobre a cultura jurídica em nosso Estado, pelo menos para uma visão abrangente da mesma [...].

O mesmo não acontece com as nossas letras jurídicas, sobre as quais nada temos, quer como visão geral, quer como fixação de algumas de suas fases ou de seus aspectos (MOREIRA, 1973, p. 7).

Na *Nota biográfica* de 1989, Anunciada apresentou o livro de 1973 com as seguintes palavras:

*As letras jurídicas no Pará: introdução ao seu estudo*, trabalho dedicado à memória do notável jurista paraense Samuel Mac-Dowell, foi lançado, em 73, pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará, em impressão da Grafisa, e transcrito, no ano seguinte, na *Revista da Procuradoria Geral do Estado* (CHAVES, 1989a, p. 22).

Além do *Prólogo*, o conteúdo da obra está ordenado em mais cinco capítulos: *O panorama, A periodização, Período Imperial ou Pré-Acadêmico, Período Liberal ou Acadêmico, Período Social-Democrático ou Universitário* – portanto, Eidorfe considera três períodos de análise. O autor entendeu o estabelecimento da periodização como uma “exigência preliminar ao tratamento do assunto” (MOREIRA, 1973, p. 7). Disse ainda: “Periodizar é a questão metodológica por excelência” (MOREIRA, 1973, p. 15). Eidorfe discutiu possibilidades de periodização para enfim se fixar em um critério cronológico baseado em fatos históricos.

Quero concluir este item *Caminhos para ler Eidorfe Moreira a partir da interpretação de Benedito Nunes*, com mais dois comentários sobre a aproximação entre os dois autores: a história da UFPA e o ensaio que Eidorfe dedicou a Benedito.

No ano de 1977, com seus próprios recursos, Eidorfe publicou *Para a história da Universidade Federal do Pará: panorama do primeiro decênio*. A Universidade estava criada desde 1957, a partir de projeto apresentado inicialmente pelo deputado Epílogo de Campos que ganhou substitutivo elaborado pelo deputado Lameira Bittencourt. Portanto, o livro de Eidorfe foi lançado duas décadas após o ato de criação da Universidade, embora trate exclusivamente do primeiro decênio da instituição.

Eidorfe começou o livro sobre a UFPA com o item *Antecedentes*, fazendo uma espécie de arqueologia, no sentido de que vai em busca das origens – mesmo aquelas anteriores a 1957. Entre as suas observações, Eidorfe fez uma leitura peculiar do sentido geopolítico da fundação da Universidade, uma vez que a lei instituidora foi sancionada pelo mesmo presidente – Juscelino Kubitschek – que estabeleceu a nova capital nacional em Brasília. Para

Eidorfe, o “sentido geopolítico” da criação da Universidade no Pará também esteve ligado a fatores externos ao país, como o término da Segunda Guerra Mundial:

Contemporânea da nova capital e historicamente sincronizada com ela, não podia haver para a Universidade do Pará melhor signo de nascimento do que esse, uma vez que Brasília é a marca real e o passo decisivo de uma nova fase de integração nacional: a *marcha para o Oeste* e a *marcha para a Amazônia*.

Por outro lado, cessados os efeitos da Segunda Guerra Mundial, novos e amplos horizontes se abriram às nossas relações com o exterior, ensejando ao Brasil e à Amazônia novos contatos e oportunidades. Convém não esquecer que a própria guerra trouxe certas vantagens para a região, porquanto favoreceu a valorização de alguns de seus produtos, sobretudo a borracha, para a qual se chegou a prognosticar uma nova fase áurea (MOREIRA, 1977, p. 29).

A UFPA completou 50 anos em 2007. Como parte da programação comemorativa do cinquentenário, houve cerimônia no Theatro da Paz, onde Benedito Nunes proferiu conferência com o tema *O que significa para nós, hoje, a cinquentenária Universidade Federal do Pará?* O professor buscou alternativas de respostas à questão, apontando ao final da sua abordagem para a necessidade de intercâmbio entre ciências, artes e letras, unindo “conhecimento e experiência, ciências e sabedoria e, sobretudo, seguindo o conselho do humanista e humorista do século XVII, Rabelais, unir ciência e consciência”. Quanto aos primórdios da Universidade, a base do discurso de Benedito concentrou-se no livro *Para a história da Universidade Federal do Pará: panorama do primeiro decênio*, especialmente quanto ao contexto geopolítico em que a instituição foi criada, de acordo com as análises desse livro de Eidorfe datado de 1977<sup>210</sup>.

Encerro então minha abordagem com referências ao ensaio *Dom Quixote e o problema do conhecimento: uma análise epistemológica do herói cervantino* (MOREIRA, 1989a). É dedicado “aos prezados colegas Benedito Nunes e Joaquim-Francisco Coelho”. Faz parte do conjunto *Avulsas* – impresso nas *Obras reunidas* (MOREIRA, 1989b).

Na *Revista de Educação e Letras* da UFPA (Vol. III – N.º 1/2 – dezembro 68), figuram dois estudos seus, um de caráter filosófico – *Dom Quixote e o problema do conhecimento: uma análise epistemológica do herói cervantino*–, o outro, de cunho bibliográfico – *Um pioneiro das pesquisas bibliográficas no Pará* (CHAVES, 1989a, p. 21).

<sup>210</sup> Estive na plateia do Theatro da Paz durante a cerimônia de junho de 2007. Depois, recebi de Benedito Nunes as páginas impressas da conferência que ele próprio digitou.

Embora Benedito (nasceu em 1929) fosse mais novo do que Eidorfe (nasceu em 1912), nada mais apropriado do que o gesto do professor de geografia oferecendo ao professor de filosofia um ensaio que anuncia em seu título uma “análise epistemológica”.

Em *Dom Quixote e o problema do conhecimento: uma análise epistemológica do herói cervantino*, Eidorfe movimentou sua análise em torno dos questionamentos: “O que nos sugere a figura de D. Quixote sob o ponto de vista epistemológico? Quais as implicações ou contribuições do quixotismo em matéria de conhecimento?” (MOREIRA, 1989a, p. 33-34). Como a análise é epistemológica, Eidorfe assinalou que “a figura esguia do herói cervantino se encurva e forma um sinal de interrogação”, talvez “para simbolizar a incógnita da alma [...] e da natureza humana” (MOREIRA, 1989a, p. 35). Eidorfe ainda listou suas teses fundamentais do quixotismo, com grande apoio em Calderón de la Barca (2008), autor de *A vida é sonho*:

A – O mundo é imagem, e só em termos imagéticos é que ele verdadeiramente se revela, o que importa em dizer que ele será tanto mais atuante e significativo quanto mais interesse plástico inspirar ou motivar em nosso espírito.

B – A vida é menos bela e real como campo de experiências sensoriais do que como forma ou processo de experiências subjetivas. Não são as nossas sensorialidades, mas a nossa imaginação, que lhe dá sentido e beleza.

C – Vivemos em termos de sonho, quer dizer em função daquilo que pensamos ou imaginamos a respeito do que nos cerca, e se ‘a vida é sonho’, a experiência real que cada um presume ter não é senão a forma pela qual vive esse ‘sonho’.

D – O visionarismo pode ser também uma dimensão espiritual ou um estado particular de estesia. Ele será então neste caso uma forma de valorizar ou enriquecer imagetivamente a vida (MOREIRA, 1989a, p. 34).

Transcrevo alguns versos marcantes de Calderón de la Barca (2008, p. 72-73) que certamente inspiraram Eidorfe:

Que é a vida? Um frenesi.  
Que é a vida? Uma ilusão,  
uma sombra, uma ficção;  
o maior bem é tristonho,  
porque toda a vida é sonho,  
e os sonhos, sonhos são.

O autor espanhol também era lido com frequência por Benedito. Exemplifico usando uma passagem que testemunhei: em 2008, Benedito participou como palestrante do I Encontro Municipal de Informática, Literatura e Educação (EMILE), voltado para professores

da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) e alunos do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. As atenções do discurso de Benedito concentraram-se em Monteiro Lobato – com foco especial em *Dom Quixote das crianças*–, mas o professor sugeriu, depois, o tema para o encontro seguinte: literatura e sonho. E, conforme sua orientação, o II EMILE aconteceu em 2009<sup>211</sup>: “Em dezembro, além do professor Roberto Machado, que falou sobre *Música e literatura em Proust*, quem participou do II EMILE ainda pôde ver Benedito Nunes, com os olhos brilhantes de satisfação, lendo o seu texto *Vida é sonho*” (CHAVES, 2011b, p. 57).

#### 4.10 LUZES E SOMBRAS DO ILUMINISMO PARAENSE

Historicamente, cada século tem sua fisionomia distinta, a que correspondem um ou mais epítetos: o século XVI é a época do Renascimento<sup>212</sup> e da Reforma, o século XVII é a época da ciência natural que culminou com o sistema de Newton e o século XVIII costuma ser chamado de Época das Luzes por referência ao movimento das ideias, ao estado da sensibilidade, ao circuito social do saber então predominantes, com um direcionamento moral e político determinado (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 19, grifo meu).

Em conferência apresentada no ciclo de estudos *A Amazônia na Época de Landi*<sup>213</sup> e no *II Encontro Regional de História*<sup>214</sup> – ambos realizados em Belém no ano 2000 – Benedito Nunes ainda recua mais no tempo<sup>215</sup> aquela análise amazônica, que empreendera na aula magna *Universidade e regionalismo*, a respeito do cenário local antes da UFPA: escreve então *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, com a parceria de Aldrin Moura de Figueiredo<sup>216</sup>. Durante a entrevista que realizei, recebi a seguinte explicação de Aldrin sobre a coautoria: o trabalho foi assinado pelos dois autores, ficando Benedito com a redação da primeira parte e o meu entrevistado com a da segunda, mas houve trocas sucessivas de ideias que originaram a forma final dos conteúdos, cada um interferiu livremente no texto do outro e os dois até

<sup>211</sup> O I EMILE e II EMILE foram dois encontros, na SEMEC e na UFPA, coordenados por mim e por Lilia Silvestre Chaves.

<sup>212</sup> O Renascimento também foi tema de palestra de Benedito no ciclo de conferências sobre esse período da história realizado pelo Museu Nacional de Belas Artes no ano de 1977. O evento ensejou a publicação de livro em 1978, no qual está inserida a apresentação denominada *Diretrizes da Filosofia no Renascimento* (NUNES, 1978). Entre outros intelectuais, participaram do ciclo no Rio de Janeiro: Afonso Arinos de Melo Franco, Antônio Carlos Villaça e Guilherme Figueiredo.

<sup>213</sup> Promoção do Museu do Estado do Pará.

<sup>214</sup> Promoção do ANPUH, por meio do Núcleo do Pará, e da UFPA.

<sup>215</sup> Observo, mais uma vez, que Benedito sempre recua bastante no tempo para entender sua própria região, situar o tema e assim embasar a análise que faz de fatos e acontecimentos históricos.

<sup>216</sup> A aproximação entre Aldrin e Benedito, como autores importantes no campo intelectual do Pará – embora eles sejam de gerações diferentes–, é mais detalhada no item 4.4 desta dissertação.

mesmo ensaiaram – antes dos eventos – as apresentações orais que depois fizeram em dupla<sup>217</sup> (informação verbal).

O período analisado nas exposições de 2000 é portanto o século XVIII, quando o Iluminismo deixa marcas na forma de um movimento europeu de ordem cultural e intelectual, no qual a razão era entendida como atributo essencial para o homem apreender o universo e, assim, melhorar sua condição humana e a organização da sociedade. Na França, o Iluminismo recebeu a denominação de *Siècle des Lumières* ou Século das Luzes, daí a escolha de parte – *luzes* – do título do ensaio desenvolvido, em dois blocos, pelos professores da UFPA. No entanto, o nome da conferência também incorpora a palavra *sombras*, como alusão ao fato do Iluminismo no Pará ser visto como “singular” por não ter “contrapartida” na área política e social, pois à altura “nos faltavam universidades e imprensa” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 24).

Na primeira parte do texto *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, os autores começam perguntando sobre “o que se pensava no século XVIII na Europa” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 19) em plena *Época das Luzes*, análise que não poderia ocultar referências a conhecidos intelectuais do Velho Mundo como, por exemplo, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, D’Alembert e Diderot. Benedito e Aldrin mencionam o “*Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts e des Métiers*, uma enciclopédia em 17 volumes”, salientando também que no Iluminismo os livros foram os meios para difundir os saberes novos (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 20). Além dos autores e obras da matriz iluminista francesa, foram citados e abordados, no ensaio, intelectuais das vertentes inglesa e alemã do “mesmo movimento de ideias” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 22), porque “as concepções iluministas [...] se unem entre si por meio de pressupostos que lhes são comuns: a Razão e a Natureza como princípios que se equivalem” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 23).

Se havia essa circulação de ideias na Europa, o que acontecia no Pará nesse mesmo século XVIII?

Entendo que, para tratar dessa questão, o foco da conferência é então direcionado para o domínio das artes. Os autores explicam que o vínculo de Belém com o Iluminismo “firmou-se graças à arquitetura religiosa de Antonio Landi, [...] bolonhês estabelecido entre nós desde 1753 e aqui falecido em 1792”:

[Landi dá] origem a todo um ciclo de construções [...], [sintetizando] estilos arquitetônicos diferentes, o clássico com o barroco à sombra do qual nascera

---

<sup>217</sup> Entrevista que me foi concedida em 11/03/2011.

a arquitetura jesuítica de Santo Alexandre. O ciclo começa pela reconstrução do Palácio do Governo, no soerguimento de uma Casa de Ópera ao lado, prossegue na recomposição da fachada da Catedral, estende-se à construção da Capela de São João Batista; continua reconstruindo a Igreja do Carmo e construindo as Igrejas da Mercês e de Sant’Ana (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 24)<sup>218</sup>.

Depois de destacarem a atuação de Landi no Pará, durante o século XVIII, os professores da UFPA chamam a atenção dos seus leitores para um fato inusitado: na então província do Pará e do Maranhão não ocorria “contato subversivo com a Europa”, enquanto, na mesma época, era ativada a Inconfidência Mineira. Também nossa imprensa foi tardia – “introduzida por Felipe Patroni em 1822” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 24). Colocada essa situação desfavorável ao Pará, sob a ótica do movimento de ideias que ocorria na Europa – e até mesmo em outros pontos do Brasil–, Benedito e Aldrin chegam ao fim da primeira seção da palestra de 2000, com questionamento instigante, cujas possibilidades de resposta passam a ser desenvolvidas na parte seguinte do trabalho: Assim, “como poderíamos ter tido [...] as luzes do esclarecimento? A menos que tais luzes tivessem vindo por outros meios que não o da intelectualidade local, de seus jornais e livros” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 24, grifo meu).

No segundo segmento – *sombras* – do texto ficam explícitos esses meios, quando aparece em cena a notória índia chamada Sabina, arrolada pelo Tribunal do Santo Ofício e cujos serviços eram demandados por todos: pela ralé, mas também pelo governador. Mas o “que fazia esta mulher para tanta demanda? Sua fama já vinha de longa data. Sabina descobria puçangas, sortilégios e, mais que isso, os anulava seguindo um ritual costumeiro” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 25). Sabina tinha consciência do seu saber e poder.

Apesar de sua notoriedade à época, Sabina foi mais uma entre as 485 pessoas arroladas pelo Santo Tribunal. De blasfemos e bigamos, de curandeiros e sodomitas, de feiticeiros e endemoninhados, e muitos outros arrenegados das normas da Santa Igreja, o Grão-Pará não podia se queixar de desconhecer nos tempos de Landi. Mesmo o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, protetor do arquiteto régio nessas paragens distantes, queixava-se ao irmão, o primeiro-ministro Marquês de Pombal, de ter em sua volta ‘um povo rude’ (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 25).

---

<sup>218</sup> Em outros textos do *corpus* desta pesquisa, como *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* (NUNES, 2004a) e *Pará capital Belém* (NUNES, 2006c), escritos depois de *Luzes e sombras do Iluminismo paraense* (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a), Benedito também aborda a obra de Landi e sua presença no Pará.



Além dos episódios da herege Sabina ponteados de feitiços e os rituais de seus estranhos desmanchos que levavam à crença de que “a fé católica estava por um fio” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 25), os autores abordam histórias que originaram aqui o “pensamento radical, libertário ou revolucionário” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 27), entendendo que essas histórias são “algumas frestas daquilo que hoje poderíamos fazer dialogar com o Iluminismo” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 28).

No Pará [...], parece que as tais ‘luzes’, pelo menos em seu aspecto político, chegaram pela boca dos miúdos, da ralé, do populacho que de todas as maneiras tirava o sono das autoridades da terra. A gente ‘rude’ do Pará, ao contrário do que supunha Mendonça Furtado, parecia ser muito bem informada (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 28).

Como remate das duas partes da conferência *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, Benedito e Aldrin concluem que, somente mais tarde, no século XIX – tempo das lutas da Independência e da Cabanagem, por exemplo – foi definido “o que hoje pensamos ser a invenção de nossa identidade nacional” (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 28).

Quando entrevistei Aldrin<sup>219</sup> (informação verbal), ele me explicou como surgira a ideia dessa escrita em conjunto com Benedito: o mote foi Landi. Benedito estava escrevendo sobre Landi no Pará – período da história que correspondia ao Iluminismo na Europa – e telefonou ao Aldrin perguntando-lhe como se pensava aqui na Amazônia no tempo de Landi. Então, uma surpresa: Aldrin respondeu que naquela época a pessoa mais conhecida e importante era a índia Sabina, frequentadora dos diversos círculos sociais. Disse ainda que o conhecimento de histórias como as de Sabina fora obtido com base em pesquisa<sup>220</sup> empreendida na farta e reveladora documentação do Tribunal do Santo Ofício português gerada durante suas devassas no Grão-Pará. O colóquio entre Benedito e Aldrin deixara patente uma espécie de divisão lógica ou de dicotomia presente no Iluminismo paraense: Landi e Sabina. Ou, dita de outra forma: luzes e sombras. Logo, nascia assim, daquele diálogo entre professores, um tema desafiador, posto, com rótulo barroco<sup>221</sup>, abrigando duas penas. Os escritores souberam juntar história das ideias e história social. Assim foi a criação de *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*.

<sup>219</sup> Entrevista em 11/03/2011.

<sup>220</sup> As pesquisas dos historiadores da UFPA são valorizadas por Benedito em *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* e *Universidade e regionalismo* – textos do corpus deste trabalho.

<sup>221</sup> Chamado de barroco porque contém conflito.

A importância da presença do ensaio de Benedito e Aldrin no *corpus* desta pesquisa tem muito a ver com o fato da abordagem dos dois professores focar a “iluminação das ideias” que se movimentavam e esse “aclaramento pelo saber”, o que é de grande relevância para os estudos sobre o pensamento social:

A significação [...] [da palavra Iluminismo] implica num aclaramento pelo saber. O pensamento claro, que tem no conhecer a sua luz, é fulgurante: esclarece, desfazendo as sombras da ignorância; e a iluminação das ideias, propagando o saber, de acesso comum, liberta os indivíduos (NUNES; FIGUEIREDO, 2002a, p. 19).

O ensaio *Luzes e sombras do Iluminismo paraense* foi publicado em 2002, na *Revista de Cultura do Pará* (NUNES; FIGUEIREDO, 2002b) e na coletânea *Terra matura: historiografia e história social da Amazônia*<sup>222</sup>, como parte do eixo temático *Historiografia e História Intelectual do II Encontro Regional de História*:

Chamamos [...] este trabalho coletivo de *Terra matura: historiografia e história social da Amazônia* porque percebemos na Amazônia, onde Euclides da Cunha afirmava não existir a história, as vivências de homens e mulheres [...]. Enfim queremos [...] reafirmar nossa visão da Região Amazônica como uma terra matura, madura, que tem história (CUNHA<sup>223</sup>, 1967 apud BEZERRA NETO; GUZMÁN, 2002, p. 6)<sup>224</sup>.

O leitor atento perceberá que os textos de *Terra matura: historiografia e história social da Amazônia* [...] são, em resumo, fruto de preocupações recentes e importantes da historiografia contemporânea. [...] [O] Extremo Norte aparece em seu plano menos conhecido: o dos homens e mulheres que por aqui viveram no passado mais recuado ou experimentaram um presente muito diverso de outrora (RICCI, 2002, p. 10)<sup>225</sup>.

Três anos depois da conferência *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, no seminário *Landi e o século XVIII na Amazônia*, Benedito (2003c) volta a falar a respeito do Iluminismo no Pará, afirmando que “Landi é um ser histórico” e dizendo que a História

<sup>222</sup> *Terra imatura* é título da principal obra de Alfredo Ladislau, de 1925. Depois de sua morte, Ladislau foi homenageado pela revista que recebeu o mesmo nome e circulou em Belém entre 1938 e 1940, sob a direção dos irmãos Cléo e Sílvio Macambira Braga (NUNES, 2004a). Francisco Paulo Mendes foi redator dessa revista (NUNES, 2001c).

<sup>223</sup> CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Editora Lello Brasileira, 1967.

<sup>224</sup> *À margem da história* teve primeira publicação em 1909, após a morte de Euclides.

<sup>225</sup> O livro tem 29 trabalhos, distribuídos em seis eixos temáticos. Entre os autores, além de Benedito e Aldrin, figuram: José Maia Bezerra Neto, Décio de Alencar Guzmán, Magda Ricci, Maria Luzia Miranda Álvares, Fernando Arthur de Freitas Neves, Rafael Chambouleyron, Pere Petit etc.

imperava “como experiência de muitas gerações”, valendo-se, para fazer tal reflexão, da poesia de T. S. Eliot (2004, p. 364)<sup>226</sup>.

Cabe observar que a vasta obra de Benedito tem ainda mais títulos criados no campo da história. Tarricone (2011) relaciona, por exemplo, artigos nos jornais do eixo brasileiro Rio – São Paulo: *Tempo e consciência histórica*, *A previsão na história* e *A compreensão na história*, veiculados no *Jornal do Brasil*; *Historicismo e existencialismo*, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Há um longo ensaio denominado *Narrativa histórica e narrativa ficcional* (NUNES, 2010d), republicado no livro *Ensaaios filosóficos*, mas que tem origem em conferência pronunciada na UERJ. Em Belém, com a apresentação *O tempo dividido: Cosmos e História*, o professor participou do ciclo de preleções denominado *A crise do pensamento* em 1993 (CHAVES, 2011b). Sem a pretensão de esgotar a relação, cito ainda, com destaque, por causa da alusão que faz à história das ideias, a análise do livro *História e ideologia* de Francisco Iglésias exposta por Benedito, concordando que o historiador adota “linha comum em todos os ensaios, que é a preocupação histórica e o tratamento em termos de situação do tema em relação ao tempo e ao local” (IGLÉSIAS, 1971, p. 13, grifo meu):

Focalizando temas afins, os cinco ensaios de Francisco Iglésias coligidos em *História e ideologia* [...] são todos capítulos da história das ideias, terreno resvaladiço, cheio de armadilhas para o intérprete, porque situado justamente no ponto de junção do pensamento teórico com as circunstâncias práticas que o condicionam (NUNES, 1972, p. 100, grifo meu).

Entendo que a preocupação histórica, que situa os temas de Iglésias em relação ao tempo e ao local, também está manifestada na obra de Benedito relativa à Amazônia, compondo assim a história das ideias em sua região. Penso que, ao analisar a preocupação do historiador com o tempo e o local, Benedito também se revela a si próprio. “O ato de interpretar enreda o próprio intérprete e [...] tende a prolongar-se indefinidamente, à falta de um fundamento último. Por esse motivo, aplique-o seja lá ao que for, o intérprete não pode executar esse ato incômodo, sem ao mesmo tempo interpretar-se” (NUNES, 2007c, p. 57).

Enfim, como Landi foi o ponto de partida para a discussão sobre o Iluminismo paraense, cabe assinalar que, em abril de 2011, após o falecimento de Benedito, aconteceu em Belém a *II Reunião Internacional do Fórum Landi*, evento acoplado ao *VIII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Na cerimônia de abertura, realizada no Centro de Convenções Benedito Nunes da UFPA, o professor foi homenageado (*in memoriam*) e Aldrin fez uso da

---

<sup>226</sup> Outros comentários no item 4.5 desta dissertação.

palavra relembando sobretudo *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus e Luzes e sombras do Iluminismo paraense*. Naquela ocasião, houve exposição de vídeo do encontro entre Benedito e o intelectual português Eduardo Lourenço<sup>227</sup> (informação verbal) ocorrido em 2010 (Fotografia 45). Ainda como parte da programação, Aldrin participou de mesa-redonda justamente para expor outra vez – e, dessa vez, sozinho – *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*<sup>228</sup>. Mas assim as ideias de Benedito também estão presentes e continuam em circulação. “Deixa-te estar neste embalo de água gerando círculos” (MEIRELES, 1982, p. 50).

**Fotografia 45** – Benedito Nunes e Eduardo Lourenço em 2010.



---

<sup>227</sup> Eduardo Lourenço é professor e ensaísta português, nascido em 1923. Recebeu várias honrarias, como o Prêmio Camões (informação verbal). Esteve em Belém no ano de 2010, momento em que fez questão de rever seu amigo Benedito. Houve então, na UFPA, um diálogo entre os dois intelectuais, assistido por pequena plateia, pois aconteceu em um sábado. Estive presente. Rosa Acevedo, professora do NAEA, participou da programação.

<sup>228</sup> Estive presente nos eventos.

## 5 CAPÍTULO 4: UMA CONSTRUÇÃO SOBRE BENEDITO NUNES

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.  
Mudo, mas não mudo muito.  
A cor das flores não é a mesma ao sol  
De que quando uma nuvem passa  
Ou quando entra a noite  
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.  
Por isso quando pareço não concordar comigo,  
Repare bem para mim:  
Se estava virado para a direita,  
Voltei-me agora para a esquerda,  
Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés –  
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra  
E aos meus olhos e ouvidos atentos  
E à minha clara simplicidade de alma...

(PESSOA, 1980, p. 69).

Retorno agora às indagações dos primeiros passos do projeto aduzidas na Introdução, para apresentar respostas, achados e conclusões neste Capítulo 4, atando assim as duas pontas<sup>229</sup> do trabalho, em consonância com preceitos metodológicos. Logo, faço uso, como farol, da perspectiva teórica que me proporcionou a revisão bibliográfica do Capítulo 1, tiro proveito do que pude levantar e apreender a respeito da vida e obra de Benedito Nunes – Capítulo 2 – e considero sobremodo a análise contextualizada do *corpus* da pesquisa exposta no Capítulo 3, que é o mais extenso e detalhado segmento desta dissertação.

Entendo que a análise (descritiva e interpretativa) do *corpus* responde afirmativamente à questão: Benedito Nunes é intérprete da Amazônia?

É intérprete, sim, no sentido do trabalho hermenêutico penetrante que desenvolveu, incluído no conjunto de sua obra, para entender a região e o seu lugar no mundo. Se intérprete é um qualificativo complexo de múltiplos usos, adoto a seguinte conotação: exegeta, hermeneuta, pessoa que interpreta – valendo-se de aparato intelectual – na busca de ajuizar ou aclarar o sentido da história, dos documentos e dos fatos, explicando-os para, então como autor, se fazer compreender a partir de crítica e reelaboração próprias do que apreendeu, sempre com o sentimento de ser parte, de ser partícipe, permanentemente abrindo caminhos para a problematização, a reflexão e o debate. Benedito é intérprete da sua região, sim, no

<sup>229</sup> Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis fez sua tentativa de “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (ASSIS, 1998, p. 22).

sentido de quem colecionou, leu e estudou obras e autores pertinentes; dialogou com eles; identificou problemas, lacunas e legados; reescreveu a história com pena pessoal, exteriorizando assim seu pensamento em palavras.

Mas, ainda na fase de definição do problema de pesquisa, essa pergunta foi sendo progressivamente ampliada, à medida que, por orientação de Edna Castro, eu realizava as entrevistas, já comentadas, em torno de um certo estranhamento<sup>230</sup> – aos moldes de Bachelard (1996) – quanto àquela indagação inicial, possivelmente suscitado pelo ineditismo do tema levantado: estudar Benedito como intérprete da sua região. Logo, a pergunta norteadora adquiriu outros contornos, delimitando melhor a problemática: qual é a interpretação, a importância e o estatuto da criação intelectual de Benedito sobre a Amazônia presentes na obra desse pensador brasileiro que nasceu e sempre morou em Belém?

As respostas aos questionamentos colocados confirmam a hipótese da pesquisa: Benedito Nunes é intérprete da Amazônia e interrogador da realidade amazônica – papel que desempenha com sentimento de pertença e com a desenvoltura de quem conhece filosofia e literatura, áreas do conhecimento nas quais é autoridade respeitada. Enfim, passo agora a explicitar isso. Se, por um lado, insiro neste Capítulo 4 mais minúcias, que vão adiante da simples asserção de que a hipótese do projeto é veraz, por outro, organizo esta construção a seguir, sobre o pensamento de Benedito como intérprete de sua região, procurando aglutinar, à guisa de conclusão, na forma de uma lista mais concisa, as observações que comentei nas páginas anteriores de maneira esparsa, quando abordei – com holofote especial sobre o *corpus* – a vida e obra do professor paraense.

## 5.1 SÍNTESE E ARGUMENTOS: O PENSAMENTO DE BENEDITO NUNES SOBRE A AMAZÔNIA

### a) Produção esparsa ao longo da trajetória tem foco em cultura, história e sociedade

O olhar de Benedito para sua região está presente em toda a trajetória do intelectual, com sucessivas interpretações, mesmo não tendo constituído um livro específico. Aparece, de forma espargida ao longo do tempo – embora com alguma concentração nos seus últimos anos de vida<sup>231</sup> –, nos textos escolhidos para este projeto, mas também em vários momentos do

<sup>230</sup> Estranhamento que impulsiona a busca.

<sup>231</sup> Na entrevista que me concedeu, Aldrin Figueiredo observou: pela tradição brasileira, especialmente nas ciências sociais, os nossos intelectuais são obrigados moralmente a escrever sobre o país. Assim, abordar também a Amazônia é um fardo – no sentido de que impõe responsabilidades – para os pensadores que nasceram aqui. Destarte, o professor entrevistado entende que Benedito, em vários

contexto analisado, envolvendo aspectos como: atuação no exterior, artigos para jornais e revistas, crítica literária dos autores ligados ao Pará, bem como prefácios de livros de estudiosos e escritores da região.

Devo acentuar contudo que o texto mais recente analisado no *corpus* é *Pará, capital Belém*, de 2006. Está no livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*, que é exclusivamente dedicado a Belém e a Manaus, metrópoles da Amazônia (NUNES; HATOUM, 2006).

Quando se expressa sobre a Amazônia – e/ou especificamente sobre o Pará e Belém–, como nos textos que coligi no *corpus*, as principais categorias usadas por Benedito são cultura, história e sociedade. Essas palavras-chaves estão bem aproximadas em *Luzes e sombras do Iluminismo paraense*, acentuando as culturas, delineando a sociedade e mostrando o sentido da história numa região como a Amazônia, onde a realidade é bem mais ampla do que as falas das elites revelam.

#### b) Origem intelectual: literatura e hermenêutica

A origem intelectual de Benedito está no interesse pela literatura – incluindo a construção pessoal de poesia e prosa<sup>232</sup>, quando jovem. Depois, com as possíveis influências do primo Ribamar de Moura<sup>233</sup> e orientações recebidas de Francisco Paulo Mendes<sup>234</sup>, Benedito dedica-se então à atividade crítica com base principal na filosofia, quando a hermenêutica se integra à sua vida intelectual. Isso se afirma irreversivelmente nas suas primeiras viagens à Europa e na grande dedicação aos estudos do pensamento de Heidegger.

Assim, literatura e filosofia logicamente são também consideradas na produção de Benedito alusiva à Amazônia. Posso dizer que ele promove uma espécie de intersecção entre essas áreas do conhecimento – às quais mais se dedica – e a sua região.

Ora, desde Kant a filosofia foi chamada de crítica. Não sei por qual das críticas comecei, se foi pela literária ou pela filosófica, tão intimamente se

---

momentos de sua vida, foi cobrado a escrever sobre a Amazônia (informação verbal). Essa análise pode explicar a concentração de trabalhos de Benedito sobre a região nos seus últimos anos de vida, como se cumprisse a missão de um intelectual paraense, pagando uma “velha dívida”, expressão que chegou inclusive a usar em *Pará capital Belém* (NUNES, 2006c, p. 11).

<sup>232</sup> Especialmente no suplemento literário do jornal *Folha do Norte*.

<sup>233</sup> Primo mais velho de Benedito, Ribamar mereceu um artigo de Eidorfe Moreira publicado no jornal *A Província do Pará* (CHAVES, 1989a).

<sup>234</sup> “Eu tentei ser poeta. [...] Quando eu apresentava meus poemas [ao Francisco Paulo Mendes], percebia que ele não gostava muito, embora fosse sempre muito delicado. E foi ele quem me encaminhou para o ensaio” (NUNES, 2000c, p. 74).



uniram, em minha atividade, desde novinho, e alternativamente, literatura e filosofia. [...]

Não sou um duplo, crítico literário por um lado e filósofo por outro. Constituo um tipo híbrido, mestiço das duas espécies. Literatura e filosofia são hoje, para mim, aquela união convertida em tema reflexivo único, ambas domínios em conflito, embora inseparáveis, intercomunicantes (NUNES, 2009f, p. 23-24).

A forma da escrita de Benedito sobre a região amazônica tem estilo próprio: é reflexiva, ensaística<sup>235</sup>, filosófica, interpretativa, procurando respostas a determinadas indagações e paralelamente lançando outras – abrindo caminhos para a meditação e despertando assim o interesse dos seus leitores na construção do conhecimento. Com densidade especulativa, em cada tema, busca pouco a pouco desvendar a realidade inicialmente ignorada, ampliando “a esfera de sua presença” (MONTESQUIEU, 2005, p. 22), como quem pensa em voz alta, como quem se aproxima lentamente da verdade, com argumentos tecidos ponto a ponto e apoiados por formação intelectual privilegiada, sabendo fazer arranjos impressionantes de suas leituras. Benedito organiza e relaciona os saberes, articulando as partes e o todo do texto, de uma forma que demonstra ser prazerosa, como a concordar com as reflexões de Montesquieu – sobre a alma – no período de extraordinária ebulição do Iluminismo francês:

A alma, independentemente dos prazeres que extrai dos sentidos, experimenta outros que lhe são próprios, como os que lhe despertam a curiosidade, os que lhe dão uma ideia de sua grandeza, de suas perfeições, de sua existência como algo oposto ao sentimento da noite, o prazer de abarcar todo o conteúdo de uma ideia geral, o de ver um grande número de coisas etc., o de comparar, associar e separar ideias. Esses prazeres são inerentes à natureza da alma, independentemente dos sentidos, porque pertencem a todo ser que pensa (MONTESQUIEU, 2005, p. 13).

A exegese revelada no Capítulo 3, acompanhada de citações de Benedito, não deixa dúvida quanto à sua preocupação com o rigor da escrita, a escolha criativa dos títulos, o uso elegante do vocabulário e a estética do texto. O professor tem “sintaxe requintada, mas clara”, procurando fugir do “rançoso jargão acadêmico usual” (BARROS, 2011, p. 399). Amarílis Tupiassú entende (2011, p. 242) que a produção de Benedito é “informada, orquestral, ecoante, dialogante”.

Mesmo tendo atuado na SPVEA, no início do funcionamento dessa instituição amazônica, concluo que Benedito não se deixou influenciar em sua obra por um discurso mais

---

<sup>235</sup> Para Benedito Nunes (2010e, p. 299), o ensaio é o “*locus* da interpretação [...], uma espécie intermediária, oscilando entre ciência e arte, entre abstração e teoria”.

tecnocrata a título de desenvolvimento, ou voltado a programas e projetos que desenham o futuro de forma superficial que desconsidera a história, ou impregnado de clichês e modismos de consistência duvidosa, desprovido de reflexão. Certamente impulsionado pelas leituras de Ricoeur e de Heidegger, Benedito lê o tempo como passado / presente / futuro indissociáveis. Isso leva o mestre a desenvolver suas explanações como se também fizesse arqueologia.

“Tudo que se conta acontece no tempo, toma tempo, desenvolve-se temporalmente, e o que se desenvolve no tempo pode ser contado. Talvez mesmo todo processo temporal só seja reconhecido como tal na medida em que pode ser narrado de certa forma” (RICOEUR<sup>236</sup>, 1986, p. 12 apud NUNES, 2010d, p. 311).

Extraídas da compreensão que o *Dasein*<sup>237</sup> tem de si mesmo e do mundo, quando o consideramos do ponto de vista de sua conduta mediana, a cotidianidade, [...] [as estruturas constitutivas do ser-ai<sup>238</sup>], como fenômenos ordinariamente encobertos, ligam o ser desse ente ao tempo, ou seja, o sentido do ser ao fenômeno da temporalidade (NUNES, 2004b, p. 125, grifos meus).

O *Dasein* ainda é o passado, sem deixar de ser presente. E no presente está comprimido o passado; como no passado antecipa-se o futuro (NUNES, 2004c, p. 26).

É também a partir de leituras heideggerianas que Benedito aborda o uso da técnica<sup>239</sup> – tema importante para Amazônia – refletindo sobre vantagens e desvantagens das novas tecnologias propiciadas pelo progresso da ciência.

### c) Múltiplas fontes no acervo enciclopédico

Os textos de Benedito são enciclopédicos, no sentido das múltiplas referências a livros<sup>240</sup>, sobretudo de filosofia e literatura – seus principais faróis para iluminar a interpretação que faz dos temas de interesse para a região amazônica. Dialoga, de forma reflexiva, com vários autores, que traz à cena e interpreta. Por exemplo: na conferência *Meu caminho na crítica*, uma espécie de autobiografia, Benedito faz alusão a 99 autores (Quadro 2, inserido no Capítulo 3). Assim, o professor coloca interlocutores na sua obra.

<sup>236</sup> RICOEUR, Paul. De l'Interprétation. In: *Du Texte à l'Action*, Essais Herméneutiques, II. Paris: Seuil, 1986.

<sup>237</sup> Em Heidegger, *Dasein* tem a “ideia do homem como ser no mundo”, sendo a temporalidade uma categoria fundamental” (NUNES, 2009c, p. 75).

<sup>238</sup> É a tradução mais comum de *Dasein* empregada pelos estudiosos de Heidegger.

<sup>239</sup> O tema faz parte de *À margem do livro* (NUNES, 1996), trabalho analisado no Capítulo 3 desta dissertação.

<sup>240</sup> Benedito constituiu progressivamente sua biblioteca particular.

Outro detalhe sobre Benedito: suas reflexões de leitor voraz não se limitam a uma área do saber. São sempre multidisciplinares. Elucido isso da seguinte forma (NUNES, 2007d): para falar sobre antropologia – outro tema importante para a Amazônia – o estudioso paraense tanto cita Lucien Lévy-Bruhl e Claude Lévi-Strauss, como a ficção de Clarice Lispector e de Jorge Luis Borges, desconsiderando barreiras que insistem em delimitar áreas de conhecimento e proibir a livre circulação das ideias. E mais: quando lê Lévi-Strauss, Benedito Nunes (2007d) caminha no campo da antropologia, sem deixar de observar, com sensibilidade e lirismo, o valor estético e poético da obra do antropólogo, sobretudo manifestado em *Tristes trópicos* (LÉVI-STRAUSS, 1996).

O que ensinei aos estudantes? Ensinei-lhes a boa arte do cepticismo: a duvidar de tudo, a tudo interrogar adequadamente com conhecimento de causa. Não me limitei a sentar praça<sup>241</sup> numa filosofia determinada, ao som do clarim da especialidade. Serei céptico? Sim, enquanto crítico de ideologias, crenças políticas e religiosas. Pelo menos, não acariciei as ilusões intelectuais dos estudantes, não lhes adulei os preconceitos (NUNES, 2009i, p. 26-27, grifo meu).

#### d) Crítica às cisões e falácias

Em suas definições e análises sobre a cultura – especialmente em *Um conceito de cultura* (NUNES, 1997), mas também em outros registros–, Benedito deplora, com ênfase, a cisão entre ciências e humanidades ou entre ciências e arte. Para ele, a separação é um sintoma da crise da cultura em nossa civilização, desde que a revolução industrial subordinou o agir comunicativo (arte, normas, ética, religião etc) ao agir instrumental com ideia de produtividade. O professor vê na antropologia, filosoficamente repensada, a possibilidade de saída da crise, reformulando os elementos que contribuem para a formação do indivíduo e da sociedade.

Nessa mesma linha, Benedito identifica, como algumas causas da cisão na cultura ocidental, três falácias: a arte não é pensamento; a ciência é todo o conhecimento; o conhecimento é eticamente neutro.

No caminho de Benedito há muitos passos que colocam em evidência seu gosto pelas artes, intelectual e sentimentalmente, como a conferir que arte também é pensamento. Sou

---

<sup>241</sup> Entendo que a expressão ‘sentar praça’ tem o sentido de fazer-se soldado ou alistar-se (FERREIRA et al., 1999). Portanto, no exemplo, ‘sentar praça’ é dedicar-se exclusivamente a uma única área de estudos. Para Amarílis Tupiassú, Benedito tem “modelo de pensar [que] já rareia nestes tempos de exagerada especialização, no mais das vezes, redutora” (TUPIASSÚ, 2011, p. 242, grifo meu).

instigada a repetir o comentário do professor que está bem no início da conferência *Meu caminho na crítica*: “meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária”, pois é “amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias” (NUNES, 2009f, p. 23).

e) Sentimentos e até uma certa nostalgia

Há sentimento de pertença nas palavras de Benedito sobre a sua região, evidenciando pensamento racional indissociável dos apelos do coração, aos moldes de Pascal<sup>242</sup>.

[...] os sentimentos, como o amor, o ódio e a simpatia, não são apenas estados afetivos, que correspondem a modificações internas do sujeito, mas verdadeiros atos, por meio dos quais podemos ter a experimentação dos valores. [...]

Temos [...], nos valores, [...] a matéria imponderável de um conhecimento especialíssimo que não se obtém por meio da inteligência e dos conceitos, mas pela via incontrolável, espontânea e pessoal dos sentimentos (NUNES, 2004b, p. 113, grifo meu).

O conhecimento dos valores, que escapa aos limites do pensamento racional, é a expressão daquele aspecto da vida universal relativa à *ordre du coeur*, a que Pascal se referia e que engloba as razões que a razão desconhece (NUNES, 2004b, p. 115, grifo meu).

Nas reflexões sobre a Belém atual ou dos últimos tempos, Benedito não esconde uma certa nostalgia, alimentada essencialmente por problemas urbanos contemporâneos típicos das grandes cidades. Assim é que, por exemplo, ele usa em *Pará capital Belém* (NUNES, 2006c) uma epígrafe de Baudelaire que lamenta as mudanças rápidas da Paris da modernidade – como visto no Capítulo 3. Entendo que, para o professor, o mesmo acontece com Belém. Essa tessitura de Benedito aguça a sensibilidade dos leitores que então se voltam para analisar alguns aspectos da decadência da cidade.

f) Presença de Benedito no campo intelectual

É notória na obra de Benedito a valorização dos intelectuais do Pará<sup>243</sup>, como visto nos capítulos anteriores. Os de sua geração e aqueles um pouco mais antigos são vistos como autodidatas, mas há também alusões elogiosas a pessoas mais novas, gerações quase sempre

<sup>242</sup> Mesmo tendo vivido no século XVII, período marcado pelo racionalismo cartesiano, Pascal não seguiu esse rumo determinante da filosofia moderna, pois os grandes temas metafísicos estão presentes no seu pensamento (SILVA, 2005).

<sup>243</sup> É importante enfatizar que entre os diversos caminhos trilhados pelos estudos sobre o pensamento social brasileiro está a análise das “relações estabelecidas entre os membros dos grupos que se dedicam à atividade intelectual” (BASTOS et al., 2006, p. 12).

atraídas pelo brilho da estrela do professor – intelectuais mais jovens constelam-se em torno dela.

A citação mais presente no *corpus* é Eidorfe Moreira. Há de se traçar paralelos<sup>244</sup> entre Benedito e Eidorfe – talvez em projeto específico. Ambos foram da UFPA e da SPVEA. Conviveram nas lides das duas instituições. Se Eidorfe tem, como principal marca, a sua obra explícita sobre a Amazônia, ao contrário de Benedito, que recebeu mais louros nas trilhas da filosofia e da literatura, há, todavia, entre os dois, pontos em comum inquestionáveis: são humanistas, multidisciplinares e utilizam, em suas construções, aparato enciclopédico.

Cabe notar também a interação de Benedito com outros intelectuais respeitados no Brasil e no exterior, em diferentes períodos de sua trajetória. No país, Luiz Costa Lima e Roberto Machado podem representar vários nomes ligados ao Rio de Janeiro; Antonio Candido e Alfredo Bosi a São Paulo, além dos fundadores do concretismo – sobretudo Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari–; Affonso Ávila a Minas Gerais; Milton Hatoum à Amazônia. Na França, o professor aproximou-se de Paul Ricoeur. Benedito recebeu em Belém grandes nomes do exterior: Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Georges Gusdorf<sup>245</sup>, Ana Pizarro<sup>246</sup> e Eduardo Lourenço, por exemplo.

Nesta dissertação, ainda sem aprofundar pesquisas sobre a presença de Benedito em grupos de intelectuais, coleciono informações (muitas vezes, nas notas de rodapé) que podem subsidiar futuros estudos sobre as relações nesses campos – com base em Bourdieu, por exemplo. “É sempre uma indagação de como é possível a vida intelectual, como ela se viabiliza, como é a relação dos intelectuais dentro da vida intelectual” (MICELI, 2006, p. 246).

#### g) Conjugação entre o local e o universal

Ao trazer à baila a sua região ou a sua trajetória nesta região, o professor não se restringe a fazer referências locais, pois as reúne sempre com autores e ideias de cunho universal. Em outras palavras, Benedito une questões regionais e perspectivas universalistas, conjuga portanto o local e o universal. Para Aldrin Figueiredo, Benedito “não tem território,

<sup>244</sup> No *II Simpósio da Literatura Paraense*, ocorrido na UFPA em março deste ano de 2012, apresentei a palestra *Benedito Nunes e Eidorfe Moreira – algumas comparações*.

<sup>245</sup> A vinda do intelectual francês ao Brasil é lembrança de Therezinha Gueiros, que então integrava a primeira turma de professores do curso de filosofia da UFPA, sob a coordenação de Benedito (informação verbal).

<sup>246</sup> O encontro de Benedito com a professora chilena foi lembrado por Rosa Acevedo (informação verbal).

ele se espraia”<sup>247</sup> (informação verbal). Além dos comentários e citações nesse rumo, elencados no Capítulo 3 da dissertação, a matéria da revista da SBPC, publicada após o falecimento de Benedito, tem um título que parece ratificar esse pensamento: *Benedito Nunes: amazônico e universal* (LESSA; KAPLAN, 2011). Ao se nutrir do compromisso com a cultura e a história da região, Benedito também usa seu olhar cosmopolita<sup>248</sup> para reflexionar em torno de nossas questões.

Por tais razões e analisando o *corpus*, devo concordar com o depoimento de Márcio Benchimol Barros que, escrevendo a respeito de Benedito, demonstra que a filosofia pode ligar a Amazônia com o universal. Ainda menciona o que chama de “autoconsciência amazônica”: pertencemos a um “contexto cultural particular”, mas também somos parte “de uma coletividade muito mais ampla, que virtualmente nos conecta a todas as culturas e a toda a história humana” (BARROS, 2011, p. 399).

#### h) Visão da sociologia

Além dos textos dedicados à Amazônia, entre os trabalhos de Benedito há outros pouco difundidos, como as primeiras contribuições à sociologia. O professor ministrou em Belém aulas no curso de ciências sociais e participou, nos anos 70, dos debates sobre a função e o papel do sociólogo. Nessa linha, Benedito é autor do ensaio *Considerações sobre a redução sociológica* (NUNES, 1965), apêndice do livro de Guerreiro Ramos, como trato no Capítulo 2. Conforme observo em alguns textos do *corpus*, os conhecimentos do professor relativos à sociologia estão visíveis na sua interpretação da Amazônia.

#### i) Recepção da obra de Benedito sobre a região

Benedito tornou-se respeitado no Brasil e no exterior, através da sua produção intelectual em literatura e filosofia. Repito a citação de dois exemplos mais significativos em termos de repercussão: Clarice Lispector e Heidegger – abordagens especializadas certamente demandadas pelos centros hegemônicos do país e suas universidades. Esse reconhecimento do valor intelectual de Benedito veio de fora do Pará, mas Benedito permaneceu morando em Belém. No entanto, sem capilaridade, a produção de Benedito sobre sua própria região não ficou tão conhecida. Manteve-se intramuros, não gerou fortuna crítica relativa ao *corpus* desta

<sup>247</sup> A entrevista que me foi concedida por Aldrin ocorreu em 11/03/2011.

<sup>248</sup> Uso ‘cosmopolita’ no sentido de cidadão do mundo inteiro ou, com outras palavras, para quem a pátria é o mundo (FERREIRA et al., 1999). A propósito, registro que, fazendo alusão ao livro *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, de Antonio Candido (2000), cuja primeira edição é de 1965, Arruda (2004, p. 108) observa que “localismo e cosmopolitismo são os traços marcantes da nossa cultura”.

pesquisa, teve recepção bem menor, embora estampe o mesmo rigor analítico dos textos mais difundidos, como procuro expor no Capítulo 3. Os trabalhos sobre a região, na maioria, foram editados por instituições do setor público, com baixa tiragem, sem mecanismos eficientes de distribuição. Uma análise profunda desse fato – que deve demandar levantamentos quantitativos – pode ser feita, por exemplo, com base em Pierre Bourdieu e nos resultados de suas pesquisas sobre as forças que agem no campo intelectual. Afinal, Benedito, morador de Belém, faz parte do campo.

## 5.2 SINALIZAÇÃO DE NOVAS PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Chego ao final da pesquisa *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* com uma elaboração própria que sustenta a hipótese do projeto, demarcando a interpretação e a importância da obra do intelectual sobre a sua região. “O trabalho científico conclui, arremata, o que a filosofia deixou em suspenso” com os questionamentos exaltados, mas fica “aberto a novas experiências” (NUNES, 2010e, p. 280). Logo, o tema não está encerrado. Pelo contrário, as conclusões comentadas abrem um novo leque de perspectivas e possibilidades de sondagens e estudos a respeito da produção intelectual do professor paraense. Dessa maneira, passo a bosquejar alguns itens para ensejar futuras pesquisas:

- a) Como o *corpus* de *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* não englobou textos em que Benedito desenvolveu crítica literária<sup>249</sup> de autores paraenses, cabe portanto explorar radicalmente essa questão que relaciona literatura, história e sociedade. Nesse nicho, entendo que as principais contribuições de Benedito para interpretar a Amazônia são os seus textos sobre a ficção de Dalcídio Jurandir e a de Haroldo Maranhão. Os dois escreveram em prosa. Como estudá-los a partir de Benedito<sup>250</sup>? Observo que, em termos nacionais, há um romancista – Machado de Assis – que marca presença nos estudos sobre o pensamento social.
- b) Se o uso da técnica é tão importante para a Amazônia, concluo que é mister aprofundar no NAEA estudos sobre Heidegger. Acrescento: sobre Heidegger e também a respeito de outros filósofos e autores em geral que fazem crítica fundamentada ao racionalismo, às alternativas apressadas de desenvolvimento e de

<sup>249</sup> Um projeto dessa natureza demandaria também disciplinas mais ligadas ao currículo do curso de letras.

<sup>250</sup> Artigo de Willi Bolle (2011b) traz contribuições sobre a obra de Dalcídio lida por Benedito.



conceituação de sustentabilidade, aos modelos que adotam compreensão superficial do ser, do ser no mundo – objeto da reflexão contínua de Benedito. Volto a me fixar em Heidegger: como Benedito fez uma interpretação própria do legado desse filósofo, a partir das fontes originais escritas em alemão, ela é essencial para discutir tais ideias? Em entrevista concedida a Marcos Nobre e José Marcio Rego, Benedito fala a respeito de problemas autodestrutivos da sociedade, como riscos ambientais, desintegração social e alienação cultural:

Esses problemas podem ser focalizados por intermédio da grande *hybris* do homem moderno, que é a dominação da natureza. Heidegger é o primeiro pensador que favorece uma filosofia com acento ecológico, justamente na sua postulação da técnica. Não é um antimaquinismo à semelhança daqueles ingleses do século XVIII, que destruíam as máquinas. É um absurdo deixar a técnica de fora, pois é por meio dela que pode vir a nossa salvação (*Rettung*). Mas, além da técnica, existem outros aspectos correlatos. Eu os enumerei uma vez: a devastação da terra, a massificação, a perda de vínculos dos homens e a chamada fuga dos deuses, uma outra fórmula para a morte de Deus (NUNES, 2000c, p. 88).

- c) Noutro plano, com base em Pierre Bourdieu, sobretudo em seus livros que discutem campo intelectual e *habitus*, não seria apropriado fazer uma análise mais sociológica da obra de Benedito, de modo, por exemplo, a cotejar a repercussão do acervo do paraense, como intelectual que morou na Amazônia, e a divulgação de outros trabalhos – às vezes, congêneres – de autores, também do meio acadêmico, mas ligados às universidades e aos centros com preeminência no país? Isso demandaria, sem dúvida, maior aprofundamento de estudos focados na literatura do intelectual francês que tem boa recepção no Brasil.
- d) Antonio Gramsci, Karl Mannheim, Norbert Elias, Jean-Paul Sartre e Michel Foucault são autores que refletiram sobre o perfil e o papel do intelectual. A trajetória de um intelectual como Benedito pode originar estudos à luz dos conceitos e das ideias formuladas por esses pensadores europeus?
- e) Estudiosos da geração de Benedito publicaram regularmente seus trabalhos nos principais jornais brasileiros com grande circulação social, que hoje não oferecem mais esse espaço cultural com o mesmo destaque. O significativo volume de escritos de Benedito no *Jornal do Brasil*, *Folha de S.Paulo* e o *Estado de S. Paulo* (TARRICONE, 2011) merece análise específica. Como a Amazônia é apresentada nesses artigos tecidos para veiculação em jornal impresso?

- f) Se os estudos comparativos são relevantes nas pesquisas acadêmicas, cabe cotejar, por exemplo, Benedito e Eidorfe como intelectuais que escreveram sobre a Amazônia com sagacidade. Em quais aspectos eles são semelhantes? Em quais aspectos os dois diferem? Por quê? Há outros intelectuais que podem ser examinados, ao lado de Benedito, sob esse visor simultâneo ou comparado? Euclides da Cunha? Alfredo Ladislau?
- g) Ainda no rumo de pesquisas comparativas, devo assinalar: existem autores, atualmente bem difundidos na área do pensamento social brasileiro, que tiveram laços intelectuais com Benedito. Cito dois exemplos essenciais: Antonio Candido e Guerreiro Ramos. Qual a importância, como abordagem à luz do pensamento social, que pode ter uma comparação, teoricamente fundamentada, sob o ponto de vista do conteúdo e da repercussão da obra, entre Benedito e esses intelectuais – ou alguns outros – associados a São Paulo e ao Rio de Janeiro?

Enfim, entendo *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*, projeto desenvolvido no NAEA – com todas as letras, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos–, também como um convite aos estudiosos que procuram compreender, interpretar e revelar a Amazônia. Eu os convido a ler Benedito com o rigor metodológico, a densidade na formulação de questões e a incansável crítica do conhecimento que tornam singular o seu legado intelectual, seja na filosofia, na literatura, nas artes em geral, na história, nas ciências sociais. E, se o tema é a Amazônia de tantos rios, retorno à poesia já citada de Cecília Meireles (1982), querendo que neste movimento a água faça muitos círculos.

Depois de Benedito contribuir de forma tão visível na construção de conhecimento nas áreas de filosofia e de literatura, esta dissertação quer trazer subsídios para ampliar essa presença – ou, metaforicamente, provocar outros círculos na mesma água–, por meio da nova leitura da sua obra, agora visitada sob a ótica do pensamento social brasileiro no campo das ciências sociais.

O tratamento das tensões e dos impasses subjacentes à constituição da sociedade moderna no Brasil passa a realizar-se por meio da avaliação das elaborações intelectuais, dos dilemas vividos por seus praticantes no esforço de construção de uma experiência culturalmente relevante num meio atravessado por concepções acanhadas e caracterizado por oportunidades limitadas. A profusão de estudos sobre os intelectuais no Brasil talvez resulte da sensação de perda progressiva das antigas posições desfrutadas por uma

*intelligentsia* que se formou desenhando retratos do país, elaborando diagnósticos, concebendo projetos, vislumbrando trajetórias futuras. O tratamento dos limites de atuação dos intelectuais enleia-se na percepção das hesitações da nossa modernidade, sintoma do desconforto diante do presente, móvel do impulso para nomear essas realizações arrevesadas (ARRUDA, 2004, p. 116, grifos meus).

[...] a sociedade não se realiza desacompanhada das interpretações de que é objeto e, mais do que isso, as interpretações proporcionam significado à vida social, pesadas inclusive suas veleidades, possibilidades e limites efetivos. Por isso faz-se necessário voltar, principalmente no caso brasileiro, às (não por acaso assim chamadas) ‘interpretações do Brasil’, uma vez que elas também operam na orientação das condutas dos atores sociais, na organização da vida social, nos processos de mudança e nas relações de poder que isso sempre implica (BASTOS; BOTELHO, 2010, p. 914, grifos meus).

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ABL. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos 'Archivos' da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8; Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A vida passada a limpo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ANDRADE, Sérgio Augusto de. Prefácio. In: RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Globo, 2001. p. 9-14.
- ARANTES, Paulo Eduardo. Hegel (1770-1831): vida e obra. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito; Estética: a ideia e o ideal; Estética: o belo artístico e o ideal; Introdução à história da filosofia*. Traduções de Henrique Cláudio de Lima Vaz, Orlando Vitorino e Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Entrevista concedida aos organizadores do dossiê sobre pensamento social. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André (Org.). Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 139-159. 2011.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia de Florestan Fernandes. *Tempo Social*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 9-27. 2010.
- \_\_\_\_\_. Uma obra generosa. *Revista USP*, São Paulo, n. 74, p. 198-202. 2007.
- \_\_\_\_\_. Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 107-118. 2004.
- ASCHER, Nelson. O conservadorismo de Eliot. In: ELIOT, T. S. *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 9-16.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 1998.
- ASSOCIAÇÃO DOS SOCIÓLOGOS DO BRASIL. ASB. Vice-Presidência da Região Norte. Tem vez o sociólogo? Transcrição de debate promovido pela ASB em Belém organizado por Edna Maria Ramos de Castro e José Mariano Klautau de Araújo. *Boletim ASB*, Belém, n. 2, p. 3-51. 1978.
- ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA. ALAS. XXVIII Congresso Internacional. Disponível em: <<http://www.alas2011recife.com>>. Acesso em: 31 out. 2011.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. ANPOCS. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>. Acesso em: 31 out. 2011.

ÁVILA, Affonso. O dorso (iluminado) do tigre. Posfácio. In: NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: 34, 2009. p. 269-276.

AXT, Gunter; SCHÜLLER, Fernando. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 9-16.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma análise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, José Martins. Notas vinculadas ao ensaio ‘Paris do Segundo Império: o flâneur’. In: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 62-65.

BARROS, Márcio Benchimol. Três vezes Benedito. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 2, p. 395-399, maio-ago. 2011.

BASSALO, Célia Coelho. *O ‘Art Nouveau’ em Belém*. Belém: MEC; FUNARTE; Instituto Nacional de Artes Plásticas; SECDET; UFPA, 1984.

BASSALO, José Maria Filardo. Benedito Nunes, o professor. Benedito Nunes – Edição comemorativa. Organização de Victor Sales Pinheiro e Célia Jacob. *Asas da Palavra*, UNAMA, Belém, v. 12, n. 25, p. 135-137. 2009.

BASTOS, Ana Paula; CASTRO, Edna; RAVENA, Nírvia. Papel da pós-graduação do NAEA-UFPA na formação interdisciplinar para o desenvolvimento sustentável. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Edt.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri: Manole, 2011. p. 647-671.

BASTOS, Elide Rugai. Polifonia da Amazônia. In: BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Ed. da UFAM, 2007. p. 5-22.

\_\_\_\_\_. O CPDOC e o pensamento social brasileiro. In: CAMARGO, Célia et al. *CPDOC – 30 anos*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003. p. 97-119.

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. Para uma sociologia dos intelectuais. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, p. 889-919. 2010.

BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Ed. da UFAM, 2007.

BASTOS, Elide Rugai et al. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: 34, 2006. p. 7-12.

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Apresentação de Benedito Nunes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, suplemento, p. 280-281, dez. 2007.

BENDER, Mires Batista. Conversa com o ‘sábio da estrela’: Benedito Nunes. *Navegações*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 68-73, jan-jun. 2009.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar. Notas dos organizadores. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Terra Matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2002. p. 5-7.

BOLLE, Willi. A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir. *Novos Cadernos NAEA*. Belém, v. 14, n. 1, p. 43-78. 2011a.

\_\_\_\_\_. Boca do Amazonas: ‘roman-fleuve’ e ‘dictio-narium’ caboclo em Dalcídio Jurandir. *Boletim do Museu. Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 6, n. 2, p. 425-445, maio-ago. 2011b.

\_\_\_\_\_. Belém, porta de entrada da Amazônia. In: CASTRO, Edna Maria Ramos de (Org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 99-147.

\_\_\_\_\_. O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. *Revista USP*, São Paulo, n. 66, p. 140-155, junho-agosto. 2005.

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna Maria Ramos de; VEJMEKKA, Marcel. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010. p. 7-16.

BORNHEIM, Gerd. As dimensões da crítica. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC; Itaú Cultural, 2000. p. 33-45.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, André. Intérpretes do Brasil, nossos antepassados? Prefácio. In: RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 9-18.

\_\_\_\_\_. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 47-66. 2010.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Esse enigma chamado Brasil: Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 5-17.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BRASIL. Lei n.º 1806, de 6 de janeiro de 1953. Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, cria a superintendência da sua execução e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 7 jan. 1953. Seção 1, p. 276.

\_\_\_\_\_. *Constituição (1946)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1946.

BRÜSEKE, Franz Josef. Heidegger como crítico da técnica moderna. *Papers do NAEA*, Belém, n. 71, jan. 1997.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *A vida é sonho*. Tradução de Renata Pallottini. São Paulo: Hedra, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. O significado de 'Raízes do Brasil'. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 9-21.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, v. 1.

CASA DO SABER. Disponível em: <<http://www.casadosaber.com.br/curso.php?cid=1861>>. Acesso em: 24 out. 2011.

CASTELLO, José. Benedito Nunes ensina o caminho de volta (entrevista de Benedito Nunes para José Castello). *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/castel106.html>>. Acesso em: 24 jul. 2009. São Paulo: 1993.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 13-39.

\_\_\_\_\_. Transformações ambientais na Amazônia: problemas locais e desafios internacionais. In: MENDES, Armando Dias (Org.). *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: BASA, 2004, v. 1. p. 45-78.

CASTRO, Edna Maria Ramos de; GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa. Benedito Nunes: voz e imagens da Amazônia. In: BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). *Vozes da Amazônia II: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Ed. da UFAM, 2012. No prelo.

CASTRO, Edna Maria Ramos de; PIRES DO RIO, Gisela Aquino. III Encontro Latinoamericano de Ciências Sociais e Barragens: ciência, tecnologia e sociedade. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 14, n. 1, p. 207-217, jun. 2011.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *A cidade sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do Autor, 2010.

CASTRO, José Carlos. Benedito Nunes: 70 anos de cultura e humildade. *O Liberal*, Belém, 19 dez. 1999. Caderno Cartaz, p. 13.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 23 out. 2011.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p. 13-28.

CHAVES, Ernani Pinheiro. Prefácio. In: OLIVEIRA, Relivaldo Pinho. *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica de João de Jesus Paes Loureiro*. Belém: UFPA; NAEA, 2003. p. 11-17.

\_\_\_\_\_. O pensamento como prática meditante: Heidegger segundo Benedito Nunes. *O Liberal*, Belém, 21 dez. 1986. Caderno Cidades, p. 18.

CHAVES, Lilia Silvestre. O filósofo e o poeta. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 2, p. 377-393, maio-ago. 2011a.

\_\_\_\_\_. Os rumos de Benedito Nunes. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011b. p. 13-62.

\_\_\_\_\_. Texto sem título. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011c. p. 292.

\_\_\_\_\_. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: SECULT; IAP; APL, 2004.

CHAVES, Maria Annunciada. Nota biográfica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas*. Organização de Maria Annunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Secretaria de Educação do Estado do Pará; CEJUP, 1989a, v. 1. p. 17-24.

\_\_\_\_\_. Juízos sobre suas obras. In: MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas*. Organização de Maria Annunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Secretaria de Educação do Estado do Pará; CEJUP, 1989b, v. 8. p. 377-382.

COELHO, Geraldo Mártires. *Publicação eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[stellapessoa@uol.com.br](mailto:stellapessoa@uol.com.br)> em 14 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. *O gênio da floresta: o Guarany e a Ópera de Lisboa*. Rio de Janeiro: Agir; Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 1996.

COELHO, Machado. Prefácio. In: MOREIRA, Eidorfe. *Amazônia: o conceito e a paisagem*. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, 1960. p. 3-5.



COELHO, Marcelo. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: Ed. da UFPA; UNAMAZ, 2005.

COLÓQUIO. Colóquio de Fotografia e Imagem. [2010]. 8º Colóquio. Disponível em <<http://coloquiodefotografiaeimagem.wordpress.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

CORRÊA, Roberto Ribeiro. BASA: seis décadas de mudança institucional. In: MENDES, Armando Dias (Org.). *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: BASA, 2004, v. 2. p. 553-613.

COSTA, José Marcelino Monteiro da. *Desenvolvimento regional: NAEA, uma década de experiência amazônica*. Belém: UFPA; NAEA, 2008.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. *Influências amazônicas no Nordeste (reflexos da fase áurea da borracha)*. Belém: UFPA; NAEA; Grafisa, 1982. p. 7-8.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. *Os igapós e seu aproveitamento*. Belém: UFPA; NAEA, 1976. p. 11-12.

CUNHA, Euclides da. Amazônia: terra sem história. In: \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hilton Rocha. Brasília: Senado Federal, 2009a. p. 105-106.

\_\_\_\_\_. As cartas e as viagens de Euclides. In: \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hilton Rocha. Brasília: Senado Federal, 2009b. p. 359-378.

\_\_\_\_\_. 'O inferno verde' de Alberto Rangel. In: \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hilton Rocha. Brasília: Senado Federal, 2009c. p. 335-343.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa*. Campinas: Papirus, 2009.

\_\_\_\_\_. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1989.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006.

ELIOT, T. S. *Notas para uma definição de cultura*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Poesia. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004, v. 1.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexikon Informática, 1999.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. O Lorde da Estrella. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 148-150.

\_\_\_\_\_. Menocchio, Machado e Maranhão: Ginzburg, história e literatura no Brasil. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 113-125, jul-dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Prefácio à guisa de crônica. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006. p. 4-8.

\_\_\_\_\_. Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 259-283.

\_\_\_\_\_. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. 2001. 315 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2001.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo. In: BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Org.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Ed. da UFAM, 2007. p. 25-49.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

FRIEDRICH, Hugo. Baudelaire: o poeta da modernidade. In: BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Organização de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 1029-1048.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Cordialidade e estrangeirice: da relação ao outro. *Boletim do Museu. Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 6, n. 2, p. 401-408, maio-ago. 2011.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa em Itá, Amazonas*. São Paulo: Nacional, 1955.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUEIROS, Therezinha Moraes. Éramos seis... In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 203-206.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa. Os prazeres e os dias – de 2006 a 2011. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011a. p. 121-123.

\_\_\_\_\_. Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS, 28., 2011, Recife. *Anais...* Recife: ALAS, 2011b. p. 1-16.

\_\_\_\_\_. Benedito Nunes: filósofo, crítico literário e intérprete da Amazônia. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA REGIÃO NORTE, 2., 2010, Belém. *Anais...* Belém: SBS, 2010a. p. 1-20.

\_\_\_\_\_. Resenha do livro 'A clave do poético'. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 13, n. 1, p. 255-262, jul. 2010b.

\_\_\_\_\_. A presença de Benedito Nunes no ciberespaço. Benedito Nunes – Edição comemorativa. Organização de Victor Sales Pinheiro e Célia Jacob. *Asas da Palavra*, UNAMA, Belém, v. 12, n. 25, p. 113-131. 2009.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa; CASTRO, Edna Maria Ramos de. Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 2, p. 409-424, maio/ago. 2011.

GULBENKIAN. Fundação Calouste Gulbenkian. Revista Colóquio / Letras. Disponível em: <<http://www.coloquio.gulbenkian.pt>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

HATOUM, Milton. A natureza ri da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 95-102.

\_\_\_\_\_. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006. p. 49-71.

\_\_\_\_\_. A casa ilhada. *Estudos Avançados USP*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 325-329, jan-abr. 2005a.

\_\_\_\_\_. Belém é bíblica? *Estudos Avançados USP*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 322-324, jan-abr. 2005b.

\_\_\_\_\_. Reflexão sobre uma viagem sem fim. *Revista USP*, São Paulo, n. 13, p. 61-65, mar-maio. 1992.

HIPONA, Santo Agostinho. *Confissões: Livros VII, X e XI*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

HIRANO, Luiz Felipe Kojima; ACUÑA, Mauricio; GASPAS, Samantha dos Santos. Biografias dos intérpretes do Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 419-432.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Organização de Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *Tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JACKSON, Luiz Carlos. Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 268-281.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução do original alemão por Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LEBRUN, Gérard. A ideia de epistemologia. In: \_\_\_\_\_. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 129-144.

LEITE, Adriana Klautau. Benedito Nunes: o iluminista dos trópicos. *Brasileiros*, São Paulo, n. 25, p. 102-107, 2009.

LESSA, Renato; KAPLAN, Sheila. Benedito Nunes: amazônico e universal. *Ciência Hoje – SBPC*, Instituto Ciência Hoje, Rio de Janeiro, n. 280, v. 47, p. 60-67. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIEDKE FILHO, Enno Dagoberto. Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teóricas contemporâneas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 5, n. 9, p. 216-245, jan-jun. 2003.

LIMA, Luis Filipe Silverio. *O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28042006-222642/>>. Acesso em: 11 fev. 2012.

LIMA, Luiz Costa. A pergunta desfeita. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 237.

LIMA, Nísia Trindade. Como se tornar sociólogo: itinerários na sociologia brasileira. Resenha do livro ‘Conversas com sociólogos brasileiros’. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, v. 23, n. 66, p. 187-190. 2008.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.

MACIEL, Maria Esther. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. p. 7-9.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Guerreiro Ramos e as linguagens da periferia: o pensamento brasileiro e a história global da sociologia. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 2011, p. 1-29. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

MALTA, Márcio; KRONEMBERGER, Thais Soares. Nem melhor nem pior, apenas divergentes: uma contribuição acerca da sociologia brasileira e da polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos. *Revista Achegas*, Rio de Janeiro, n. 42, 2009. Disponível em: <<http://www.achegas.net>>. Acesso em: 1 jul. 2011.

MARCHIORI, Luciano. Índice remissivo. In: NUNES, Benedito. *A clave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 431-446.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Apresentação (na orelha). In: COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: Ed. da UFPA; UNAMAZ, 2005.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; CHAVES, Ernani Pinheiro. Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia. In: XIMENES, Tereza (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável* (uma contribuição para a Amazônia 21). Belém: UFPA; NAEA; UNAMAZ, 1997. p. 407-427.

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Estado do Pará: o suplemento literário da 'Folha do Norte'*. Belém: UNAMA, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Viagem: vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MENDES, Armando Dias. A estrela-guia da Estrella. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 176-179.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: BASA, 2004, v. 1. p. 15-42.

\_\_\_\_\_. *A cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio do século*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

\_\_\_\_\_. Termo de referência para uma usina de ideias em Amazônia (no Jubileu de Prata do NAEA). In: XIMENES, Tereza (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável* (uma contribuição para a Amazônia 21). Belém: UFPA; NAEA; UNAMAZ, 1997. p. 627-657.

\_\_\_\_\_. *A casa e suas raízes: ensaios sobre ecologia, economia e 'ecomenia'*. Belém: CEJUP, 1996.

\_\_\_\_\_. *O mato e o mito*. Belém: UFPA, 1987.

MENDES, Armando Dias; NUNES, Benedito. A privatização do erário. *O Liberal*, Belém, p. 2, 13 jun. 1993. Primeiro caderno, p. 2.

MICELI, Sergio. Depoimento. In: BASTOS, Elide Rugai et al. (Org.). *Conversa com sócólogos brasileiros*. São Paulo: 34, 2006. p. 219-250.

\_\_\_\_\_. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Tempo social*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-79, 2003.

\_\_\_\_\_. Intelectuais brasileiros. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 369-400.

\_\_\_\_\_. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo, 1989.

MILTON HATOUM. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Livro I. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MONTESQUIEU. Charles-Louis de Secondat, Baron de. *O gosto*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MOREIRA, Eidorfe. Dom Quixote e o problema do conhecimento: uma análise epistemológica do herói cervantino. In: \_\_\_\_\_. *Obras reunidas*. Organização de Maria Anunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Secretaria de Educação do Estado do Pará; CEJUP, 1989a, v. 8. p. 28-35.

\_\_\_\_\_. *Obras reunidas*. Organização de Maria Anunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Secretaria de Educação do Estado do Pará; CEJUP, 1989b. 8 v.

\_\_\_\_\_. Pequena história de uma biblioteca particular: de um livro de memórias em elaboração. In: \_\_\_\_\_. *Obras reunidas*. Organização de Maria Anunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Secretaria de Educação do Estado do Pará; CEJUP, 1989c, v. 8. p. 13-17.

\_\_\_\_\_. *Influências amazônicas no Nordeste: reflexos da fase áurea da borracha*. Belém: UFPA; NAEA; Grafisa, 1982.

\_\_\_\_\_. Belém do futuro e sua moldura insular. *A Província do Pará*, Belém, 10 ago. 1980.

\_\_\_\_\_. *O livro didático paraense: breve notícia histórica*. Belém: Imprensa Oficial, 1979. Publicação do Governo do Estado do Pará e do Centro de Cultura do Pará.

\_\_\_\_\_. *Para a história da Universidade Federal do Pará: panorama do primeiro decênio*. Belém: Grafisa, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os igapós e seu aproveitamento*. Belém: UFPA; NAEA, 1976.

\_\_\_\_\_. *As letras jurídicas no Pará: introdução ao seu estudo*. Belém: Grafisa, 1973. Publicação do Conselho Estadual de Cultura do Pará.

\_\_\_\_\_. *Presença hebraica no Pará*. Belém: Falangola, 1972.

\_\_\_\_\_. *Visão geossocial do Círio*. Belém: UFPA, 1971.

\_\_\_\_\_. *Belém e sua expressão geográfica*. Belém: UFPA, 1966.

\_\_\_\_\_. *Presença do mar na literatura brasileira*. Belém: H. Barra, 1962.

\_\_\_\_\_. *Amazônia: o conceito e a paisagem*. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, 1960a.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma concepção geográfica da vida*. Belém: H. Barra, 1960b.

\_\_\_\_\_. *Sertão: a palavra e a imagem*. Belém: H. Barra, 1959.

MURARI, Luciana. *Tudo mais é paisagem: representação da natureza na cultura brasileira*. 2002. 591 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, Maria de Fátima. O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 2008, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2008. p. 323-328.

NUNES, Benedito. Entrevista realizada em 1991. Entrevistador: Lúcio Flávio Pinto. *Jornal Pessoal*, Belém, n. 484. 2011a. Encarte, p. 4.

\_\_\_\_\_. *Memória: literatura e filosofia*. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011b. p. 105-110.

\_\_\_\_\_. O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 14, n. 1, p. 199-205, jun. 2011c.

\_\_\_\_\_. O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011d. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Posso comemorar? *O Liberal*, Belém, 12 jan. 2011e. Caderno Atualidades, p. 10.

\_\_\_\_\_. Viagens. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011f. p. 248.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia e imagem. Palestra no 8º Colóquio de Fotografia e Imagem. [2010a]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UmpVTysZil4>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Filosofia e memória. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. p. 20-25.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na crítica. In: MERONI, Fabrizio (Org.). *Vida e cultura em nossas terras: o CCFC na Amazônia*. Belém: CCFC, 2010c. p. 548-568.

\_\_\_\_\_. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010d. p. 305-332.

\_\_\_\_\_. Pluralismo e teoria social. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio filosóficos*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010e. p. 276-303.

\_\_\_\_\_. A gnose de Rilke. In: \_\_\_\_\_. *A chave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a. p. 397-408.

\_\_\_\_\_. A poesia confluyente. In: \_\_\_\_\_. *A chave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b. p. 375-396.

\_\_\_\_\_. Arqueologia da arqueologia. In: \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: 34, 2009c. p. 61-77.

\_\_\_\_\_. Benedito Nunes: depoimento. A filosofia nossa de cada dia. Entrevistadora: Márcia Mendes. *Asas da palavra*, UNAMA, Belém, v. 12, n. 25, p. 87-91. 2009d.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 2009 ao programa 'Obra revelada'. [2009e]. Entrevistador: Jorge Coli. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=Bo7PCx\\_o9-w](http://www.youtube.com/watch?v=Bo7PCx_o9-w)>. Acesso em: 03 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na crítica. In: \_\_\_\_\_. *A chave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009f. p. 23-42.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na crítica. *Asas da palavra*, UNAMA, Belém, v. 12, n. 25, p. 349-363. 2009g.

\_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: 34, 2009h.

\_\_\_\_\_. *Quase um plano de aula*. Belém: UFPA, 2009i. Discurso proferido em 1998 na cerimônia em que recebeu o título de professor emérito.

\_\_\_\_\_. Que isto de método... In: \_\_\_\_\_. *A chave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009j. p. 409-418.

\_\_\_\_\_. Amazônia e suas culturas. In: MERONI, Fabrizio (Org.). *As cidades, as culturas e seus desafios: o CCFC na Amazônia*. Belém: CCFC; São Paulo: EDUSC, 2008a. p. 255-265.

\_\_\_\_\_. Benedito Nunes: depoimento. Entrevistadores: Márcio Benchimol Barros e Ernani Chaves. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 9-23. 2008b.

\_\_\_\_\_. Bichos, plantas e malucos no sertão rosiano. In: SECCHIN, Antônio Carlos et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007a. p. 19-28.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 2007 ao programa 'Diálogos e Entrevistas', Faculdade Cásper Libero [2007b]. Entrevistador: Daniel Freire (aluno de jornalismo). Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?id=142>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Organização de Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007c.

\_\_\_\_\_. O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, suplemento, p. 279-290, dez. 2007d.



\_\_\_\_\_. O “fragmento” da juventude. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2007e.

\_\_\_\_\_. Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Instituto Dalcídio Jurandir, 2006a. p. 245-251.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 2006 ao projeto ‘Caravana’, programa ‘Jornal Nacional’. TV Globo [2006b]. Entrevistador: Pedro Bial. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BKIUCnIPYWw>>. Acesso em: 1 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Pará capital Belém. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006c. p. 11-45.

\_\_\_\_\_. Encontro em Austin. In: MOTTA, Leda Tenório da. *Céu acima: para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005a. p. 107-112.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na crítica. *Estudos Avançados USP*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 289-305, set-dez. 2005b.

\_\_\_\_\_. Meus poemas favoritos de ontem e de hoje. *Estudos Avançados USP*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 258-281, mai-ago. 2005c.

\_\_\_\_\_. Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura do Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis). In: MENDES, Armando Dias (Org.). *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*. Belém: BASA, 2004a, v. 2. p. 639-656.

\_\_\_\_\_. *Filosofia Contemporânea: trajetos iniciais*. Belém: Ed. da UFPA, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Heidegger & Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004c.

\_\_\_\_\_. Dois mestres e uma só lembrança. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 14, n. 1, p. 7-9, jan. 2003a.

\_\_\_\_\_. *O Império da História*. Conferência proferida no seminário ‘Landi e o Século XVIII na Amazônia’. Belém: Fórum Landi, 2003b. Disponível em: <<http://www.forumlandi.com.br/bibliotecaArq/imphist.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

\_\_\_\_\_. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2003c.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 2001a.

\_\_\_\_\_. Max Martins, mestre-aprendiz. Prefácio. In: MARTINS, Max. *Poemas reunidos 1952-2001*. Belém: Ed. da UFPA, 2001b. p. 19-45.

\_\_\_\_\_. (Org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém: SECULT, 2001c.

\_\_\_\_\_. Apresentação (na orelha). In: SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

\_\_\_\_\_. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC; Itaú Cultural, 2000b. p. 51-79.

\_\_\_\_\_. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Nobre e José Marcio Rego. In: NOBRE, Marcos; REGO, José Marcio (Org.). *Conversa com filósofos brasileiros*. São Paulo: 34, 2000c. p. 69-89.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade*. Belém: Supercores, 2000d. p. 7-9.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Organização de Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. Amazônia reinventada. In: AMAZÔNIA: o olhar sem fronteiras. Rio de Janeiro: FUNARTE; Belém: SECULT, 1998a. p. 19-38.

\_\_\_\_\_. Música, filosofia e literatura. In: \_\_\_\_\_. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998b. p. 73-86.

\_\_\_\_\_. Um conceito de cultura. In: XIMENES, Tereza (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável* (uma contribuição para a Amazônia 21). Belém: UFPA; NAEA; UNAMAZ, 1997. p. 531-551.

\_\_\_\_\_. À margem do livro. In: MENDES, Armando Dias. *A casa e suas raízes: ensaios sobre ecologia, economia e 'ecomomia'*. Belém: CEJUP, 1996. p. 11-21.

\_\_\_\_\_. Elogio humanista da velhice. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 mar. 1995. Caderno Mais!, p. 10.

\_\_\_\_\_. Experiências do tempo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

\_\_\_\_\_. Nota crítica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas*. Organização de Maria Annunciada Chaves. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará: Secretaria de Educação do Estado do Pará: CEJUP, 1989, v. 1. p. 25-28.

\_\_\_\_\_. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Novas tecnologias da comunicação e a cultura. *Fundação JP*, Belo Horizonte, v. 14/15, n. 11/12/1/2, p. 43-53, nov-dez. 1984, jan-fev. 1985.

\_\_\_\_\_. A interdisciplinaridade como prática do saber. In: *Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas*. Série – Seminários e Debates. Belém: UFPA; NAEA, 1980. p. 44-56.

\_\_\_\_\_. Diretrizes da Filosofia no Renascimento. In: NUNES, Benedito et al. *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Agir, 1978. p. 45-77.

\_\_\_\_\_. Um conceito de cultura. *Revista da Universidade Federal do Pará*, Belém, Separata do 1º semestre, p. 9-29. 1973.

\_\_\_\_\_. Recensão crítica a ‘História e ideologia’, de Francisco Iglésias. *Colóquio / Letras*, Lisboa, n. 7, p. 100-101, mai. 1972.

\_\_\_\_\_. *O mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a redução sociológica. In: RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. p. 200-210.

\_\_\_\_\_. Pará. *Anuário da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, p. 37-39. 1961a.

\_\_\_\_\_. Uma concepção geográfica da vida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 fev. 1961b. Suplemento Literário, p. 4.

\_\_\_\_\_. Um capítulo da arqueologia amazônica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 abr. 1960. Suplemento Literário, p. 4.

NUNES, Benedito; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Luzes e sombras do Iluminismo paraense. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (Org.). *Terra Matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002a. p. 19-28.

\_\_\_\_\_. Luzes e sombras do Iluminismo paraense. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 13, n. 1, p. 9-20, jan. 2002b.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: SECULT, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Maria Lippi. *Depoimento de Lucia Maria Lippi de Oliveira em 2009*. Entrevistadores: Celso Castro, João Marcelo Mayer e Helena Bomeny. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 28p.

\_\_\_\_\_. Interpretações sobre o Brasil. In: MICELI, Sergio. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: ANPOCS; Sumaré; Brasília: CAPES, 1999, p. 147-181.

OLIVEIRA, Relivaldo Pinho. *Mito e Modernidade na Trilogia Amazônica, de João de Jesus Paes Loureiro*. Belém: UFPA; NAEA, 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio de. Amazônia: a gênese de uma região de planejamento. In: ARAGÓN, Luis Eduardo; OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.). *Amazônia no cenário sul-americano*. Manaus: Ed. da UFAM, 2009. p. 41-77.

OLIVEN, Ruben George. Cultura brasileira e identidade nacional: o eterno retorno. In: MICELI, Sergio. *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*. São Paulo: ANPOCS; Sumaré; Brasília: CAPES, 2002, p. 15-43.

PENIDO, Stella Oswaldo Cruz. Carta do Editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, suplemento, p. 7-9, dez. 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Prefácio. In: NUNES, Benedito. *A clave do poético*. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 15-18.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio*, 2: odes de Ricardo Reis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ficções do interlúdio*, 1: poemas completos de Alberto Caeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PINTO, Renan Freitas. *Benedito Nunes*. Artigo datado de 09 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.45graus.com.br/benedito-nunes,entre-textos,78206.html>>. Acesso em: 1 jul. 2011.

PONTES, Heloisa. Círculo de intelectuais e experiência social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, v. 12, n. 34, p. 57-69. 1997. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_34/rbcs34\\_04.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_04.htm)>. Acesso em: 1 mai. 2012.

PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRESSLER, Gunter Karl. O maior romancista da Amazônia – Dalcídio Jurandir – e o mundo do arquipélago do Marajó. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEJKA, Marcel (Org.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010. p. 235-259.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *La Reduccion Sociologica* (Introducción al Estudio de La Razón Sociológica). Tradução de Oscar Uribe Villegas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1959.

\_\_\_\_\_. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REALE, Miguel. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Nobre e José Marcio Rego. In: NOBRE, Marcos; REGO, José Marcio (Org.). *Conversa com filósofos brasileiros*. São Paulo: 34, 2000. p. 14-28.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. Nelson Werneck Sodré. In: AXT, Gunter; SCHÜLLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 315-332.

RIAUDEL, Michel. Codex. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 264-265.

RICCI, Magda. Apresentação. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (Org.). *Terra Matura: Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 9-11.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011.

\_\_\_\_\_. Celso Furtado e o pensamento social brasileiro. *Estudos Avançados*, São Paulo, 19 (53), p. 371-377. 2005.

ROSENBAUM, Yudith. Resenha do livro 'A clave do poético'. *Estudos Avançados USP*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 381-386, jan-abr. 2010.

SALLES, Vicente. O filósofo no seu jardim. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 163-168.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: COELHO, Geraldo Mártires. *O gênio da floresta: o Guarany e a Ópera de Lisboa*. Rio de Janeiro: Agir; Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 1996.

SANJAD, Nelson. Carta do Editor. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 2, maio-ago. 2011.

\_\_\_\_\_. *A Coruja de Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SANJAD, Nelson; SANJAD, Andréa. Prólogo: Benedito Nunes, o pequeno pai do tempo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 2, p. 349-375, maio-ago. 2011.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 11-16, 2011a.

\_\_\_\_\_. Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 139-159. 2011b.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000. p. 9-31.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, suplemento, p. 15-50, dez. 2007.

SILVA, Franklin Leopoldo. Introdução. In: PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. VII-XVI.

\_\_\_\_\_. O trabalho da hermenêutica. *Folha de S.Paulo*, 11 mar. 2000. Caderno Jornal de Resenhas, p. 6.

SILVA, Maria José. *O professor Benedito Nunes*. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 188-189.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. SBS. Disponível em: <<http://sbsociologia.com.br>>. Acesso em: 31 out. 2011.

SODRÉ, Lauro. *Crenças e opiniões*. Edição fac-similar a partir da tipografia do Diário Oficial de 1896. Introdução com estudo de Geraldo Mártires Coelho. Brasília: Senado Federal, 1997.

SOUZA, Iran de. Entrevista de Benedito Nunes. *O Liberal*, Belém, 15 abr 2007. Caderno Magazine, p. 12-13. Disponível em: <<http://www.orm.com.br>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

SOUZA, Márcio. Amazônia: a fotografia de um mundo mítico. In: AMAZÔNIA: o olhar sem fronteiras. Rio de Janeiro / Belém: FUNARTE; SECULT, 1998. p. 211-237.

TARRICONE, Jucimara. *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Belém: Ed. da UFPA, 2011.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

TUPIASSÚ, Amarílis. Multímido, profuso, inquieto. In: CHAVES, Lilia Silvestre (Org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: SECULT, 2011. p. 240-243.

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. Conferência 'Amazônias: paisagens, narrativas, sentidos'. Apresentação sobre estética amazônica de João de Jesus Paes Loureiro em outubro de 2010. [2010]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OMLI40t8t-k>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. Revista da Graduação em Letras. Dalcídio Jurandir. *Asas da Palavra*, UNAMA, Belém, v. 8, n. 17. 2004.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Revista Estudos Avançados. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/revista>>. Acesso em: 04 mar. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Blog da FAU. Entrevista concedida por Willi Bolle a Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães em 31/03/2011, filmada por Haroldo Baleixe [2011a]. Disponível em: <<http://fauufpa.wordpress.com/2011/03/31/willi-bolle-in-post/>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Blog da FAU. Entrevista concedida por José Maria Filardo Bassalo a Maria Stella Faciola Pessôa Guimarães em 18/08/2011, filmada por Haroldo Baleixe [2011b]. Disponível em: <<http://fauufpa.wordpress.com/2011/08/22/jose-maria-filardo-bassalo-fala-sobre-benedito-nunes-e-a-visao-holistica-a-ciencia-in-post/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Apresentação de Jacques Leenhardt. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Itaú Cultural, 2000. p. 13-17.

VELHO, Gilberto. O lugar da interdisciplinaridade. In: CAMARGO, Célia et al. *CPDOC – 30 anos*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003. p. 13-19.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

WAIZBORT, Leopoldo. Roberto Schwarz: entre forma literária e processo social. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 406-417.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

### ANEXO

Como anexo desta dissertação, há um CD com a iconografia completa do projeto *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*.

